

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

**O TRABALHO PARA O ATLETA PROFISSIONAL DE
FUTEBOL: UMA PERSPECTIVA PSICODINÂMICA.**

KÁSSIA KELY GOMES SILVA

GOIÂNIA, 2010.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

**O TRABALHO PARA O ATLETA PROFISSIONAL DE
FUTEBOL: UMA PERSPECTIVA PSICODINÂMICA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da
Pontificia Universidade Católica de Goiás,
como requisito parcial para obtenção do
título de mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof(a) Dra. Kátia Barbosa Macêdo.

GOIÂNIA, 2010.

S586t Silva, Kássia Kely Gomes.
O trabalho para o atleta profissional de futebol : uma
perspectiva psicodinâmica / Kássia Kely Gomes Silva. – 2010.
185 f.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Departamento de Psicologia, 2010.

“Orientadora: Prof(a) Dra. Kátia Barbosa Macêdo!”.

1. Futebol – atleta profissional – trabalho – psicodinâmica.
2. Trabalho – psicodinâmica. I. Título

CDU: 316.6:793.332-051(043.3)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autora: **Kássia Kely Gomes Silva**

Título: **O trabalho para o atleta profissional de futebol: uma perspectiva psicodinâmica.**

Data da defesa: **12/03/2010**

BANCA EXAMINADORA

Prof (a). Dra. Kátia Barbosa Macedo – Presidente

Prof(a). Dra. Kátia Rubio – Membro convidado

Prof. Dra. Daniela Sacramento Zanini – Membro Convidado

Prof.(a) Dra. Adriana Bernardes Pereira – Membro Convidado

Prof.(a) Dra. Sônia Margarida Gomes Sousa – Membro suplente

Dissertação defendida e aprovada em: ____/____/____

Freud no futebol

Nelson Rodrigues (1993)

Um amigo meu que foi aos Estados Unidos informa que, lá, todo mundo tem o seu psicanalista. O psicanalista tornou-se tão necessário e tão cotidiano como uma namorada. E o sujeito que, por qualquer razão eventual, deixa de vê-lo, de ouvi-lo, de farejá-lo, fica incapacitado para os amores, os negócios e as bandalheiras. Em suma: — antes de um desses atos gravíssimos, como seja o adultério, o desfalque, o homicídio ou o simples e cordial conto-do-vigário, a mulher e o homem praticam a sua psicanálise.

O exemplo dos Estados Unidos leva-me a pensar no Brasil ou, mais exatamente, no futebol brasileiro. De fato, o futebol brasileiro tem tudo, menos o seu psicanalista. Cuida-se da integridade das canelas, mas ninguém se lembra de preservar a saúde interior, o delicadíssimo equilíbrio emocional do jogador. E, no entanto, vamos e venhamos: — já é tempo de atribuir-se ao craque uma alma, que talvez seja precária, talvez perecível, mas que é incontestável.

A torcida, a imprensa e o rádio dão importância a pequeninos e miseráveis acidentes. Por exemplo: — uma reles distensão muscular desencadeia manchetes. Mas nenhum jornal ou locutor jamais se ocuparia de uma dor-de-cotovelo que viesse acometer um jogador e incapacitá-lo para tirar um vago arremesso lateral. Vejam vocês: há uma briosa e diligente equipe médica, que abrange desde uma coriza ordinaríssima até uma tuberculose bilateral. Só não existe um especialista para resguardar a lancinante fragilidade psíquica dos times. Em conseqüência, o jogador brasileiro é sempre um pobre ser em crise.

Para nós, o futebol não se traduz em termos técnicos e táticos, mas puramente emocionais. Basta lembrar o que foi o jogo Brasil x Hungria, que perdemos no Mundial da Suíça. Eu disse “perdemos” e por quê? Pela superioridade técnica dos adversários? Absolutamente. Creio mesmo que, em técnica, brilho, agilidade mental, somos imbatíveis. Eis a verdade: — antes do jogo com os húngaros, estávamos derrotados emocionalmente. Repito: — fomos derrotados por uma dessas tremedeiras obtusas, irracionais e gratuitas. Por que esse medo de bicho, esse pânico selvagem, por quê? Ninguém saberia dizê-lo.*

*E não era uma pane individual: — era um afogamento coletivo. Naufragaram, ali, os jogadores, os torcedores, o chefe da delegação, a delegação, o técnico, o massagista. Nessas ocasiões, falta o principal. Estão a postos os jogadores, o técnico e o massagista. Mas quem ganha e perde as partidas é a alma. Foi a nossa alma que ruiu face à Hungria, foi a nossa alma que ruiu face ao Uruguai**. E aqui pergunto: — que entende de alma um técnico de futebol? Não é um psicólogo, não é um psicanalista, não é nem mesmo um padre. Por exemplo: — no jogo Brasil x Uruguai entendo que um Freud seria muito mais eficaz na boca do túnel do que um Flávio Costa, um Zezé Moreira, um Martim Francisco. Nos Estados Unidos, não há uma Bovary, uma Karênina que não passe, antes do adultério, no psicanalista. Pois bem: — teríamos sido campeões do mundo, naquele momento, se o escrete houvesse freqüentado, previamente, por uns cinco anos, o seu psicanalista.*

Sim, amigos: — havia um comissário de polícia, que lia muito X-9, muito Gibi. Para tudo o homem fazia o comentário erudito: — “Freud explicaria isso!”. Se um cachorro era atropelado, se uma gata gemia mais alto no telhado, se uma galinha pulava a cerca do vizinho, ele dizia: — “Freud explicaria isso!”. Faço minhas as palavras da autoridade: — só um Freud explicaria a derrota do Brasil frente à Hungria, do Brasil frente ao Uruguai e, em suma, qualquer derrota do homem brasileiro no futebol ou fora dele.

* Hungria 4X2 Brasil, 27/06/1954, em Berna.
** Uruguai 2X1 Brasil, 16/07/1950, no Maracanã.

[Manchete Esportiva, 7/4/1956]

AGRADECIMENTOS

Sou eternamente grata a Deus, pois Ele é o autor e consumidor da minha fé, fé que me fez rir das impossibilidades.

Aos meus pais: Fátimo e Divina, que são a razão para muitas coisas em minha vida. Que me deixam feliz, em saber que os meus sonhos trazem felicidade a eles.

À professora Kátia Barbosa Macêdo, pelo acompanhamento nestes dois anos de conquistas diárias.

Às professoras Adriana Bernardes e Sônia Margarida, pelas salutares e pertinentes contribuições no exame de qualificação.

Às professoras, que gentilmente aceitaram o convite para participar de minha banca de defesa, Kátia Rubio, Daniela Zanini, Adriana Bernardes e Sônia Margarida.

À administração do clube de futebol que me acolheu calorosamente durante todo o período da pesquisa, bem como todos os atletas que generosamente participaram desta.

Aos amigos que tive a oportunidade de conhecer durante o mestrado, alguns vieram e se foram, outros vieram e permanecerão, durante esta carreira que se inicia.

Tenho dívidas de gratidão com estas pessoas especiais: Edinaldo Avelino, Déborah Magalhães, professor Hélio César, João Gualberto, Nívia Chaves, Antônio Eustáquio, Dr. Nelson Barreto, meu irmão Nélio, Lívia Cristina, Januário Gonçalves, Dr. Géser, Olga Saab, Alfredo, Junio Sousa, professor Onofre Guilherme e Carlos Furtado.

RESUMO

O futebol consiste no maior fenômeno social do Brasil, sendo admirado e praticado por muitas pessoas, permeado por ideologias e modismos peculiares, motivo que nos levou a optar por pesquisar os trabalhadores - atletas profissionais de futebol. Assim, esta dissertação buscou apreender como os atletas profissionais de futebol vivenciam seu trabalho no Clube X? E quais os sentidos que atribuem ao seu trabalho como atleta profissional no clube X? As experiências laborais relatadas foram sistematizadas e analisadas, tendo como substrato três macro categorias que agruparam as categorias estabelecidas *a priori* da abordagem Psicodinâmica do Trabalho, que são: Categoria 1 - Identidade e Trajetória profissionais; Categoria 2 - Gestão do Trabalho - Condições de Trabalho, Organização do Trabalho e Relações de Trabalho; e Categoria 3 - Mobilização Subjetiva – Sentidos do Trabalho, Vivências de Prazer e Sofrimento no Trabalho e Estratégias de Enfrentamento. Para que isto fosse possível, optamos por realizar um estudo de caso de caráter descritivo e exploratório, em um clube de futebol, utilizamos como técnica de coleta de dados, entrevistas semi estruturadas e análise documental, entrevistamos 21 atletas, utilizamos como critérios de inclusão: ser atleta de futebol profissional, do sexo masculino, contratado pelo clube X e estar participando das práticas cotidianas do clube como treinamentos e concentrações. O roteiro de entrevista foi um eixo norteador contendo perguntas que contemplaram as três macro categorias. Os dados gerados pelas entrevistas foram tratados a partir de análise discursiva. Os resultados mostraram que a trajetória destes jogadores foi permeada por muitos discursos falaciosos quanto à representação que a sociedade possui a respeito da profissão deles, vivem num contexto muito competitivo, esta característica do esporte insere-os numa lógica alienante, própria da lógica instrumental do sistema de produção, onde subordinação, negação e auto-superação consistem em condições *sine qua nom* de permanência no mercado. O trabalho para os atletas consiste ainda em fonte de reconhecimento, prazer e ascensão social, o que proporciona a eles vivências de prazer. Os atletas na execução de seu trabalho proporcionam alegria aos torcedores, fazendo-os esquecer as mazelas do dia a dia, e isto é importante, pois justifica em muitos aspectos o cotidiano do trabalho, além de contribuir no fomento da resignificação do sofrimento inerente a este. Reforçados pela atuação da mídia, os atletas, são considerados ídolos, exemplos e mitos. Sendo assim, foi possível entender o significado do trabalho para o atleta profissional de futebol, a partir de três aspectos: os pessoais, de ascensão social e de carreira promissora; os aspectos profissionais, pois são considerados ídolos, promotores de diversão às pessoas, sujeitos sem cultura que enriqueceram; e finalmente os aspectos de popularidade, pois jogar futebol é uma profissão diferente, melhor remunerada, porém, a mídia vende uma imagem distorcida, que não condiz com a realidade vivida por eles. Todavia, ainda que a realidade seja contraditória, o prazer em ser atleta profissional de futebol para estes profissionais, prevalece sobre o sofrimento.

Palavras-chave: Atleta profissional de futebol. Trabalho. Psicodinâmica do Trabalho.

ABSTRACT

Soccer is the greatest social phenomenon in Brazil, in that it is admired and played by many people, permeated for peculiar ideologies and fleeting waves, a reason that took us to research its workers, the players. So, this paper has sought to learn how the professional athletes of soccer experience their work for the Team X? What are the feelings that they attribute to their work as professional athletes for Team X? The labor reported experiences were systematized and analyzed, having as substrate three macro-categories that group the established categories *a priori* from the Psychodynamic approach in the paper, which are: Category 1 – Professional Journey and Identity; Category 2 – Work Management – Work conditions, Work Organization and Work Relations; and Category 3 – Subjective Mobilization – Work Objectives, Experiences of Pleasure and Suffering in the work and Facing Strategies. So that it was possible, we decided to do a study of case of descriptive and exploratory character, in a soccer team, using for technique of collecting data, semi-structured interview and documental analyses, we interviewed 21 players, we used as inclusive criteria: being athlete of professional soccer, male sex, hired by the X Team and taking part in the daily activities like training and preparing. The interview guide was a leading axe having questions that encompassed the three macro categories. The discursive analysis was used to treat the generated data from the interview. Results showed that the history of these players have been permeated by many fallacious discourses as their representation the society holds over their profession, they live in a context very competitive, this characteristic of their Sport insert them in an alienating logic, peculiar of the system instrumental logic of production, in which subordination, denial and self-overcoming consist in conditions *sine qua nom* for staying in the market. The work for the athletes still consist in recognizing source, pleasure and social accession, which provides them with pleasurable experiences.

The athletes in the execution of their work provide happiness for the supporters, making them to forget the daily maladies, this is important, because it justifies in many aspects the everyday work, besides contributing in the forge of the resignification of suffering inherent to that one. Reinforced_by_the_media_work, the athletes are considered idols, examples and myths. Like this, it was possible to understand the meaning of the work for the Professional soccer players, from three aspects: personal, social accession and promising career; the professional aspects, for they are considered idols, promoters of entertainment, subjects without culture that get rich and finally the popularity aspects, for playing soccer is a different profession, better paid, although, the media sells a twisted image, which does not represent the reality lived by them. But, even if the reality be contradictory, the pleasure of being a professional athlete for these professional overcome the suffering.

Key-Words: Professional soccer player. Work. Work Psychodynamic

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Antecessores do futebol.....	19
Figura 2 – Algumas datas importantes para a história do futebol	22
Figura 3 – A descrição da profissão de atleta profissional de futebol segundo a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO	29
Figura 4 – Requisitos necessários e atividades a serem executadas pelos atletas profissionais de futebol	30
Figura 5 - Principais componentes da Organização de Trabalho	40
Figura 6 - Principais componentes das Condições de Trabalho.....	42
Figura 7 - Principais componentes das Relações de Trabalho	45
Figura 8 - Principais componentes das Vivências de Sofrimento no Trabalho.....	47
Figura 9 - Principais componentes das Vivências de Prazer no Trabalho	50

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Distribuição dos participantes em relação ao tempo de experiência como atleta de futebol, como atleta profissional de futebol e como atleta profissional do time.....	74
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico nº 1 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Conte como foi sua trajetória profissional?”	69
Gráfico nº 2 - Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Quando você pensa no seu trabalho como jogador de futebol, o que você sente?”	77
Gráfico nº 3 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como é pra você jogar em um time da série A?”	80
Gráfico nº 4 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Você gosta de dizer que sua profissão é jogador de futebol profissional?”	82
Gráfico nº 5 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Atualmente o que você considera mais importante pra ser um bom jogador de futebol?”	85
Gráfico nº 6 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como você pensava imaginava que era o mundo do futebol, antes de se tornar jogador?”	87
Gráfico nº 7 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Depois de se tornar jogador de futebol alguma coisa mudou? Se positivo, o quê?”	90
Gráfico nº 8 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Você gosta de trabalhar neste time? Por quê?”	94
Gráfico nº 9 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “quais as vantagens e desvantagens de trabalhar neste time? Por quê?”	96
Gráfico nº 10 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Você conhece as normas e regulamentos do clube? O que você acha?”	98
Gráfico nº 11 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como sua família reage em relação a esse horário?”	102
Gráfico nº 12 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como você se relaciona com o técnico?”	105
Gráfico nº 13 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Há algum colega de trabalho que adoeceu ou foi afastado do trabalho por causa do trabalho?”	110
Gráfico nº 14 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “O que seu trabalho significa para você e para sua vida?”	112
Gráfico nº 15 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Qual o significado de ser jogador de futebol profissional no Brasil e no mundo?”	114

Gráfico n° 16 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “É diferente trabalhar como jogador de futebol, do que em outras profissões? Se sim, em quê? Como?” ...	118
Gráfico n° 17 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “O que você mais gosta no seu trabalho?”	121
Gráfico n° 18 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Você acha que seu trabalho é importante? Para quem?”	123
Gráfico n° 19 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Ser jogador de futebol profissional teve a aprovação de sua família?”	125
Gráfico n° 20 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Hoje o jogador (em geral) tem liberdade para fazer o seu trabalho?”	126
Gráfico n° 21 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “As pessoas reconhecem o valor do seu trabalho?”	129
Gráfico n° 22 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Qual a importância que seu trabalho tem para você?”	131
Gráfico n° 23 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Há riscos de acidentes durante o trabalho?”	133
Gráfico n° 24 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “O que do seu trabalho lhe trás sofrimento?”	135
Gráfico n° 25 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como você se sente antes do jogo?”	137
Gráfico n° 26 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como você se sente após o período de expediente de trabalho?”	139
Gráfico n° 27 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como é para você ficar no banco de reserva?”	140
Gráfico n° 28 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como é sua interação com a torcida?”	142
Gráfico n° 29 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “O que pra você é situação difícil no futebol? Já aconteceu com você? Como foi sua reação?”	144
Gráfico n° 30 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como você reage em situações difíceis?”	147
Gráfico n° 31 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Você se sente inseguro ou com medo de fracassar na realização de suas tarefas? Por quê?”	149

Gráfico nº 32 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Você acredita que há estabilidade, trabalhando como jogador em um time de futebol?”	152
Gráfico nº 33 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Você se sente pressionado pela direção do clube, em relação a resultados? Se sim, o que você faz diante dessa situação?”	154
Gráfico nº 34 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Qual o tempo de que você dispõe para a família e lazer? Ele é suficiente para vocês?”	157
Gráfico nº 35 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como são seus períodos de descanso?”	159
Gráfico nº 36 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Depois de se tornar jogador de futebol profissional, alguma coisa mudou em sua vida?”	161
Gráfico nº 37 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Que planos possui para o futuro, após ‘pendurar as chuteiras’? Quais são suas perspectivas?”	163

SUMÁRIO

RESUMO.....	iv
ABSTRACT	v
LISTA DE FIGURAS.....	vi
LISTA DE TABELA	vii
LISTA DE GRÁFICOS	viii
APRESENTAÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – O ATLETA E O MUNDO DO FUTEBOL NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO	15
1.1 Aspectos Gerais do Mundo do Futebol	15
1.2 Percurso Histórico do Futebol	18
1.3 A Inserção do Futebol no Brasil.....	23
1.3.1 Primeira fase (1894-1904)	24
1.3.2 - Segunda fase (1905-1933)	24
1.3.3 - Terceira fase (1933-1950)	26
1.3.4 - Quarta fase (1950-1970)	26
1.3.5 - Quinta fase (1970-2007/2014)	28
CAPÍTULO 2 – CONTRIBUIÇÕES DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO.....	35
2.1 - Organização do Trabalho.....	40
2.2 - Condições de Trabalho	42
2.3 - Relações de Trabalho.....	44
2.4 - Mobilização Subjetiva do Trabalhador	46
2.4.1 - Vivências de Prazer e Sofrimento	47
2.4.2 - Estratégias de Enfrentamento.....	52
2.5 - Pesquisas atuais em Psicodinâmica do trabalho	54
CAPÍTULO 3 - DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	57
3.1 – Problema e Objetivos de Pesquisa	58
3.2 - Campo de Pesquisa	59
3.3 – Participantes	59
3.4 - Técnicas para Coleta de Dados	60
3.5 – Procedimentos.....	62
3.6 - Análise dos Dados.....	63
CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS... 71	71
4.1 Categoria 1 – Trajetória e Identidade Profissionais.....	71
4.2 - Categoria 2 – Gestão do Trabalho no Clube	93
4.3 - Categoria 3 – Mobilização Subjetiva.....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
REFERÊNCIAS	172
ANEXOS	176
APÊNDICE A	177
APÊNDICE B.....	178
APÊNDICE C	180

APRESENTAÇÃO

A investigação sobre o trabalho dos atletas profissionais de futebol apresenta-se a partir da realização de uma pesquisa em Psicologia Social e do Trabalho. Esta pesquisa prima por problematizar, como os atletas profissionais de futebol vivenciam seu trabalho em um clube brasileiro da série A, e quais as vivências em relação ao seu trabalho como atleta profissional no clube X?

O objetivo geral foi de apreender as vivências dos atletas profissionais de futebol em relação ao trabalho, a partir das categorias da Psicodinâmica do Trabalho. Os objetivos específicos da pesquisa consistiram em: analisar o contexto do trabalho; as condições de trabalho; a organização do trabalho e as relações de trabalho, bem como levantar as vivências de prazer e sofrimento relacionadas ao trabalho, levantar quais estratégias de enfrentamento que os jogadores utilizam para lidar com o sofrimento laboral e apreender o sentido que eles atribuíam ao mesmo.

A pretensão deste estudo foi compreender a interação que os trabalhadores possuíam com a organização em que trabalham como atletas profissionais de futebol, e com isso, fomentar descobertas que podem ser úteis para a ampliação do conhecimento científico. No senso comum, imagina-se que esta interação seja permeada somente de diversão e prazer e que estes são trabalhadores que trabalham se divertindo, pois produzem diversão. Sendo comum a afirmação de que tais profissionais se divertem e ainda ganham dinheiro com isso. Jogar futebol é o sonho de quase todo garoto no Brasil, sem deixar de ressaltar ainda que a preferência feminina, embora em escala menor, vem sendo crescente.

Falar em futebol no Brasil é falar do esporte mais popular, apreciado pela grande maioria, é estar diante do maior fenômeno social deste país, que também é político e econômico. Esta prática esportiva é responsável por transações milionárias. O futebol é um exímio agente propulsor de mudanças sociais e/ou econômicas. (PEREIRA, 2008).

Portanto, pesquisar o trabalho no futebol é repousar o olhar num fenômeno complexo, rico em desdobramentos, que vão desde uma preferência apaixonada por um determinado time, até as estruturas táticas e técnicas sofisticadas que objetivam a melhoria da prática do esporte em todos os aspectos, inserindo o esporte na lógica do capital instrumental, mercantilizada. Segundo Pereira (2008), esta concepção transforma não só o futebol e mercadoria, mas tudo o que está nele, torna mercadoria o jogador, a bola, a chuteira, a camisa, enfim, tudo o que de alguma maneira fizer alusão ao esporte.

O futebol alimenta sonhos de muitas pessoas, que vislumbram a lógica vendida principalmente pela mídia, que ressalta aspectos hedonistas desta profissão, onde sofrimento, cobrança, pressão, falta de reconhecimento e autonomia, são elementos pouco divulgados. O que vende notícia é o sucesso, fama, *status*, dinheiro, acessibilidade, dentre outros. (PEREIRA, 2008)

Todavia, é sabido que a realidade é em sua maioria velada, através de um discurso quase que padronizado, de clichês que são pronunciados por profissionais do meio futebolístico. Além deste peculiar ato de pronúncia característico do futebol, há um acúmulo grande de profissionais competentes à procura de uma oportunidade para demonstrar o seu trabalho, o que confere acirrada competitividade entre os atletas. Se um atleta se lesiona, existem vários outros preparados para substituí-lo, sendo esta apenas uma demonstração de sofrimento e inserção na lógica de produzir sempre crescentemente, que é visto simplesmente como algo inerente ao futebol, sem considerar os aspectos subjetivos intrínsecos a tal condição.

É notório as várias possibilidades de se observar o fenômeno – futebol. No presente estudo não se abordará a Psicologia do Esporte enquanto teoria de sustentação das análises realizadas, pois o esporte futebol foi utilizado enquanto contexto para analisar o trabalho dos atletas. Assim, a abordagem de sustentação da pesquisa foi a Psicodinâmica do Trabalho desenvolvida por Cristophe Dejours (1992, 1993, 1994, 1999, 2004), além de outros pesquisadores dessa abordagem, como, por exemplo, Macêdo (1999), Lancman e Sznelwar (2004), Dias (2007), Mendes (2007), Araújo (2008), Rossi (2008) e Santos (2008).

Conforme Dejours (1994, 1999, 2004), a Psicodinâmica do Trabalho é uma disciplina que surgiu no final dos anos 1980, como uma proposta de análise crítica da relação homem-trabalho. A disciplina é subsidiada por conceitos psicanalíticos e possui uma metodologia própria, voltada para questões coletivas dos trabalhadores, envolvendo vivências de prazer, sofrimento, mecanismos de defesa e outros aspectos relacionados a sua subjetividade.

Foi utilizada a metodologia qualitativa de análise, em razão da natureza do objeto de estudo. Foi realizado um estudo de caso de caráter descritivo e exploratório, num clube de futebol no Brasil, da série A do campeonato brasileiro. Foram realizadas entrevistas individuais com os atletas. Para as entrevistas, elaborou-se um roteiro com três categorias estabelecidas *a priori*, que foram: 1 - Trajetória e Identidade profissionais; 2 – Gestão do Trabalho (que abarcou as sub-categorias: Condições de Trabalho, Organização do Trabalho,

Relações de Trabalho) 3 - Mobilização Subjetiva, que abarcou as vivências de prazer e de sofrimento e as estratégias de enfrentamento.

Estas categorias foram baseadas nos estudos de prazer-sofrimento realizados por Dejours (1992, 1993, 1994, 1999, 2004), o que permitiu a investigação do contexto organizacional e da dinâmica de prazer e sofrimento vivenciada pelos atletas.

Os discursos dos participantes foram analisados mediante o uso da técnica de análise gráfica do discurso de Lane (1985). Os resultados demonstraram a interação dos trabalhadores com a organização, permeada por vivências de prazer-sofrimento, além da dinamicidade dessas vivências nos discursos dos trabalhadores.

Os capítulos desta dissertação foram organizados do seguinte modo:

O 1º capítulo apresenta a fundamentação teórica utilizada para contextualizar o futebol e a concepção deste esporte no mundo e no Brasil.

No 2º capítulo, discute-se a abordagem Psicodinâmica do Trabalho, que foi a teoria de sustentação da pesquisa. Seu itinerário histórico, seus pressupostos teóricos, seus principais representantes e a sua aplicação nos estudos de prazer-sofrimento no trabalho.

No 3º capítulo é explicitado o delineamento metodológico, onde apresenta-se o problema e objetivos da pesquisa; o campo de pesquisa, sendo feita uma descrição da organização base da pesquisa, respeitando os aspectos éticos de exposição da mesma, resguardados em acordo entre a pesquisadora e o clube pesquisado; os participantes, com apresentação dos dados sócio-demográficos dos mesmos; as técnicas de coleta e os procedimentos e a análise do método empregado nesta pesquisa

No 4º e último capítulo é feita a apresentação, análise e discussão dos resultados, a partir das categorias: 1 – Trajetória e identidade profissionais; 2 – Gestão do trabalho no clube e 3 – Mobilização subjetiva dos atletas. Seguem-se as considerações finais.

CAPÍTULO 1 - O ATLETA E O MUNDO DO FUTEBOL NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

1.1 – Aspectos gerais do mundo do futebol

A sociedade atual vem se estruturando prioritariamente no fomento de valores voltados para o espetáculo, para a valoração do *status*, da ascensão sócio-econômica, padrão este que alimenta a lógica do consumo.

Esta realidade é nitidamente apreendida no mundo do futebol atual, a partir de seus arranjos organizacionais, sua postura pró-rendimento, destituída de personalidade, que despersonaliza seus adeptos.

A associação entre imagem e marca é indissociável na contemporaneidade. As relações interpessoais são permeadas pela imagem e pelo espetáculo, sendo a flexibilidade e a perda de fronteiras, características essenciais deste período histórico.

Para Pereira (2008, p. 39), “o consumo da imagem e dos bens por ela induzidos ocupa o lugar do diálogo e do pensar que anteriormente compelia a ação participativa e transformadora da sociedade.” Conferindo uma postura idealizada e ilusória, que tem em seu substrato mecanismos de identificação, que primam por velar uma sociedade desigual, atroz, segregacionista e alienada.

Assim, é notória a postura da sociedade frente ao atleta de futebol, no que tange ao *status* imaginário que a profissão ostenta. Assim são construídos atores que são consumidos e assumem papéis de “falar” por uma marca, vendendo-a a partir do fantasioso projeto de realização de seus admiradores, que são definidos através de seu poder de consumo.

O que esta sociedade desenvolve vai além do capital,

[...] são valores, crenças, modelos de relações sociais, sonhos construídos, tendo por base valores situacionais, maquiados pela propaganda e demaquilados pela falta de condições igualitárias de obtenção e realização destes. (PEREIRA, 2008, p. 44)

Segundo Bruhns (2001) e Padilha (2006) o “efeito entorpecedor” que a sociedade proporciona, significa um mergulho em fantasias e *status* social, destituído de sentido, embora respaldado pelo valor de posse, fomentando o insaciável anseio da subjetividade humana com seus infinitos desejos. Conotação pertinente à forma de funcionamento da cultura moderna.

A cultura está permeada de promessas falaciosas, que constituem-se em “alimento onírico” para jovens destituídos de possibilidade de formação pessoal e profissional, que “se entregam a uma rotina de treinamentos, de controle de seus corpos, mentes e interesses em busca de ascensão social, poder de compra, auto-realização e diminuição das desigualdades das quais são vítimas.” (PEREIRA, 2008 p. 45)

A cultura, concebida enquanto prática social, possui modos de viver, de ser, e de compreender a si mesma e ao mundo, o que impossibilita conceber o sujeito descontextualizado de seu meio. Assim, o universo do esporte de alto rendimento¹, proporciona aos atletas sentidos e significados inerentes a este meio, que fomentam suas práticas e influenciam suas percepções, criando seu próprio universo, sua própria cultura. Valle (2003).

Ao salientar a importância que a espetacularização possui para o esporte de alto rendimento, Valle (2003) Wisnik (2008) afirma que a subjetividade adquire configuração estetizante, em que o olhar do outro no campo social passa a ocupar estrategicamente uma posição de destaque no psicológico do atleta.

Denotando com isso, os valores desta organização esportiva, que giram em torno de sucesso, superação de limites, vitória, supremacia e força. Esses valores são constitutivos dos sujeitos, permeando todas as suas relações. Além dos valores monetários que envolvem este esporte.

O futebol tem um papel de importância singular no sistema financeiro mundial, sendo responsável por transações milionárias, além de possuir uma “linguagem” cultural universal, tanto internacional quanto intercontinental. Futebol é futebol em qualquer nação do mundo. Ele tem a sua condição de fascinador como sua marca registrada, um esporte que encanta. E, por isso, é um fenômeno social identificável em outros contextos sociais.

É um grande agente civilizador, pois nasceu como uma prática brusca e destituída de civilidade, haja vista que os primeiros jogos de futebol eram violentos e alheios às regras. Todavia, ao longo do seu desenvolvimento foram impostas aos seus praticantes, regras que objetivavam diminuir as práticas violentas e por consequência, os danos físicos (MOLLETA, 2005, GURGEL, 2006 e AQUINO, 2002).

Barbosa (2007) afirma que o futebol possui como característica a desterritorialização, ou seja, a condição de ser um esporte que transpõe fronteiras, o que

¹ Segundo Markunas (2000) o atleta de alto rendimento é aquele que atua em condições de exigência máxima, apresentando os maiores e melhores índices de *performances* em sua modalidade. São os atletas profissionais, que trabalham através da prática esportiva, ou seja, o esporte é sua prática de trabalho.

contribuiu para a sua mercantilização e conseqüente inserção na lógica do capital. Assim, o futebol, é visto como um negócio, sendo regido pelas regras do mercado, tendo o lucro como seu principal objetivo.

Estas características conferem ao futebol um distanciamento, por parte dos jogadores, de um referencial identificatório com o clube. Como as relações são meramente comerciais, o jogador não se reconhece mais enquanto alguém que defende um time e toda sua história, mas um profissional que, enquanto vigora um contrato, vende seu trabalho ao clube que o contrata.

Essa inserção do futebol no mercado o transformou em negócio, submetido às leis do sistema financeiro, objetivando lucro e concomitantemente, os jogadores são considerados mercadorias, que são e estão passíveis tanto as estas leis, quanto de suas exigências frente à demanda, daqueles que podem comprá-los ou contratá-los. Essa mudança se deu com o advento da modernidade², que “trouxe” para o campo do futebol, suas práticas processuais. (RODRIGUES, 2004).

Assim, o futebol nos moldes empresariais, fundamenta-se em modelos rígidos, onde se concebe o futebol que gera resultados comerciais e não necessariamente a vitória, enquanto resultante exclusiva de esquemas táticos, disciplina militarizada tanto dentro de campo, quanto nos treinos e até mesmo na vida particular dos jogadores. Tudo isto “justificável” pela modernização do futebol, que controla a vida do atleta tanto dentro, quanto fora de campo. (RODRIGUES, 2004).

Essa proposta de modernização do futebol, que é mundial, tem gerado resultados em termos de qualidade – números, ou seja, futebol hoje é resultado, cumprimento de metas, proporcionando impactos econômicos conforme expõe Heinemann (2001), e não somente vitória. Isso tem afetado diretamente o estabelecimento de vínculos entre torcedores, atletas e time, pois a permanência de um atleta num time está cada vez menor. Esses vínculos identitários entre o torcedor, o time e concomitantemente os atletas, diminuem na medida em que é menor o tempo de permanência do atleta no clube.

Segundo Barbosa (2007 p. 176) “[...] os clubes vêm se tornando meros fornecedores de jogadores”. Esse êxodo no futebol vigora desde meados da década de 1920, sendo intensificado em 1931, após a Copa do Mundo realizada no Uruguai em 1930, onde o Brasil

2 Segundo Rubio (2001), a idéia de modernidade visa afirmar que o ser humano é a representação do que ele faz, estabelecendo uma relação entre produção, tecnologia, organização da sociedade e vida pessoal, fomentadas pelo interesse e pela vontade de se libertar das opressões. Tendo a racionalização como uma de suas principais propostas, e sendo revelada por grandes transformações vivenciadas pelo mundo no século XX.

sagrou-se campeão, e no ano seguinte, recebeu a “invasão italiana” que levou para seu futebol, já profissionalizado, 39 dos melhores jogadores brasileiros.

Diante do exposto, a profissionalização do futebol brasileiro desenvolveu-se gradativamente, transitando até os dias de hoje entre o moderno e o tradicional. O moderno se caracteriza pelo alto nível de exigência de profissionalismo dos atletas e pela racionalização dos jogos, esquemas táticos, dentre outros. O tradicional se caracteriza pela ausência de profissionalismo nas diretorias dos clubes, onde a administração em sua maioria é feita pelo “coração” – por paixão, na troca de favores, dentre outros.

O futebol como é concebido na atualidade, consiste numa mercadoria (DALPIAZ, 2002), em detrimento de ser uma demonstração de identidades culturais, de criatividade de um povo, de futebol com estilo e graça, talentoso e belo de ser apreciado, mas, um esporte tecnicamente refinado, moderno, que lança mão de tecnologia de ponta, para “melhorar” cada vez mais, tanto os atletas, quanto os profissionais envolvidos direta e indiretamente em sua prática.

Para a compreensão dos aspectos contemporâneos do futebol, faz-se importante um percurso ainda que sucinto, na história deste ícone do esporte, mundialmente conhecido, praticado e admirado.

1.2 - Percurso histórico do futebol

A história do futebol no mundo remonta à Antiguidade. Foi praticado das mais variadas formas e com os mais variados objetos utilizados como bola. As práticas arcaicas de futebol eram diferentes das atuais.

Figura 1 – Antecessores do futebol

Onde	Quando	Características
China	300 a.C.	Praticava-se o <i>Tsutchu</i> – golpe na bola com os pés. Eram 12 jogadores, as partidas eram em terrenos de 30 m por 40 m.
Japão	100 a.C	Ocorria a prática do <i>Kemari</i> – demonstrações de habilidades com a bola, eram 16 jogadores, a bola era feita de crinas de cavalo e fios de seda.
América do Sul	900 a.C	<p><i>Pok-tai-pok</i> – Maias; <i>Ullamalitzli</i> – Astecas; <i>Pirimatum</i> – Araucanos; <i>Tlachtli</i> – México; <i>Tchoekah</i> – Patagônia.</p> <p>As bolas utilizadas eram feitas de borracha maciça, chamadas de <i>Ollin</i>, denotando certa evolução, porém, era uma prática bárbara, pois o time perdedor era decapitado e a bola era substituída pelas cabeças dos perdedores.</p>
Grécia	400 a.C	Era praticado o <i>Spyskiros</i> – prática muito popular embora não fazia parte do <i>Hall</i> Olímpico, podia ser praticada com os pés ou com as mãos.
Roma	300 a.C	Praticava-se o <i>Harpastum</i> – utilizando uma bola chamada <i>follis</i> , feita de capa de couro que envolvia uma bexiga de boi cheia de ar, era uma prática violenta.
França	1200 d. C	Praticava-se o <i>Soule</i> - semelhante ao <i>Harpastum</i> , praticado pela realeza e aristocracia, teve o Rei Henrique II como um grande entusiasta.
Itália (Florença)	1500 d. C	Era praticado o <i>Calcio</i> – utilizavam pés e mãos, o time era composto por 27 jogadores, não havia goleiros. A primeira partida ocorreu em 17 de fevereiro de 1529. A partida foi o forma encontrada por 2 grupos políticos rivais para solucionar suas diferenças políticas.
Inglaterra	1700 d. C	Chamado de Football, ganhou regras diferentes do Calcio Fiorentino, os campos eram de 120m por 180 m e havia 2 arcos retangulares instalados nas 2 pontas do campo.

Fonte: Elaborada pela autora, a partir de Aquino (2002), Gurgel (2006), Aspis (2006) e Pereira (2008).

Segundo Aquino (2002), a origem do futebol remonta à civilização egípcia e babilônica, onde se praticava uma modalidade esportiva semelhante ao futebol de hoje. Todavia, os dados mais precisos a respeito da origem do futebol no mundo, revelam que na China, no período da Dinastia *Han* há aproximadamente 300 a.C, jogava-se o *Tsutchu*, que traduzido do chinês significa golpe na bola com o pé.

Um pouco mais evoluída, já na Dinastia *Ming* (1368-1644), a prática do *Tsutchu* era dividida em três modalidades. Uma individual, em que o jogador fazia malabarismos com a bola. Outra em equipe, onde o objetivo era lançar a bola sobre uma rede no meio do campo. E uma terceira, ainda em equipe, que o objetivo era arremessar a bola em um espaço nas extremidades do campo. O inventor destas práticas, *Yang Tsé*, pertencia à guarda do imperador *Huang-Ti*, que segundo Aquino (2002, p. 12), “foi talvez o primeiro nobre a se interessar pelo futebol”.

No Japão, era praticado há mais de 2000 anos o *Kemari*, semelhante ao *Tsutchu*, sendo mais uma demonstração de habilidades com a bola, do que uma demonstração esportiva. Havia ainda a prática do *Kemari* vinculada à religião Xintoísta, onde era jogado ao redor de uma cerejeira, como é o caso do *Kemari* praticado em Kioto.

Inicialmente, o *Kemari* era praticado com finalidades militares, uma prática da nobreza. Uma partida de *Kemari* era composta por 16 jogadores, 8 de cada lado e a bola era engenhosamente confeccionada com crinas de cavalo e fios de seda e tinha aproximadamente 22 centímetros de diâmetro. Era uma prática delicada, onde a equipe era desclassificada se algum participante tocasse na cabeleira do adversário.

Aquino (2002), afirma que foi somente no final do primeiro milênio antes de Cristo, que o *Kemari* deixou de ser uma prática aristocrática para ser comum à classe popular, já sendo praticado em um campo quadrado e a equipe vencedora era premiada com flores.

Na Grécia, a prática arcaica de futebol se chamava *Spyskiros*, não fazia parte do *Hall* olímpico, embora fosse muito popular. Todavia, havia uma categoria de práticas olímpicas a *Sphairomachia*, onde havia o *Spyskiros* incluso, porém era praticado com as mãos.

Tanto Aquino (2002) quanto Gurgel (2006), afirmam que sobre o *Spyskiros*, pouco se sabe, pois foram escassos os registros. Ambos afirmam ainda, que foi a partir da inspiração no *Spyskiros* grego, que os romanos criaram a *Harpastum*, prática realizada com uma bola feita com uma capa de couro que envolvia uma bexiga de boi cheia de ar, chutada com os pés, o campo era retangular, possuía três linhas, uma divisória e as outras duas marcando as extremidades opostas do mesmo.

Antes de chegar à península italiana, o *Haspartum* era violento, e em algumas cidades era praticado por centenas de pessoas e tinham as portas das cidades como extremidades, onde o objetivo era transpô-la com a bola.

Durante a Idade Média na Europa, a prática do futebol era comum em Florença, denominada de *Cálcio*. A partida continha 27 jogadores em cada time, eram 15 atacantes, 5 meios de campo, 4 zagueiros avançados e 3 zagueiros recuados, não havia goleiros. Era válido

usar pés e mãos. Quando a bola ultrapassava a linha da extremidade do campo adversário, ocorria o *caccia* ou gol (AQUINO, 2002).

Ainda que houvesse interesse em diminuir a violência na prática do futebol na Europa, como é o caso dos intentos do rei Henrique II (1519-1559), pouco se conquistou nesse aspecto. A violência começou a diminuir somente no século XVIII, com a introdução da prática do futebol nas escolas e universidades com o objetivo de educar os jovens, o que reforçou a necessidade de regras estabelecidas (AQUINO, 2002).

O futebol já era uma atividade obrigatória nos recreios das escolas inglesas desde 1840, quando a rainha Vitória persuadida pelo pedagogo Thomas Arnold, pôs abaixo a proibição do então violento *mass football*, prática realizada pela disputa de uma bola de bexiga de boi, envolta em couro que era atirada na terça-feira gorda, nas festas do condado em comemoração à expulsão dos dinamarqueses de seu território. A equipe era composta por 50 ou mais jogadores de cada lado, eles se confrontavam de forma às vezes até fatal, com o intuito de fazer com que este rústico “protótipo” de bola cruzasse a porta da cidade defendida pelo time adversário, ou seja, o *goal*. (AQUINO, 2002 e PEREIRA, 2008)

Diante disto, a rainha *Vitória*, após arguição do pedagogo *Arnold*, liberou a prática do *football*, pois como as escolas inglesas estavam sendo frequentadas pelos meninos da classe média, que não eram nobres, mas tinham dinheiro para comprar nobreza. *Arnold* achou salutar proporcionar uma atividade que ocuparia o tempo dos garotos nobres no recreio, impedindo-os de conversarem com os garotos plebeus, de trocarem idéias reformistas, revolucionárias, evitando com isso que os futuros homens do Império Britânico fossem influenciados por plebeus. Além do que, o *football* praticado no recreio era uma boa opção para canalizar a energia dos jovens. Assim, na hora do recreio ficavam 11 de um lado e 11 de outro, correndo atrás de uma bola.

Já na América do Sul, há indícios de jogos de bola entre os maias o *Pok-tai-pok*, entre os astecas o *Ullamalitzli*, entre os araucanos que viviam no atual Chile, o *Pirimatum*, e na Patagônia o *Tchoekah*. A prática do esporte na América do Sul, já demonstrava evolução em relação aos objetos utilizados, como bola, pois os jogos eram realizados com bolas de borracha maciça e não mais com bexigas de boi cheias de ar. Embora houvesse evolução, a prática em si era bárbara, pois o time perdedor era decapitado e a bola de borracha era substituída pelas cabeças dos derrotados (AQUINO, 2002).

Diante do exposto, a gênese do futebol se deu de várias maneiras e em vários lugares, tendo alterações nas formas, quantidades de participantes, objetivos e até premiações. Tendo aspirações, ora de diversão, com demonstrações de habilidades artísticas, ora de

intentos de supremacia de um povo sobre outro. Foi por longa data prática da nobreza, depois chegando à classe popular, até sendo utilizado como instrumento de disciplina e educação denotando com isso interesses ideológicos.

Figura 2 – Algumas datas importantes para a história do futebol

Ano	Acontecimento
1863	Foi criada a <i>Football Association</i> , uma associação de futebol inglesa que oficializou as regras do esporte.
1863	Estabelecimento das regras modernas do <i>football</i> .
1867	Primeira versão da regra do impedimento.
1868	Participação do árbitro nas partidas.
1869	Criação da regra do tiro de meta.
1871	Inserção da posição de goleiro – guarda redes, o único que podia colocar a mão na bola.
1872	Definição do escanteio, o peso e os materiais da bola e das traves do gol.
1876	A prática do futebol deixou de ser individualista e passou a ser mais coletiva.
1877	Começo de construções de grandes estádios, o primeiro foi o <i>Stamford Bridge</i> na Inglaterra, com capacidade para 42 mil pessoas.
1878	O árbitro passou a usar o apito.
1877	Fixou a duração das partidas em 90 minutos.
1882	Estabeleceu-se que as bolas laterais seriam cobradas com as mãos.
1885	Início do profissionalismo no futebol.
1886	Criação da <i>International Football Association Board</i> , responsável por estabelecer as regras e mudá-las quando necessário.
1888	Criação da <i>Football League</i> , responsável por organizar torneios e campeonatos internacionais.
1891	Estabelecimento da regra do pênalti.
1892	Surgimento dos bandeirinhas.
1895	<i>Charles Miller</i> descendente de ingleses trouxe o futebol da Inglaterra para São Paulo.
1896	O futebol participou dos Jogos Olímpicos Modernos em Atenas, como esporte de exibição.
1897	O Corinthians da Inglaterra realizou uma excursão fora da Europa, contribuindo para difundir o futebol em vários países do mundo.
1901	Negociação do primeiro jogador de futebol - <i>Alfred Common</i> , que foi vendido pelo <i>Sunderland</i> da Inglaterra para o <i>Sheffield United</i> , por 350 libras.
1902	Surgimento das linhas internas do campo.
1904	Foi criada a <i>Fédération Internationale de Football Association</i> – FIFA, entidade que disseminou e organizou o futebol em todo mundo, atuando até os dias atuais.
1908	O futebol participou da quarta versão dos Jogos Olímpicos em Londres, como esporte de competição.
1930	Foi realizada no Uruguai a primeira Copa do Mundo do futebol.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Pereira (2008).

1.3 - A inserção do futebol no Brasil

A história do futebol brasileiro, remonta ao final do século XVIII início do século XIX. Com a chegada da família real portuguesa ao Brasil escoltada pela esquadra inglesa em 1808, vinda da Europa após dissidente com Napoleão Bonaparte. Com a abertura do mercado brasileiro para as nações amigas de Portugal, a Inglaterra foi a única nação a usufruir desta abertura comercial.

Assim, com este estreitamento de laços entre essas duas nações no Brasil, as práticas esportivas da Inglaterra são realizadas no país, sendo comum a realização de jogos de futebol nas indústrias têxteis e bancos, onde majoritariamente eram ingleses que trabalhavam. Todavia, como o quantitativo de trabalhadores ingleses era inferior a 22 jogadores, frequentemente alguns operários eram convidados a participar de jogos juntamente com os chefes. (ROSENFELD, 1993)

Outro fator que comprova o surgimento do futebol em solo brasileiro anteriormente a 1895, são os anais de 1746 da Câmara Municipal da Cidade de São Paulo, que proibia o “jogo da bola”, pois este era agente causador de agrupamento de vadios e de desordeiros. (AQUINO, 2002 e PEREIRA, 2008).

Entretanto, por mais que seja notório que o surgimento do futebol no Brasil ocorreu em meados do século XIX, para a maioria dos historiadores, o futebol brasileiro nasceu em 1895, pois os documentos que comprovam seu surgimento em solo brasileiro sinalizam para este ano. Estes documentos comprovam quando, onde, como e porque ele nasceu. Assim, os historiadores acharam mais conveniente estabelecer esta data devido ao fato de haver documentos que comprovam o início do futebol no Brasil neste período (MÁXIMO, 1999).

Segundo Pereira (2008 p. 96), a história do futebol brasileiro se desenvolveu em cinco fases:

- a) Primeira fase (1894-1904) – chegada do futebol ao país e criação de clubes urbanos por imigrantes europeus;
- b) Segunda fase (1905-1933) – período amador, caracterizado pelo elitismo na platéia e na composição dos times;
- c) Terceira fase (1933-1950) – início do profissionalismo;
- d) Quarta fase (1950-1970) – período do reconhecimento internacional e da comercialização do futebol;
- e) Quinta fase (1970-2007/2014) – futebol globalizado.

1.3.1 - Primeira fase (1894-1904)

Este período da história do futebol brasileiro foi caracterizado pela chegada do futebol ao país. Através de *Charles Miller* um jovem paulista, filho de ingleses que foi cursar o ginásio na *Banister Court School* na Inglaterra, conheceu a terra dos pais, estudou, fez amizades e nos períodos vagos, conheceu o novo brinquedo chamado *the football*. Em meados de 1895 ele regressou ao Brasil.

Ao retornar ao Brasil, especificamente a São Paulo, Charles Miller trouxe na bagagem, camisas, calções, chuteiras e duas bolas oficiais. Nesse período, o futebol já havia deixado de ser atividade estudantil e instrumento de alienação para se transformar em esporte organizado, propagando entre clubes e universidades (MÁXIMO, 1999 e GURGEL, 2006).

Assim, o primeiro *match* em terra brasileira, promovida por *Charles Miller*, foi num terreno baldio da várzea do Carmo, entre as ruas Santa Rosa e do Gasômetro na cidade de São Paulo, na manhã de domingo, 14 de abril de 1895.

Máximo (1999) afirma que o futebol nasceu no Brasil em um contexto político, onde havia menos de oito décadas de Independência, seis de proclamação da República e menos de sete de Abolição, ou seja, o final do século XIX no Brasil foi caracterizado como o período que o país está por se fazer, buscando caminhos.

Em São Paulo, havia o café, as indústrias, havia uma sociedade patriarcal que almejava o progresso, porém havia tanto o lado dos paupérrimos, quanto dos nobres, nobreza essa na maioria dos casos conquistada por cifras.

1.3.2 - Segunda fase (1905-1933)

Essa fase foi caracterizada pelo amadorismo e elitismo no futebol. A semente do futebol brasileiro foi semeada em meio a jovens de boas famílias como a de *Charles Miller*, logo, o primeiro jogo foi realizado a partir da eleição de dois times, que *Charles* instruiu-os a respeito dos fundamentos do esporte, escalou um de seus amigos para ser o juiz, outro para bandeirinha, e assim foram fazer história na várzea do Carmo. A partir daí, foram ocorrendo jogos somente entre a elite, em campos como o da chácara da família *Dooley* no Bom Retiro.

Sempre saindo das elites, foram surgindo os primeiros times. Em 1896 o *São Paulo Athletic Club* foi o primeiro a se aderir ao novo esporte, em seguida o *Sport Club Germânia* (1898), o *Mackenzie Athletic Association* (1898), o *Sport Club International* (1898), o *Clube Atlético Paulistano* (1900), dentre outros.

No Rio de Janeiro, onde o futebol foi introduzido por *Oscar Cox*, o primeiro clube que surgiu foi o *Fluminense Foot ball Club* (1902) o *Rio Fotball Club* (1902), o *Botafogo Football Club* (1904), o *América Football Club*, o *Bangu Athletic Club*, os três em 1904. O Flamengo e o Vasco embora já existissem enquanto clubes de remo, criaram o departamento de futebol respectivamente somente em 1911 e 1923. Ocorreu também o surgimento dos *Esporte Clube Rio Grande*, em Porto Alegre, no ano de 1900. O *Esporte Clube Belo Horizonte* em 1904, o *Clube Náutico Capiberibe* em 1901, o *Vitória Football Club* de Salvador em 1901. Embora tenha ocorrido em vários anos diferentes e em várias cidades, havia uma característica comum, segundo Máximo (1999, p. 182), “aqui e ali o futebol brasileiro nasceu como brinquedo de menino rico. Ou quase”.

O futebol no Brasil era praticado somente por brancos abastados. Bem diferente do futebol que era realizado no Uruguai e na Argentina, sendo ambos de origem popular e compostos por muitos negros. Tecnicamente falando, o futebol uruguaio e o argentino foram por muito tempo, superiores ao brasileiro, o que fez muitos afirmarem que o melhor futebol é de origem popular, porém há controvérsias.

Máximo (1999) expõe que o primeiro craque do futebol brasileiro foi *Arthur Friedenreich*, filho de alemão com negra brasileira, jovem que cresceu dividindo suas práticas futebolísticas entre o clube fechado do pai e as peladas democráticas do bairro da mãe. Assim, *Arthur* era um homem do povo, que se encontrava em pé de igualdade, vestindo a camisa como muitos outros jovens da elite paulistana, porém com um diferencial, nenhum deles conseguiu jogar o quanto ele jogava, habilidades que lhe conferiram o acesso à seleção paulista e depois à brasileira.

Não era qualquer jovem que podia ingressar em um time de futebol. Nas primeiras décadas após o surgimento do futebol, o homem do povo não tinha acesso a ele, sendo tímida esta trajetória do pobre e do negro aos clubes. “O futebol era declaradamente racista” Máximo (1999 p. 183). Tendo em 1921 a recomendação do presidente da República Epitácio Pessoa, que não incluíssem na seleção brasileira mulatos para a ida a Buenos Aires, pois, era preciso velar pela projeção do país no exterior. Todavia, ainda que fosse presente o racismo, a partir dos anos 20, já se podia perceber certa integração entre as classes e as raças – integração do brasileiro.

O futebol brasileiro sagrou-se paixão de forma gradativa, sendo a vitória sobre o Uruguai no final do Campeonato Sul-americano de 1919, disputado no estádio do Fluminense, um marco significativo. Friedenreich marcou o gol da vitória na terceira prorrogação, foi carregado nos ombros da torcida pelas ruas da cidade, foi apelidado de *El*

tigre pelos adversários, teve suas chuteiras expostas em uma joalheria. Daí em diante a paixão era cada vez mais crescente.

1.3.3 - Terceira fase (1933-1950)

Outro marco importante na história do futebol foi sua profissionalização, que foi oficialmente implantada em 1933. No Brasil teve como causa fundamentalmente o conservadorismo, partindo dos clubes que perdiam campeonatos por se negarem a ter em seus times atletas negros. Assim, poderiam contratar jogadores como empregados sem ter necessidade destes frequentarem as sedes sociais, como era de direito dos sócios-atletas. Segundo Pereira (2008, p. 102), “isto possibilitou a inserção de atletas nos grandes clubes sem que fossem considerados critérios sociais ou étnicos. Surgiu, então, o ‘futebol-arte’, o estilo brasileiro por excelência.”

A profissionalização no futebol abriu caminho para grandes craques se consagrarem em campo, como Leônidas da Silva, Waldemar de Brito, Pelé, dentre outros, que pelo fato de serem negros, até então tinham seus ingressos dificultados nos times, uma vez que o futebol brasileiro nasceu no meio de jovens abastados da elite branca da cidade de São Paulo. (AQUINO, 2002).

1.3.4 - Quarta fase (1950-1970)

Esse período foi caracterizado pelo reconhecimento do futebol brasileiro internacionalmente e também pela sua comercialização. Essa forma de apreender o futebol sinalizava que ser campeão mundial era sinônimo de grandeza de todo o país. Essa foi a principal motivação de se ter encarado a derrota para os uruguaios em 1950 no Maracanã, como tragédia nacional (MÁXIMO, 1999).

Até meados da década de 1970, o futebol profissional utilizava estratégias comerciais somente para custear suas despesas enquanto clubes ligados a uma federação, não havia planejamento de *marketing*, os clubes dependiam da contribuição dos sócios, o futebol era uma prática sem fins lucrativos.

Gradativamente o futebol brasileiro foi se apropriando das descobertas científicas, como as tecnologias que abarcam desde equipamentos que viabilizam esquemas táticos até tecidos que permitem a absorção de suor sem impossibilitar a ventilação. Assim, mesclando sua característica de futebol-arte, futebol jogado com maestria, com jogadas elaboradas,

dribles desconcertantes para o adversário, um espetáculo de futebol, com esquemas estratégicos, táticos e fortes. Esse cientificismo vem sendo construído desde meados de 1930, quando começou se a propor o profissionalismo do jogador de futebol.

Essa mudança no futebol tem ocorrido em sua maioria pela grande presença tecnológica nos treinos, dos estudos táticos, dentre outros, o que conota um futebol científico – forte, onde cognição e arte se entrelaçam, onde a “malandragem” e o “molejo” de outrora coexistem com a instituição do clube de futebol enquanto empresa.

Essa concepção do futebol fomentou-se a partir do tripé – integração, profissionalização e paixão – que coroaram o futebol brasileiro em 1970 com o tricampeonato mundial no México e a conquista definitiva da Taça *Jules Rimet*, denotando uma caminhada vitoriosa, o que se voltou contra a possibilidade do futebol ser uma bela amostra do esporte que gerava alegria aos simpatizantes somente, para se tornar num meio de afirmação nacional, funcionando como uma espécie de termômetro que ganhando demonstraria que o país era uma grande nação, perdendo, o contrário era sentido.

O futebol também apresentou nuances políticas, todavia, isto se intensificou no momento posterior à Copa de 1970, onde o Brasil sagrou-se tricampeão mundial. O então general presidente torcedor confesso, que forçou o presidente da CBD – Confederação Brasileira de Desportes, hoje CBF – Confederação Brasileira de Futebol a renunciar ao cargo, que foi posteriormente ocupado pelo almirante Heleno de Barros Nunes, que praticando manobras governamentais, como ganhar votos para o partido do governo, indicava os clubes que iriam participar do campeonato brasileiro.

Um dos resultados desta estratégia do almirante foi a competição chegar a ter mais de 70 equipes, que exaustivamente se enfrentavam sem mesmo terem tempo para treinos, o que contribuiu para o declínio técnico do futebol. Por falta de qualidade do futebol brasileiro, a seleção ficou 24 anos sem chegar a uma final (MÁXIMO, 1999).

Diante do exposto, ainda que tenha surgido e como surgiu, que tenha experimentado as intempéries que enfrentou, de ter que se sujeitar a estratégias políticas, de ter a injusta e grande responsabilidade de “falar” por um país, de jogar por um país, de “ser” um país, o futebol brasileiro sagrou-se encantador, futebol arte, assumindo o paradoxo de também ser tecnicamente refinado, o que resultou no futebol em escala mundial que mais títulos acumulou, que possui um farto celeiro de craques, responsáveis por transações milionárias. Assim, o futebol brasileiro, hoje uma miscelânea de raças e até nacionalidades que trabalham juntas por uma mesma causa – o futebol, rendeu-se aos trâmites globais, rompendo fronteiras

e submetendo-se às imposições econômicas, assim se configura o futebol na atualidade – futebol globalizado.

1.3.5 - Quinta fase (1970-2007/2014)

Neste período o futebol é concebido como globalizado. A partir da década de 1980, o futebol foi se transformando em “futebol-empresa”. Com a globalização da economia e um ambiente político favorável a desterritorialização, que tinha por objetivo converter as singularidades culturais em mercadorias (BARBOSA, 2007), mercantilizou-se o futebol e tudo o que está nele. Fato este que proporcionou grandes mudanças no processo de formação dos atletas, através da “materialização” da possibilidade de ascensão social através deste esporte, principalmente pelo papel da mídia que produz astros, estrelas e fenômenos, que “chegando ao topo de suas carreiras e se tornando celebridades instantâneas, que duram enquanto as luzes dos flashes incidirem sobre eles.” (PEREIRA, 2008 p. 106)

Segundo Pereira (2008), o futebol nunca foi tão espetacularizado e responsabilizado por suntuosas movimentações financeiras quanto neste período. É característico desse período ainda a regulamentação da profissão – atleta profissional de futebol. Esta consta do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE, onde a Classificação Brasileira de Ocupações – CBO confere aos atletas profissionais de futebol o código 3771-10, sendo considerados atletas profissionais de futebol: *atacante - no futebol, atleta de futebol sete, atleta de futsal, esportista no futebol, goleiro, jogador de futebol, meio campista no futebol, zagueiro - jogador de futebol.*

Segundo a CBO, os quadros seguintes expõem a descrição sumária da profissão, as condições de exercício da profissão e a formação necessária.

Figura 3 – A descrição da profissão de atleta profissional de futebol segundo a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO.

Descrição sumária
Tomam parte como profissionais em competições e provas esportivas. Participam, individualmente ou coletivamente, de competições esportivas, em caráter profissional.
Condições gerais de exercício
Os profissionais trabalham em clubes, agremiações esportivas, academias, órgãos da administração pública afetos aos esportes, no ensino etc. Não há regras comuns para todas as modalidades de esporte. Para obterem a profissionalização, seguem regras específicas das agremiações esportivas a que se vinculam, construindo, portanto, trajetórias diferenciadas, baseadas em diferentes combinações entre tempo de exercício do esporte, participação em jogos e eventos, premiações etc. A maioria trabalha como autônomo, em horários irregulares. Em algumas atividades, alguns profissionais podem estar submetidos a condições especiais de trabalho, como pressão psicológica, ruído intenso e altas temperaturas, bem como permanecer por longos períodos em posições desconfortáveis.
Formação e experiência
A escolaridade formal não é pré-condição para o exercício das ocupações desta família. A formação prática dos atletas profissionais pode acontecer tanto por meio de treinos e exercícios realizados individual e/ou coletivamente, em geral, com a supervisão de treinadores ou técnicos, como por meio de participação em provas, competições, jogos e certames.

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego MTE - www.mte.gov.br retirado dia 15/11/2009 as 10:00 horas.

Cabendo aos atletas, enquanto competências pessoais: ser ético, respeitar técnico, árbitros e atletas, trabalhar em equipe, manter auto-estima, manter o equilíbrio emocional, manter auto-confiança, ser disciplinado, ser determinado, adequar-se ao estilo de vida exigido pela profissão, tomar decisões, ter espírito de liderança, ter humildade, ter garra, ser dedicado, participar de programas sociais, dominar o idioma português, ter perseverança, ser sociável, manter boa relação com os meios de comunicação, ter capacidade de lidar com a derrota, ter seriedade. (Extraído do site do MTE)

Aos atletas profissionais de futebol, segundo o MTE, é necessário o conhecimento das áreas descritas, além da execução das atividades igualmente descritas abaixo.

Figura 4 – Requisitos necessários e atividades a serem executadas pelos atletas profissionais de futebol.

Áreas	Atividades
Conhecer regras e regulamentos do esporte	Atualizar-se periodicamente, respeitar as regras, utilizar as regras, conhecer a pontuação da modalidade, conhecer as penalidades da modalidade e participar de congressos técnicos da modalidade.
Definir metas e objetivos de carreira na modalidade	Analisar o calendário de competição da modalidade, fixar metas de resultados para curto, médio e longo prazo e periodizar o treinamento.
Preparar o físico para as competições	Submeter-se a avaliação física e médica, seguir programa de preparação física com orientação profissional, praticar exercícios de resistência muscular, praticar treinamento de explosão, praticar treinamento de flexibilidade, praticar treinamento de velocidade, praticar treinamento de agilidade, praticar treinamento de reflexo, praticar treinamento de força, praticar treinamento físico específico da modalidade e preparar-se psicologicamente para as competições.
Atualizar o preparo técnico	Praticar os fundamentos técnicos da modalidade desportiva, seguir as instruções técnicas atualizadas, participar de programas de intercâmbio, acompanhar eventos esportivos de alto nível, participar de cursos e palestras da modalidade esportiva, participar de torneios e competições não oficiais, simular jogadas em treinamento, utilizar implementos específicos da modalidade e treinar com assiduidade.
Preparar-se psicologicamente para competições	Submeter-se a avaliação psicológica, treinar sob pressão psicológica, treinar concentração, treinar relaxamento, preparar-se para reagir às situações adversas, treinar visualização, treinar memorização, treinar respiração e submeter-se a acompanhamento do psicólogo esportivo.
Manter o preparo nutricional	Submeter-se a exames específicos para identificar carências de minerais e vitaminas, consultar nutricionista, seguir o programa nutricional fixado pelo nutricionista, controlar o peso, repor líquido durante e após treinamento e competição e evitar a ingestão de substâncias prejudiciais à prática desportiva.
Desenvolver estratégias e táticas para a competição	Simular situações de jogos e competições, definir o estilo de competição próprio, analisar o comportamento do adversário, analisar tecnicamente o adversário, anular os pontos fortes do adversário, explorar os pontos fracos do adversário, analisar os obstáculos naturais do local da competição, explorar o melhor posicionamento para atuação dentro da área de competição, desenvolver os meios específicos para execução da estratégia e analisar as condições físicas e climáticas do local da competição.
Participar de competições desportivas oficiais	Conhecer o local da competição, conhecer o tipo de piso do local da competição, usar o material esportivo adequado às características do local da competição, usar o material adequado à modalidade esportiva, ser filiado às entidades responsáveis pela modalidade esportiva (conf., feder., associações.), submeter-se à pesagem oficial, conhecer o regulamento da competição e cumprir os horários pré-determinados pela comissão organizadora.

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego MTE - www.mte.gov.br retirado dia 15/11/2009 as 10:00 horas

Considerados profissionais, pertencendo a uma categoria profissional, que prima por resultados e não necessariamente a vitória em si, os atletas necessitam se submeter a imposições táticas e técnicas que muitas vezes os impedem de praticar o esporte livremente, com a criação de jogadas espetaculares. Assim, o futebol-arte³, característico de muitos jogadores brasileiros, se mistura com o futebol-força, resultante de esquemas táticos⁴ e racionalidade do esporte, denotando com isso a prática futebolística que presenciamos na atualidade. Para Barbosa (2007), a busca de resultados por parte dos times, enquanto uma maneira de retorno financeiro, ofusca muito a possibilidade de uma demonstração de futebol rica em passes criativos, demonstrando a “malandragem”, o “jeitinho brasileiro”, o verdadeiro futebol-espetáculo, enquanto possibilidade de expressão de identidade nacional, que se esvai, em meio a jogos elaborados com tecnologia e com finalidade bem especificada *a priori*, jogos duros e agressivos.

Com o surgimento dos esquemas táticos no futebol contemporâneo, ele transformou-se em um futebol onde desenvolvimento cognitivo, força e resistência são fatores primordiais. E é neste contexto que a agressividade se faz presente, justificada pela necessidade de bons resultados.

Segundo Bidutte *et. al* (2005), a agressividade no futebol é multifatorial, estando associada a: ansiedade, grau de importância do jogo, situação de visitante jogando no estádio do adversário, tendo a torcida contra, nível de rendimento dos jogadores, o comportamento dos técnicos e dirigentes, dentre outros. Podendo ser dividida entre agressividade instrumental e agressividade hostil ou reativa.

A primeira tem por objetivo alcançar suas próprias metas ou impedir que um jogador adversário atinja sua meta, todavia, muito embora possa envolver situações de danos ao adversário, é motivada por questões inerentes ao jogo, não tem intenção explícita de prejudicá-lo, caracteriza-se como benéfica para o atleta e para o jogo, um exemplo seria o impedimento de um chute a gol. Já a agressividade hostil ou reativa, é contrária, pois tem a

3 O futebol-arte consiste num futebol criativo, com belos arranjos de passes. Segundo Samulski, *et. al.* (2001 p. 57), a criatividade se manifesta no sentido de algo inesperado, inovativo ou fora dos padrões normais de ação que o atleta consegue realizar na modalidade em que ele está inserido.

4 O conhecimento tático é oriundo de vários processos cognitivos, envolvendo parâmetros relacionados ao pensamento criativo, a inteligência de jogo e outros aspectos cognitivos como a tomada de decisão. Samulski, *et. al.* (2001 p.63).

intenção explícita de prejudicar ou lesar o adversário, sendo maléfica tanto ao jogador que a sofre, quanto ao que a pratica, pois tal ato pode redundar em sua expulsão.

Para analisar a agressão no esporte é preciso enquadrá-la sócio-culturalmente, considerar as regras da modalidade esportiva em questão, além de interpretação dos atos agressivos pelo observador. Segundo Bidutte *et. al.* (2005), as ações coletivas são facilitadoras de comportamentos agressivos, devido a difusão da responsabilidade das ações à equipe.

A agressividade no esporte torna-se um problema social, podendo refletir tensões sociais mais amplas e a agressividade existente na própria sociedade. A agressividade na prática esportiva reflete fatores sociológicos, fatores de personalidade e de formação do atleta, fatores associados ao treino e à competição (treinador, claques, contexto desportivo) e fatores sociais mais amplos, por exemplo, a forma como o tema aparece tratado na comunicação social. (Bidutte *et. al.* 2005 p. 183)

Todos esses fatos e vários outros descrevem o futebol na contemporaneidade, todavia, além dos descritos acima, cabe expor um dos principais mecanismos psicológicos que fomentam a lógica futebolística na atualidade. Ela consiste na concepção do atleta e de todas as engrenagens que o subsidiam em sua prática desportiva, a partir do mito do herói e da descrição das insígnias identitárias inerentes a estes valores galgados.

As insígnias identitárias destes valores são inscritas no corpo e no modo de ser destes profissionais, que são respaldados pela cultura do belo, do bem estar, do corpo atlético e da felicidade na contemporaneidade, que prima por parecer em detrimento de ser, colocando assim as virtudes dos sujeitos em segundo plano.

Segundo Valle (2003 p. 249), “ele busca compor uma exterioridade capaz de seduzir o olhar do outro, e é por isso que a imagem surge como condição de possibilidade de captura do outro”. É o desejo por ser admirado, olhado pelo outro, ainda que isto custe pressões e cobranças.

Sendo com isso “executores” para uma platéia de espectadores desta sociedade do espetáculo, que prima por *performances* de heróis, de homens que transpõem obstáculos intransponíveis, que se superam e superam os outros a todo instante, que buscam a excelência ininterruptamente. Estes profissionais somente valorizam a bela performance e bons resultados, o que agrega valor ao desporto realizado pelos mesmos.

No esporte de alto rendimento, o mito do herói é largamente desejado, pois, demonstra um *status* de ser querido, respeitado e referenciado como exemplo de superação de obstáculos

díficeis, traz consigo a idéia de bravura pessoal e de destemor. Sendo a força física, a destreza e a coragem suas marcas, tendo a inteligência como complemento, carregando as insígnias da vitória. (RUBIO, 2001).

A concepção de mito por parte dos atletas consiste numa idealização, que fomenta o anseio irracional do pensamento humano. Onde o mito “é ainda uma forma de transcender ao mundo cotidiano de todos os dias e penetrar num mundo transfigurado, auroral, impregnado da presença do sobrenatural.” (RUBIO, 2001 p. 86).

A lógica da superação, alimentada pelos heróis, possui sua gênese na vitória sobre si próprio, demonstrando a capacidade que estes possuem de triunfar do caos. O herói se manifesta de dois tipos possíveis: o herói físico e o herói místico.

O herói físico é aquele que, diante de monstros que lhe limitam o caminho, faz uso das armas que possui para se proteger, matando o inimigo; o herói místico, por sua vez, empreende uma viagem optando por um outro caminho, pra dentro de si mesmo, e suas armas não cortam nem matam, fazem-se defender de inimigos que o impedem de seguir sua jornada rumo ao centro, ao Uno, ao integral, ao completo. (RUBIO, 2001 p. 95)

O herói enquanto figura mítica é aquele indivíduo mortal que através de algum feito extraordinário, aproxima-se dos deuses. A realização de prodígios é a resultante de força, astúcia e coragem, todavia, os heróis são aqueles que são dotados não apenas de força física, mas de capacidades de realização que vão além do que a força bruta lhe proporciona.

O atleta de alto rendimento se identifica com o herói não somente nas disputas que se assemelham às batalhas e na vitória em si, mas no enfrentamento de um mundo desconhecido muitas vezes distante da família, num clube novo onde desconhece também os companheiros de labor, um obstáculo que carece de persistência, determinação e paciência, para ser transposto. (RUBIO, 2001)

Os mitos nos desportos são tidos como figuras sobre-humanas, os atletas ciborgues de Haraway (1991), figuras que não se dissociam das imagens que os coisificam, conforme Butryn (2002) e Loland, (2002), realizadores de feitos heróicos. Todavia, esta condição de herói é volátil, carecendo dos mesmos uma constante disciplina (ELIAS E DUNNING, 1995), uma vida regrada para se manterem no posto, além de uma rotina desgastante de treinos e jogos, distanciamento dos familiares, exposição na mídia, além da falta de liberdade em serem pessoas normais, frágeis, que vivenciam incerteza e angústias como qualquer outra pessoa. Isso resulta em isolamento e distanciamento de uma vida como a dos demais. Mas, eles precisam manter o posto de exemplos, ídolos, independentes, realizadores de feitos

extraordinários, quebradores de recordes, heróis para a sociedade a que pertencem, identificados com guerreiros que tem por objetivo a força, como atividade a coragem e o medo como fraqueza. (RUBIO, 2001) Isto associado à tecnologia de ponta dos materiais utilizados na confecção dos utensílios que viabilizam a prática do esporte, transformam estes sujeitos em seres sobre-humanos, inseridos na coesão indissociável da lógica da superação crescente presente no esporte contemporâneo (MIAH e EASSOM, 2002).

Diante do exposto, convém mencionar a importância ímpar da mídia na difusão destes ideais esportivos, no estelato em que discorre sobre o atleta, especificamente o jogador de futebol, fazendo “fenômenos” “imperadores” dentre outros adjetivos que denotam imponência. Assim,

Transformando em espetáculo pelos meios de comunicação, o esporte enquanto signo da sociedade contemporânea remete a imagem do viver bem, estar bem consigo, ser vitorioso, transmitidos como ideais a serem atingidos pela média da população. (RUBIO, 2001 p. 103)

Percorrer o imaginário esportivo na contemporaneidade é ceder a um convite ousado, porém desafiador, pois é colocar-se frente a questões de ordem tanto objetivas e materiais quanto subjetivas e abstratas, que revelam-se na teia social das relações interpessoais. Sendo permeadas por valores ideológicos de uma postura globalizante e ao mesmo tempo solitária e narcísica por parte daqueles que vivenciam o esporte em sua plenitude.

Diante do exposto, faz-se pertinente salientar, que a pesquisa em questão delimitou os seus participantes. Os trabalhadores do futebol são os diretores de clubes, os treinadores e técnicos, os fisioterapeutas, os massoterapeutas, preparadores físicos, psicólogos, nutricionistas, roupeiros, médicos, jardineiros, funcionários administrativos dos clubes, dentre outros. No presente estudo, optou-se por pesquisar os atletas de futebol categoria adulto, tidos como profissionais, que atuam em clube da série A, que possuíssem uma rotina voltada para a prática de sua atividade laboral, além de possuírem vínculo empregatício via contrato de trabalho com o time de futebol pesquisado.

Os dados oriundos das entrevistas realizadas com os participantes foram analisados a partir da Psicodinâmica do Trabalho, abordagem esta que será exposta no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2 - CONTRIBUIÇÕES DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

As discussões a respeito do mundo do trabalho, que resultaram na abordagem da Psicodinâmica do Trabalho, iniciaram-se na França, em meados da década de 1980, sendo Christophe Dejours, um médico do trabalho, psiquiatra e psicanalista francês, seu principal autor. Ele começou a escrever sobre a psicossomática, abordando a relação entre saúde mental e trabalho, ainda na década de 1970, todavia, foi com a publicação em 1987 do livro *Travail: usure mentale* (em português foi publicado com o título: “A loucura do trabalho”), que as visões anteriores da Psicopatologia do Trabalho sofreram um impacto.

Crítico das abordagens positivistas que norteavam as pesquisas em medicina do trabalho, Dejours propôs uma nova modalidade investigativa, que valorizava a clínica do trabalho, utilizando a Psicanálise para estudar o impacto do trabalho no psiquismo humano, inserindo ainda os pressupostos teóricos das ciências sociais nas discussões sobre o trabalho (DEJOURS, 1994). Tal abordagem caracteriza-se como um convite para se pensar o trabalho de maneira transdisciplinar, transpondo as barreiras de realidades fragmentadas.

A Psicodinâmica, em seus conceitos básicos, explica que:

Suas bases conceituais são elaboradas a partir da análise da dinâmica inerente a determinados contextos de trabalho, caracterizada pela atuação de forças, visíveis e invisíveis, objetivas e subjetivas, psíquicas, sociais, políticas e econômicas que podem ou não deteriorar esse contexto, transformando-o em lugar de saúde e/ou de patologias e de adoecimento. (MENDES, 2007 p. 29)

Assim, Dejours juntamente com sua equipe, ao desenvolver os pressupostos da abordagem da Psicodinâmica, seguiu uma trajetória histórica, que foi marcada por três fases distintas, porém, que se complementam na construção do conhecimento a respeito da dinâmica psíquica que envolve o trabalho.

A primeira fase foi marcada com a publicação de “*Travail: usure mentale*” em 1987, conforme mencionado acima. O cenário dos estudos referentes ao trabalho foi ocupado pelos estudos sobre o sofrimento e da sua origem a partir do embate entre o sujeito trabalhador e a organização do trabalho. Nesta fase, a Psicodinâmica tinha o intuito de compreender o sofrimento e as estratégias defensivas individuais e coletivas, dos trabalhadores que faziam frente ao sofrimento.

Dejours, quando começou suas investigações a respeito dos aspectos patológicos do trabalho, nomeou sua abordagem de Psicopatologia do Trabalho, conforme suas investigações iam se desenvolvendo, ele descobriu que além de sofrimento, o trabalho também

proporcionava prazer. Isso o motivou a mudar o nome da abordagem por ele proposta, de Psicopatologia do Trabalho para Psicodinâmica do Trabalho. (LANCMAN & SZNELWAR 2004, MENDES, 2007 e DEJOURS 1994).

Diante de suas descobertas a respeito da dinâmica psíquica do trabalho, Dejours elege como objeto da Psicodinâmica, “o estudo das relações dinâmicas entre organização do trabalho e processos de subjetivação” (MENDES, 2007 p. 30). Atribuição de sentido ao trabalho, através da ressignificação do sofrimento por meio de pensamentos, sentimentos e ações individuais e/ou coletivas, ou seja, através dos processos de subjetivação.

Assim, para Dejours é de fundamental importância em estudos da Psicodinâmica do trabalho, considerar a exigência feita ao trabalhador, por parte da organização do trabalho, quanto ao engajamento no mesmo, além da mobilização dos trabalhadores frente ao labor.

A segunda fase foi marcada com a publicação de duas obras, um *addendum* à 12ª edição de *Travail: usure mentale – essai de psychopathologie à la psychodynamique du travail* em 1993, sendo traduzido para o português em 2004 com o título “Cristophe Dejours: Da Psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho”, e a publicação, em 1995, de *Le Facteur Humain*, publicado em português em 1999 como “O fator Humano”.

Nessa fase, o que ele aborda são os desdobramentos do sofrimento em direção à saúde, a partir das estratégias utilizadas para confrontar a organização do trabalho, promovendo saúde, evitando adoecimento, e garantindo a produtividade. As vivências de prazer-sofrimento são tidas como dialéticas e inerentes à realidade do trabalho. A proposta não é a eliminação do sofrimento, mas sua transformação por meio de ações sensíveis pelos dos arquitetos das organizações do trabalho, direcionadas aos trabalhadores, que proporcionem a ressignificação do sofrimento, desenvolvendo criatividade, fomentando a construção de identidade e resistência por parte do trabalhador quanto ao risco de desestabilização psíquica e somática. (LANCMAN & SZNELWAR, 2004, MENDES, 2007 e DEJOURS, 1994).

O Processo de ressignificação do sofrimento, passa pela constituição de instâncias coletivas e pela instauração de uma ética, onde são desenvolvidos alicerces como confiança recíproca e reconhecimento da singularidade de cada trabalhador, respeitados em suas capacidades e sentimentos. Este processo é condição *sine qua non* para a construção de sentido do trabalho, mobilização conjunta de sentimentos e habilidades para a sublimação e criatividade. (DEJOURS, 1994).

Segundo Lancman e Sznelwar (2004), um dos fatores mais significativos para a Psicodinâmica é a importância do trabalho na constituição da identidade. É compreendida como uma construção desenvolvida por toda a vida do sujeito, vinculada a noção de alteridade e que se faz ininterruptamente através das trocas dos sujeitos em seus contextos sociais, onde é o “olhar do outro”, que fomenta a construção da identidade individual e social, constituindo sua singularidade em meio a diferenças.

Alguns conceitos da Psicodinâmica do Trabalho foram desenvolvidos nesta fase, como: as estratégias defensivas e o reconhecimento. Essa fase foi caracterizada como a fase de surgimento da “Clínica do Trabalho”, onde se primou por intervenções concretas em situações de trabalho específicas com a finalidade de elaborar teorias que contemplem outras realidades laborais. (LANCMAN e SZNELWAR, 2004)

A Clínica do trabalho busca desenvolver o campo da saúde mental e do trabalho, apreendendo como os trabalhadores experienciam a diferença entre o trabalho prescrito e o trabalho real, a partir dos processos psíquicos envolvidos, formulando com isto, avanços teóricos e metodológicos. Para Mendes (2007 p. 32), “O conhecimento científico em psicodinâmica envolve a análise (que pressupõe ação) da organização do trabalho e dos modos de subjetivação, ou seja, a clínica do trabalho.”

Essa clínica é o espaço de troca, espaço de fala e de escuta do sofrimento, primando pela reconstrução da capacidade de pensar a organização do trabalho, e com isso buscar o prazer, adquirindo saúde como consequência. Assim, a clínica do trabalho desestabiliza a rigidez imposta e apreende o trabalho enquanto processo de subjetivação.

Finalmente, a terceira fase iniciada na década de 1990 vigorando até os dias atuais, foi marcada pela publicação de três livros: *Souffrance em France*, publicado em 1998, traduzido para o português em 1999 como a *Banalização da Injustiça Social*; o prefácio para a 13ª edição do livro: *Travail: usure mentale- essai de psychopathologie du travail* e o *addendum Nouvelles formes d'organisation du travail ET lésions par efforts répétitifs (LER): approche par La psychodynamique du travail*, publicado em 2000; e o livro *L'évaluation du travail à l'épreuve du réel: critique des fondements de L'évaluation*, publicado em 2003.

Nesse momento da história da Psicodinâmica, o foco não consistia mais nas vivências de prazer-sofrimento do trabalho em si, mas no modo de subjetivação destas vivências, adotado pelos trabalhadores, o sentido que elas assumem e a utilização de estratégias defensivas, diante das novas formas de organização do trabalho. Visava delinear as novas tendências e caminhos desenvolvidos pela Psicodinâmica, que sinalizam para uma apreensão das vivências de prazer-sofrimento e as estratégias de enfrentamento, a partir da

consideração das consequências sociais do embate entre organização do trabalho, ação e sofrimento. (LANCMAN & SZNELWAR, 2004 e MENDES, 2007)

Assim, a Psicodinâmica do Trabalho teve sua origem, nas questões levantadas pelos estudos da Psicopatologia do Trabalho, que investigavam as relações entre saúde mental e trabalho. Mais precisamente, os impactos da organização do trabalho no psiquismo do trabalhador.

Assim como expõe Silva (1994, p. 14):

Mais do que um estudo voltado para identificar doenças mentais específicas correlacionadas à profissão ou situações de trabalho, a abordagem da nova psicopatologia do trabalho está preocupada com a dinâmica mais abrangente, que se refere à gênese e às transformações do sofrimento mental, vinculadas à organização do trabalho.

A abordagem Psicodinâmica do Trabalho lida com questões inerentes à saúde psicológica dos trabalhadores, no contexto do trabalho, a partir da análise pormenorizada da inter-relação, entre as mazelas psíquicas oriundas da concepção de trabalho no modo de produção capitalista, e possível resistência por parte dos trabalhadores, no processo de enfrentamento do sofrimento vivido no contexto organizacional (DEJOURS, 1992).

Além de considerar os aspectos patológicos do trabalho, que comprometem a saúde mental do trabalhador, é importante também ressaltar as funções que o trabalho possui na constituição do sujeito e em sua própria integração social, indo além de um ato de trabalhar ou comercializar sua força de trabalho em troca de remuneração. Há uma remuneração social pelo trabalho, o que o caracteriza como um fator de integração social. O trabalho possui uma função psíquica e social, por isso ele se constitui como um dos pilares de constituição do sujeito e de sua rede de significados, haja vista, que processos como reconhecimento, mobilização da inteligência, gratificação, dentre outros, estão relacionados com a constituição da identidade e da subjetividade (LANCMAN & SZNELWAR, 2004).

Apreendendo o trabalho de forma mais complexa, indo além de simplesmente força física e intelectual, empregada em favor de algo e em troca de algo e considerando-o como um fenômeno bio-psico-socio-histórico, Dejours se propõe a investigar os aspectos psicoafetivos do trabalho, gerados pela dinâmica dos conflitos intersubjetivos e intrasubjetivos. Assim, a análise que é proposta, considera os aspectos psicodinâmicos do trabalho.

Para Lancman e Sznelwar (2004, p. 94):

A análise psicodinâmica é um termo proveniente da teoria psicanalítica, designa o estudo dos movimentos psicoafetivos gerados pela evolução dos conflitos inter e intra-subjetivos. A análise psicodinâmica estende-se até a esfera da concretude e aponta seletivamente o drama vivido, seu conteúdo e o sentido que reveste para aquele que o vivencia.

A abordagem proposta por Dejours nasceu com o intuito de compreender como os trabalhadores, que ao se submeterem às pressões oriundas do trabalho, conseguiam não se comprometer significativamente do ponto de vista psicológico, desenvolvendo algum tipo de doença. Isto constitui um fator intrigante para a abordagem Psicodinâmica, ou seja, a possibilidade de certa “normalidade” ainda em meios tão propícios à presença de doenças (DEJOURS, 1992).

Outra significativa contribuição da Psicodinâmica do Trabalho é sua consideração a respeito da importância do trabalho na constituição da identidade do sujeito. Esta identidade é construída ao longo de toda a vida a partir das relações do cotidiano, dentre elas as de trabalho. É através do olhar do outro, que emergem as possibilidades de trocas, tanto materiais quanto afetivas, gerando com isso identidade tanto individual quanto social.

Para Lancman e Sznelwar (2004), o ambiente de trabalho é propício para essas trocas, sendo mediador desta construção de identidade e da constituição da vida psíquica. A partir disso, permitindo o confronto entre o mundo externo e o mundo interno do trabalhador. Este conflito entre o mundo externo, com suas regras, lógicas e valores e o mundo interno e subjetivo constituído pelas particularidades de cada trabalhador, é o principal agente de promoção de sofrimento psíquico.

Assim, se por um lado o mundo do trabalho é gerador de sofrimento e alienação, por outro, é este mesmo mundo que oferece aos trabalhadores a oportunidade de crescimento e desenvolvimento psíquico.

Para Dejours (1994), este crescimento psíquico tem suas origens, no reconhecimento, que seria uma retribuição esperada pelo indivíduo, sendo esta de natureza simbólica, no sentido de gratidão, podendo fomentar a construção do sentido do trabalho para o trabalhador. Esta dinâmica caracteriza-se como uma das mais importantes contribuições na transformação do sofrimento em prazer no contexto do trabalho.

Na compilação de sua teoria, Dejours, propõe categorias de análise das relações de trabalho, como: organização do trabalho; condições de trabalho; relações de trabalho, vivências de prazer e sofrimento e estratégias de enfrentamento, que serão abordadas a seguir.

2.1 - Organização do Trabalho

A Organização do Trabalho é considerada enquanto uma relação socialmente construída, indo além de considerações de cunho apenas tecnológico. Ela representa os valores sociais e de uma realidade complexa. Assim, pode-se representar a categoria de organização do trabalho assinalando seus principais componentes, conforme a figura 5.

Figura 5 – Principais componentes da Organização de Trabalho



A organização do trabalho está diretamente ligada a normas e regras de trabalho delegadas ao trabalhador. Ela apresenta em seu escopo contradições entre o exigido (quase sempre oriundo de imposições de terceiros) e a possibilidade de execução real do trabalho, por parte do trabalhador (DEJOURS, 1994).

A organização do trabalho prescrita está relacionada às normas e aos métodos de trabalho estabelecidos para o trabalhador, sendo impostas por terceiros, eliminando seu livre executar. Estes desenhos laborais são alheios às reais necessidades dos trabalhadores no

contexto do trabalho. Os procedimentos são apresentados aos trabalhadores sem se considerar as individualidades, características pessoais, de personalidade e ergonômicas dos postos de trabalho. Apresentando aspectos rígidos de execução, que tornam as regras de execução do trabalho inaplicáveis, a partir desta incoerência, os trabalhadores são levados a transgredir as regras e transpor as imposições para tornarem o trabalho possível de ser realizado.

No ato laboral, o trabalhador atua sob determinadas ordenanças que possibilitarão a realização de tarefas a ele impostas. A Organização do Trabalho não se refere somente ao conteúdo significativo imposto pela divisão do trabalho, mas como também ao conteúdo ergonômico, ou seja, a postura, os gestos, que visam à economia do corpo em situação de trabalho.

Dejours (1994) explica a diferença entre organização de trabalho real e organização do trabalho prescrita, apontando seus significados para o psiquismo do trabalhador. Morgan (1996), discorre a respeito das Organizações do Trabalho, comparando-as à prisões psíquicas, que oferecerem formas de raciocínio preestabelecidas, conotando uma proposta de autoconfinamento destituída de escolha. Pois, a tarefa a ser realizada é definida *a priori*, sem permitir ao trabalhador que crie meios pessoais de execução, restando a ele somente aderir ao processo alienante da organização do trabalho, que lhe é imposto.

Conforme Dejours e Abdoucheli (1994) e Dejours e Jayet (1994) a Organização do Trabalho, consiste numa relação intersubjetiva e socialmente construída, que passa por negociações e compromissos entre homens. Sendo também objeto de um complexo jogo de relações sociais de trabalho.

As considerações a respeito da Organização do Trabalho necessitam ser pautadas na importância e na influência da subjetividade, que estão presentes nas relações e no contexto da organização, a partir de suas manifestações psicoafetivas individuais e coletivas (MORGAN, 1996 e DEJOURS, 1994). Assim, “a relação do homem com a organização é a origem da carga psíquica do trabalho. Uma organização do trabalho autoritária, que não oferece uma saída apropriada à energia pulsional, conduz a um aumento da carga psíquica.” (DEJOURS, 1994 p. 30).

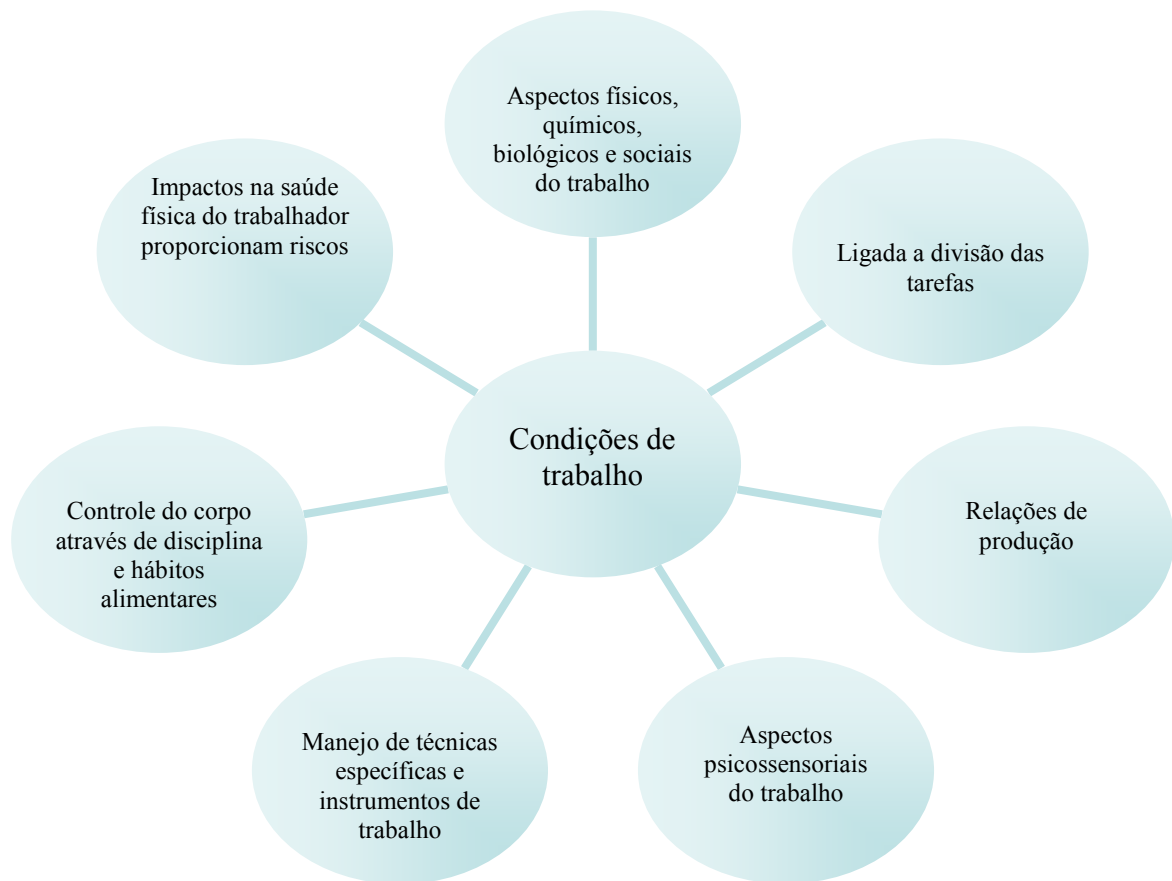
Diante do exposto, para se transformar um trabalho fatigante em um trabalho prazeroso, é preciso flexibilizar a Organização do Trabalho de maneira a proporcionar liberdade ao trabalhador para rearranjar seu modo de operacionalizar sua tarefa, tendo como objetivo fim, além do produzir, a obtenção do prazer em seu labor, diminuindo sua carga psíquica de trabalho. Pois, segundo Dejours (1994) o emprego das aptidões psicomotoras, psicossensoriais e psíquicas, podem ser condições de prazer do trabalho.

2.2 - Condições de Trabalho

Compreendem-se por Condições de Trabalho os aspectos inerentes ao ambiente de trabalho, no que diz respeito às pressões físicas, mecânicas, químicas e biológicas, das lotações de trabalho. Sendo compreendidas como condições estruturais que viabilizam as ações objetivas do trabalho na organização. (DEJOURS, 1994)

As Condições de Trabalho, conforme a Psicodinâmica do Trabalho pode ser esquematizada conforme diagrama da figura 6.

Figura 6 – Principais componentes das Condições de Trabalho



Segundo Dejours (1992), as Condições de Trabalho envolvem aspectos físicos e sociais da própria organização. Podendo ser temíveis em organizações rígidas e inflexíveis. Assim, mesmo as más condições de trabalho são menos temíveis do que uma Organização de Trabalho rígida, pois esta diminui a adaptação do trabalhador aos aspectos produtivos da

empresa, em conformidade com suas características pessoais, pois essa situação não permite que o trabalhador faça uma adaptação do trabalho à sua personalidade.

Dejours (1994) afirma que as Condições de Trabalho estão diretamente relacionadas à divisão das tarefas, relações de produção, adequação e manejo dos instrumentos de trabalho, utilização de técnicas específicas, utilização do corpo e pressões psicossensoriais. O trabalho, além de proporcionar aquisição de habilidades, o *saber-fazer* de Lancman e Sznelwar (2004), possibilita a transformação tanto do sujeito quanto do contexto ao seu redor e ainda proporciona impacto na saúde física e predispõe o trabalhador a riscos, que concomitantemente necessitará de segurança para a realização do mesmo.

A partir das considerações a respeito das Condições de Trabalho, Dejours (2004) afirma que nem todos os desempenhos de atividades impostas de trabalho são possíveis, tendo em vista que o corpo apresenta um limite não-ultrapassável. Sendo isto de importância significativa na compreensão do sofrimento oriundo do distanciamento entre a tarefa prescrita e a tarefa realizável. O corpo necessita ser considerado nos aspectos ergonômicos, bem como nos aspectos da individualidade de cada trabalhador, juntamente com sua personalidade.

As pressões oriundas das Condições de Trabalho, conforme Dejours e Abdoucheli (1994) têm por alvo principal o corpo dos trabalhadores. Na concepção de Rodrigues (2004), o corpo na modernidade além de ser disciplinado, está concebido através do poder disciplinador enquanto força de trabalho, capaz de proporcionar mais rendimentos, àqueles que compram mão-de-obra, quanto mais disciplinado para o trabalho estiver.

Este controle do corpo, assim como a maioria das modernas propostas capitalistas, é discreto e até mesmo invisível, trabalhando na sutileza das “exigências do mercado”. Condição que impossibilita ao trabalhador usufruir de liberdade e autonomia para a realização de suas tarefas, o que corrobora para a negação da realidade do trabalho e das dificuldades inerentes a esse distanciamento (LANCMAN & SZNELWAR, 2004).

O corpo estando totalmente inserido nos processos de trabalho no modo de produção capitalista consiste em mais uma mercadoria - enquanto mão de obra, a ser “comercializado”, com todas as características mercadológicas que as mercadorias possuem. Precisou ser domesticado (disciplinado), de modo a poder transitar “tranquilamente” no mundo industrializado (PADILHA, 2006). O que fomenta uma dificuldade de identificação das mazelas oriundas das Condições de Trabalho para com os trabalhadores, especificamente entre tarefas prescritas e tarefa realizável, ou seja, entre o que é designado para ser executado e o que é realmente feito.

O discurso moderno do trabalho gira em torno do corpo, pois ele precisa ser domesticado dentro dos moldes, regras, técnicas e discursos do trabalho no contexto capitalista, sendo a partir disto, poderosos instrumentos legitimadores do controle do corpo. Quanto aos aspectos subjetivos, ao trabalho supõe-se uma ação coordenada e intersubjetiva, onde as pessoas se compreendem, se opõem, lutam entre si ou concordam sobre a base de princípios que não decorrem apenas da técnica, mas também da ética, dos valores e das crenças de cada trabalhador.

Assim, o trabalho não é só fonte de provisão de sustento. É, também, um espaço de troca entre pessoas, uma possibilidade de inserção social em que os aspectos físicos e psíquicos estão entrelaçados. O trabalho pode ser um fator de degradação, de envelhecimento e de patologias graves, porém, pode constituir-se, também, em um fator que fomenta o equilíbrio.

Assim, segundo Dejours (1992 p. 143):

o trabalho é favorável ao equilíbrio mental e à saúde do corpo, desde que “exigências intelectuais, motoras ou psicossensoriais da tarefa, estejam de acordo com as necessidades do trabalhador e desde que o conteúdo do trabalho seja “fonte de uma satisfação sublimatória.

Para Dejours e Abdoucheli (1994), é preciso considerar no trabalho a dimensão organizacional em sua interação singular-coletivo, isto é, as relações de produção e a divisão das tarefas. Nesse sentido, as considerações sobre o trabalho devem transpor as barreiras das pressões físicas, químicas, biológicas e até psicossensoriais do posto de trabalho.

2.3 - Relações de Trabalho

As considerações a respeito das Relações de Trabalho abarcam os aspectos dos vínculos afetivos entre os trabalhadores no ambiente da organização. Pode ser de suma importância na análise das mesmas, pois são referências das pessoas, enquanto formação do sentimento de identidade social. Os principais aspectos das relações de trabalho são expostos no diagrama da figura 7.

Figura 7 – Principais componentes das Relações de Trabalho



Segundo Dejours (1992), entende-se por Relações do Trabalho todos os laços humanos criados pela organização do trabalho: relações com a hierarquia, com as chefias, com a supervisão e com outros trabalhadores – e que às vezes são desagradáveis ou até insuportáveis.

No contexto capitalista de produção, as relações de trabalho expressam relações de poder entre os agentes sociais em interação constante. Os meios pelos quais se exerce relações de poder, para Zalesnik e Kets De Vries (1981), são impostos pela organização através de regras e regulamentos, podendo ser formais e não-formais, além de manifestarem-se pelos signos interiorizados pelos trabalhadores. Apoiando-se na capacidade de uma classe ou categoria social de definir e realizar seus objetivos específicos mesmo contra a resistência ou interesses de outros grupos, se opondo ou mesmo se impondo ao trabalhador.

Dejours (1994) considera nessa situação a presença do desejo de dominar, de controlar, de explorar ao máximo a força de trabalho, isto é, de boicotar o livre arbítrio do trabalhador pela injunção do empregador, respaldado por considerações técnicas. O

trabalhador é, de certa maneira, despossuído de seu corpo físico e psíquico, que é assujeitado, domesticado, tornando-se refém da vontade de outros.

Um ambiente de trabalho adequado é condição necessária para o desempenho profissional e fomento de uma convivência saudável entre níveis hierárquicos. Dejours e Abdoucheli (1994) afirmam que, no alicerce da hierarquia da empresa, não há lugar para o sujeito e que, no seu topo, há muito, pois a subjetivação do trabalho cresce conforme se aumenta o posto hierárquico. Os autores admitem que a organização do trabalho consiste na vontade de outro, de um grupo de outros ou de uma instituição, que se opõe ou mesmo se impõe ao trabalhador.

Para uma melhor compreensão das relações de trabalho, da intensidade dos vínculos afetivos, do clima entre as pessoas e do tipo de relação existente entre elas, faz-se necessária uma investigação dos conflitos dos trabalhadores com seus colegas, superiores e subordinados. Pois, esta compreensão é importante para a apreensão das vivências de sofrimento no trabalho.

2.4 - Mobilização Subjetiva do trabalhador

A Mobilização Subjetiva é caracterizada pela utilização de recursos psicológicos, por parte do trabalhador, na criação de procedimentos que superem a rigidez das regras de trabalho estabelecidas, estando na esfera tanto cognitiva quanto afetiva, minimizando e/ou resignificando o sofrimento no trabalho. Conforme Santos (2008 p. 108):

A adequação homem-trabalho exige não apenas um conteúdo excepcionalmente interessante da tarefa, mas também uma adaptação do prazer obtido no trabalho ao desejo do profissional, o que lhe permite enfrentar a cada dia as condições particularmente nocivas do trabalho e a tolerar o medo.

A “normalidade” tida enquanto resultante da dinâmica humana, em que as relações intersubjetivas no trabalho, viabilizam a criação de estratégias de defesa, tanto individuais quanto coletivas, com o intuito de combater o sofrimento e proporcionar saúde no trabalho (MENDES, 2007 e ROSSI, 2008).

Adotando a normalidade como objeto de estudo, a Psicodinâmica do Trabalho passou a contemplar a dinâmica dos processos psíquicos na interação com a organização do trabalho. Percebendo com isso, a possibilidade de resgate do sentido do trabalho através da transformação do sofrimento em prazer, via reconhecimento de outros (ROSSI, 2008).

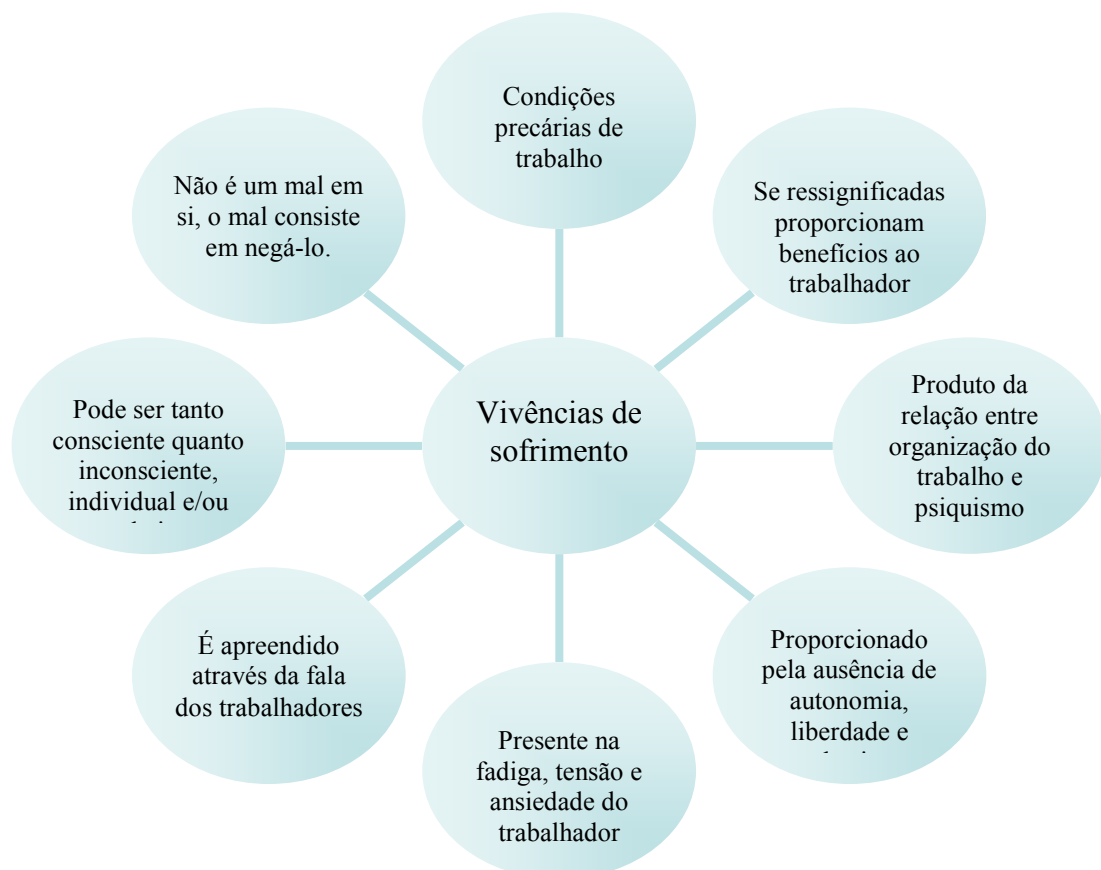
Todavia, se a dinâmica do reconhecimento for faltosa, o sofrimento não pode mais ser ressignificado, transformando-se em prazer ou nela encontrar sentido: só pode gerar acúmulos que levarão o indivíduo a desenvolver patologias de descompensação psíquica ou somática, o que fomenta crise de identidade.

Se falta o reconhecimento, os sujeitos desenvolvem estratégias defensivas para evitar a doença mental, refletindo negativamente na organização do trabalho. A dinâmica do reconhecimento nas situações de trabalho sugere que a cooperação é indissociável da economia da identidade e da saúde mental no trabalho, conforme Lancman e Sznelwar (2004).

2.4.1 - Vivências de Prazer e Sofrimento

As relações no trabalho podem proporcionar tanto vivências de prazer, quanto de sofrimento. Sendo prazer-sofrimento um construto único, que emerge da relação do trabalhador com a Organização do Trabalho, conforme apresentado no diagrama da figura 8.

Figura 8 – Principais componentes das Vivências de Sofrimento no Trabalho.



Segundo Rossi (2008), o sofrimento se origina quando a organização do trabalho não permite ao trabalhador, liberdade para se adequar ao trabalho sem desconsiderar suas necessidades e desejos. Este sofrimento se manifesta através de sentimento de ansiedade, insatisfação, desgaste no trabalho, se materializa ainda através de conflitos, desconfiança entre indivíduos do grupo e inexistência de cooperação.

O sofrimento experienciado pelo trabalhador não é somente consciente, podendo ser inconsciente, individual e/ou coletivo. Demonstrando com isso, sua magnitude e complexidade.

Mendes (2007) afirma que o sofrimento pode ser tanto mobilizador de saúde, quanto meio de obtenção de produtividade.

Conceber o sofrimento como mobilizador de saúde, é justamente apreendê-lo através da fala, e da escuta do sofrimento dos trabalhadores. Este deve ser interpretado, compreendido e elaborado em meio a discussões coletivas, para que a partir disso, por meio da fala desveladora do sofrimento, os trabalhadores venham ressignificá-lo através do desenvolvimento de estratégias. Elas possibilitarão que eles pensem o trabalho e aja individual e/ou coletivamente, confrontando a rigidez da organização do trabalho, tendo como resultado a emancipação e a reapropriação de si, além de estruturar aspectos de cooperação entre os trabalhadores.

Quanto ao fomento de produtividade, esta é adquirida através de posturas como a auto-aceleração dos trabalhadores, que assim se comportam como meio de evitar contato com a realidade sofrível do trabalho. Neste sentido, para Dejours, (1993 p. 103) “o trabalho não causa o sofrimento, é o próprio sofrimento que produz o trabalho”. O sofrimento não é um mal em si, mas o que o torna patológico e a sua negação e a negação do sofrimento do outro.

Segundo Dejours e Jayet (1994), as vivências de sofrimento podem fomentar a produtividade. É possível que o engajamento no trabalho seja de fato frequentemente motivado pela angústia, e que a angústia passe, as vezes, por um fator motivador, ou por uma paixão ao trabalho, como se o trabalho fosse gerador de prazer. Proporcionando um entorpecimento quanto às reais condições de trabalho. Dejours (1999) enfatiza que reconhecer a presença de sofrimento no trabalho não é incompatível com um prazer obtido da relação com o trabalho. Prazer e sofrimento podem resultar de lógicas relativamente independentes.

Assim, para Dejours (1994), o sofrimento só é tido como patológico, ameaçando a saúde do trabalhador, quando não existe possibilidade de negociação (liberdade) entre sujeito e a organização do trabalho; e, é criativo o sofrimento, se o trabalho é transformado e ressignificado por meio da criatividade, da liberdade e da autonomia. O sofrimento assume

um papel de mediador entre o patológico e o saudável, tendo em vista que mobiliza o sujeito para a mudança da situação desencadeadora de desconforto e conflito.

Um aspecto do trabalho que pode ser apresentado como agente desencadeador de sofrimento ao trabalhador, são as condições precárias do trabalho. Em decorrência da aceleração do ritmo de trabalho e condições de trabalho, o trabalhador neutraliza coletivamente o sofrimento, instalando-se, então, o silêncio, a cegueira e a surdez. Ninguém dá ciência do sofrimento do outro e muito menos do seu, prevalecendo o individualismo e a alienação. Então, instala-se uma desarticulação da cooperação e do trabalho em conjunto, essenciais à criação das regras de ofício e do reconhecimento.

Esta alienação é desenvolvida, conforme Dejours (1994), quando as defesas se transformam em ideologia defensiva. Estas são construídas coletivamente, tendo por objetivo mascarar e controlar ansiedades graves diante de riscos iminentes. Para ter eficácia devem ser partilhadas com coerência, pelo coletivo que deseja encobrir o sofrimento.

Quanto às considerações da Psicodinâmica do Trabalho, referentes à saúde, esta é caracterizada pelo equilíbrio marcado pelas vivências de prazer e sofrimento, e não somente pela ausência de sofrimento. A saúde do trabalhador se presentifica pela utilização de mecanismos capazes de mobilizar os trabalhadores para a busca de uma relação mais gratificante com o trabalho, onde há a possibilidade de ressignificar o sofrimento, além das benesses da dinâmica de reconhecimento, considerada essencial no processo de construção da identidade sócio-profissional e pessoal do trabalhador. Assim, prazer e sofrimento podem se interagir nas situações de trabalho e não ser considerados contrários à saúde, (RAMOS, 2005). As vivências de prazer no trabalho são expostas no diagrama da Figura – 9.

Figura 9 – Principais componentes das Vivências de Prazer no Trabalho.



Possibilidades salubres desta interação, segundo Lancman e Snelwar (2004), são a cooperação, a confiança e o reconhecimento, que indicam a contribuição dos agentes à organização do trabalho, com isso escapando a qualquer possibilidade de “procedimentalização”, baseando-se naquilo que não é imposto, tendo as relações intersubjetivas entre os trabalhadores como uma de suas condições. “A confiança está assentada na visibilidade dos ajustes singulares para fazer frente às insuficiências e às contradições da organização prescrita do trabalho.” (LANCMAN E SZNELWAR, 2004, p. 132).

Quanto ao reconhecimento no trabalho passa por julgamentos específicos. Conforme Dejours (2004) há dois tipos de julgamento: de utilidade e de beleza. Esses julgamentos são construídos rigorosamente acerca da análise do trabalho acabado, pelos atores engajados na gestão de sua organização, tanto de superiores hierarquicamente, quanto dos pares.

O julgamento de utilidade está relacionado à utilidade econômica, técnica ou de contribuição social. Já o julgamento de beleza se subdivide em dois aspectos: o primeiro está relacionado à conformidade do trabalho, colocando o indivíduo em uma relação de igualdade diante dos outros; o segundo destaca-se pela originalidade, pela criação de algo novo, peculiar. A beleza consiste no estilo próprio, inovador, criativo e engenhoso.

O prazer no trabalho, também possui representação inconsciente, sendo resultado de processos sublimatórios, podendo ainda, ter sua origem em ganhos obtidos junto ao trabalho, que fomentam a realização de si mesmo, como as relações entre as pessoas, reconhecimento e valorização no trabalho, expressão da subjetividade individual e construção da identidade (DEJOURS, 1994).

Assim, é imprescindível para a promoção de vivências de prazer numa organização, uma postura flexível por parte da mesma para propiciar a emergência de aptidões psicomotoras e psicoafetivas, que concomitantemente diminuirão a carga psíquica e fatigante do trabalho (DEJOURS, 1994).

As vivências de prazer, nos aspectos psíquicos, não advêm somente da ausência de funcionamento, mas, pelo contrário, de um livre funcionamento, articulado dialeticamente com o conteúdo da tarefa, externalizado na própria tarefa e renovado por ela. Em termos econômicos, o prazer no trabalhador resulta da descarga de energia psíquica que a tarefa proporciona, ou seja, se este trabalho disponibiliza a possibilidade de criatividade, engenhosidade e cooperação aos trabalhadores, ao que corresponde a uma diminuição da carga psíquica do trabalho. (LANCMAN & SNELWAR, 2004 e DEJOURS, 1994).

Mendes (2007, p. 51) afirma que:

Para a psicodinâmica do trabalho é possível vivenciar prazer, mesmo em contextos precarizados, desde que a organização do trabalho ofereça condições para o trabalhador desenvolver três importantes ações: mobilização da inteligência prática, do espaço público da fala e da cooperação. Essas ações alimentam o prazer tanto por via direta como por via indireta.

Diante do exposto, quando a Organização do Trabalho é inflexível e o trabalhador encontra dificuldades em ajustá-la às suas necessidades, ocorre sofrimento. Todavia, se o trabalhador reage ao trabalho tentando transformá-lo, ele vivencia mais prazer. Isto demonstra a dinâmica inerente ao trabalho. Essa transformação ocorre via ressignificação do sofrimento, podendo ser facilitada pelas estratégias de enfrentamento, as quais transcurrei a seguir.

2.4.2 - Estratégias de Enfrentamento

As Estratégias de Enfrentamento são utilizadas como mecanismos, que tendem a minimizar o sofrimento psíquico diante das imposições da organização, sendo tanto individuais quanto coletivas.

Dejours (1994) define estas estratégias defensivas como regras de condutas criadas e conduzidas por homens e mulheres, variando de acordo com as situações de trabalho, sendo sutis, bem elaboradas e diversas, proporcionando aos trabalhadores um suporte frente ao sofrimento sem que adoeçam. São construídas em consenso pelos trabalhadores, necessitando que a manutenção da mesma seja também coletiva, pois o contrário gera o desequilíbrio da estratégia. Assim, segundo Mendes (2007) as estratégias de defesa, funcionam como regras individuais e/ou coletivas de trabalho.

Segundo Santos (2008, p. 56),

A diferença fundamental entre um mecanismo de defesa individual e uma estratégia coletiva de defesa é que o mecanismo de defesa é inconsciente e individual, ou seja, ele persiste mesmo sem a presença física dos outros, ao passo que as estratégias coletivas de defesa são conscientes e não se sustentam a não ser com o suporte de um grupo, dependendo assim, de condições externas. As contribuições individuais a essas estratégias são coordenadas e unificadas pelas regras defensivas.

Essas estratégias podem se “travestir” em defesas das mais variadas maneiras, como: racionalização, negação, controle da situação, fuga, dependência, individualismo, passividade, dentre outras, o que dificulta num primeiro momento a percepção do sofrimento, porém, é via defesa que se captura o mesmo (DEJOURS, 1994).

Além desta camuflagem do sofrimento através das estratégias de enfrentamento, que utilizam os mecanismos de defesa como meio de minimizar a patologização do sofrimento, este esforço despendido para tolerar a agressão gera a fadiga, o esgotamento do corpo. Assim, a alienação é mais fácil de instalar quando o trabalhador está cansado. Para Dejours (1999), a alienação é uma verdade clínica que, no caso do trabalho, toma a forma de um conflito em que o desejo do trabalhador se submete à imposição da autoridade do patrão.

As estratégias defensivas fazem os trabalhadores diminuírem a real percepção das pressões que os fazem sofrer, sendo assim, operações mentais estritamente importantes para a manutenção da saúde mental dos trabalhadores. Todavia, é importante salientar a

ambivalência destas estratégias, que podem tanto promover saúde mental, quanto mascarar sutilmente o sofrimento, gerando alienação.

Segundo Santos (2008), as estratégias defensivas são fundamentais para a continuidade do trabalho e concomitantemente adaptação a ele, com o objetivo de evitar a loucura, entretanto, elas contribuem para estabilizar a relação subjetiva com a organização do trabalho, no estado em que ela se encontra e para alimentar uma resistência à mudança, camuflando a necessidade da mesma.

Por ser complexa a construção dessas estratégias, quando os trabalhadores conseguem estruturar essas defesas, eles hesitam em questioná-las, encontrando justificativas conscientes para burlar a verdadeira apreensão do sofrimento. Deve-se considerar na investigação, conforme Dejours e Abdoucheli (1994), que o sofrimento que se pretende analisar não será obtido senão por meio de estratégias defensivas que, por sua vez, transformam profundamente a expressão desse sofrimento, mascarando-o, e conseqüentemente dificultando sua apreensão.

Segundo Dejours (1994), ainda que seja de difícil apreensão o sofrimento no trabalho é uma realidade e precisa ser reelaborado através da sublimação, aspectos homeostáticos como criatividade, sofrimento criativo, além da ressonância simbólica, que estão diretamente relacionados ao sentido que o indivíduo confere as suas ações e a sua condição de trabalhador. Assim, promovendo prazer e concomitantemente saúde, pois há uma contribuição com a ressignificação do trabalho, proporcionando liberdade e autonomia.

Para Dias (2007, p. 51), “a criatividade, a inteligência astuciosa e o reconhecimento dos trabalhadores são mobilizados sempre para subverter uma organização oficial anteriormente prescrita.”

Conforme Dejours (1994), quanto mais baixo se situam na escala hierárquica da estrutura de uma organização, mais *operacionais* os cargos se tornam, acompanhados de maior distância entre pensamento e execução, maior clivagem entre corpo e pensamento e maior chance de sofrimento psíquico ocasionado pelas tarefas anti-sublimatórias. Pois, “a lógica, porém, deste encadeamento é desastrosa para a iniciativa, a inteligência astuciosa, a transparência, a confiança e a cooperação” (1994, p. 55). Sendo afirmativo o contrário, ou seja, quanto maior o posto na hierarquia de trabalho o trabalhador ocupar, mais espaço para a sublimação ele possui. Fato que demonstra os níveis diferenciados de sofrimento e concomitantemente sua significação no contexto do trabalho.

2.5 - Pesquisas atuais em Psicodinâmica do trabalho

Os pressupostos da Psicodinâmica do Trabalho têm fundamentado muitos estudos que vislumbram os efeitos do trabalho na vida do trabalhador. Eles se consolidam a partir do estudo pormenorizado de categorias estabelecidas *a priori*, que proporcionam a descoberta de agravos oriundos do trabalho à saúde do trabalhador, bem como a possibilidade de ressignificação do sofrimento, que proporciona saúde aos trabalhadores.

A Psicodinâmica do Trabalho vem sendo utilizada como base para pesquisas desenvolvidas na Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO. Ressalta-se entre elas, o projeto de pesquisa titulado: “Trabalhadores de entretenimento, lazer e arte: uma abordagem Psicodinâmica”, que possui a professora doutora em Psicologia, Kátia Barbosa Macêdo como coordenadora. O projeto de pesquisa tem como objetivo levantar dados relativos ao trabalho de trabalhadores que atuam em organizações de entretenimento, visando responder ao problema: como os trabalhadores de entretenimento vivenciam sua atuação profissional. O projeto em questão já produziu várias pesquisas com tais trabalhadores, como as que seguem.

Araújo (2008) pesquisou o trabalho dos professores de uma academia de ginástica, um trabalho dentre alguns outros, que teve como proposta apreender o sentido que o trabalho possui para trabalhadores que promovem do lazer. Em seus resultados, ele concluiu que o diferencial em sua pesquisa com trabalhadores do lazer, consiste no fato de que a alienação é inerente aos sujeitos de sua pesquisa. Demonstrada na submissão do corpo numa relação alienante, onde o professor de ginástica com uma formação específica, não percebeu em nenhum momento da pesquisa a exploração vivenciada.

Santos (2008) pesquisou como os bailarinos de uma companhia de dança contemporânea vivenciavam seu trabalho. Como percebem o sofrimento oriundo da organização do trabalho e quais estratégias defensivas utilizam para ressignificá-lo.

Em sua pesquisa, conclui-se que embora o trabalho ofereça sofrimento, desgaste com o excesso de ensaios, técnicas, exigência por *performances* rígidas, o reconhecimento do público, a realização de um trabalho que vai além da materialidade, dos vínculos empregatícios que visam somente lucro, em uma sociedade de prática econômica capitalista, a profissão sempre foi para eles um sonho, é um trabalho artístico diferenciado. As vivências de prazer oriundas de conteúdos simbólicos e ergonômicos satisfatórios compensam o sofrimento, e que para ressignificá-lo os bailarinos utilizam estratégias de enfrentamento como a auto-aceleração.

Tomazini (2009) pesquisou as vivências de prazer e sofrimento dos trabalhadores de Shopping Center. Segundo a autora, os dados encontrados indicam que, apesar de ser uma empresa que atua no ramo de lazer e entretenimento, o *Shopping* proporciona aos seus trabalhadores vivências tanto de prazer como de sofrimento. Assim como na teoria, a coexistência das vivências de prazer-sofrimento revela-se interligada ao longo das entrevistas, ressaltando o caráter dinâmico dessas vivências.

Dias (2007) pesquisou uma organização de entretenimento, que segundo a autora, no discurso dos trabalhadores, estavam presentes tanto vivências de prazer (satisfação, reconhecimento) quanto de sofrimento (insegurança, sobrecarga e desgaste), todavia, apresentaram maiores indicadores de sofrimento. Ocorreram contradições, divergências e ambivalências, reproduzindo os interesses e a ideologia da organização.

Assis (2008) pesquisou uma banda de blues. As descobertas foram que o trabalho na banda possui características comuns ao trabalho em outras atividades de lazer, referentes aos aspectos de gestão do trabalho. Mas o que diferencia o trabalho na banda de blues é a capacidade de autonomia, reconhecimento pelo fato de ser arte.

Brasileiro (2008) pesquisou uma companhia de circo, e descobriu que o trabalho circense proporciona aos trabalhadores vivências de prazer através do reconhecimento, da fantasia do espetáculo, todavia, os bastidores do trabalho no circo são penosos e destituídos de liberdade.

A Psicodinâmica do Trabalho também vem sendo utilizada em pesquisas na Universidade de Brasília – UNB. Nessa instituição o programa de pós-graduação em Psicologia do Trabalho e das organizações, coordenado pela Dra. Ângela Maria de Oliveira Almeida. Este núcleo possui uma linha de pesquisa em Cultura, organizações e bem estar, onde a Dra. Ana Magnólia Mendes é uma das professoras pesquisadoras, que utiliza a abordagem da Psicodinâmica do Trabalho, como eixo teórico norteador das pesquisas realizadas.

Essa linha de pesquisa tem por objetivo estudar as dimensões da cultura, tanto nacional quanto organizacional, e sua influência na gestão da organização, onde o bem estar dos indivíduos, dos grupos e da organização consiste no objetivo fim. Os principais eixos temáticos que norteiam as pesquisas são: valores individuais, laborais e organizacionais, poder e justiça organizacionais, comportamento individual, organizacional e social.

Conforme foi mencionado anteriormente, esta dissertação de mestrado tem por finalidade expor os resultados de uma pesquisa realizada com trabalhadores de um time de futebol profissional, a partir dos conceitos da Psicodinâmica do trabalho. Sendo assim, o

capítulo que se segue tem a intenção de explicitar a metodologia que foi utilizada no delineamento da pesquisa.

CAPÍTULO 3 - DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Na pesquisa social o interesse consiste na maneira em que as pessoas se expressam em suas relações, a partir do que é importante, como pensam sobre suas ações e as dos outros. Assim, Gaskell (2008, p. 22) menciona que: “Categorizar o presente e, as vezes, predizer futuras trajetórias é o objetivo de toda pesquisa social.”

Desenvolver uma pesquisa social consiste em apreender o objeto em seu contexto social, de forma que ele pode ser compreendido através de suas próprias lentes. O que não confere necessariamente neutralidade ao pesquisador, mas, uma postura crítica que sinaliza caminhos e fomenta novas descobertas. (Gaskell, 2008)

Este estudo tem como eixo norteador a teoria da Psicodinâmica do Trabalho, proposta por Christophe Dejours, escopo teórico este que prima pela interpretação da fala e de suas várias manifestações, que conotam realidades conscientes e inconscientes, dos indivíduos no contexto do trabalho. Podendo ser captadas a partir da interação do trabalhador com aspectos do trabalho contidos em sua organização, condições e relações interpessoais. Para Dejours (1992), é inerente ao pesquisador a postura de interpretação desta realidade laboral, que nem sempre se manifesta de forma explícita e reveladora, mas dá-se a ver sutilmente, onde revela velando.

As manifestações psicológicas dos trabalhadores frente aos desagradados do trabalho são tanto individuais quanto coletivas, onde estes externalizam conteúdos inconscientes, que possuem quase sempre a contradição como condição de externalidade. Torna necessária a constante prontidão por parte dos pesquisadores em questionar seus pressupostos epistemológicos, que norteiam sua prática de pesquisa.

Este capítulo tem como objetivo apresentar qual o problema de pesquisa, o campo no qual esta foi realizada e os participantes do estudo de caso, além de descrever qual a metodologia para coleta e análise de dados.

A escolha por realizar um estudo de caso de caráter descritivo exploratório, tem como intuito a busca por compreensão de forma mais profunda e singular, de uma realidade delimitada, e com isso fornecer conhecimento aprofundado sobre a mesma. Segundo Trivinõs (1987, p. 133), “o Estudo de Caso, é uma categoria de pesquisa cujo objetivo é uma unidade que se analisa profundamente”. Ela é apreendida em sua singularidade e particularidades, não permitindo generalizações, porém oferecendo ao pesquisador subsídios que possibilitam descrever seu objeto em profundidade.

Assim, os estudos de casos se caracterizam por abordar aspectos como a natureza e abrangência da unidade, podendo ser um sujeito, um evento, uma instituição, dentre outros, bem como, por sua complexidade que é determinada pela teoria que lhe fornece subsídio, norteando o investigador em seu trabalho. Seus resultados só são válidos para o caso que se estuda, não cabendo generalizações, porém seus resultados podem proporcionar o encaminhamento de outras pesquisas. (Trivinões, 1987)

O estudo de caso pode num primeiro momento parecer simplista, todavia, sua complexidade vai surgindo na medida em que o estudo vai se desenvolvendo, na medida em que vai se aprofundando no exame da unidade (Trivinões, 1987). Este percurso desvela conteúdos até então desconhecidos e fragmentados.

Os estudos de caráter exploratório permitem ao pesquisador ampliar seus conhecimentos sobre determinado problema, onde o foco principal de tais estudos consiste no desejo de conhecer e descrever os fatos e fenômenos de uma realidade singular.

Já a análise documental, proporciona ao investigador a possibilidade de agrupar quantidade considerável de subsídios documentais, como informações, leis, processos a respeito do que se propõe estudar, isso segundo Trivinões (1987).

Os estudos descritivos podem adotar uma proposta de conotação histórico-organizacional, em que o interesse do investigador se direciona sobre uma instituição. Assim, o pesquisador deve partir do conhecimento que há sobre a mesma, uma vez que estas informações serão importantes para o delineamento preliminar da coleta de dados.

3.1 – Problema e objetivos de pesquisa

Esta pesquisa teve o seguinte problema: como os atletas profissionais de futebol vivenciam seu trabalho em um clube brasileiro da série A, e quais as vivências em relação ao seu trabalho como atleta profissional no clube X?

Teve como objetivo geral apreender as vivências em relação ao trabalho dos atletas profissionais de futebol, a partir das categorias da Psicodinâmica do Trabalho. Os objetivos específicos da pesquisa consistiram em: conhecer o contexto do trabalho, a partir das condições de trabalho, organização do trabalho e relações de trabalho, bem como levantar as vivências de prazer e sofrimento inerentes ao trabalho, levantar quais estratégias de enfrentamento os jogadores utilizaram para lidar com o sofrimento laboral e apreender o sentido que eles atribuíam ao mesmo.

3.2 - Campo de pesquisa

Com o intuito de conhecer o clube de futebol que se constituiu como campo de coleta de dados do presente estudo, apresentar-se-á um histórico do referido clube⁵, elaborado a partir de documentos disponibilizados pela assessoria administrativa do mesmo.

Em uma cidade do Centro Oeste do Brasil em meados da década de 1940, um grupo de rapazes começou a se reunir na casa de alguns amigos, para discutirem a criação de um novo clube de futebol. Incomodada com a barulheira, a matriarca da família sugeriu que os jovens transferissem a reunião para a calçada, do lado de fora da casa. Foi então que os visionários, debaixo de um poste de luz, deram o pontapé inicial para a fundação do clube.

Por mais de 20 anos, o clube sobreviveu com poucas conquistas e uma torcida pequena, que se dizia era de apenas 33 torcedores. Esse cenário mudou radicalmente a partir da metade da década de 1960, quando conquistou o primeiro título do campeonato regional. Na década seguinte surgiu com regularidade no cenário nacional.

Seus dirigentes buscaram mantê-lo no terceiro posto do futebol de seu estado. Em 1956 montou uma equipe melhor estruturada e conseguiu disputar a final, ficando em segundo lugar no campeonato de seu estado. Profissionalizou-se em 1963. O primeiro título estadual veio somente em 1966. Foi campeão pela segunda vez cinco anos depois, sendo transformado a partir daí em um grande clube de projeção nacional.

Na época da coleta de dados o clube contava com três centros de treinamentos (CT), um estádio de futebol, com capacidade para 10.000 torcedores, um ginásio coberto com capacidade para 3.000 pessoas.

3.3 – Participantes

Quanto aos participantes, foram entrevistados 21 jogadores de futebol, todos do sexo masculino. Sendo, que as posições eram: 4 goleiros, 5 volantes (meio de campo), 5 zagueiros, 5 atacantes, 1 lateral esquerdo e 1 lateral direito. Numa faixa etária de 18 a 36 anos. O grau de escolaridade oscilava entre, ensino médio incompleto e ensino superior incompleto. Os cursos que predominantemente eles estavam matriculados era Educação Física.

5 Os dados inerentes ao histórico do Clube foram cautelosamente expostos, pois o objetivo desde o início da pesquisa foi de resguardar a instituição, o que foi dado como garantia à mesma. Portanto, os dados institucionais foram discretamente explicitados por razões éticas.

Figura 10 – Distribuição dos participantes em relação à idade.

Idade (em faixas etárias)	Quantidade de participantes
18 – 22 anos	7
23 – 27 anos	11
28 – 32 anos	1
33 – 37 anos	2
Total	21

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Figura 11 – Distribuição dos participantes em relação à escolaridade.

Escolaridade	Frequência	%
Ensino médio incompleto	5	23.81
Ensino médio completo	10	47.62
Ensino superior incompleto	6	28.77
Total	21	100

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Dos 21 atletas, 9 eram solteiros, 12 eram casados, dos casados 8 possuem filhos. Os critérios de inclusão foram: ser do sexo masculino, ser atleta profissional de futebol, ser atleta contratado pelo clube, participar das práticas cotidianas do clube como treinamento e concentração. Sendo assim, os critérios de exclusão foram: ser do sexo feminino, ser atleta de categorias inferiores, está afastado do trabalho por algum motivo, por exemplo, contusões.

No período em que houve a coleta de dados, 9 jogavam como titulares e 12 como reservas do clube, 8 atletas tiveram toda sua trajetória profissional no Clube X⁶, desde a categoria de base, outros vieram de outros clubes já profissionais. Com o intuito de resguardá-los, ao longo da pesquisa os mesmos terão nomes fictícios.

3.4 - Técnicas para coleta de dados

Utilizou-se para coleta de dados a análise documental do clube pesquisado e entrevistas semi-estruturadas, realizadas individualmente.

⁶ Clube X foi o nome fictício dado pela pesquisadora ao clube de futebol onde se realizou a pesquisa.

Segundo Trivínos (1987), a análise documental, é uma forma de analisar, que fornece ao investigador recursos do campo pesquisado, como: surgimento, regimento interno, leis, normas, planos de trabalho, enfim, todo um arcabouço de documentos inerentes ao mesmo, que muito contribuem para a apreensão mais detalhada do campo, o que por sua vez, contribuirá significativamente para a pesquisa.

Para o autor, as entrevistas semi-estruturadas podem ser realizadas tanto individual quanto coletivamente, a técnica da entrevista proporciona essa vantagem, que por sua vez confere ao pesquisador a possibilidade de apreender pontos obscuros e conflitivos, que porventura tenham surgido ao longo da coleta de dados, conforme explica:

Entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVINÓS, 1987 p. 146)

A entrevista fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais em seus contextos, sendo que o processo de interação contém quatro componentes, a saber: o entrevistador, o entrevistado, a situação da entrevista e o instrumento de captação de dados ou roteiro de entrevista. (Bauer, 2008; Martinelli, 1999).

Segundo Trivínos (1987), o entrevistador pode ser representado numa pesquisa pela pessoa do próprio pesquisador responsável pela mesma, ou em alguns casos por pessoas que compõem a equipe de entrevistadores coordenada por ele. Estes realizam as entrevistas seguindo um roteiro previamente estabelecido, quanto ao entrevistado, que é indivíduo que voluntariamente aceitou participar da pesquisa e responderá às perguntas que lhe serão dirigidas.

A entrevista possibilita a captação imediata de informações sobre as opiniões das pessoas que são entrevistadas com o intuito de atingir o objetivo da pesquisa, além de possibilitar o acesso às pessoas com qualquer nível de escolaridade. Além disso, o pesquisador pode esclarecer dúvidas inerentes a perguntas e respostas, com uma oportunidade maior de considerar condutas e de obter informações que não são encontradas em fontes documentais.

A entrevista tem como finalidade compreender o mundo social do entrevistado. O pesquisador não pode desconsiderar que o mundo social é um dado solto e natural, destituído de problemas, mas ativamente e cotidianamente construído por indivíduos, que não tiveram

plena autonomia na construção, mas que em alguns ditames, reproduziram, denotando com isso o aspecto dialético das interações sociais.

Gaskell (2008) afirma a importância do conhecimento prévio do campo, bem como sua linguagem. É de fundamental importância para o pesquisador saber *o que e a quem* quer perguntar, perguntando de conformidade com a inteligibilidade dos entrevistados. Assim, essa compreensão se faz imprescindível para se propor questões adequadas, que fornecerão dados válidos para a proposta de pesquisa.

Para se realizar uma entrevista bem sucedida é necessário que o pesquisador esteja bem preparado e isto não quer dizer domínio rígido do roteiro de entrevista, mas conhecimento prévio do campo e flexibilidade para simplesmente ter o tópico guia como um lembrete do caminho a ser percorrido na entrevista. Deve permitir o surgimento de conteúdos “supostamente” não esperados, maximizando com isso diferentes posições adotadas pelos membros do meio social, e explorando as diferentes representações e opiniões sobre o assunto pesquisado (Gaskell, 2008).

3.5 – Procedimentos

A pesquisadora contactou o diretor de futebol profissional do clube, expondo o interesse em realizar a pesquisa. O diretor após ter tomado conhecimento da intenção da pesquisa, mencionou que iria conversar com o técnico para discutirem sobre a possível liberação dos jogadores por parte do mesmo. Ficando acertado que a pesquisadora deveria lhe contatar novamente 2 dias depois para certificar-se da resposta.

Quando a pesquisadora contactou a diretor, ele comunicou-lhe a liberação e mencionou a respeito do agendamento das entrevistas, querendo saber a quantidade de jogadores que seriam entrevistados, e sob quais condições.

Após o contato com o campo de pesquisa e a aceitação, que foi materializada com a assinatura do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” pelo diretor de futebol do clube, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa Humana e Animal - CEPHA do Hospital Geral de Goiânia – HGG, Dr. Alberto Rassi para aprovação. Assim, após aprovação do projeto pelo comitê, foram realizadas as entrevistas com os jogadores.

Para que fossem realizadas as entrevistas, ficou acordado entre a entrevistadora e o técnico do clube, que os encontros seriam 2 vezes por semana, sendo que em cada encontro seriam disponibilizados 3 atletas indicados pelo técnico, podendo permanecer na sala de entrevistas pelo tempo de aproximadamente 35 minutos.

O tempo de duração das entrevistas foi assunto importante no momento de negociação para realizar a pesquisa, pois as entrevistas seriam realizadas no período de repouso dos atletas, que era cronometrado, tendo início e término pré-estabelecidos, assim o tempo disponível para as entrevistas foi igualmente dividido por 3, fator este que impossibilitou a exatidão do tempo para cada jogador, haja vista que as características individuais prevaleceram, o que quase sempre contribuiu para que houvesse atraso, pois a maioria dos atletas excederam o tempo. A justificativa dada pelo técnico, para estipular o tempo de duração das entrevistas, foi o fato das mesmas ocorrerem no período de descanso que ficava entre o almoço e o segundo período de treino.

Essas entrevistas foram realizadas após a leitura, concordância e assinatura do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, por parte dos atletas, e sucinta explicação sobre o projeto de pesquisa por parte da pesquisadora aos mesmos, se colocando a disposição para o esclarecimento de dúvidas inerentes a pesquisa.

Foram realizadas com 21 atletas individualmente, e destes 21, somente 10 atletas haviam renovado contrato com o time no ano subsequente, o que inviabilizou a presença dos 21 atletas na entrevista coletiva, assim, somente os 10 presentes participaram da entrevista coletiva. Desta forma, ainda que tenha ocorrido a entrevista coletiva, ela não foi utilizada na análise dos dados, devido a diferença de quantitativo de atletas.

Para Trivinões (1987), o pesquisador deve estar dotado de vasto e flexível espírito de trabalho, indo a campo munido de idéias gerais elaboradas, com um conhecimento prévio do que deseja pesquisar, não se esquecendo de considerar a complexidade da realidade a qual vislumbra, sem esquecer que é necessário ter visão ampla e complexa do real social. Além de proporcionar um ambiente solícito ao entrevistado, estabelecendo um bom *rapport* que fomentará a expressão de naturalidade e espontaneidade por parte do entrevistado.

Não aceitar nada como algo pacífico e destituído de sentido, devendo o entrevistador sondar mais do que aquilo que é dito pelo entrevistado, pois está é condição *sine qua non* para o entrevistador poder compreender os mundos de cada um, dentro de um grupo de entrevistados. (Gaskell 2008)

3.6 - Análise dos Dados

A referida pesquisa se embasou nos pressupostos epistemológicos da técnica de Análise de Discurso para tratar os dados coletados.

Segundo Setúbal (1999), a técnica de Análise do Discurso – AD é realizada sobre qualquer tipo de mensagem, manifestações sociais dos sujeitos, dentre outros, produzindo com isso um conhecimento não-linear. Seu objeto de estudo é observado com as lentes do contexto ao qual está inserido, com isso considerando o tempo e a contextura como aspectos significativos, compondo e decompondo o mesmo.

Assim, dependendo da abordagem política, teórica e cultural do pesquisador, ele poderá construir um novo conhecimento, sendo que este é contextualizado num tempo, espaço e cultura presentes. Isto demonstra a importância de uma postura crítica e investigativa por parte do pesquisador, o que muito o munirá e possibilitará o desvendar dos significantes e significados da mensagem. Desta maneira é importante ressaltar os aspectos dinâmicos desta técnica de análise de dados, AD, pois há uma interação contínua entre pesquisador e objeto.

Para Setúbal (1999), a técnica de AD permite ao pesquisador ir além do que é graficamente apresentado na mensagem, pois permite o acesso tanto aos significados, quanto aos significantes, que quase sempre permanecem submersos e envoltos pela neblina da realidade que envolve tal comunicação.

Na concepção de Bauer (2008), uma simples comunicação sonora pode estar implicada em uma gama de significações diferentes, dependendo do contexto interpretativo, haja vista que para ele, fala e textos, são por natureza complexos e importantes, pois são ambos práticas sociais e precisam ter identificadas suas funções e atividades, e exploradas em como são realizadas.

Para uma boa AD, é necessária uma atenta transcrição dos dados coletados, para após isso, iniciar a análise, que precisa começar com a suspensão da crença naquilo que é tido como algo dado. Realizar AD exige do pesquisador, questionar seus próprios pressupostos e sua maneira de dar sentido às coisas, é necessário por parte dele uma postura cética, e uma mentalidade analítica, tendo que mergulhar nas transcrições, lendo-as várias vezes até se familiarizar com as mesmas, para em seguida codificar, e começar a AD (BAUER, 2008).

A AD consiste num arcabouço de técnicas de análise das comunicações no geral, visando obter através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores – quantitativos ou não, que dão margem para se inferir conhecimentos inerentes às condições de produção e recepção dessas mensagens.

Pode com isso, analisar os conteúdos latentes da mensagem, pois, consiste num trabalho mais aprofundado, obtendo significados de natureza psicológica, sociológica, histórica, dentre outros. Demonstrando que o estudo dos símbolos e das características da comunicação, seja ela verbal ou escrita, é básico para compreender o homem, sua história, seu

pensamento, sua arte e suas instituições. Isto confere à técnica da Análise do Discurso, constituir um importante instrumento para o estudo da interação entre os indivíduos (RICHARDSON, 1999).

Este processo confere à Análise do Discurso um caráter multidimensional e interdisciplinar, onde o analista necessita realizar um trabalho de garimpagem, procurando atingir através dos significantes e significados, outros significados, que extrapolam a mensagem por conterem sinais oriundos das vivências sócio-histórico-políticas do emissor e do receptor.

Para Cabral (2001), uma boa AD, vai além da mera visão social, mas consiste no resultado do confronto entre o indivíduo e o contexto, onde este último revela os implícitos.

Diante do exposto, a AD em termos gerais, consiste na aplicação de métodos científicos a uma evidência documental (RICHARDSON, 1999). Ela é uma importante técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e qualitativa do conteúdo manifesto da comunicação.

Para Lane (1997), o ser humano se diferenciou dos demais animais devido a sua capacidade de expressar-se através da linguagem, o que permitiu que suas emoções, fossem manifestadas também por palavras desde a mais tenra idade. Assim, o ser humano expande suas noções de espaço e tempo, estabelecendo relações de cooperação que são fundamentais na constituição da identidade social, haja vista, que é através da inter-relação que se tem consciência de si e do outro. Assim, realizando sua condição humana, expressando sua subjetividade que é constituída sócio- historicamente.

É neste movimento entre pensamento e linguagem, que os humanos processam seus discursos, é através do entrelaçar das palavras e das emoções via subjetividade, que os significados afetivos e sentidos pessoais são construídos, institucionalizados e processados.

Lane (1985) afirma a possibilidade que há através da análise gráfica do discurso de chegarmos ao movimento da consciência que se processa pela articulação entre pensamento e linguagem. Cabendo salientar que estas instâncias caminham em direções opostas, o pensamento caminha do geral para o particular e a linguagem do particular ao geral, todavia se complementam.

Do ponto de vista de Lane (1985), esse procedimento consiste em buscar, graficamente, os núcleos do pensamento, utilizando-se da análise das palavras que se repetem (ou dos sinônimos), seguindo a continuidade do discurso e a sequência dos números para cada “unidade de significação”.

Todos os discursos, segundo Lane (1985), apresentam-se como representações construídas pelos indivíduos para orientar-se em suas ações com seu meio social. O discurso é considerado fato e contém a marca do sujeito e suas ações. As representações são, então, os dados empíricos nas quais se baseia para atingir o conhecimento concreto da consciência dos indivíduos.

Segundo Santos (2008), a AD é uma leitura criteriosa, que caminha entre o texto e o contexto, para examinar o conteúdo, organizações e funções do discurso. Sendo uma interpretação, fundamentada em uma argumentação detalhada e uma atenção cuidadosa ao material que está sendo estudado, pelo pesquisador.

A técnica de tratamento de dados coletados nesta pesquisa foi a AD proposta por Lane (1985), que prima pelas considerações sobre o pensamento dos indivíduos, assim com as ideologias que os permeiam, haja vista, que estas são consequências e determinantes de seus atos.

Lane (1985) propõe alguns pressupostos da técnica:

- a) não fragmentar o discurso, pois qualquer critério utilizado para tanto já traz em si uma interpretação externa;
- b) em consequência, as relações entre os “significantes” devem ser mantidas constantes. (procurou-se utilizar preposições e conjunções como critério par definir as unidades de significação; porém o discurso oral utiliza pouco, principalmente conjunções;
- c) o discurso, produto da interação entre pensamento e linguagem, se processa em espiral, havendo assim, retornos e avanços, semelhanças e diferenciações;
- d) este movimento em espiral caracteriza significações centrais e periféricas.

Segundo Gill (2008) e Lane (1985), a linguagem tanto em textos quanto em falas, são práticas sociais, sendo o discurso circunstancial, construído a partir de construções culturais. Sendo praticada por uma realidade histórica, não podendo ser considerada alheia a ideologias.

Assim, é necessário ao pesquisador examinar a maneira como a linguagem é empregada, tanto nos aspectos perceptíveis quanto nos imperceptíveis, que consistem também em manifestações subjetivas, podendo ser “silêncios barulhentos”, pois servem-se ideologicamente para instituir e fomentar realidades sociais. (Gill 2008)

Diante do exposto, é notório o desafio do pesquisador, em apreender um ser em sua complexidade, a partir de sua palavra, todavia, é através da palavra que o pesquisador tem

acesso à subjetividade do indivíduo, pois é por meio dela que os indivíduos expõem suas ações, seus pensamentos, dentre outros, à respeito de sua realidade.

Segundo Santos (2008) a AD prima por especificar graficamente os núcleos de pensamento, por meio das palavras que se repetem (ou dos sinônimos), mas seguindo a continuidade do discurso, utilizando a seqüência dos números para cada *unidade de significação*.

Macêdo (1999) expõe que para se realizar uma análise gráfica do discurso é preciso obedecer à seguinte seqüência de procedimentos: a) transcrição do discurso da forma mais fiel possível; b) análise, identificação e enumeração das unidades de significação; c) ligação por setas, seguindo a direção da seriação das frases nos textos discursivos; e d) busca das palavras-chave ou dos núcleos de pensamento que retornam ao núcleo induzido, que é a pergunta.

Como exemplo, apresenta-se um pequeno fragmento do discurso de alguns atletas e seu respectivo gráfico, com o objetivo de clarificar os passos que foram seguidos na elaboração deste, uma vez que, no capítulo de resultados, serão apresentados os gráficos finais e não a sua construção. Portanto, segue trecho da fala de alguns atletas. Foram abordados aspectos da trajetória profissional dos atletas, juntamente com suas experiências, influências e sentimentos de antes e depois de se profissionalizarem.

Segue os trechos de entrevistas:

P1 - (Silêncio) como foi sua trajetória? Ah! trajetória. sim eu vim de Uberlândia, comecei lá até os 15 anos ai vim para o Clube X **categoria de base, juvenil, juniores** até o profissional.

P2 - como me tornei, ah treinando bastante, acho que a oportunidade né? Eu sou muito cristão né? Eu acredito que Deus tem um propósito na nossa vida, sabe, e ele me deu as oportunidades né? É... claro que vendo meu pai sempre nos levar a estádios nos levar em campo pra bate pelado isso nos **incentivou**, não só eu mas meus irmãos... então acha assim sabe é... no esforço também acho que as oportunidades e muito esforço sabe?... pra chegar ao profissional, na minha, na minha, como é que eu falo, um tempo atrás era mais difícil, sabe, hoje não hoje você vê de dezesseis, dezessete já no profissional, mas era, era uma luta.

P7 - Eu jogava nos campos amadores na minha cidade. Lins, e surgiu o **convite** pra mim ingressar na categoria infantil no América de São José do Rio Preto, foi quando eu fui pra lá com 14 anos eu fui pra lá e me profissionalizei aos 18 anos.

P8 – É foi desde a **categoria de base** fiz toda aqui no Clube X né? A gente vai **gradativamente subindo de categoria** até chegar ao modo que você tá perto de estourar a idade da ultima categoria que no caso seria 20 anos, eu fiz um campeonato onde eu me destaquei fui chamado aos profissionais após isso pelo treinador que na época era o Técnico Z e comecei integrar o grupo de profissionais.

P9 – Bom eu sou nascido em Belo Horizonte, não fui criado lá, com pouquíssima idade meus pais foram transferidos pro Paraná, eu fui criado lá, e depois de um tempo eu retornei pra Belo Horizonte, que é minha cidade natal e iniciei **nas escolinhas** do Cruzeiro Esporte Clube, e lá eu saí depois de...

é... 7 anos, perdão, 7 anos como atleta profissional, então eu passei por todas categoria de base do clube até no profissional, no Cruzeiro Esporte Clube de Belo Horizonte.

P11 – Como foi? Foi através do incentivo do da... do meu tio né, que me incentivou desde idade de 7 anos, e ate hoje eu tô no mundo do futebol.

P12 – Foi num jogo, eu era da categoria de juniores e... tive uma oportunidade, dois jogadores se machucaram da equipe profissional, e não tinha quem substituir e o treinador foi me puxou e me chamou e perguntou se eu teria já a capacidade de jogar, e eu falei pra ele que eu já tava preparado, foi daí que eu subi para o profissional. e não voltei mais para o juniores.

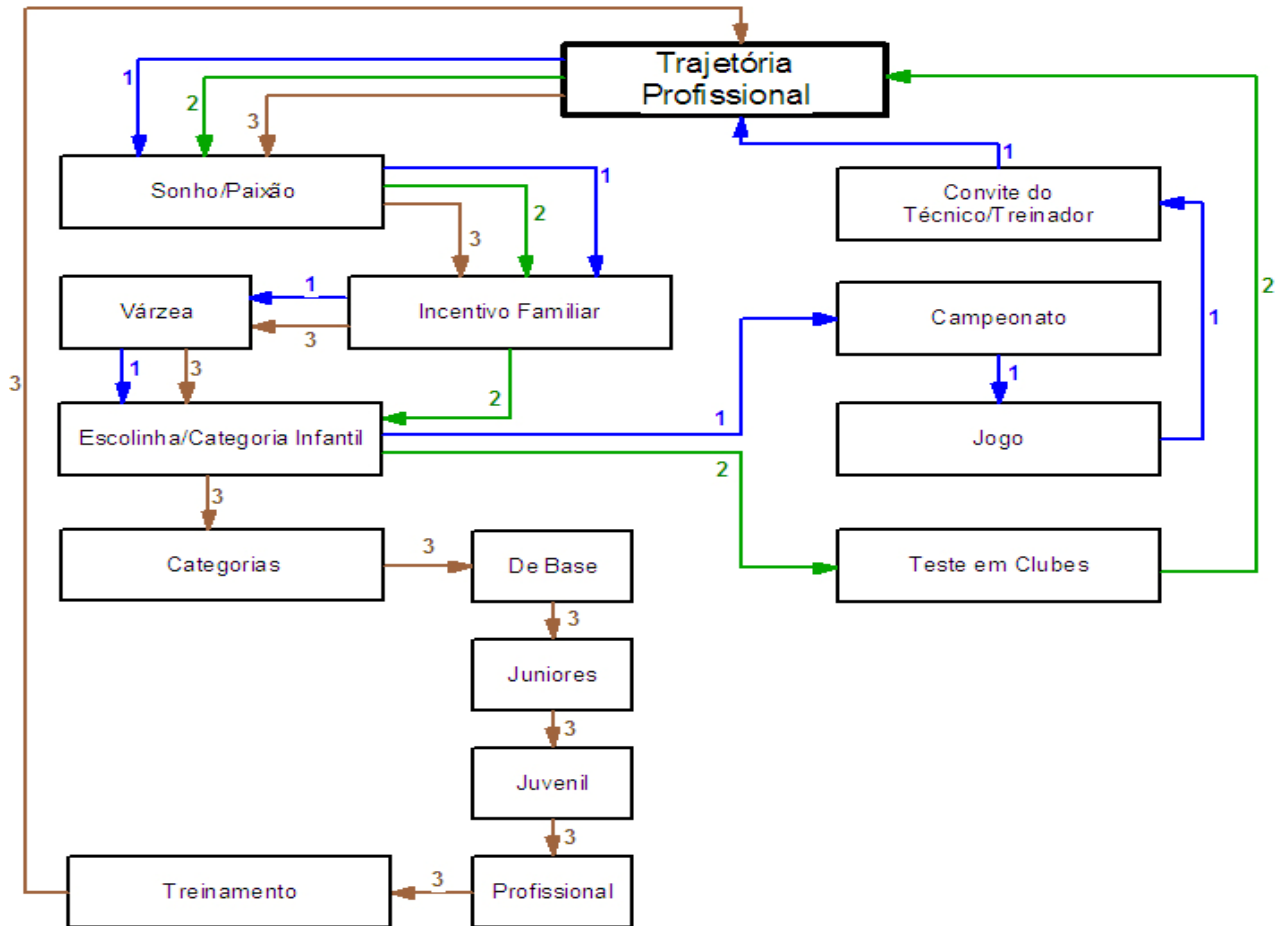
P15 – Foi um sonho meu que meu pai também sempre quis isso. Foi um sonho meu que meu pai sempre me ajudou a buscar e ele sempre investiu em mim desde esse tempo que eu tô aqui. Eu procuro realizar não só esse sonho pra mim mas, pra ele também.

P16 – É sempre gostei, na verdade sempre gostei né, de jogar... futebol, é claro que tive várias dificuldades né? Eu vim de família humilde né? Mas eu sempre gostei desde pequeno, jogar futebol na rua com os amigos, e... quando eu surgiu foi praticamente quando eu jogava assim acho que... eles falam várzea né? Que é um futebol amador e foi quando um treinador na época do juvenil me viu jogando e... eu comecei fazer uns teste, fiz uns teste que eu comecei no Santo André, e foi aí que na... na trajetória.

P21 – Ah, mais pela paixão mesmo de jogar desde pequeno gostei muito de bola, ai você vai crescendo e jogando. Então mais pela paixão, ai desde pequeno jogando nas escolinhas de base, fui chamado para o Clube X, daí estou aqui.

Emergiu do discurso dos jogadores um núcleo de pensamento - **sonho/paixão**. Ligadas a esse núcleo estão as unidades de significação: incentivo familiar, várzea, escolinha/categoria infantil, campeonato, jogo, convite de técnicos/treinadores, categorias de base, juniores, juvenil, profissional, oportunidade, treinar muito e testes em clubes. Consta no gráfico a seguir, a exposição deste núcleo, bem como das unidades de significação.

Gráfico nº 1 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Conte como foi sua trajetória profissional?”



O discurso dos atletas demonstra que eles ingressaram no futebol por ser um sonho desde a infância, e que este sonho é crescente, o que fomenta a constante busca por melhoria. A maioria deles ingressou em escolinhas de base, motivados pela alegria de jogar futebol e por oportunidades como via de acesso.

A maior quantidade de respostas deles formou o núcleo da primeira seqüência, indicados pelas setas de número um, que fazem a ligação entre as unidades de significação que emergiram dos discursos dos mesmos. Este gráfico demonstra como os atletas iniciaram sua trajetória profissional. De forma decrescente quanto à frequência, segue as setas de números 2 e 3, núcleos de pensamentos que emergiram, porém em menor quantidade do que os indicados pelas setas 1.

A segunda e a terceira seqüências, assinaladas pelos números 2 e 3 indicam que para alguns a trajetória profissional, iniciou-se com o incentivo dos familiares, além da busca por

qualificação técnica em escolinhas de futebol, passando pelas categorias de base, muito treinamento, testes em clubes, demonstrando com isso o trajeto percorrido pelos jogadores que não são encontrados por olheiros⁷, ainda no início da carreira.

O gráfico descrito acima consiste numa exemplificação da forma em que os resultados foram interpretados. Na pesquisa social, para Rey (2002) a interpretação é um processo que dá sentido às manifestações do estudado, convertendo essas diferentes manifestações em momentos particulares de um processo geral. Onde a subjetividade supera dicotomias entre social-individual, interno-externo, afetivo-cognitivo, pesquisador-pesquisado, sendo tudo o que o termo possa contemplar desde emoção, individualização até contradição, na contemplação do fluxo da vida humana.

Segundo Dejours (1994), o processo de pesquisa não confere ao pesquisador que seja nem sábio nem especialista, mas alguém que interage. Assim, a partir destas observações à respeito da interpretação dos resultados, segue o conteúdo da pesquisa, que será apresentado no capítulo seguinte.

7 Profissionais que atuam no meio futebolístico, imbuídos de encontrar/revelar atletas amadores, ou seja, bons atletas que não atuam profissionalmente em clubes, seja por terem pouca idade, crianças que a partir de então serão assistidas por clubes que investirão em suas carreiras, no aguardo de retorno para o clube com a venda dos mesmos.

CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, o discurso dos atletas de futebol profissional foi reproduzido graficamente (Lane 1985), apresentado, discutido e analisado a partir das três categorias: 1 - trajetória e identidade profissionais; 2 - gestão do trabalho no clube, que envolve condições de trabalho, horário de trabalho, relações e organização do trabalho; e 3 - mobilização subjetiva dos trabalhadores, que compreende os sentidos atribuídos ao trabalho, as vivências de prazer-sofrimento no trabalho e as estratégias defensivas de enfrentamento.

4.1 - Categoria 1 – Trajetória e identidade profissionais.

Esta categoria reúne os principais motivos de consideração do trabalho dos atletas profissionais, como um trabalho diferenciado no mundo capitalista, a par do modelo de gestão utilizado. Assim, o conteúdo do trabalho foi associado estreitamente à identidade profissional de atleta.

Como forma de apresentar os atletas⁸, segue abaixo dados sócio-demográficos dos mesmos:

Participante 1 – Júlio César, 22 anos, goleiro, ensino superior incompleto (curso faculdade de Tecnologia em Transportes), é solteiro e não tem filhos.

Participante 2 - Garrincha, 27 anos, volante, meio de campo, ensino superior incompleto (curso faculdade de Educação física), casado, não tenho filho.

Participante 3 - Pato, 18 anos, volante, ensino médio incompleto (em curso), solteiro, não tem filhos, mora sozinho.

Participante 4 - Sócrates, 25 anos, zagueiro, ensino médio completo, solteiro, não tem filhos, mora sozinho.

Participante 5 – Romário, 26 anos, atacante, ensino médio completo, casado, tem uma filha de 1 ano e 7 meses.

Participante 6 – Kaká, 23 anos, atacante, ensino superior incompleto (curso faculdade de educação física), é casado e não tem filhos.

⁸ Os nomes verdadeiros dos profissionais foram mantidos em sigilo para resguardá-los, por isso utilizou-se nomes fictícios de grandes atletas da história do futebol brasileiro, que atuaram ou atuam nas mesmas posições que os atletas entrevistados, por exemplo, o participante nº 1 é um goleiro, portanto recebeu o nome fictício de Júlio César, atual goleiro da Seleção Brasileira de futebol.

Participante 7 – Ronaldinho Gaúcho, 27 anos, atacante, ensino superior incompleto (cursa a faculdade de educação física), é casado e não tem filhos.

Participante 8 – Rivaldo, 20 anos, meio de campo, ensino médio completo, solteiro, não tem filhos, mora com os pais.

Participante 9 – Rogério Ceni, 36 anos, goleiro, ensino médio completo, casado e tem dois filhos.

Participante 10 – Ronaldo, 34 anos, atacante, ensino médio completo, casado e tem um filho.

Participante 11 – Bebeto, 23 anos, lateral direito, ensino médio completo, casado, tem um filho de menos de um ano.

Participante 12 – Roberto Carlos, 31 anos, zagueiro, ensino médio completo, casado, tem uma filha de 3 anos.

Participante 13 – Zetti, 23 anos, goleiro, ensino superior incompleto (cursava história), é solteiro, não tem filhos, mora com mãe e irmã.

Participante 14 – Dunga, 25 anos, zagueiro e volante, ensino médio completo, casado, tem uma filha de dois anos.

Participante 15 – Branco, 18 anos, zagueiro, ensino médio completo, solteiro, não tem filhos e mora com outros jogadores.

Participante 16 – Leônidas da Silva, 27 anos, volante, ensino médio completo, casado, tem dois filhos.

Participante 17 – Pelé, 19 anos, meio de campo, meio-atacante, ensino superior incompleto (cursava educação física), solteiro, não tem filhos, mora com os pais.

Participante 18 – Raí, 20 anos, zagueiro, ensino médio incompleto, solteiro, não tem filhos, mora com amigos.

Participante 19 – Taffarel, 27 anos, goleiro, ensino médio incompleto, casado, não tem filhos.

Participante 20 – Luis Fabiano, 23 anos, lateral esquerdo, ensino médio completo, casado, tem 1 filho.

Participante 21 – Edmundo, 19 anos, atacante, ensino médio incompleto, solteiro, não tem filhos, mora com a família.

A tabela a seguir, demonstra os dados referentes ao tempo como jogador, oriundos das entrevistas realizadas com os atletas, estas informações estão fidedignas à maneira que eles relataram, foram apenas transcritas. Estão distribuídas em três etapas diferentes, que são:

tempo como jogador, tempo como jogador de futebol profissional e tempo como jogador de futebol profissional do time.

Tabela 1 - Distribuição dos participantes em relação ao tempo de experiência como atleta de futebol, como atleta profissional de futebol e como atleta profissional do time.

Participantes	Tempo como jogador		
	De futebol	De futebol profissional	De futebol profissional do time
Júlio César	Profissional de carteira assinada? Desde que eu iniciei? Dos 6 até 22 – 16.	3 anos de profissional.	3 anos profissional do Clube X, mas desde categoria de base eu tô aqui vai fazer 8 anos.
Garrincha	Tempo assim de... desde o... De 90 e... eu comecei muito novo né? 5 anos já brincava em escolinhas né? Mais que comecei em clube mesmo desde 96, acho que eu tinha 11 anos.	Tô no profissional desde 2000 né? São 7 anos. São 8 anos então.	No Clube X cheguei agora, tem... 3 meses. Cheguei em agosto.
Pato	Profissional? Tem muito tempo, né. Tem muito tempo. Desde os 7 até os 18, por enquanto. Mais ou menos.	Tem uns 5 meses. Você não me escutou no grupo?	No Clube X tenho 1 ano. 1 ano e 3 meses.
Sócrates	Tempo... quanto tempo... Desde os 7 anos.	Profissional são 8 anos.	É... 1 ano e 8 meses.
Romário	Qual o quê? Quanto tempo que eu tenho jogando? Tem, são 13 anos.	Profissional tenho 8, 8 anos, 8 a 7 anos.	Aqui eu vou fazer 1 ano entrei no início do ano.
Kaká	Desde a categoria de base, ou? 13 anos, desde os 10. Profissional? 3 anos. Tem 13 anos. Desde os 10 anos.	Profissional desde os 21, 22 anos, é, 3 anos.	Aqui no Clube X eu cheguei em agosto, faz 3 meses, pouco tempo.
Ronaldinho Gaúcho	Quanto tempo faz que eu jogo futebol? Desde meus 14 anos, são 13 anos.	Profissional? São desde 1998, são 10 anos.	No Clube X são, eu vim, 2 meses e meio.
Rivaldo	Tempo? Desde os 6 ou 7 anos.	Jogador profissional tem 1 ano, 1 ano e 11 meses, fim do ano fazem 2 anos.	Aqui no Clube X tem 10 anos que eu to aqui. É isso.
Rogério Ceni	O tempo todo passando por categorias de base, 26 anos.	Profissional 18 anos.	Do Clube X eu faço é... 10 anos é... próximo do meio do ano que vem, 9

			anos e um pouquinho.
Ronaldo	Em que sentido? Ah, desde os 18 anos.	18 anos, tinha mas só nos colégios, só de brincadeira, mas profissionalmente já estou te respondendo né, a partir dos 18, mas, jogar bola desde os 3 anos.	Esse ano. 1 ano.
Bebeto	Tempo? 10 anos.	4 anos.	3 meses.
Roberto Carlos	15 anos. Jogando assim, carreira profissional né? Desde o início? Desde os 11 anos é 11, 10 anos de idade, 10 anos eu me meti no primeiro clube onde eu comecei a treinar , meu pai me colocou e eu comecei a praticar. É. 21.	15, é... 14 anos.	No Clube X eu cheguei em junho. maio, maio. Quando acabou o campeonato goiano que foi maio, maio pra junho.
Zetti	Profissional? Desde os 8 anos de idade, categoria de base desde 96.	Profissional? Desde 2003.	Desde 2003
Dunga	Entre categoria de base, tudo? Já tem um bom tempo já... assim... vai fazer uns 10 anos né! Com 15 anos eu a... mais ou menos já... o caminho né!	5 anos, 5 não, desde 2003, isso 5 anos.	É, 5 anos.
Branco	Meu que? Ah, desde os 14 anos, aqui no Clube X né? Desde pequeno eu jogava desde novo. Ah, desde meus 8, 9 anos eu já acompanhava meu pai no campo.	Tem... agora que eu assinei o contrato profissionalmente mesmo com o Clube X, faz 1 ano.	Isso no Clube X. Profissional 1 ano, mas desde que cheguei no clube X 4 anos. Só no Clube X. 1 ano só.
Leônidas da Silva	Tenho... deixa eu ver, eu comecei com... com 15, uns 12, uns 12 anos.	Mas profissionalmente uns... 7 anos, profissionalmente, mas comecei com uns 15, 15 pra 16.	Esse é o primeiro ano. Primeiro ano. Cheguei agora no início de janeiro, então tá sendo o primeiro ano.
Pelé	Vixe, tem tempo heim... Tem uns 10 anos que eu joga, ou mais.	Profissional tem 2 anos, 3 anos, desde quando eu completei 16.	Eu cheguei aqui tem 2 meses hoje, eu acho.
Raí	Profissional ou... Comecei com 7 anos, 13	Profissional... faz... 2 anos. 2 anos.	2 anos. 2 anos por que foi aqui que eu

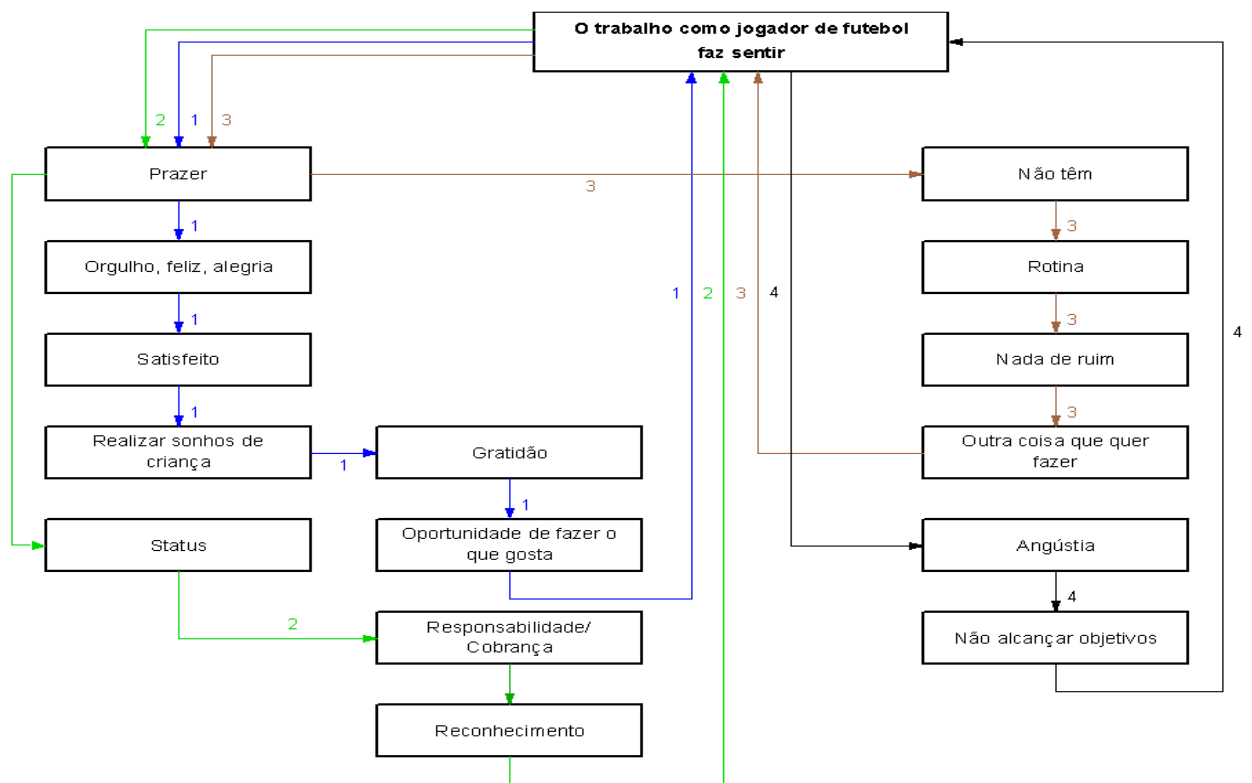
	anos, 13 pra 14. 13 anos de idade, 13 pra 14.		me profissionalizei né?
Tafarel	Profissional, ou? É, você quer que eu conte amador, ou só a partir do profissional? De amador? Temos 10, 12, 12 anos.	Profissional tem 9..., 9..., 8..., 9..., 8..., 8... 9 anos.	Então, sou daqui. É. Tô aqui fazem 10 anos.
Luis Fabiano	Como na... Desde a base? 8 anos, por aí, 7, 8 anos.	É. Faz 5 anos.	Faz, em julho, 5 meses.
Edmundo	Como? Meu tempo? Desde que eu me entendo por gente, eu brincava já fui pra escolinha, de forma que desde pequeno eu tava jogando já. 7 anos minha mãe já...	Tem... 3 anos.	Tem... 3 anos. 3 anos. É, comecei aqui.

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora a partir dos dados coletados em entrevistas com os atletas.

Diante disto, seguem as perguntas que foram feitas, as respostas dos jogadores representadas em gráficos, que demonstram os núcleos de sentido, juntamente com as unidades de significação, conforme foi especificado no capítulo anterior de delineamento metodológico, trechos de entrevistas e a análise das respostas.

As respostas dos atletas quando foram perguntados sobre o que sentem quando pensam no trabalho, estão descritas no gráfico a seguir.

Gráfico nº 2 - Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Quando você pensa no seu trabalho como jogador de futebol, o que você sente?”



A maioria dos atletas respondeu que quando pensam em seu trabalho, sentem muito prazer, orgulho, felicidade e alegria, pois estão realizando um sonho de infância, são gratos pela oportunidade de fazer o que gostam. Foi dito por alguns, que sentem prazer pelo *status* que a profissão oferece, todavia, juntamente com o *status* vem a responsabilidade e a cobrança, mas também há reconhecimento. Houve alguns relatos onde os atletas afirmaram sentir prazer, pois na profissão não tem rotina, não há nada de ruim, não sabem fazer outra

coisa. Finalmente houve o relato de um atleta que afirmou sentir angústia, pelo temor de não alcançar o objetivo imposto pela profissão.

Segundo Dejours (1994) a realidade do trabalho é dialética, pois este é tanto fonte de prazer quanto de sofrimento, todavia, o que determinará a prevalência de um sobre outro, é a possibilidade que o trabalhador possui de ressignificar seu sofrimento frente ao trabalho, proporcionando com isso vivências prazerosas no contexto do mesmo.

Um dos principais fatores que proporcionam sofrimento aos atletas é a responsabilidade que possuem, de tanto promover bons resultados para a equipe onde atuam, como também manter-se sempre em condições de jogo, e isto extrapola o estar apto para jogar, mas é jogar e contribuir positivamente para o desempenho da equipe. Do contrário, as possibilidades de substituições são presentes e podem comprometer a carreira de um atleta que almeja ascensão profissional.

Dejours (1994) afirma que um dos fatores que proporcionam vivências de prazer no trabalho é o reconhecimento do trabalho realizado pelo trabalhador, o que indica a contribuição deste à organização, conferindo um meio de ressignificar o sofrimento causado pela cobrança.

Quanto à profissão dos atletas de futebol, por ser muito almejada e valorizada financeiramente pela sociedade, além da satisfação proporcionada pelo sentimento de “utilidade” ao clube, o *status* social que a profissão proporciona alimenta o imaginário das pessoas. Sentimento este que está na base da postura de auto-superação constante, adotada pelos atletas, conforme trechos de algumas entrevistas.

Kaká – Eu sinto... acho que muita alegria por que... acho que se você perguntar pra, digamos assim pra maioria das pessoas do sexo masculino o que queriam ser, acho que a maioria queria ser jogador de futebol e você conseguir realizar esse sonho de criança acho que é uma grande satisfação.

Rogério Ceni – Olha eu sinto... um misto de... responsabilidade e de prazer, porque eu acho que a... eu acho não, eu tenho a convicção de que você ser um atleta, um jogador, eu graças a Deus consegui um nome, um bom *status* te trás... então eu acho que um misto de prazer... um misto de prazer com responsabilidade. Por que tem um lado muito prazeroso da profissão entende? De você ser reconhecido, de você ser, ser é... bem tratado nas ruas pelos torcedores, é e a responsabilidade é muito grande, principalmente no meu caso pela posição que é a posição de goleiro que é uma posição muito dura uma posição em que não te permite erros e... principalmente se você atuar numa equipe de grande expressão como o Clube X né? Então, mas é assim, no normal eu convivo muito bem com esse prazer e essa cobrança.

Rai – Eu não entendi sua pergunta? Ah! Às vezes dá uma angústia também né, de cê imaginar que cê não vai alcançar os objetivos que cê almeja na vida né. E como no meu caso assim, eu não tenho estudo né, assim né, então fica complicado, a gente pensa desse

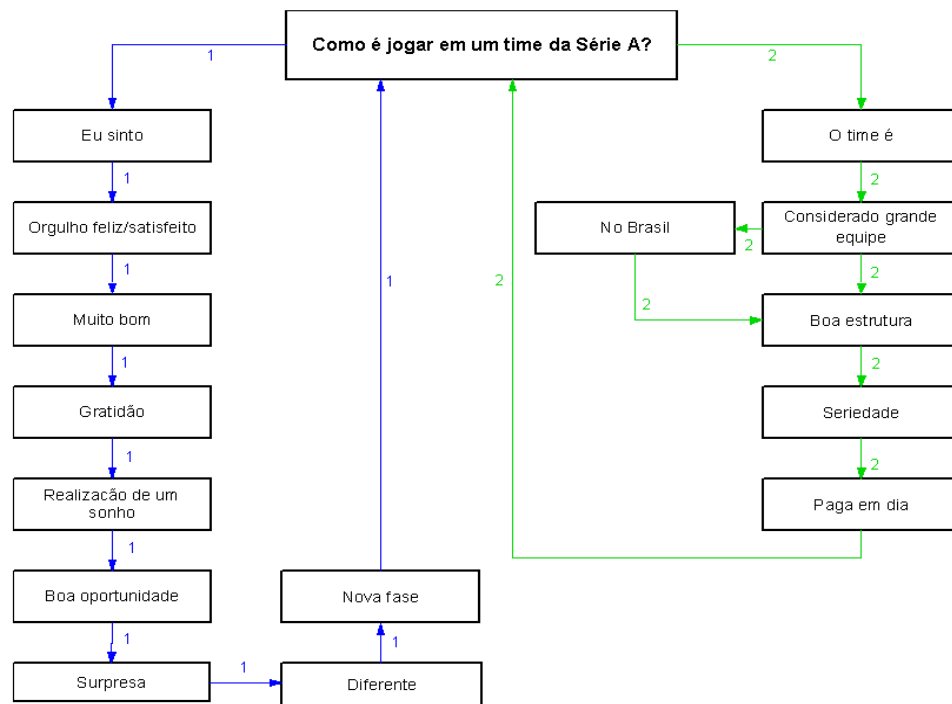
lado, mas também pensa de outro lado né, se Deus quiser dar tudo certo. E a gente ter uma carreira boa no futebol, viver nossa vidinha tranqüila, sem precisar dos estudos (risos).

Para Rubio (2001), o esporte é tido como atividade central nas sociedades contemporâneas, o que fomenta o anseio por bons resultados, aumentando a auto cobrança do atleta, pois ascender profissionalmente no esporte, consiste no desejo de muitos. Todavia, isto não é para todos, a maioria dos atletas profissionais não sobrevivem unicamente de seus salários como desportistas, sendo preciso que trabalhem em outras profissões. Isto reforça a estatística de que somente um percentual mínimo de atletas recebe um ordenado superior a dois salários mínimos.

Segundo Dejours (1999) uma das maneiras de reconhecimento pelo trabalho vem através da remuneração, o que é importante em qualquer forma de trabalho. No futebol, devido a alguns casos de ascensão social rápida, muitos atletas se vêem inseridos na lógica de busca incessante de bons resultados o que proporcionaria concomitantemente bons salários, porém, a realidade demonstra diferente. Entretanto a iminência de ascensão é suficiente para manter o atleta no círculo vicioso, de que será possível, será possível, que depende unicamente dele. Esta postura alienada proporciona sofrimento para o profissional, pois é notório que o mundo do futebol é de natureza complexa, o que refuta uma postura linear.

Os discursos dos atletas diante da pergunta: Como é pra você jogar em um time da série A?" Estão descritos no gráfico a seguir.

Gráfico nº 3 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como é pra você jogar em um time da série A?”



Os atletas responderam que sentem orgulho, felicidade, gratidão e satisfação, que é muito bom, que é a realização de um grande sonho, pois o time é considerado uma grande equipe no Brasil, oferece uma boa estrutura, além de ser um clube sério e que paga em dia.

Notou-se que os atletas admiram a estrutura do clube nos aspectos físicos, como concentração, refeitório, centros de treinamento, dentre outros, isto é algo positivo segundo o relato dos mesmos. O clube oferece uma infra estrutura que possibilita aos trabalhadores exercerem sua profissão, minimizando o sofrimento, pois os aspectos ergonômicos no trabalho, favorecem a execução do mesmo.

Dejours (1992, 1994, 2004) categoriza como Condições de Trabalho: pressões físicas, mecânicas, químicas, biológicas do local de trabalho, estando diretamente ligadas ao corpo, se mal concebida, proporciona desgaste, doenças somáticas, dentre outros. Todavia, se atentarem para as necessidades ergonômicas do trabalhador, essas podem favorecer a execução do trabalho minimizando o sofrimento.

Conforme o discurso de alguns atletas.

Romário - Pra mim é uma fase nova por que eu sempre ouvi falar, mas sempre joguei no Rio de Janeiro desde novo, depois fui pra São Paulo aí eu consegui ir pra Europa, Portugal, e aqui tá sendo o primeiro ano e eu tô muito feliz. Aqui é uma estrutura muito boa, um clube sério, um clube que eu acho que teria que ter uma assim... um espaço maior no cenário brasileiro por que pela estrutura que tem as pessoa pensam que não é um clube tão grande como Flamengo, Vasco, São Paulo, mas pra mim eu fico tão feliz como eu jogava no Fluminense, como, como se... se eu jogasse realmente num time de ponta, aqui eu tô totalmente satisfeito, até pela cidade também que é um lugar tranquilo pra viver, do Clube X, só tenho assim... coisas boas pra falar, que me falaram antes de vir pra cá e comprovei que é tudo verdade.

Tafarel – Pra mim, o Clube X hoje é um time grande. Única coisa... Diferença que tem é que tá no (Região do clube), é menos visado, na questão de São Paulo, Rio, Minas que é mais visado, mas a estrutura que o Clube X tem, o poder de trabalho que te dá todo dia, que te oferece é bem melhor do que muitos clubes que não tem nem CT pra treinar. Uma concentração que o Clube X oferece é uma das melhores estruturas hoje do Brasil.

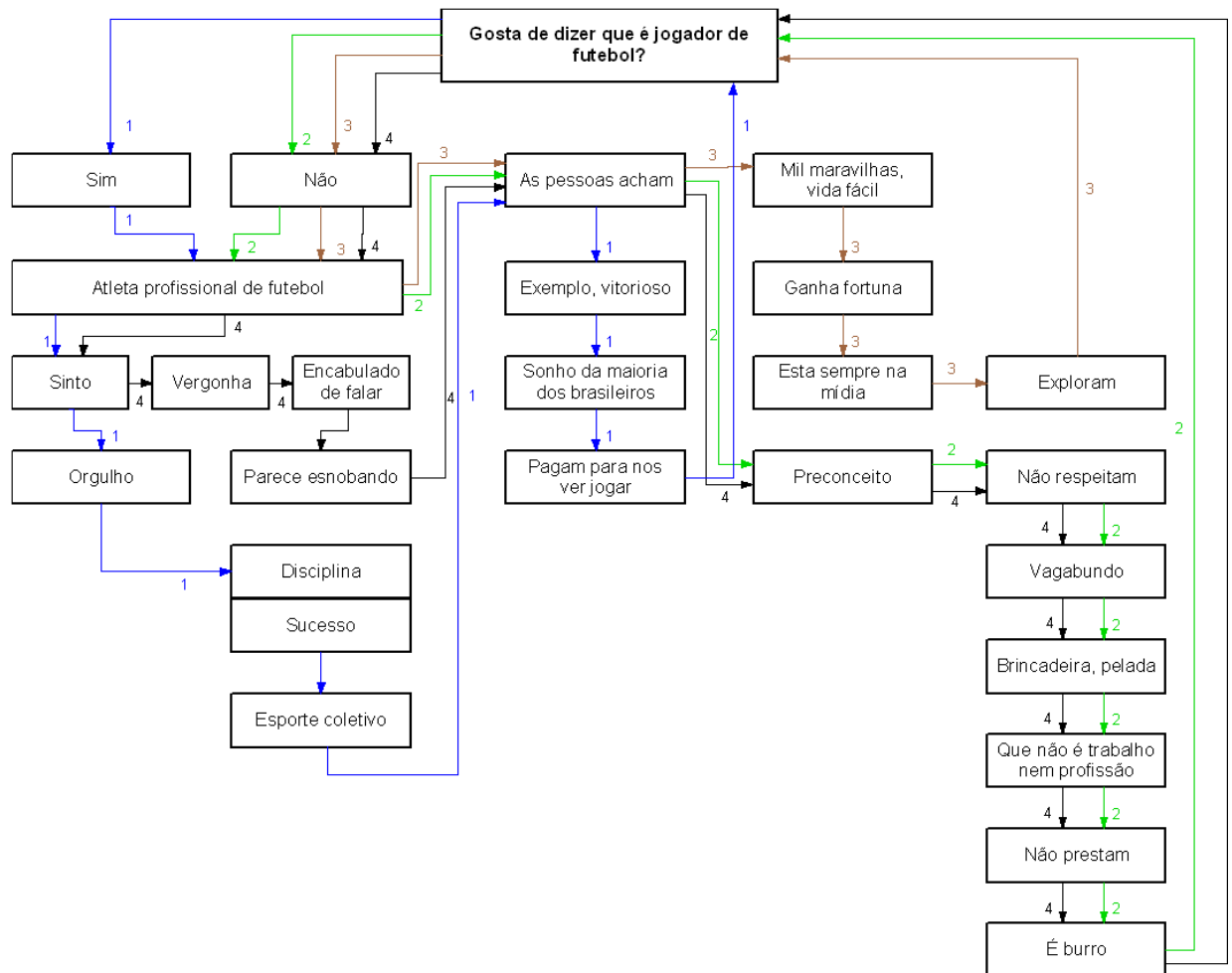
Para a maioria dos atletas, o clube em que trabalham constitui uma boa equipe, considerado uma das maiores do país, tanto nos aspectos de infra estrutura, quanto administrativamente, pois cumpre com seus compromissos financeiros, entretanto, não possui projeção nacional marcante como outros clubes nacionais.

Estes relatos demonstram que o interesse pela profissão não é somente por trabalho e remuneração. Há um interesse de exposição na mídia, através dos veículos de comunicação na divulgação das conquistas que para o psiquismo do atleta, seriam a coroação diante da sociedade, apresentando para todos seus feitos heróicos realizados em sua atuação enquanto atleta (Rubio, 2001).

Esta exposição midiática relatada por muitos como uma exposição em vitrine, também contribui para a comercialização dos atletas, demonstrando as relações mercantis inerentes do mundo do futebol, que reduzem estes profissionais a meras mercadorias comercializáveis, coisificando-os e relegando a prática de um esporte popular à lógica do consumo, de veiculação de capital.

A respeito da pergunta: *“Você gosta de dizer que sua profissão é jogador de futebol profissional?”* Do discurso dos atletas emergiram dois núcleos de pensamento sim e não, conforme exposto no gráfico.

Gráfico nº 4 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Você gosta de dizer que sua profissão é jogador de futebol profissional?”



Os atletas afirmaram que não gostam de dizer que são jogadores de futebol, mas atletas profissionais de futebol⁹. Segundo a maioria dos atletas, as pessoas não os reconhecem como trabalhadores. Conforme relatos que seguem:

⁹ Faz-se pertinente salientar que possivelmente este equívoco da pergunta poderia ter sido revisto se fosse realizado a testagem piloto do roteiro de entrevista. Todavia, devido aos horários dos treinamentos, da disponibilidade de cessão dos atletas por parte do técnico, e do escasso tempo que havia para as entrevistas serem realizadas, estas foram feitas no final da temporada, alguns dias antes do início do período de férias dos atletas, este era o período possível, pois estava no final do ano e não seriam todos os contratos que seriam renovados. Outro fator foi que, se iniciasse o período de férias dos atletas, a pesquisadora precisaria esperar 40 dias para continuar suas entrevistas, o que inviabilizaria o cronograma da pesquisa. Estes foram fatores que impossibilitaram a realização da testagem.

Júlio César - Eu falo atleta profissional de futebol. (Risos). Eu costumo dizer isso assim..., acho que me sinto mais... . Gosto, isso... às vezes, gosto assim... atleta profissional de futebol... assim... porque atleta né... quer dizer tá ... envolve parte física, um atleta na verdade, e profissional do futebol, por que as pessoas acham que jogador não é uma profissão até te perguntam: ah você faz o que? Ah, você é jogador , ah não! E o que mais você faz? Né! Você trabalha com o quê? Eu não! É isso mesmo que eu trabalho. Porque aqui no (baís) país, elas não tem, essa visão de profissional como nos outros países tem.

Zetti – Atleta profissional! Jogador de futebol tem aos montes. Atleta profissional do futebol. Eu gosto, gosto e faço questão, me dá orgulho é o que eu faço, e o que eu aprendi a fazer, é o que eu sei fazer. E eu sou atleta profissional do futebol.

Quanto aos discursos dos atletas emergiram dois núcleos de pensamento, sim e não. Para os que disseram sim, justificaram que sentem orgulho, que as pessoas os vêem como vitoriosos, que pagam para vê-los jogar, que realizaram um sonho que a maioria dos brasileiros possuem, que é um sucesso, mas que tem que ter disciplina. Conforme o discurso.

Rogério Ceni – Eu sinto o maior orgulho disso, muito orgulho disso. Por que é... quem vive no mundo do futebol sabe que a trajetória é muito difícil, é muito difícil, não basta só o talento, tem que ter a persistência tem que ter a disciplina, sabe? Tem que ter o equilíbrio emocional, São vários fatores que determinam aquele jogador que vai sobressair dos outros, por que o talento é... a maioria deles tem é... mas é... os outros fundamento são muito importante para a formação de um bom atleta, por que o bom atleta não é aquele que se destaca e logo, logo você para de ouvir falar, mas aquele que consegue destaque e consegue manter esse destaque então é... por causa dessa é... dessa constante cobrança, dessa disciplina toda que tenho o maior orgulho de dizer, por que é... não são todos que tem a condição de ter uma carreira longa como eu tive e... graças a Deus com muito mais sucesso que fracasso.

O grupo dos que disseram não, justificaram que evitam falar, pois as pessoas acham que estão esnobando, assim ficam encabulados de falar, que sentem vergonha, que sofrem preconceito, pois, as pessoas não respeitam, acham que são vagabundos, levam na brincadeira, que jogam é “pelada”, que isso não é trabalho nem profissão, que não “prestam”, que são burros, acham que a vida deles é mil maravilhas, que ficam sempre na mídia, ganham fortunas. Conforme relato que segue:

Bebeto – Não! Ah!... Muita das vezes, é... incomoda um pouco né, acho que, quem tá de fora, acha que é mil maravilhas né, acha que não passa por momentos difíceis né, mas caba passando. É!... Muito assédio, cê sai na rua cê quer se sentir a vontade, ainda mais quando você começa a ser ídolo né, e é muito difícil sai na rua muita gente em cima sabe? Isso te deixa muito sufocado.

Além de os explorarem financeiramente, superfaturando mercadorias de interesse dos mesmos no ato da compra. Alguns relataram que se o vendedor souber que são jogadores de futebol, o preço é alterado para mais. Conforme relato:

Garrincha - Vou te falar pro cê, eu gosto de dizer só que evito dizer por que as pessoas acha que, até no mercado sabe, as coisas que cê vai fazer o pessoal acha que jogador de futebol ganha... nos compara, compara a maioria com Ronaldinho, Ronaldo, então assim... então elas acha que dinheiro é fácil sabe? Então uma coisa custa tanto e se eles souber que você é jogador de futebol custa mais tanto entendeu? Então eu gosto de falar, acho que hoje o jogador de futebol é bem visto né? Antigamente até quando eu comecei a namorar com minha esposa foi uma dificuldade por que os pais dela tinha um preconceito né? Até por que também eles viam o que a mídia colocavam né? Que era, vários outros, não vou citar os nome, mas vários outros jogadores que só faziam o errado né? Mas eu tenho, eu tenho sim, acho que não tenho nenhum problema de falar que hoje eu sou atleta profissional, eu sou jogador de futebol, isso fora do país eu né? Fiquei três anos fora do país é uma profissão como qualquer outra.

Os relatos foram quase todos relacionados a questões externas ao trabalhador, ou seja, não estavam vinculadas à identidade pessoal no trabalho, não são oriundas do processo de subjetivação do atleta, as insatisfações não são primordialmente do desportista, mas do contexto que o circunda, pois as dificuldades não estão entre o atleta e a execução do trabalho, mas refere-se à representação que a profissão possui na sociedade a qual pertencem e trabalham. Além de não existir incompatibilidade entre a personalidade do atleta e o tipo de tarefa a ser realizada. Todavia, tanto o núcleo emergente *sim* quanto o *não*, estão relacionados com o desejo de realização imaginária por parte do trabalhador, que prima por reconhecimento em seu trabalho. (Dejours, 1994).

Pereira (2008) afirma o papel que a mídia possui nessa divulgação falaciosa à respeito do futebol. Além de produzir astros, fenômenos, estrelas, dentre outros apelidos enigmáticos, que espetacularizam o futebol, cria mitos e alimenta sonhos nas mais variadas pessoas. Todo este estrelato do futebol é responsável em mascarar a realidade desta prática desportiva enquanto profissão. Nem todos os atletas recebem salários altos, contrário ao imaginário popular, não trabalham se divertindo, os treinamentos são rigorosos obedecendo a esquemas táticos pré estabelecidos e em horários inflexíveis. Conforme relato:

Roberto Carlos – Eu falo como atleta, eu sou um atleta, assim... Todo mundo... quando tem que assinar algum documento, todo mundo me pergunta, eu falo eu sou atleta profissional, eu não falo como jogador de futebol. Por que jogador de futebol todo mundo interpreta como brincadeira. E eu levo isso muito a sério, eu levo como profissão, então pra mim é profissão, é atleta. Profissão, um esporte coletivo, então quando se trata de esporte coletivo a profissão é atleta, não é jogador. Jogador todo mundo trata como uma pelada, todo mundo joga futebol. Eu sou jogador de futebol joga uma pelada ali joga aqui. Eu não sou jogador de futebol, por que a vida não é fácil, hoje em dia é como uma vida fácil, que você ganha dinheiro muito fácil e que faz o que gosta, mas não é por aí, tem as coisas boas e tem o lado ruim, concentração, viagem, não tem quase descanso. Então eu sou um atleta.

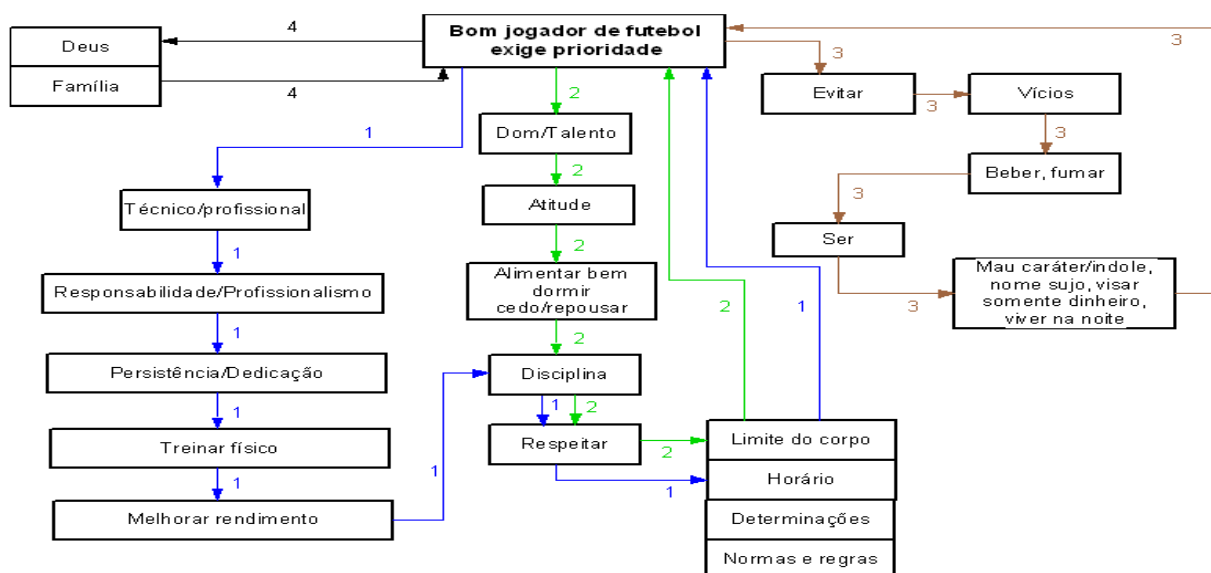
O meio futebolístico possui uma cultura inerente. Cultura esta concebida enquanto prática social, que oferece modelos de vida e de compreensão do mundo, conforme Valle (2003) e Pereira (2008), que fomentam suas práticas e influenciam suas percepções, criando

seu próprio universo, sua própria cultura. Assim, no futebol, há uma lógica que prima por bons resultados, e não necessariamente vitória, esta justifica decisões e fomenta a popularidade da prática do esporte enquanto profissão. O que demonstra que, ainda que seja penoso em alguns aspectos, jogar profissionalmente futebol no Brasil, está para além de simplesmente jogar futebol. Mas, é praticar o esporte que é o maior fenômeno social desse país, que mais que fenômeno social é político é econômico, visto a importância que possui.

O aspecto de popularidade que é conferido ao futebol, contribui para a contemplação da profissão, que ofusca a realidade do trabalho que pode proporcionar sofrimento. Todavia, esta realidade velada coexiste com a satisfação em relação a alguns aspectos do trabalho que proporcionam prazer. Este sentimento de prazer, trata-se de um modo de experienciar o reconhecimento no trabalho, que muitas vezes não se expressa de forma direta e consciente, mas é resultante de construtos inconscientes. Mendes (2007), Santos (2008) e Dejours (1992) afirmam que o sofrimento e o prazer são oriundos de uma relação específica com o inconsciente.

A respeito da pergunta: “O que seria importante para se tornar um bom jogador de futebol atualmente”, segundo os relatos dos atletas, segue as unidades de significação, expostas no gráfico.

Gráfico nº 5 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Atualmente o que você considera mais importante pra ser um bom jogador de futebol?”



Emergiu do discurso dos atletas, aspectos voltados para técnica e profissionalismo que são: ter profissionalismo, persistir sempre buscando melhorar o rendimento, ter dedicação, responsabilidade, ter disciplina cumprindo horários, normas e regras; outros aspectos relacionados a dom e talento como: ter atitude, alimentar bem, dormir cedo e ter repouso de qualidade; finalmente os aspectos relacionados a hábitos que precisam ser evitados, que são: ter vícios como beber e fumar, ser mau caráter/má índole, ter o nome sujo, visar somente o dinheiro na profissão e viver na noite deslumbrado.

Foi notória nos relatos dos atletas, a necessidade de muita disciplina e determinação para a realização de suas tarefas, com pouca possibilidade, por parte dos atletas, de estarem conciliando seus anseios pessoais e as exigências do trabalho. Porém, embora a disciplina seja “imposta” pela equipe técnica, cada jogador tem claro para si que seu sucesso profissional dependerá unicamente de seu desempenho e de boas condições físicas para trabalhar, pois o meio futebolístico é um ramo profissional efêmero, onde a carreira é curta e o profissional tem “data de validade” para o mercado. Conforme relato:

Leônidas da Silva – Olha fazer as coisas é... que te determinam, pra você se tornar um jogador importante no futebol. Você, você procurar manter, fazer as coisas bem feitas como um treinador passa pra você, é... você ganhar títulos num clube, pra você ter o conhecimento, então, acho que pra mim é isso.

Tafarel – Olha, se ele não gostar do que faz, ter responsabilidade, ter profissionalismo, ele não consegue. Porque não dá pra você jogar futebol e viver na noite, e viver num ambiente que não condiz com o seu. É... porque você precisa do corpo né, porque você pode... um gerente administrativo, senta na mesa, por mais que ele tenha ido pra noite, ou feito qualquer extravagância a mais, ele vai usar mais a cabeça. Mas o atleta não! Precisa ter um cuidado rigoroso, com o corpo, com a alimentação, com... e tudo, senão ele não consegue, ele consegue até os 25, 26 bem, e depois disso, ele já não consegue atuar da mesma maneira que ele conseguia.

Esta realidade vivida pelos atletas profissionais de futebol é contrária a imagem que é veiculada na mídia, onde o lado penoso do trabalho quase sempre é esquecido. O que costumeiramente é vendido pelos meios de comunicação, consiste na possibilidade de ascensão social rápida, sem muitos sacrifícios a não ser treinos e desempenho em campo.

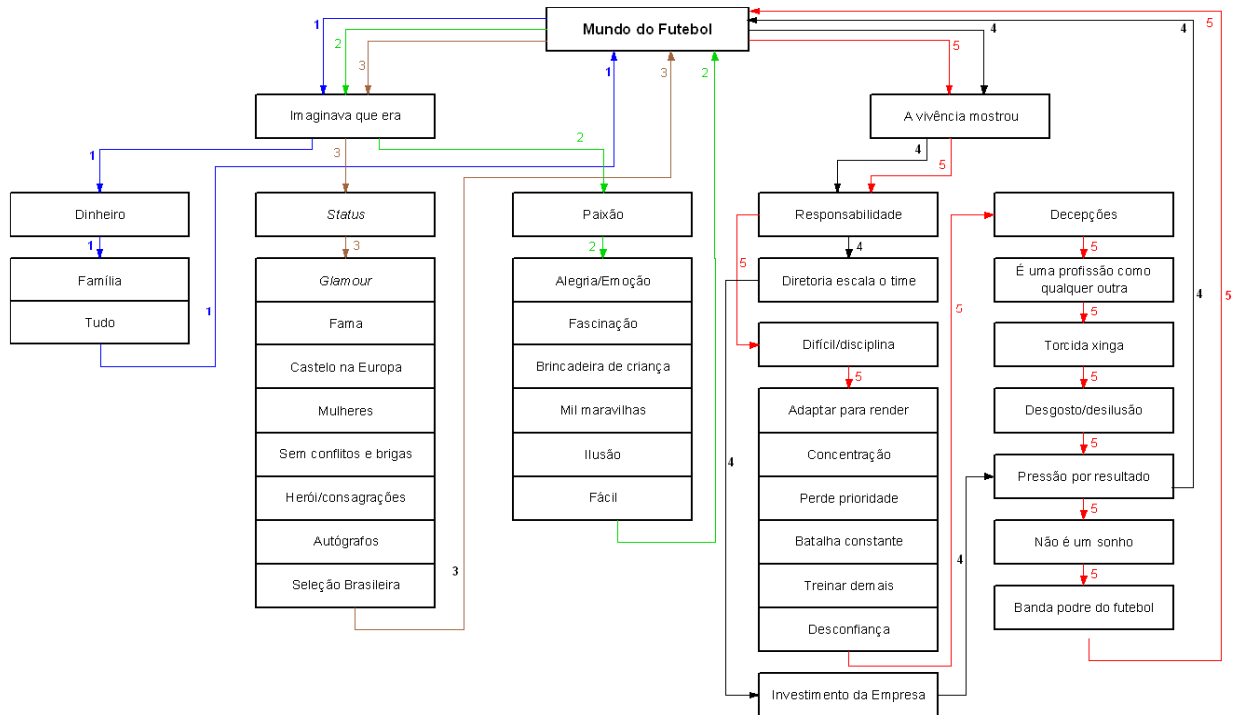
Araújo (2008), Brasileiro (2008), Assis (2008) e Tomazini (2009), em suas pesquisas com trabalhadores do entretenimento e lazer, descobriram que a representação do trabalho destes trabalhadores para a sociedade é diferente dos demais, pois trabalham com arte, trabalham para os outros se divertirem.

Semelhantemente aos atletas de futebol, a realidade dos bastidores para estes trabalhadores também é velada, pois o público contempla somente as instruções e o desfile de beleza dos instrutores de academia de ginástica de Araújo (2008), ao público cabe dar

gargalhadas com os trabalhadores circenses de Brasileiro (2008), ao público cabe se entreter com as músicas cantadas pela banda pesquisada por Assis (2008) e ao público cabe usufruir da limpeza e assistência proporcionada pelos trabalhadores de *Shopping Center* de Tomazini (2009). Todavia, o sofrimento destes trabalhadores passa imperceptível, é como se não sofressem, pois promovem alegria, sorrisos e distração.

A respeito do que os atletas pensavam e imaginavam que era o mundo do futebol antes de se tornar jogador, foi descrito no gráfico que segue.

Gráfico nº 6 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como você pensava imaginava que era o mundo do futebol, antes de se tornar jogador?”



Ocorreram relatos da ordem do *status* da profissão, da paixão e da vivência. Muitos deles pensavam que ser jogador de futebol era sinônimo de muito dinheiro, glamour, fama, castelos na Europa, mulheres, herói, profissão que não tinha conflitos e brigas, comemorações, autógrafos, seleção brasileira.

O ponto de vista que a maioria das pessoas possuem a respeito do mundo do futebol, vendo o “de fora” é diferente do vivido pelos atletas, pois, a maioria dos relatos foram no

sentido de que é uma profissão sem percalços, onde vivências hedonistas são inerentes à profissão, entretanto, o dia a dia demonstrou ser diferente. Alguns relatos foram de que não depende somente do jogador possuir habilidades para o esporte, pois muitas vezes este atleta habilidoso cede lugar para um jogador que o diretor comprou, as escalões são muitas vezes feitas pela diretoria.

A competitividade é grande entre os atletas, há constantemente pressão por resultados. E o atleta vive numa organização que, se ganhou ontem ele é tratado hoje de um jeito, se ganhar amanhã ele é tratado amanhã de outro jeito, se ele empatou, ele é tratado de outro jeito. Então, a volatilidade das relações é difícil de apreender.

Os atletas que disseram que imaginavam o mundo do futebol como uma paixão pensavam que era um meio alegre, emocionante, com muita fascinação, que era mil maravilhas, como brincadeira de criança e que era muito fácil. Todavia, as vivências mostraram que é preciso ter muita responsabilidade, disciplina, que é preciso adaptar pra render, que muitas vezes é a diretoria que escala o time, os períodos em concentração são muito angustiantes, não possuem privacidade, o meio do futebol é uma batalha constante sendo preciso treinar demais, há muita desconfiança, decepções, a torcida xinga, é freqüente a pressão por resultados, tem muito desgaste e desilusão, não é um sonho como imaginavam e que no futebol há uma banda podre.

Romário – Ah! Só pensava que era mil maravilhas né pensava que tudo era bom não via esses lados das dificuldades de você não ter o seu dia a dia normal as vezes você pede um jogo, você não pode sair de casa essas coisas todas, perde um pouco a privacidade pra muitas coisas. E a única coisa que não gosto do futebol, que eu sempre falo pra pessoas também, que as vezes não... não ficaria muito no futebol depois que parasse de jogar. Não queria me envolver com isso mais porque são os lados ruins do futebol né. Lado que você não pode confiar nas pessoas. O lado de um querer engolir um ao outro essas coisas assim, graças a Deus até aqui não vejo isso a gente que joga futebol muito tempo a gente vê muitas coisas dessas acontecer e isso estraga o futebol a banda podre no futebol.

Foi notório a partir dos relatos, a presença de desencanto com a profissão que imaginavam antes de se tornarem atletas, além de uma insatisfação com a realidade atual. Dejours (1994) expõe que quando a relação homem-trabalho impede a satisfação do trabalhador, provoca neste o sofrimento psicológico. Conforme relato:

Dunga – Como que eu imaginava? Imaginava um mundo mais fácil, não imaginava a disputa que é, sabe? Lógico como toda profissão tem a disputa, mas eu creio que no futebol ela é bem acirrada tanto produtividade, envolve tudo né, tem que tá bem, sempre, tá bem pra poder sempre cê tá nos melhores times. Então, a produtividade, você tem sempre que tá produzindo.

A insatisfação pode ser estabelecida a partir da falta de significação do trabalho por parte do trabalhador, e ainda por falta de linearidade entre as potencialidades deste e a demanda da atividade, ocasionando com isso sentimentos de desqualificação, inutilidade, indignidade, temor por não corresponder à expectativa da empresa, falta de reconhecimento por parte da diretoria e dos pares, dentre outros. O sofrimento está justamente na incapacidade de sublimação que o trabalhador encontra em seu labor.

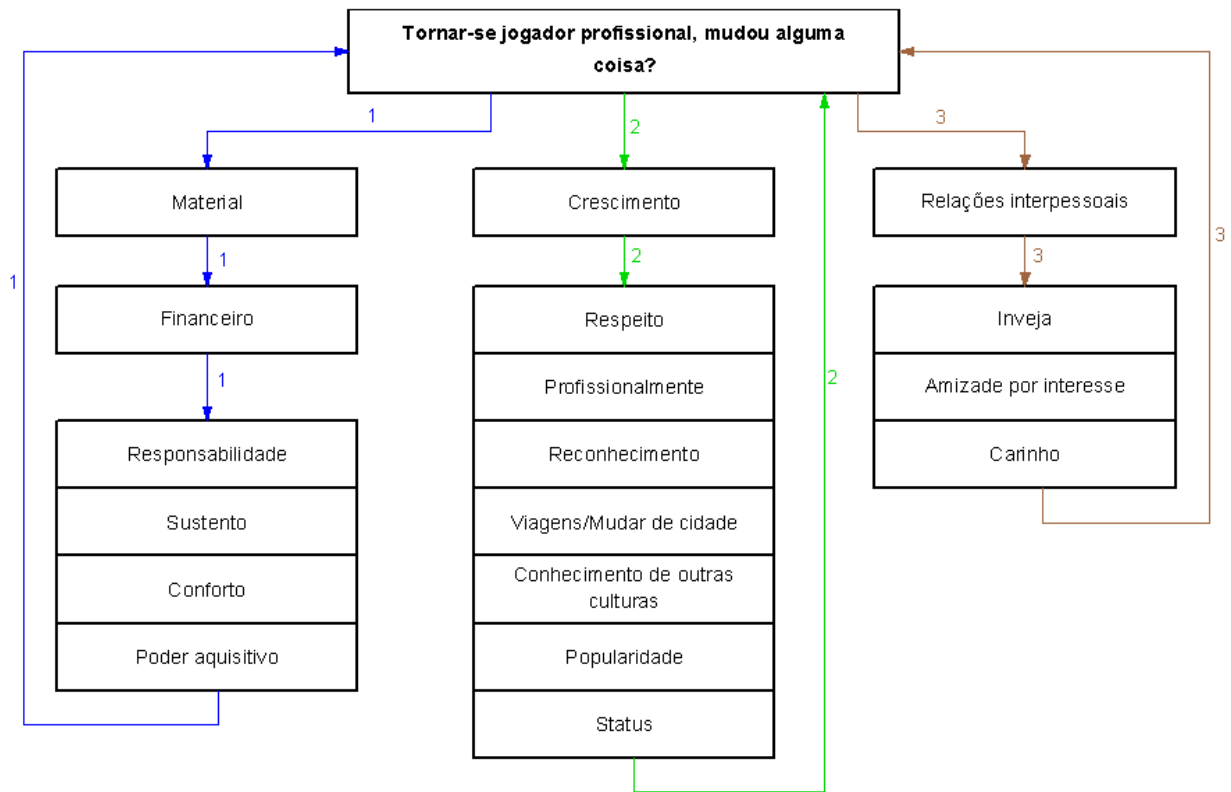
Este sofrimento pode ser apreendido tanto de forma individual, quanto em construções simbólicas coletivas, através do uso de certos elementos simbólicos no discurso, demonstrando que a cooperação também ocorre no partilhar do sofrimento, pois segundo Dejours (2004) a cooperação constitui o nível subjetivo de integração das diferenças entre as pessoas e da percepção do sofrimento no trabalho.

O sentimento de produção crescente e constante permeia os atletas de futebol, sendo um sentimento inerente a todos. Os relatos da maioria dos atletas, que atribuem esta condição de produtividade, como algo inerente à prática do futebol, caracteriza-se como uma estratégia de enfrentamento coletiva, o que demonstra ser uma atitude de cooperação entre os atletas, ou seja, se todos compartilham da mesma opinião, isto minimiza a potencialidade do sofrimento. Conforme (SANTOS, 2008 e DEJOURS, 2004).

Segundo Pereira (2008) a massificação do sofrimento, é vivenciada pelos atletas, enquanto uma situação inerente ao futebol, pois é uma realidade para a maioria. Devido a isso o sofrimento é velado e distanciado de ser apreendido, pelos profissionais. Sendo assim, é preciso que os atletas se adéqüem a esse contexto naturalizando-o, para que o sofrimento seja velado e a prática laboral possível.

Quanto à pergunta sobre possíveis mudanças após a profissionalização, os relatos foram descritos a partir dos núcleos emergentes apontados no gráfico.

Gráfico nº 7 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Depois de se tornar jogador de futebol alguma coisa mudou? Se positivo, o quê?”



A maioria dos atletas relatou que as principais mudanças que sofreram foram o aumento da responsabilidade, o aumento do poder aquisitivo que proporcionou conforto e sustento a eles e aos seus familiares, além de terem sofrido mudanças no aspecto de crescimento pessoal, respeito profissional, reconhecimento, popularidade, privilégio que a profissão oferece nos momentos sociais, *status*, mudança de cidade, aumento de conhecimento e cultura por conta de viagens a outras cidades.

Relataram ainda que as relações interpessoais também mudaram, passaram a receber mais carinho das pessoas, a sentirem que as pessoas se aproximavam por interesse, por inveja.

O reconhecimento do público em relação ao trabalho realizado pelos atletas confirma a importância que este ato possui para a construção da identidade profissional e mobilização dos sujeitos, que com isso transformam o sofrimento em prazer, conforme exposto por Lancman e Sznelwar (2004).

O *status* que a profissão ostenta, proporciona mudanças significativas na vida do atleta de futebol profissional, mudanças estas que vão desde melhoria no poder aquisitivo, até relações por interesse. Conforme relatos:

Sócrates – Mudou. Ah! Eu acho que as pessoas começaram a aproximar mais de mim. É, mais amigos né, entre aspas, sei lá mais conhecidos, essas coisas assim...

Kaká – Em que sentido você fala? Acho que mudou, no sentido do futebol te dar uma condição financeira muito diferente das outras profissões, né. Te dá uma condição financeira de daqui a pouco você tá ajudando tua mãe, teu pai, as pessoas que você gosta. De... de você também começar a ter tuas coisas, então eu acho que nesse sentido sim. É lógico também, como eu te falei né, no sentido da satisfação de você ser um profissional, de você tá aparecendo, daqui a pouco você faz um gol, da badalação que tem o esporte. Não que isso seja mais importante, mas é isso... faz parte do meio do futebol.

Dunga – Mudou muita coisa! Bom, antes eu não... hoje pelo que eu até agora conquistei hoje eu posso me vestir melhor, eu posso oferecer uma qualidade melhor pra minha família, pra minha filha, hoje eu posso... lógico que eu tenho limites mas eu tenho... eu posso hoje... desfruto de algo melhor, posso vestir bem, comer bem, e antes era restrito né, não era o melhor sempre.

Edmundo – Mudou! Tudo na minha vida mudou, mudou! Minha família, minha casa, ah! Tudo, tudo, tudo mudou. Porque eu morava num setor... é... minha família sempre foi pobre, graças a Deus hoje eu consegui dar um apartamento pra minha mãe, moro num lugar melhor, a gente se alimenta melhor, consegue se vestir, ter um tênis legal, um dinheiro que você quer... então, tudo praticamente mudou na minha vida.

Analisar o futebol apenas a partir do aspecto financeiro é reducionismo, ainda que este seja um dos principais atrativos do esporte enquanto profissão. Todavia, considerar o futebol, e concomitantemente transcorrer à respeito dos atletas de futebol profissional, consiste em apreender um fenômeno social complexo, onde é preciso fazer frente a questões de ordem tanto objetivas quanto subjetivas, consiste em dar vazão a aspectos inconscientes, que em vários aspectos fomentam a lógica do esporte.

A compra de um “tênis legal” carrega consigo vários fatores, além de simplesmente poder adquirir um tênis que possui um valor acima da média, consiste ainda numa adesão a lógica do capital, onde este modelo atende ao sistema, que é plenamente instrumentalizado e individualizador, destituído de crítica e tendo em sua gênese a obsolescência. Velar os agouros inerentes a profissão através dos benefícios financeiros que ela oferece, conota uma maciça fuga da angústia latente e da inconstância da profissão, além de destituir os sujeitos de efetuar escolhas que os legitimem enquanto sujeitos de sua própria história e não meramente reprodutores dos modismos impostos. (Pereira, 2008)

Quando foi perguntado a respeito da trajetória profissional, a maioria dos atletas relatou que iniciaram suas carreiras profissionais em escolinhas, nas categorias de base de

vários clubes, que fizeram testes sendo aprovados no primeiro teste, outros não, que esse início foi complicado, não tinha condições de se manter. Houve relatos de alguns, que sofreram influência de parentes, principalmente do pai que os incentivava.

Devido à representação social que o futebol possui na sociedade brasileira, se tornar atleta de futebol profissional consiste no anseio de muitas pessoas, não só dos atletas, mas de todos os seus familiares. O imaginário que circunda a profissão de atleta de futebol profissional no Brasil é tão atuante, que na busca de uma carreira de atleta, os aspirantes se submetem a práticas sacrificiosas como a relatada a seguir:

Leônidas da Silva – Ah! Foi complicada, até se eu ficar aqui vai demorar bastante, mas... eu vou resumir bastante. Como eu disse, eu vim de uma família humilde que... não tinha condições nenhuma de... pagar um transporte, um ônibus. Então, da minha casa aonde eu treinava era muito longe, era mais ou menos 1 hora, 1 hora e meia, quando eu ia a pé. Então eu tinha que acordar 7 horas da manhã pra treinar 9 horas. Chegava lá umas 8 e meia, já chegava cansado. Já fui mandado, embora uma vez desse clube, depois vieram e me buscaram de novo. Foram... várias, várias dificuldade que eu tive, e até hoje é claro que tem ainda as dificuldades, não é fácil, mas graças a Deus, tá dando certo eu tô caminhando aí num lado positivo.

Nem sempre o desfecho ocorre conforme o relatado, segundo estatísticas dos órgãos oficiais como a Federação Internacional de Futebol – FIFA (2008) e a Confederação Brasileira de Futebol – CBF (2008), o percentual de atletas profissionais que ganham acima de 2 salários mínimos é inferior e 10% do total de atletas profissionais de futebol no mundo.

Esta estatística demonstra a realidade do futebol, o que nos subsidia na discussão à respeito do mundo do futebol em países como o Brasil, a partir dos aspectos da política financeira. Segundo Barbosa (2007), os clubes brasileiros vem se tornando meros fornecedores de jogadores a clube de outros países, principalmente a Europa. Este êxodo esta diretamente ligado à *performance* do Brasil nas disputas internacionais.

Esta contextura facilita a compreensão da importância que é dada por parte principalmente dos atletas, de atuarem em clubes de projeção nacional, pois estes funcionam como vitrines, expondo a mercadoria – atleta profissional de futebol. Esta percepção é inerente à maioria dos atletas, que desejam primordialmente irem jogar na Europa do que até mesmo defenderem o Brasil na seleção, ou seja, o vislumbre por jogar fora do país supera o desejo de jogar da seleção brasileira.

Ainda referente à trajetória profissional, dos 21 atletas entrevistados, 4 relataram que começaram a jogar na categoria fraldinha, 1 na categoria dente de leite, 1 no pré mirim, 6 no mirim, 2 no infantil, 6 no juvenil e 1 direto no profissional. O que demonstra que o futebol é

uma realidade para a maioria destes atletas desde a mais tenra idade. Pois fez parte do passado, continua presente na atualidade e ainda possibilita projeções futuras.

Quanto às perspectivas para o futuro, o relato de todos os atletas revelou o desejo de continuar jogando. O que diferenciou algumas respostas foi em relação ao que cada participante considera como crescimento profissional, para alguns ser titular, para outros obter reconhecimento/sucesso, ganhar um título importante ou ser contratado para jogar num time maior ou na seleção brasileira.

Para a maioria dos atletas, continuar atuando no futebol após a aposentadoria é um desejo, primeiramente querem estabelecer-se financeiramente, e isto virá por conta da profissão de atleta profissional de futebol e *a posteriori* pretendem atuar como profissionais do meio, como preparadores físicos, técnicos, empresários de atletas e coordenadores de ONG's voltadas para a formação de novos atletas. Dos 21 atletas entrevistados, somente 2 disseram que não pretendem atuar no mundo do futebol quando se aposentarem.

Estas informações demonstram que a peculiaridade do futebol enquanto profissão habita o imaginário do atleta, principalmente devido às conseqüências da exploração do esporte pela mídia, que mantém a imagem viva daqueles que foram eternizados na galeria dos mitos do esporte mundial. (Rubio, 2001). O anseio em permanecer atuante no mundo do futebol, mesmo após a aposentadoria, consiste no desejo de permanência enquanto herói, lembrado e venerado, sendo objeto de identificação e projeção para os "mortais".

A seguir transcorreremos sobre a gestão do trabalho no clube e como isto influencia nas vivências dos atletas enquanto profissionais.

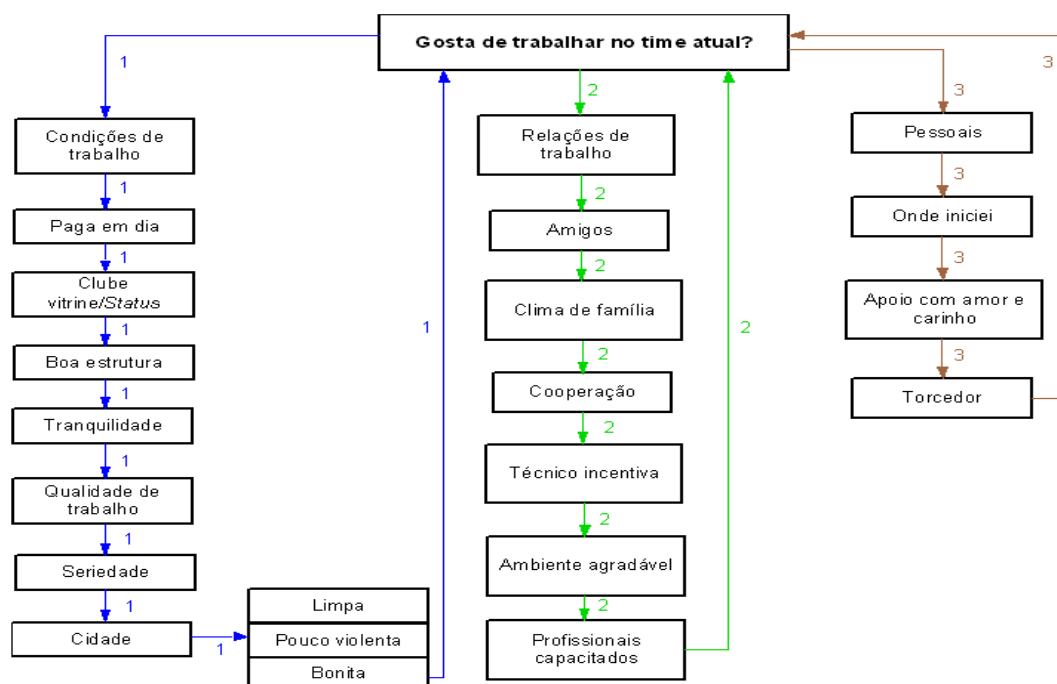
4.2 - Categoria 2 – Gestão do trabalho no clube

Algumas categorias da Psicodinâmica do Trabalho foram reunidas na categoria 2, pois caracterizam o modelo de gestão do trabalho no clube. Nesse enfoque, é notória a prática do clube enquanto uma instituição empresarial inserida no modo de produção capitalista. Todavia, esta possui peculiaridades, os acontecimentos são diários, o que ocorre no mundo do futebol influencia diretamente o desempenho da organização e dos atletas.

O período em que os dados foram coletados, também fornece informações a respeito da gestão do clube, pois as competições acontecem durante todo o ano, e conforme este vai se findando a colocação do clube no cenário nacional sofre alterações, que influencia diretamente na prática profissional dos atletas, na política interna do clube, bem como no posicionamento da torcida.

Quanto ao fato de gostarem ou não de trabalhar no clube, os atletas relataram conforme as unidades de significação demonstradas no gráfico.

Gráfico nº 8 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Você gosta de trabalhar neste time? Por quê?”



A maioria dos atletas relatou que gostam de trabalhar no time, pois o time oferece condições de trabalho, uma boa estrutura, é um clube que paga em dia, é serio, todos são amigos, trabalham em um clima de família, de cooperação, os profissionais que os assistem são capacitados. Trabalhar no time também é agradável, pois para alguns atletas é onde iniciaram suas carreiras, além de receberem apoio, amor e carinho dos torcedores. Conforme relatos:

Sócrates – Gosto. Porque dá todas as condições que o jogador precisa, né?! Que é todo jogador quer, que é trabalhar num lugar que te dá as condições de trabalho, né, te pagam em dia e é um clube de vitrine. Então isso aí é... o jogador busca sempre isso aí, um lugar que vai fazer ele crescer. No Clube X, o jogador tem condição de crescer.

Romário – Gosto! Pela estrutura, pelo clube que é serio, é... pela amizade que a gente fez aqui. Pelo grupo que foi formado, todos os jogadores são amigos uns dos outros. Porque eu joguei em vários grupos que um queria ser melhor que o outro, muita vaidade, então aqui eu não vejo essa vaidade, é um querendo ajudar o outro mesmo, nosso treinador que

chegou, Zagalo¹⁰, pô ajudou muita gente, então a gente às vezes corre mais até pra por gratidão, porque ele fechou com a gente, ajudou a gente a se levantar nesse campeonato, pagamento em dia, pelo lugar que é, é um lugar tranqüilo pra viver, onde a gente pode criar os nossos filhos com tranqüilidade, a gente pode viajar sabendo que vai ficar em casa, não vai ter problema de assalto de seqüestro, de nada, claro que a gente não tá livre de nada, mas aqui a tranqüilidade é muito grande né, e pela seriedade que é o clube. Pelos torcedores que eu me identifiquei por que eles gostaram de mim, tudo isso me dá vontade de continuar aqui.

Faz-se pertinente salientar que o gosto dos atletas em trabalhar no clube em questão, consiste na preferência que eles tem pelo time ou é devido a projeção que o clube pode proporcionar a eles? Este questionamento é importante pois, como os dados foram coletados no final da temporada, nos últimos dias do ano, no ano seguinte somente 10 atletas dos 21 entrevistados renovaram contrato com o clube. Isto demonstra que, a preferência pelo clube, o gostar de jogar no clube, permanece enquanto os contratos estão em vigor, passado este período se não houver a renovação destes, os “afetos” serão endereçados ao próximo clube que os contratar.

Isto demonstrar o caráter meramente comercial do futebol na contemporaneidade, o que exclui grandemente a postura daquele atleta do início do século XX, que jogava por amor, pois o dinheiro que recebia era secundário frente ao prazer de defender o clube do coração. Conforme expõe Máximo (1999).

Assim, o trabalho não deve ser pensado somente como fonte de provisão de sustento. Ele é também, um espaço de troca entre pessoas inseridas num contexto social, em que os aspectos físicos e psíquicos estão entrelaçados. O trabalho pode ser um fator de degradação, de envelhecimento e de patologias graves, porém, pode constituir-se, também, em um fator que fomenta o equilíbrio.

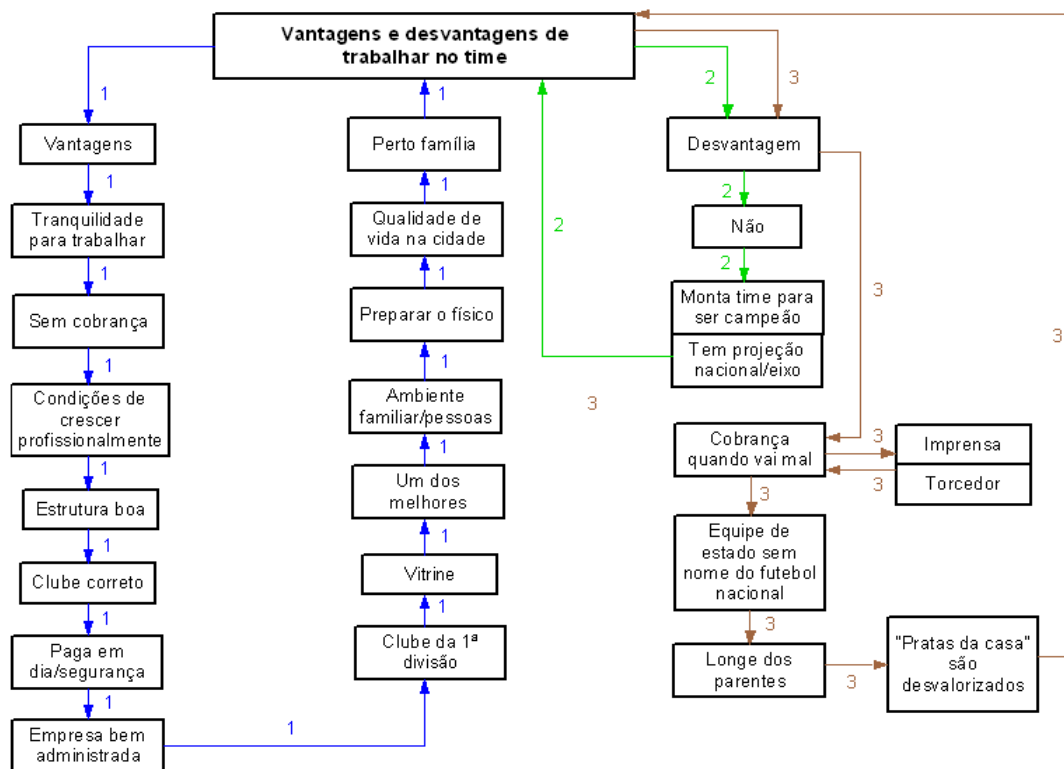
Tanto a possibilidade de patologização do trabalho quanto a ressignificação do sofrimento no trabalho, depende de criação de estratégias defensivas que combatam o sofrimento e promovam a saúde no trabalho. O que Dejours (2004) em sua *Psicodinâmica do Trabalho*, chamou de mobilização subjetiva, pois esta atua tanto na esfera cognitiva quanto afetiva, reduzindo o sofrimento do trabalhador.

A vivência de sofrimento resulta de falta de significação do trabalho, de reconhecer-se naquilo que faz, da falta de valoração das potencialidades e suprimento das necessidades físicas, afetivas e psicológicas dos trabalhadores, bem como da ausência de adequação do modo operatório às necessidades da estrutura mental do trabalhador. (Dejours, 1994)

¹⁰ Zagalo foi o nome fictício escolhido para representar o nome do técnico do clube pesquisado.

A respeito das vantagens e desvantagens de trabalhar no time. Muitos atletas relataram o que foi descrito no gráfico abaixo, a partir dos núcleos de significação.

Gráfico nº 9 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “quais as vantagens e desvantagens de trabalhar neste time? Por quê?”



Algumas respostas sinalizaram para aspectos de projeção no cenário nacional. Os atletas relataram que a condição do Clube X ainda não está no nível dos clubes do eixo Rio - São Paulo, alegando que este desnível não é em relação à estrutura em si, mas à mídia que promove o futebol do Sudeste mais do que o das demais regiões do país. Segundo Máximo (1999) e Gurgel (2006), o berço do futebol brasileiro foi primeiramente São Paulo, com Charles Miller e depois Rio de Janeiro, com Oscar Cox. Assim, por ser o Sudeste a região do país que abarcam os clubes mais antigos e de tradição no futebol, tendo os principais clubes da série A, além de ser a região mais desenvolvida do país, possui a atenção em escala maior da mídia.

Assim, os clubes de futebol da região Sudeste, possuem projeção nacional em escala maior, característica essa que fomenta o sonho de muitos atletas de jogarem em clubes do Rio

de Janeiro ou de São Paulo, pois se assim ocorrer as possibilidades de melhores salários e até oportunidades de jogarem no exterior aumentam. Conforme alguns relatos:

Rogério Ceni – As vantagens de jogar no Clube X, e você trabalhar numa empresa digamos assim... altamente estruturada, muito bem administrada. Um... um clube que te oferece todas as estruturas pra você desenvolver o seu trabalho e ser um atleta de ponta, isso eu acho que é sem duvida nenhuma a maior... o melhor exemplo que o Clube X dá.

Luiz Fabiano – Vantagens como já disse, a estrutura boa, é... como fala... um clube que dá mais tranquilidade pra o jogador, não tem tanta cobrança assim, como... os outros clubes.

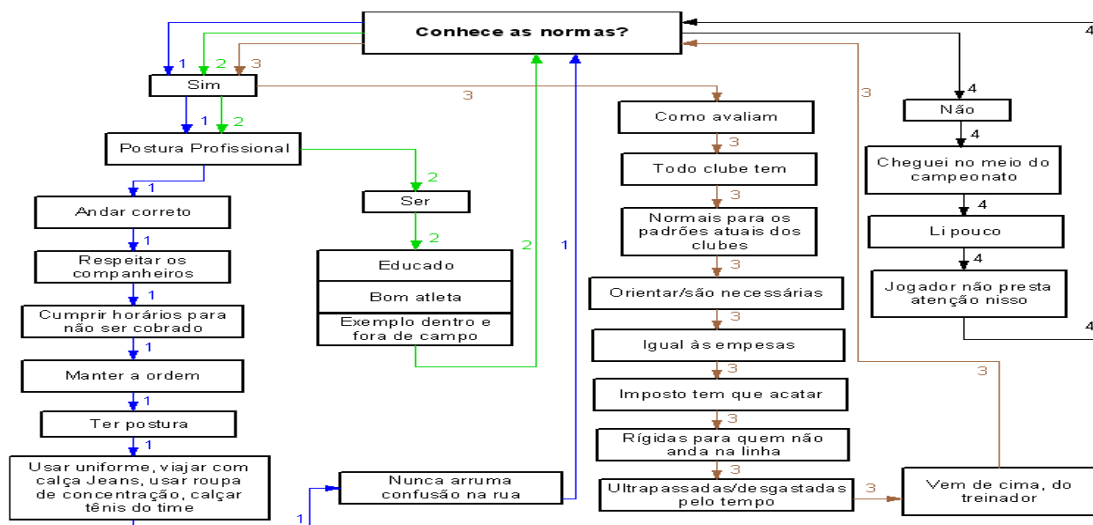
Júlio César – Desvantagens as vezes é porque, as vezes não vem nem dentro do Clube X, vem de fora, né! Questão de imprensa, e tudo que ... quem é da base tem que mostrar mais que o normal e as vezes esta mostrando um bom trabalho e eles não valorizam. Passa se às vezes pro clube né, é o clube as vezes vê com outros olhos. Este é um lado negativo que eu vejo. Quem é da (prata) da casa não é tão valorizado como quem é de fora.

Sócrates –Mas você como jogador do Clube X, não adianta querer que vai ter o mesmo conhecimento de um jogador do São Paulo. Nunca vai ter. Mas pode te levar até lá, e isso é o que a maioria quer.

Conforme exposto, os atletas têm apreço pela estrutura do clube, mas isto, não supre os anseios de ascensão profissional. Muitos atletas relataram que a estrutura do clube é uma das maiores do país, que a política financeira do clube é séria, os pagamentos são feitos nos dias determinados, todavia, o clube não se encontra no eixo Rio-São Paulo, o que é uma grande desvantagem, pois as atenções da mídia estão voltadas para os clubes destes estados.

A respeito da pergunta sobre normas do clube, as respostas seguem no gráfico.

Gráfico nº 10 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Você conhece as normas e regulamentos do clube? O que você acha?”



A maioria das respostas dos atletas sinalizou que conhecem as normas do clube, e que quase todas dizem respeito à postura profissional, pois é preciso andar correto, respeitar os companheiros, cumprir horários, manter a ordem, não arrumar confusão na rua, além de ser educado, ser exemplo dentro e fora de campo.

Avaliaram as normas, como normais para os padrões dos clubes, são impostas é preciso acatar, todo clube tem, são rígidas pra quem não anda na linha.

Os atletas que afirmaram não conhecê-las, era devido o fato de ingressarem na equipe no meio do campeonato, leram pouco e “jogador não presta atenção nisso.” Conforme relatos:

Júlio César – Conheço. São... creio que pros padrões atuais, normais né, pra alguns sejam até rígidos né, quem não costuma andar na linha. Mas eu acho que são normas, normas..., boas e que podem ser tranquilamente respeitadas.

Rogério Ceni – Eu conheço, boa parte e quase tudo aqui dentro do Clube X, porque eu me interesse pelo clube né, eu acho que eu sou o único atleta jogando pelo clube que sou sócio proprietário, tenho título pra poder votar, um título que eu comprei, adquiri, faço parte é... digamos assim dos sócios proprietários que é como é chamado os títulos, então eu conheço bem as normas do clube, algumas leis, algumas... é algumas... é digamos assim cláusulas de ata, de regulamento geral do clube, algumas coisas eu conheço. Eu acho ultrapassadas, desgastadas pelo tempo.

Roberto Carlos – Eu li muito pouco, eu cheguei, o jogador não presta atenção a isso, você recebe as normas tudim certinho ali mais você não lê, o horário, eu sempre fui correto ao meu horário nunca cheguei atrasado chego sempre cedo meia hora uma hora antes, não dô motivo pra não ser cobrado, não gosto de ser cobrado, por isso não dou motivo, então pra mim qualquer regra que tiver aqui, existir, nenhuma delas, eu vou ser contra elas, como vou te dizer... não cumpri-la por que pra mim tudo muito bom e chegando no horário, se eu chego no horário e fazendo o meu trabalho correto e vestindo a camisa do clube, nada de mim, não vou dar motivo pra ninguém cobrar nada.

As regras no trabalho existentes não são conhecidas por todos, o que demonstra que não são fundamentais para a realização do trabalho imposto, pois segundo alguns atletas estas regras são parecidas com as de outros clubes, são comuns dos clubes, não havendo a necessidade de se conhecer, bastando apenas “andar na linha” ou seja, comportar-se conforme o esperado sem envolvimento com brigas intra e extra campo, bem como obedecer horários.

Este desprezo pelas regras impostas pelo clube demonstra o comportamento estereotipado e submisso dos atletas, pois para jogar futebol, basta acatar e obedecer ao que é designado pelo técnico, sem mesmo questionar ou sugerir. Segundo Pereira (2008), esta postura demonstra a alienação do atleta profissional de futebol, submerso em modismos e clichês que são multiplicados aos milhares por praticantes do esporte.

A respeito do que acham do local de trabalho quanto à iluminação, ruídos, temperatura e ventilação, higiene e equipamentos, muitos atletas relataram que é ótimo, os equipamentos são perfeitos e por isso há condição de trabalhar, alguns outros relataram que o barulho de um ginásio próximo incomoda no período de concentração e repouso, um grupo ainda menor alegou que o clima seco da cidade dificulta a adaptação. Conforme alguns relatos:

Júlio César – Ótimos. O único problema eu acho, que em questão de concentração, é o barulho do ginásio aqui do lado, que atrapalha quem tá concentrado pra jogar. Incomoda é, aqui (a gente esta conversando e esta tendo este barulho) pra quem concentra pro jogo precisa de silêncio.

Romário – O que diz respeito? Mas aqui tem alguma coisa que diz respeito assim? Ah! Essas coisas, eu acho que deveria fazer um investimento maior até provavelmente na musculação, além de ser boa, por que a gente já viu em alguns clubes, mas, o que a gente vê nas academias aqui são coisas de primeiro mundo, que eu acho que... pro Clube X, e pro jogador é bem melhor também né. Mas que nem eu, no meu caso eu tô pagando, academia fora pra eu fazer musculação especial, então, se eles tiverem uma aparelhagem, gastasse um dinheiro agora, ia ter menos jogadores machucados, menos jogadores com problemas, que ficam fora de partidas que é importantes pro clube, entendeu? Pro jogador também é ruim. A academia é o Clube X que pagou pra mim, eles reconheceram isso e pagaram pra mim esse mês. Mas é... concentração aquele, tem um projeto acho que de fazer lá no Centro de Treinamento fazer uma concentração maior né, quartos mais evoluídos mas, dentro da estrutura do futebol brasileiro, comparado com o futebol brasileiro tá muito bom, agora comparado com estrutura da Europa é diferente né.

Embora existam alguns contratempos oriundos em sua maioria de ruídos, de ausência de equipamentos de ponta para atividades físicas específicas, o clube oferece boas condições de trabalho, pois o ambiente de trabalho corresponde às expectativas estruturais que viabilizam as ações objetivas de execução do mesmo. Segundo Dejours (1992) um ambiente de trabalho que atende as necessidades físicas e psicológicas do trabalhador, são fundamentais para a aquisição de habilidades por parte desse, além da importância que possui em transformar não só o sujeito mas toda sua contextura social, promovendo assim, impacto na saúde física e psicológica do trabalhador.

Os treinamentos podem acontecer uma ou duas vezes ao dia, depende se o jogo é semanal. Quando é um período de treinamento somente, este acontece pela manhã das 09:00 horas, até aproximadamente as 11:30 horas, duas vezes na semana. Quando é duas vezes ao dia, esse acontece no horário da manhã como foi exposto e o treinamento da tarde ocorre das 17:00 horas às 19:00 horas, no horário de verão os períodos são alterados devido o calor do sol.

A maioria dos atletas relataram que sua rotina diária se inicia as 07:00 da manhã, tomam café alguns no clube outros em casa, levam esposas e/ou filhos para a escola, treinam no horário matutino, depois almoçam no clube ou em casa, descansam e treinam a tarde, depois que finda o treinamento, retornam para casa para descansar para o outro dia.

Conforme Santos (2008) e Araujo (2008) os horários de trabalho dos trabalhadores que pesquisaram, sempre foram impostos, fixos, o que impossibilitava a realização de atividades pessoais, como ir ao banco. Na pesquisa de Santos (2008), Dias (2007) e Assis (2008), os horários que estes profissionais trabalham dificulta o retorno para casa, pois são artistas da noite, trabalham nos finais de semana, o que os priva de reuniões familiares.

De forma semelhante os atletas profissionais sofrem, pois os jogos em sua maioria ocorrem nos finais de semana, às vezes em outras cidades, para isso precisam viajar dias antes, para treinarem no campo adversário, enfim, possuem restrições de horário principalmente nos finais de semana, o que os priva de confraternizações familiares, o que nem sempre é compreendido por esses.

Referente ao que sente trabalhando neste horário, a maioria descreveu que como características do clima local, o início é difícil, muito calor, baixa umidade que dificulta na respiração, perdem muito líquido do corpo, pois o clima é seco. Conforme alguns relatos:

Sócrates – Às vezes... às vezes não sobra tempo pra você fazer outras coisas, né?! É... mas é o horário que você tem, né, que trabalhar. Às vezes a gente brinca que teve uma época que aqui no Clube X a gente tava numa situação difícil, que a gente ficava mais aqui do que com os próprios amigos, própria família, né, quem tinha família. No caso você passa mais tempo com os companheiros que com as pessoas de fora.

Ronaldo – Bem... bem, eu acho que... ótimo, tem que se adequar né, não tem... acho que o funcionário tem que se adequar ao horário que é imposto.

Zetti – De manhã tranqüilo, se bem que hoje está muito quente esta época do ano. À tarde pra mim que é o mais desgastante, mas... o pesado mesmo são as pré-temporadas né, no começo do ano, depois que volta das férias, são treinos mais puxados, mas depois que você adquire uma certa condição física, uma maturidade física, não tem muita reclamação não. Tem que fazer mesmo a gente sabe que é pro bem do clube, do time, pro bem nosso pessoalmente dizendo também.

Em relação ao horário de trabalho, os atletas responderam que não há rodízio ou escala para o trabalho e que todos treinam sempre no mesmo horário, que é o mesmo que costumeiramente acontecem os jogos do campeonato brasileiro, segundo muitos atletas, esta é uma forma de prepará-los para suportar o calor do sol presente nos jogos à tarde no horário oficial dos jogos estabelecido pela Confederação Brasileira de Futebol - CBF.

O modo como o tempo é organizado, em períodos de trabalho e de não trabalho, que adéqüem às necessidades psicossomáticas, protege o corpo de uma sobrecarga comportamental que poderia prejudicá-lo, e proporciona ao sujeito meios de canalizar suas pulsões durante a execução do trabalho.

A organização temporal do trabalho, a escolha das técnicas operatórias, os instrumentos e os materiais empregados, permitem ao trabalhador dentro de certos limites, adaptar o trabalho às suas aspirações e às suas competências. Segundo Dejours (1992) acerca da economia psíquica, assimila que essa adaptação espontânea do trabalho ao homem corresponde à procura, à descoberta, ao emprego e à experimentação de um compromisso entre suas demandas inconscientes e a realidade.

Assim, apesar das dificuldades inerentes às atividades de treinamentos e jogos, a maioria declarou que se sentem bem, que não vêem problema nem com o calor, que é normal, pois é preciso se adequar, é possível descansar bem nos intervalos, já estão acostumados, esse é o horário para quem faz futebol (atletas).

A opção de trabalhar neste horário não é dos atletas, mas do treinador e da comissão técnica, treinam nos mesmos horários que os jogos oficiais acontecem, nos horários impostos pela Confederação Brasileira de Futebol – CBF. Conforme alguns relatos:

Júlio César – Opção do treinador é ele quem define.

Sócrates – Como assim por opção? Pois é, se é por opção o horário dos treinamentos, assim, você tem essa opção ou você não tem? Não, a gente não tem opção. É o horário que é marcado, você tem que vir.

Pelé – É... por... por opção deles né, aqui como nós somos funcionários a gente tem que... cumprir as ordens, a programação, e trabalhar por... por eles.

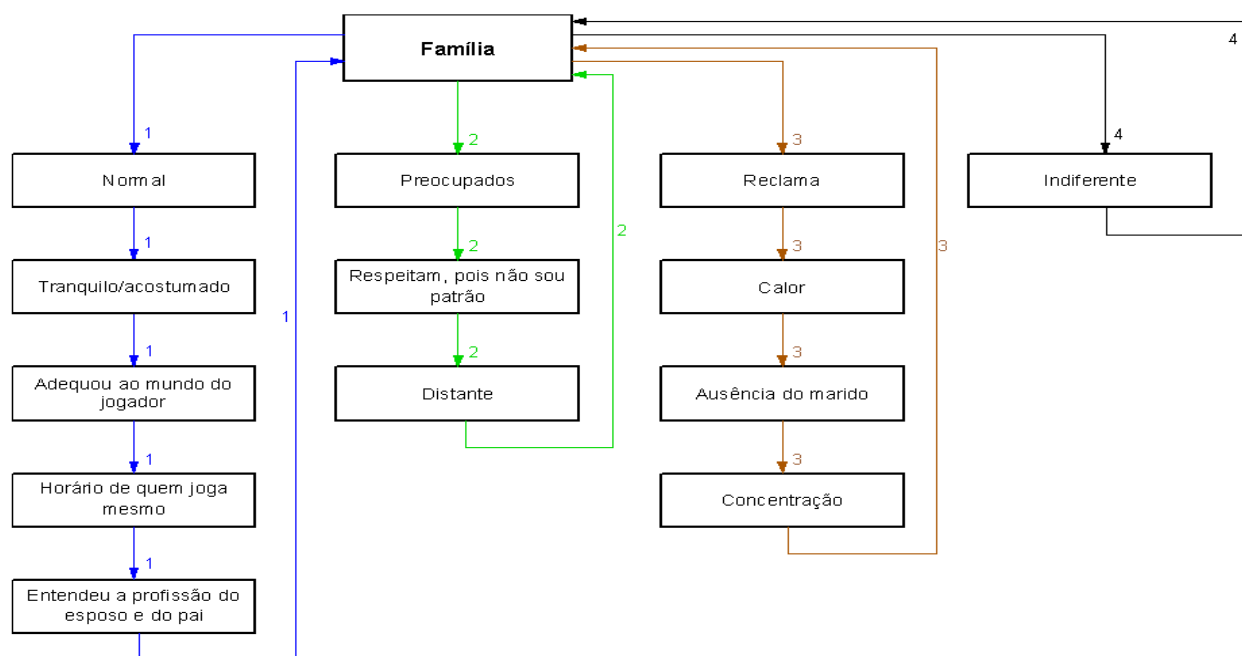
Rai – Como assim?

Não, acho que é o bom senso da comissão técnica também, principalmente este horário das 4 cair pras 5 né, porque no sol o desgaste é muito e... Eles devem ter falado entre eles e melhorado isso pra nós.

Este posicionamento da comissão técnica, em realizar os treinos nos horários dos jogos oficiais marcados pela CBF, tem como objetivo familiarizar os atletas com o calor do sol naquele horário, que costumeiramente ocorre os jogos. Isto faz parte da metodologia de treino do clube. A maioria dos clubes trabalham com esta prática, que tem demonstrado eficácia, conforme alguns relatos dos atletas que disseram estar acostumados com o sol e que não sofrem com o calor nas partidas oficiais.

A respeito da reação da família em relação ao horário de trabalho, segue no gráfico os núcleos de significação que emergiram do discurso dos atletas.

Gráfico nº 11 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como sua família reage em relação a esse horário?”



Segundo a maioria dos relatos, a família já se acostumou com o horário de trabalho dos atletas, entenderam a profissão do esposo e/ou do pai, é horário de quem joga futebol

profissionalmente. Há os relatos, a respeito daqueles familiares que reclamam do calor da cidade, pois vieram de outros lugares, da ausência do marido/pai principalmente em datas importantes. Relataram que quando estão em concentração para jogos, não podem se retirar da concentração por nenhum motivo, isto inclui casamentos de parentes, nascimento de filhos, dentre outros. Conforme relatos:

Garrincha – Normalmente, eu acho que minha família, ela... a minha esposa principalmente né, ela se adequou, ela teve que entrar, como fala... num... vou falar assim, no meu mundo né, porque é um mundo um pouco diferente dos outros né, então acho que assim... ela se adaptou a esses horários sabe? E... teve que... ela viu que tinha que adaptar né, então hoje ela não tem problema nenhum, nem eu, nem ela em relação a isso.

Ronaldinho Gaúcho – Ah, a minha família... normal, eu tenho os meus horários, eles tem os horários deles, a gente respeita porque sabe que a gente não é patrão né, pra escolher os horários que a gente quer trabalhar. Então, eles tem que se adaptar aos meus horários, assim como eu tenho que me adaptar aos horários deles também, normal.

Bebeto – Ah, a minha família, mesmo nesse horário ainda ela reclama né, porque é um calor muito quente né, e.. é uma cidade que não ventila, você acaba de vez em quando sangrando um pouco né, saindo um sangue do nariz, ela reclama muito.

Branco – Olha, minha família pra falar a verdade nem daqui é, eu moro sozinho né. Mas, todos estão lá torcendo por mim, independente do horário que tiver que treinar... eu tô... não posso faltar.

Leônidas da Silva – Não reclama, só reclama mais (risos) em termos de concentração, depois que você tem um filho, sempre... às vezes o filho pergunta, aonde o papai foi, e às vezes você tem que falar, tô indo pro trabalho, até certo ponto ele entender. Então, mais em horários de treinamento, não tenho reclamação, é claro que tem mais diante de concentração, porque a gente às vezes concentra bastante, tem vez que fica uma semana fora. Então, é um pouco ruim.

Para a maioria dos atletas a família se condicionou ao horário de trabalho deles, isto para os casados, quanto aos solteiros a família quando esta perto, nem se importa com os horários. Para os atletas que vieram de outras cidades, a queixa tanto deles quanto dos familiares é que a cidade não possui praia nem ventila, porém, a consideram uma cidade tranqüila para morar, o que lhes permite ter boa qualidade de vida.

Conforme Pereira (2008), a realidade do mundo do futebol, transpõe os certames do campo, influenciando dentre várias coisas, a família, que fica condicionada aos horários inerentes à pratica desportiva de seus esposos e pais. Estando inseridas nesta contextura, ficando condicionadas, ao trabalho deles.

Quando foi perguntado como eles se relacionam com os colegas de trabalho, apesar de diferenças individuais, declararam ser bom, amigável, procuram tratar bem os colegas, respeitam, tem liberdade para brincar, conversam entre si, companheiros uns dos outros.

Um ambiente de trabalho que atende as necessidades dos trabalhadores, é condição necessária para o desempenho profissional, sendo característico deste ambiente não só aspectos físicos mas também aspectos subjetivos, como os laços afetivos criados através das relações de trabalho entre os pares.

Segundo Dejours (1992) os laços humanos estabelecidos pela organização do trabalho, podem ser tanto amistosos quanto desagradáveis, o que repercute significativamente na execução do trabalho imposto, bem como no fomento de vivências prazerosas e sofríveis no contexto do trabalho. Assim, as relações de trabalho possuem importância ímpar na promoção de saúde no trabalho.

Conforme os relatos dos atletas, as relações entre eles em sua maioria não destoam da amistosidade, do respeito mútuo, o que segundo eles possibilita o convívio. Conforme relatos:

Rivaldo – Bem, eu felizmente tenho um relacionamento bom com todo mundo. Desde que eu subi eu nunca tive muitos problemas assim de relacionamento não. Acho que... a gente segue respeitando a diferença que tem cada um, porque são muitas pessoas envolvidas em um trabalho né, mais nunca tive problemas, acho que o principal é isso, tá respeitando os outros porque você vai ser respeitado também. Então... meu relacionamento com os outros é tranquilo.

Ronaldo – Muito bem! Assim... eu acho que sem nenhum problema eu acho que... procuro sempre fazer amizade, respeitar o companheiro cada qual pensa de uma maneira e assim vai... Harmonia né.

Leônidas da Silva – Ah! Bem. Eu sou um tipo dum... um cara que brinca, brinca bastante com todo mundo, coloca apelidos, tem apelidos. Mas, eu me sinto bem, eu gosto, gosto de vim pra cá trabalhar, gosto de fazer amizades. E aqui é um grupo muito bom, muito bom mesmo de convívio. Já trabalhei em outros lugares que você tem dificuldade principalmente de convívio, que é claro que cada um tem sua meta, mas aqui é bastante... uma coisa boa, uma coisa boa, uma coisa bem positiva, todo mundo conversa com todo mundo, todo mundo brinca com todo mundo e isso até ajuda principalmente dentro de campo.

Estes aspectos de amistosidade e cooperação nas relações com os colegas, são fundamentais para a realização do trabalho, e também contribuem significativamente no processo de mobilização subjetiva, pois funcionam como regras de condutas que proporcionam um suporte frente ao sofrimento, minimizando a possibilidade de adoecimento. (DEJOURS, 2004).

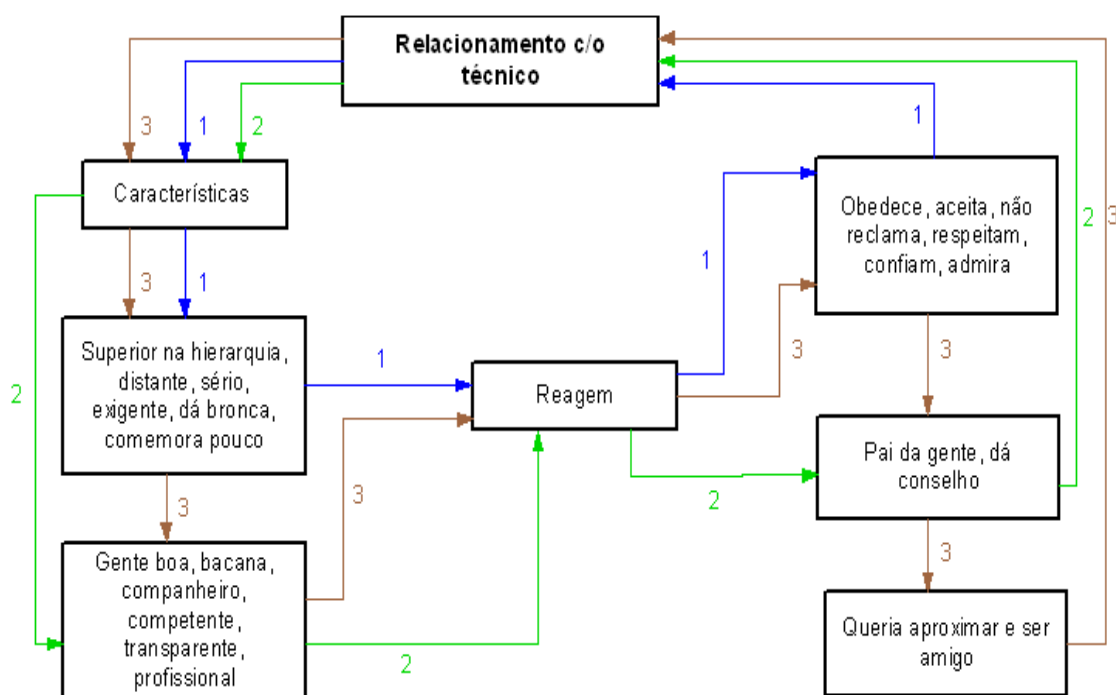
Portanto é da qualidade da cooperação que depende a qualidade do trabalho (Santos, 2008), sobretudo em esportes coletivos como é o futebol. Conforme relato da maioria dos atletas, que afirmaram passar o maior tempo de seus dias junto com os colegas de trabalho, pois comem juntos, treinam juntos, dormem juntos nas concentrações, enfim constituem um

grupo de trabalho, sendo fundamental os bons relacionamentos, as brincadeiras para alegrar um pouco os treinos, e distrair frente às pressões e cobranças.

Segundo Santos (2008), é a partir da avaliação da eficiência da cooperação em um coletivo de trabalho, que se apreende o lidar dos atletas com o sofrimento no trabalho, pois é através da análise minuciosa das estratégias defensivas, que é possível apreender a adaptação ao trabalho e a estabilidade da relação subjetiva que o atleta estabelece com a organização do trabalho.

A respeito do relacionamento que os atletas possuíam com o técnico, segue no gráfico as unidades de significação.

Gráfico nº 12 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como você se relaciona com o técnico?”



A maioria dos relatos consistiu na posição que o técnico possui no time, é aquele superior, que designa quem será titular ou não, é alguém distante e sério, bravo e muito exigente, em contrapartida eles reagem obedecendo e acatando as imposições sem questionamentos, pois o respeitam e confiam. Houve relatos em que para os atletas o técnico

era alguém bacana companheiro, competente no que faz, tido como pai, conselheiro. Alguns desejavam até serem amigos dele, para convidá-lo para visitar suas casas, porém este é profissional e não dá “abertura”. Conforme alguns relatos:

Garrincha – Ah, me relaciono bem sabe... acho que assim, é muito... infelizmente é... infelizmente assim... acaba, ficando um pouco distante né, até por que, eu não sei te explicar o porquê, mais eu acho que poderia ser mais é... mais... ter esse acesso mais fácil, de chegar no treinador, de bater um papo eu acho que não vejo sabe, e acaba não sei o porquê né, acaba ficando um pouco né, distante do atleta né, mais assim... tranqüilo eu procuro sempre obedecer né, porque é importante né, ele é o cargo ali que tá acima de todos, então nós temos que procurar obedecer sempre né, procuro fazer isso, trabalhar bem. E tratar ele da mesma maneira que eu trato os outros sabe? Queria assim... ter... tem treinador amigo sabe? Queria ser mais próximo sabe? E poder convidar, de ir na minha casa, igual eu convido os meus companheiros sabe? Assim... eu acho que... o pessoal leva pra outro lado, infelizmente leva pra outro lado, mais eu procuro tratar ele como um amigo sabe? Não tenho que reclamar, de nenhum que eu tive. Claro que eu tive treinadores que me colocava para jogar, outros que não me colocaram pra jogar, todos eles acho que poderia ser... um... um... mais amizade sabe?

Romário – Ah! O dia-a-dia é normal né, a gente tem um respeito muito grande por ele, tenho uma confiança muito grande nele, tenho uma admiração muito grande pela seriedade do trabalho dele. A gente tem... a gente sempre olha o nosso técnico como se fosse um pai pra gente. Porque a gente não encara só como um homem que manda a gente fazer as coisas, a gente tem que fazer, a gente encara como um homem que dá conselho, que quer o melhor pra sua equipe a gente tem que se adequar as situações, cobra da gente as coisas certas porque sabe que é bom pra gente. Então, por isso que a gente teve momentos difíceis no começo do ano, muitos problemas tava tendo, não era com a gente jogadores, era com a parte de cima. Então a mudança do professor Zagalo ajudou muito a gente, então se você perguntar pra qualquer jogador ai não vê nenhum jogador falando mal dele, então essa é a diferença. Porque... até jogadores que não estão jogador titular que falam bem, porque a pessoa é muito bacana, muito sincera e muito competente no que faz. Então, o professor Zagalo, eu tenho certeza que... é a primeira vez que eu trabalho com ele esse ano. Assim tô muito satisfeito com ele, apesar de ter jogado e machucado, mas o pouco tempo que eu joguei eu fiquei muito feliz, até porque ele cobrava muito também né (risos), dava muita dura, mas eu sabia que era pro meu crescimento, então eu procurava me dá ao máximo para poder ajudá-lo também e sou muito grato a ele, tenho certeza que eu quero continuar assim... trabalhando com maior alegria com ele com o maior respeito, independente de jogar ou não, mas eu acho que pra muitos jogadores aqui ele é como um pai pra gente, não só um treinador.

Rogério Ceni – Excepcional, é... o técnico que... com todos eles eu sempre soube respeitá-los e sempre fui muito bem respeitado. Mas hoje (bate na mesa), é... no dia de hoje (bate na mesa) que o nosso treinador é o Zagalo, esse pra mim é o maior e melhor profissional com que eu já trabalhei em toda minha carreira.

A figura do técnico é imprescindível nos jogos da atualidade, a ele é imposta a responsabilidade de constantemente realizar uma leitura técnica dos treinos e dos jogos, se necessário for, intervir sobre as forças do jogo, além de ser o profissional responsável pela preparação física, tática e técnica dos atletas e escalação do time.

Este profissional consiste num ícone revestido de autoridade e com poder de decisão inquestionável, para os profissionais de futebol contemporâneos. Se o técnico escala um atleta

e designa que outro fique no banco de reservas, isto é acatado sem questionamentos, a ele é delegado a autoridade suprema na prática do futebol, sobretudo o profissional.

Diante do processo de seleção constante que há no futebol, os atletas são preparados para se submeterem passivamente aos desígnios do treinador, esta preparação ocorre desde as categorias de base, onde os atletas são ensinados de que devem “endeusar” a figura do técnico, que às vezes, conforme relatos, é considerado como o pai, aquele que é bravo mas, é para o bem deles, que dá conselhos, alguns até anseiam por amizade.

Para a maioria dos atletas, a maior dificuldade que possuem com o técnico é a inacessibilidade do mesmo, que não interage amistosamente com eles. Segundo Dejours (2004), esta falta de interação entre o técnico e os atletas, ou seja, comandante e comandados, fomenta vivências de sofrimento no trabalho, pois o homem pensa a sua relação com o trabalho, interpreta, reage e se organiza a partir dela, construindo com isso sentidos do trabalho. Esta relação destes atletas com o técnico não produz meios que privilegiam a intersubjetividade, pois sucumbem à pressão do trabalho, o que dificulta a manutenção da saúde mental.

Assim, é notória a presença do mecanismo de defesa da negação, por parte dos atletas, nesta relação interrompida, pois, relatam que é assim mesmo, ele é bravo, quase não conversa, é distante, mas é como se fosse um pai para eles, adverte, briga, todavia, é para o bem deles.

Quanto ao sentimento após os treinamentos a maioria relatou que sentem cansados, desgastados, as pernas doem. Todavia, sentem-se satisfeitos com a sensação de dever cumprido, não se importando muito com a quantidade, pois é o que gostam de fazer, ficam alegres, contentes, pois o trabalho é prazeroso. Conforme relatos:

Garrincha – Muito cansado, porque assim... eu sempre procuro dá o meu máximo sabe? Em tudo que eu vou fazer procuro dá o meu máximo, tem dia que... o Zagalo aqui... o Zagalo aqui... eu até brinco com o pessoal que... o Zagalo é muito exigente sabe? E eu gosto disso, mais tem dia que eu chego em casa assim... eu só dou oi para minha esposa e vou direto pra cama que... sabe? Que a exigência é muita, assim.. a maioria das vezes assim... agora não... agora já tá no final do campeonato, mais a maioria das vezes, muito cansado.

Romário – Sinto bem, venho trabalhar com alegria sinto prazer naquilo que eu trabalho, fico feliz quando vou pra casa, sinto que ganhei mais um dia de trabalho, não que eu vim só trabalhar entendeu? Espero continuar sempre assim.

Roberto Carlos – Durante os treinamentos me sinto bem, após os treinamentos cansado, é bem puxado é um treinamento gostoso de se fazer mas é puxado. Devido ao sol, às vezes cê cansa o dobro do normal, mas eu me sinto muito bem.

Em relação ao cansaço e em como eles o percebem, muitos atletas relataram que depende do dia e do treino. Entretanto, é característico do cansaço, dores musculares, moleza no corpo, as pernas doem, incham, ficam fracas, pesadas, dão câimbra. Relataram ainda que o cansaço também lhes proporciona alterações psicológicas, como: irritabilidade, impaciência, indisposição, desejo em ficar sozinho. No final do dia, “a cabeça até que quer, mas o corpo não responde”, todavia, apesar do desgaste físico se sentem aliviados por mais um dia de trabalho, pois o cansaço é do treino e não do trabalho. Conforme alguns relatos:

Kaká – Bom, eu normalmente quando eu tô muito cansado assim... é que você vê que começa a querer dar câimbra, assim essas coisas... mas isso é só quando tem muito treinamento, quando é treinamento nos 2 períodos e quando é um treinamento mais puxado assim... mas isso acho que é... assim normalmente acontece quando é... fase de pré temporada, assim... quando é início do ano assim sabe? Quando tá no meio do campeonato assim o treinamento é mais tranqüilo assim tem os treinamentos mais puxados mas não tem tanto desgaste, o desgaste é normal.

Rivaldo – Oh, a musculatura fica doendo. No trabalho você sente que você tá tentando respirar, tentando respirar e o ar não vem. Num trabalho mais intenso né, é isso a musculatura fica bastante dolorida, quando se treina bastante.

Rogério Ceni – Dias mais dias menos, é... o corpo pede descanso, você... é... as vezes a cabeça quer e as pernas não querem né, e... a cabeça quer todos os dias né, porque a gente vivi disso, mas às vezes tem dias que as pernas não respondem, o corpo tá cansado, e... tem dia que você quer chegar em casa mesmo, tomar um banho e ficar um pouco mais... mais quieto deitado, relaxado.

Edmundo – Não... é um... é um cansaço do treinamento, não do trabalho, por que quando você tem um dia... por exemplo de físico, trabalho assim... mais aeróbica, essas coisas, aí cê sai de lá mais desgastado, já achando que vai chegar em casa cansado, mais quando o trabalho é com bola também é forte e você sai é... menos cansado, então... é... não... quer dizer que... sai cansado do trabalho, você só percebe porque as pernas dói. Você sente os músculos doloridos, mais cê sente... cê sai aliviado de ter acabado mais um dia de trabalho.

Os impactos de um dia de trabalho nos atletas, são primordialmente sentidos em seus corpos, que demonstram cansaço ao término dos treinos e/ou jogos. O nível de cansaço depende do período em que o clube está, tanto nos preparativos para as competições em nível estadual, quanto nacional.

Para a maioria o cansaço é inerente ao trabalho, diretamente ligado aos treinamentos, que são práticas físicas às vezes intensas. Alguns relatos afirmaram que o cansaço, é das atividades físicas e não do trabalho, o que demonstra que o trabalho é fonte de satisfação para os atletas e que o cansaço é oriundo das atividades realizadas no trabalho, mas ser atleta profissional de futebol é algo prazeroso.

Quando foi perguntado se já adoeceram por causa do trabalho? A maioria relatou que não, porém, contusões, torção de tornozelo, estiramentos, fraturas nas mãos, pancadas na cabeça, contraturas e estresse muscular eram acontecimentos normais no trabalho, pois

futebol é uma profissão de contato, lesionar é normal, basta tratar e voltar a jogar. Conforme alguns relatos:

Rogério Ceni – Não, não, eu tive... eu tive uma fratura na mão esquerda, decorrente do trabalho, e algumas pequenas lesões, mas doença, doença assim de... ocasionada pelo trabalho assim, nada.

Ronaldo – Já! Várias vezes! Mas é normal, eu acho que... é uma profissão de contato e isso é... faz parte da profissão, por isso existem uma... profissionais na área de fisioterapias muito bons para te dar esse suporte aí quando você precisar.

Branco – Não, por causa... sim já sim, torci meu tornozelo algumas vezes já, mas nada que um bom tratamento não melhora.

Luiz Fabiano - Não... não.
Cê fala doença, ou da contusão...
não...
contusão já tive né, mais, são mal dos jogos, machuca fica um tempo parado, depois trata e volta isso aí é normal.

A concepção de doença que os atletas possuem, e concomitantemente, o processo de adoecer, consiste em ser acometido de doenças infecto contagiosas ou degenerativas. Concepção esta onde lesionar não é tido como acometimento patológico. O que demonstrou a atuação de mecanismos de defesa como a racionalização e a negação do sofrimento inerente à profissão.

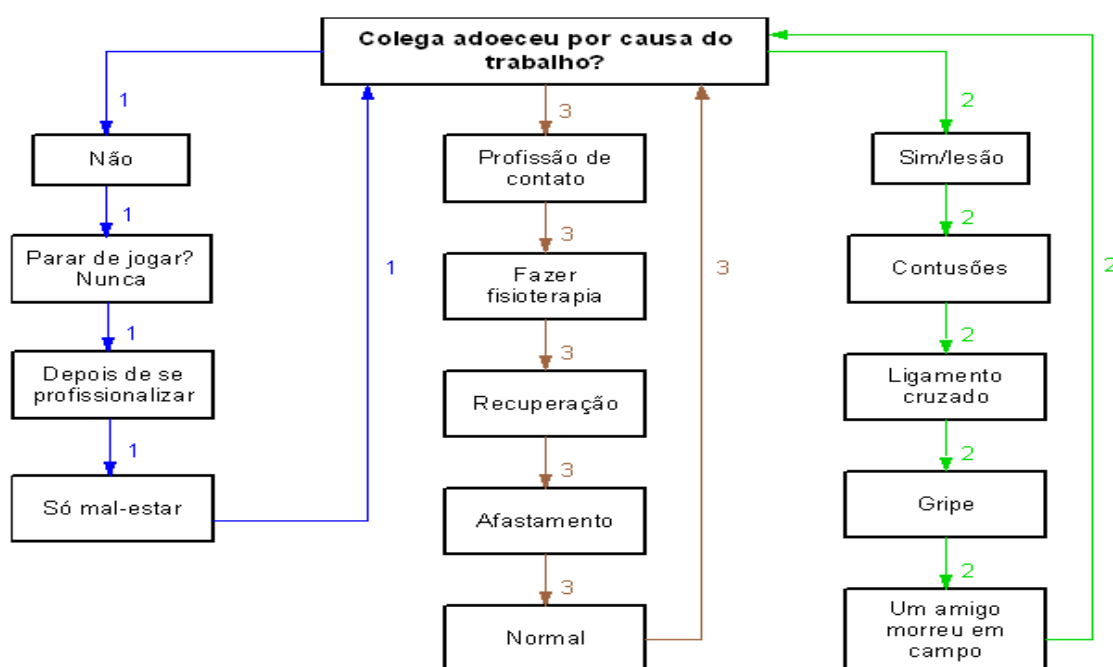
Dejours, (1994) define os mecanismos de defesa como regras de condutas criadas e conduzidas por homens e mulheres, sutis, engenhosamente elaboradas, que proporcionam aos trabalhadores um suporte frente ao sofrimento sem que adoçam.

Assim, para a maioria dos atletas o trabalho não é fonte de adoecimento, porém este consiste num vasto campo propício a lesões, estas podem os retirar por meses a até por ano das atividades laborais, todavia, são tidas como normais do esporte que praticam, conotando a racionalização do sofrimento provocado por uma lesão. Sofrimento este, não só físico, mas psicológico, pois o lesionar-se consiste quase sempre em afastamento e afastamento proporciona substituição e perda de titularidade, ou seja, desconstrução dos objetivos que os atletas se auto impõem.

A competitividade é muito presente no futebol, esta característica do esporte insere os atletas numa lógica alienante, própria do capitalismo, onde subordinação, negação e auto-superação consistem em condições *sine qua nom* de permanência no mercado. (BRUHNS, 2001 e RUBIO, 2001).

A respeito da pergunta “Há algum colega de trabalho que adoeceu ou foi afastado do trabalho por causa do trabalho? Segue exposto no gráfico.

Gráfico nº 13 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Há algum colega de trabalho que adoeceu ou foi afastado do trabalho por causa do trabalho?”



A maioria dos atletas relatou que não, que nenhum amigo adoeceu, mas que contusões fazem parte da vida dos atletas profissionais de futebol. Como o esporte é de contato, lesionar-se é inerente à sua prática. Quando isto ocorre, o que deve ser feito é afastar-se para tratar e quando recuperado retornar. Conforme relatos:

Sócrates – Não. Por conta de contusões sim, de doença não.

Rivaldo – Adoecer não, só sentir mal estar, mas adoecer não.
Ah, contusão sim, bastante.

Rogério Ceni – Que eu me lembre não, algum tipo de problema que não seja diretamente ligado ao que a gente faz, que é esporte de contato, tem sempre as contusões, tirando isso não.

Zetti – É difícil estabelecer doença, doença pra gente é... são contusão, tenho amigos que já tiveram hepatites, amigos que contraíram doenças, que não são de propriamente da área do esporte, mais do futebol, mais para nós quando se diz doença são contusão. E contusões acontece ...
E é motivos de afastamentos.

Conforme a análise anterior, os atletas concebem doença enquanto acometimento infecto contagioso ou degenerativo, tanto nos aspectos individuais quanto coletivos, pois quando foi questionado sobre casos de adoecimento de colegas de trabalho, as respostas não destoaram das relatadas sobre eles próprios. Assim, demonstra que os mecanismos de construção da negação da possibilidade do trabalho enquanto fonte de adoecimento, são tanto individuais quanto coletivas.

A racionalização também é inerente, pois se for acometido por lesões, para muitos atletas isso é natural, basta se afastar e tratar. Esta postura vela vivências de angústia e insegurança, pois no caso de uma lesão, o sofrimento possui aspectos subjetivos e não somente físicos. A incerteza de voltar a jogar, de permanecer na equipe e ganhar titularidade, perpassa a lesão física.

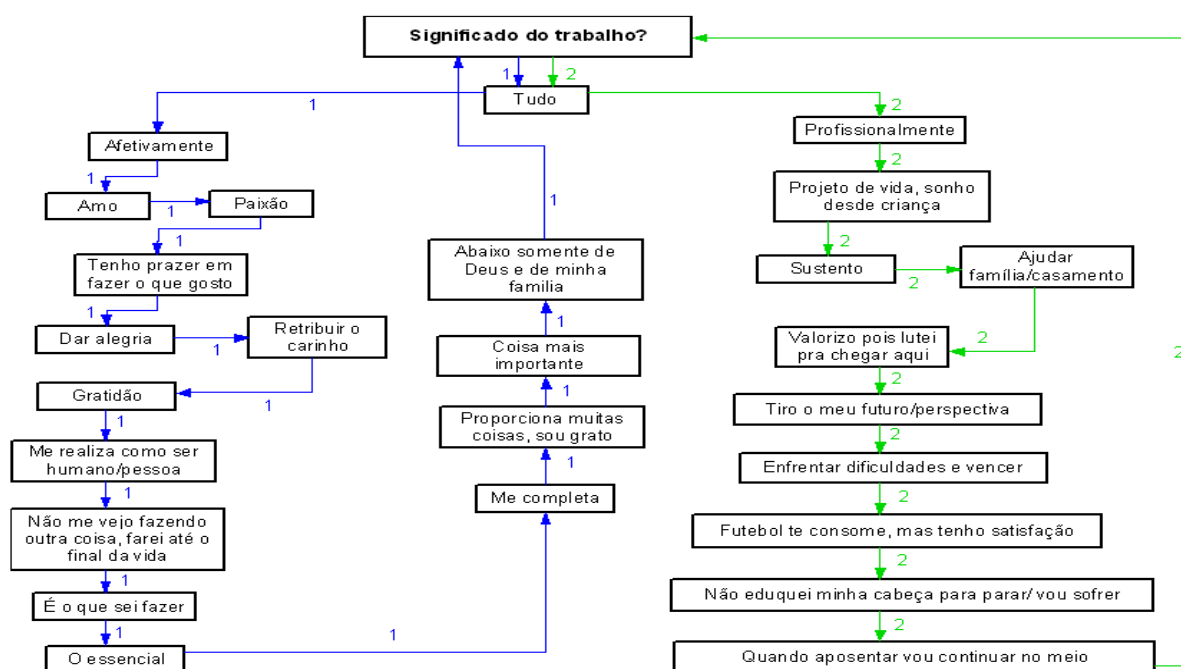
4.3 - Categoria 3 – Mobilização Subjetiva

Segundo Dejours (1994, 2001) a mobilização subjetiva é caracterizada como um processo de utilização de recursos psicológicos por parte do trabalhador nas discussões sobre o trabalho. É vivenciada por cada trabalhador, diminuindo a utilização de estratégias defensivas e fomentando a transformação do sofrimento com o resgate do sentido do trabalho.

A mobilização subjetiva se configura no coletivo, sendo que é inerente ao coletivo do trabalho, que é baseado em regras, estas, organizam as relações entre as pessoas, possuem componentes de ética, de valores e de justiça. (DIAS, 2007) além destes aspectos a mobilização subjetiva possui dois outros elementos, que são: cooperação e inteligência astuciosa, ambas auxiliam o trabalhador a resistir à rigidez do que é imposto, e a desenvolver habilidades particulares para a execução das tarefas.

A respeito da pergunta: *“O que seu trabalho significa para você e para sua vida?”*, o relato dos atletas segue no gráfico.

Gráfico nº 14 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “O que seu trabalho significa para você e para sua vida?”



A maioria dos atletas, afirmou que o trabalho significa tudo para eles, ficando em grau de importância, somente abaixo de Deus e da família. Pois futebol é amor, paixão, que possuem muito prazer em jogar futebol, pois fazem o que gostam. Se sentem realizados, sonharam com isso desde a infância, através do futebol foi possível ajudar os familiares, contrair matrimônio, lutar e vencer na vida. A profissão consome, mas proporciona satisfação, conforme relatos:

Rogério Ceni – Uh, na minha vida o meu trabalho só tá abaixo de Deus e da minha família, só, somente. O meu trabalho é o ponto de equilíbrio da minha família, e... eu assim... eu adoro o que eu faço, adoro, adoro, adoro, faço com o maior prazer do mundo, é por isso que eu te disse que eu não sei quanto tempo eu vou jogar mais, porque eu tenho certeza que vou sentir muita falta quando eu parar, então... não... não... não eduquei a minha cabeça ainda pra parar, então... porque o meu trabalho me completa muito, sou muito realizado com aquilo que eu faço, por isso que eu faço com a extrema seriedade.

Zetti – O trabalho significa pra mim, algo com que eu me comprometi a fazer, algo com que eu, tiro o meu sustento, algo que eu consegui realizar os meus sonhos, vou atingir as minha metas, vou me completar como homem, vou me satisfazer como ser humano, algo que infla o meu ego, ate num certo ponto me deixar feliz algumas momentos e triste em outros, não...

Futebol é paixão, nos lidamos com paixão, quando a gente entre em campo as pessoas que vão nos assistir são diferentes, religião diferentes, emprego diferente, estado civil, tem seus problemas suas dificuldades mais em determinados momentos todos, se volta os olhos pra

gente, a partir do momento que você consegue dar uma alegria para essas pessoas, ou de alguma forma mesmo perdendo, mesmo não satisfazendo essas pessoas, você tem a consciência de que deu o seu melhor que o que eu busco e você possa sair do campo com a cabeça boa, ciente no que você fez foi o melhor, queira ou não queira isso da uma satisfação, que e quando eu te digo, que produz o ego, mais tem que tomar cuidado pra controlar por que do mesmo jeito que a gente sobe a gente desce muito rápido as vezes.

Rai – Tudo, tudo.

Tudo é... que se eu me der bem no futebol eu vou tá... adiantando muita coisa na minha vida né, eu vou adiantar muita coisa, vou adiantar casamento, eu vou adiantar muita coisa na minha vida. Então, por isso que eu falo pra você que é tudo né, porque eu não tenho estudo, então pra mim o futebol tem que correr atrás pra dar tudo certo. Porque eu sei que... se eu for bem no futebol, eu vou adiantar tudo, eu vou ajudar minha família o mais rápido possível, eu vou ajudar os meus pais, tudo, entendeu, então isso... Hoje o futebol significa muito pra mim.

Tafarel – Olha, sim o... esse trabalho que eu tenho, é difícil é... até falar a importância que tem, por que é o que eu amo de fazer, é o que eu sinto prazer em fazer é isso aqui, entendeu eu tô aqui, por causa do amor que eu tenho pelo futebol, por tá no dia a dia, de ser prazeroso isso aqui, de as vezes você fazer uma alegria de um torcedor, que trabalha a semana toda as vezes estressado, e chega as vezes num domingo pra ver um jogo e você consegue dá uma alegria pra ele, é... e saber que você conseguiu dar uma alegria pra ele é um momento de muito prazer é... que eu tenho no meu trabalho é essa.

A Psicodinâmica do Trabalho considera saúde no trabalho, não a ausência de sofrimento, mas o equilíbrio marcado pelas vivências de prazer e sofrimento. Pois é a reação do trabalhador frente ao trabalho que transforma ou minimiza o sofrimento. Para a maioria dos atletas o trabalho que executam proporciona muito prazer, pois eles se realizam no que fazem. O trabalho é difícil para muitos, todavia, este sofrimento é ressignificado, proporcionando a eles maior vivência de prazer.

Conforme Dejourns (1994) quanto mais possibilidades de arranjos no trabalho o trabalhador possuir, melhor lhe será o trabalho. Assim, por mais que os atletas profissionais de futebol necessitem se submeter a esquemas técnicos estabelecidos *a priori*, eles gozam de liberdade na execução de jogadas com finalidade pro gol.

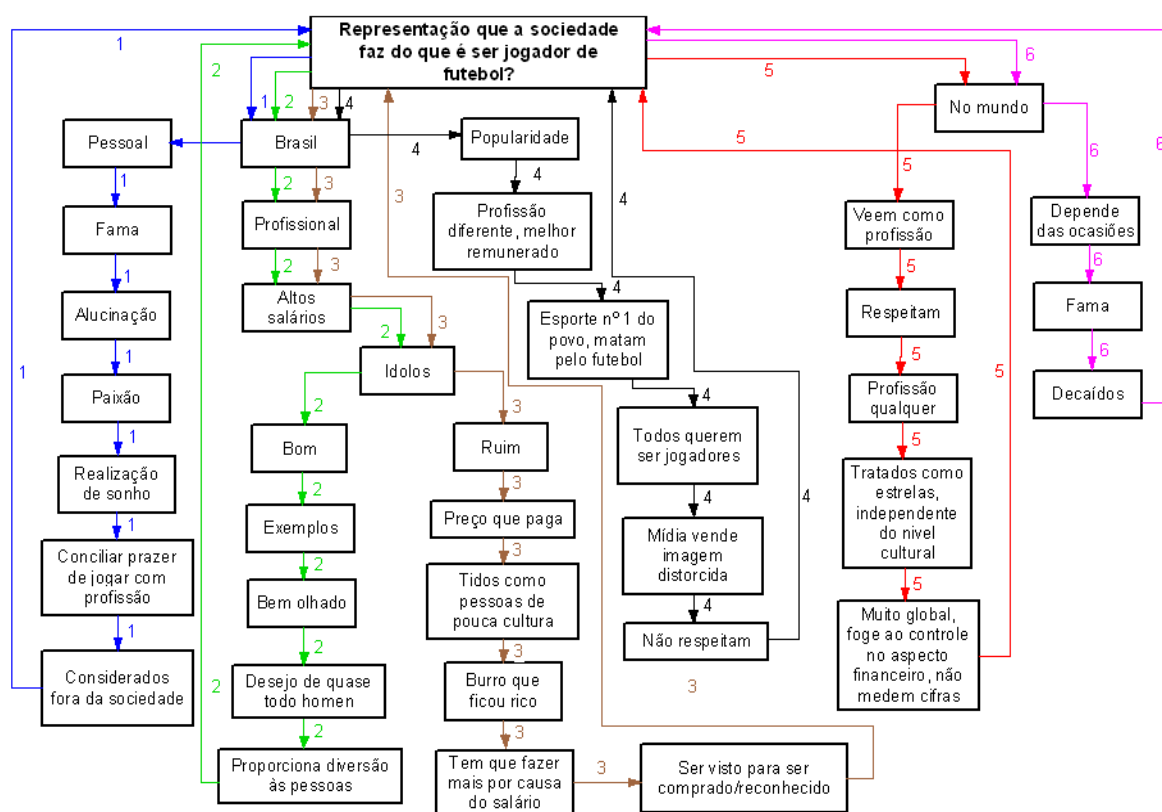
Para muitos atletas, eles são detentores da possibilidade de proporcionar alegria ao torcedor, o futebol entorpece, faz o torcedor esquecer as mazelas do dia a dia, e isso é importante para o atleta e em muitos aspectos justifica o seu trabalho.

Faz-se pertinente salientar que este entorpecimento acomete não só o torcedor que esquece momentaneamente suas mazelas, mas o próprio atleta que vela o sofrimento vivenciado pelo trabalho, quando o subestima diante do desejo de conquista, de transcendência ao mundo cotidiano para um mundo mítico permeado de possibilidades heróicas e sobrenaturais (RUBIO, 2001).

Esta postura viril e desbravadora atribuída aos heróis, ofusca a percepção do acometimento pelo sofrimento, pois ao herói é atribuído força, habilidade e coragem, inteligência e cognição são exigências ocasionais (RUBIO, 2001). Isto fomenta a submissão acrítica às imposições instrumentais do modo de produção, o que demonstra que o processo de alienação se retroalimenta. A lógica do herói só faz sentido se as conexões do mito encontrar razão na prática cotidiana do trabalho e nos valores sociais que circunda o atleta.

A respeito da pergunta: “Qual o significado de ser jogador de futebol profissional no Brasil e no mundo?” Segue exposta no gráfico a seguir.

Gráfico nº 15 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Qual o significado de ser jogador de futebol profissional no Brasil e no mundo?”



Segundo os relatos dos atletas, no Brasil eles são vistos como pessoas de sucesso, famosos, praticantes de um esporte apaixonante e que precisam conciliar o prazer de jogar com a profissão que exercem. São também considerados como profissionais detentores de altos salários, possuem uma profissão diferenciada, são mais bem remunerados, são ídolos,

exemplos, são bem olhados. Mas para isso pagam um preço, possuem sua liberdade cerceada, são considerados “burros que ficaram ricos”. Conforme citações a seguir:

Júlio César – No mundo, como um profissional da área, que as pessoas vêem é... não como um jogador, um qualquer, vê como profissão e que vão ao estádio acompanham por gostarem e respeitam essa profissão. No Brasil vejo diferente, as pessoas não tem o respeito que o jogador necessita, não só o jogador mas todas as áreas esportivas né. O brasileiro ele não tem esse respeito, em algumas áreas, muito poucas. Achem por que ganham um certo... dependendo do salário é, tem que fazer mais, mais só que porcentagem menor que ganham mais, poucos... ganham, quer dizer, poucos ganham muito bem! Então é assim que eu vejo.

Garrincha – No Brasil é mais, acho que no Brasil as pessoa é... nos vê como ídolos né, nos vê de uma forma é... às vezes eu acho... meu modo de pensar eu acho que não deveria ser... de um lado é bom né, de ser olhado sabe, de um lado é bom, quando é... pega as pessoas que tem referências né, como assim, um Kaká da vida que dá exemplos né, exemplo de vida correta sabe? Aí eu acho positivo, por que quando eu era criança também tinha ídolos né, é meu ídolo era o Zico, mais por tudo que ele fazia dentro de campo e fora de campo... então assim... no Brasil se vê com mais... com olhos de nível de querer ser aquela pessoa entendeu? Já fora eu trabalhei três anos em Portugal eles... eles não são tantos, tem mas não são tanto igual ao Brasil sabe? Eles... eles é... são culturas diferentes né, eu acho que eles vê a profissão como atleta profissional como uma profissão qualquer. Aqui no Brasil é... não sei... acho que é mais isso, eu acho que... as pessoas criam um ídolo né, e procuram seguir esse ídolo né, eu acho que é isso(risos).

Romário – Significado? É difícil falar isso aí.

Peso a gente tem, tanto que a gente é cobrado de uma maneira, que as pessoas não vê que a gente é ser humano não vê que a gente, às vezes não tá num dia bom, as pessoas acham que a gente tem que fazer tudo programado que nem *Robocop*. Então é isso que às vezes... prejudica. Nós... os brasileiros, nos brasileiros são taxados como os melhores do mundo, então, eles não aceitam erros dos jogadores. Mas é bom porque as pessoas te admiram, mas a cobrança as vezes é até demais, mas o ser humano as pessoas, como meus amigos as vezes, meus familiares me olham parece que a gente é... é uma pessoa diferente uma da outra. Então, essas coisas assim, que... dá satisfação e ao mesmo tempo tem uma cobrança muito grande, porque até nas suas férias você é cobrado (risos). Às vezes você está jogando uma pelada, num churrasco e as pessoas estão falando toma cuidado para não engordar, cuidado para não se machucar, então tudo isso te coloca, como se você parece que tá fora da sociedade, e se você não estiver uma cabeça boa vai pensar que realmente tá fora.

Rogério Ceni – No Brasil é... eu não vejo as pessoas terem com muito respeito, e assim como uma imagem de um ser humano completamente estudado, preparado pra qualquer outra situação da vida, não, normalmente eles associam os jogadores de futebol com pessoas de pouca cultura, com pessoas é... que normalmente vieram da periferia, com pessoas pobres, com pessoas despreparadas socialmente, é... eu não vejo assim. É... no mundo é... os jogadores considerados jogadores de 1º linha, jogadores europeus e tal, são tratados como estrelas, como celebridades, tendo muita cultura ou pouco cultura são sempre tratados, é... isto na minha ótica claro, num nível muito... muito superior aquilo que se é... que se é comentado sobre jogadores no Brasil.

Dunga – Bom, acho assim... muita gente.. é... vê muita... por que a TV vende muito a imagem de um jogador que... que é... que é... sempre tem dinheiro, que sempre é um cara que... geralmente vende a imagem de um burro que deu sorte no... na vida, e não é assim, geralmente o jogador de futebol ele ralou, é... muitos não conhecem a parte do jogador que ficou longe de casa, o jogador não tem um sábado, não tem domingo é...tem que tá trabalhando. Então é... acho que... o mundo enxerga outra coisa, o mundo enxerga 10% do que... do que... do que é realmente o futebol. Hoje tem muito jogador que... que ganha... que joga por salário mínimo, acho que parece que se não me engano 10% dos jogadores de

futebol que ganham acima de 10 salários mínimos. E o... a mídia vende essa imagem de Ronaldo, de Ronaldinho Gaúcho, de Kaká, e a realidade é outra. Mas é... é um trabalho onde que... se você tem... tem a oportunidade de buscar tá crescendo, tá ganhando... realmente tá... seu salário tá sempre valorizando, sempre crescendo se você... dependendo como eu te disse da produtividade de você tá demonstrando seu...

Foram notórios os relatos que aprovavam a postura da sociedade frente ao trabalhador do lazer – atleta de futebol, no que tange ao *status* fantasioso que a profissão ostenta, entretanto, cabendo novamente a dialética dos núcleos emergentes – *sim* e *não*. Bruhns (2001) e Padilha (2006) criticam o “efeito entorpecedor” que o lazer¹¹ proporciona, pois, consumir lazer significa um mergulho em fantasias, demonstrando o insaciável anseio da alma humana com seus infinitos desejos.

Falar em futebol no Brasil é estar diante do maior fenômeno social do país, responsável por grandes movimentações políticas, sociais e econômicas. É um fenômeno complexo, de uma magnitude e amplitude imensurável em sua plenitude.

O Brasil é o país da maior referência em futebol de todos os tempos, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, conhecido mundialmente pela habilidade que possuía com a bola e pela quantidade de gols que marcou enquanto jogava. Não só Pelé, mas vários outros craques brasileiros despontam como mitos do esporte, justificando toda uma representação ideológica do que é o futebol para o brasileiro.

Reforçados pela atuação veemente da mídia, os atletas de futebol, são considerados ídolos, exemplos a serem seguidos, mitos, figuras propulsoras de sonhos em crianças e adolescentes. Esta representação ideológica é tão presente no mundo do futebol brasileiro, que o discurso dos atletas consiste quase sempre em formas pré estabelecidas de respostas, os “clichês futebolísticos” de Pereira (2008), sempre demandam falas no coletivo, atribuindo conquistas à equipe, relegando ao grupo o mérito.

Ao atleta cabe o anseio pelo bem comum, segundo Rubio (2001) heróis almejam deixar um legado de boas lembranças, pois se assim ocorrer, e que quase sempre é transitório e efêmero, como é o caso da carreira de atleta, conforme Pereira (2008), ele poderá permanecer firmemente ao longo da história.

Estas transformações socioeconômicas levaram o futebol a galgar o *status* de espetáculo, aumentando excessivamente sua mercantilização e de tudo o que está ligado a ele.

¹¹ A pesquisa em questão considera que a prática do futebol pelo profissional do esporte (atletas, técnicos, fisioterapeutas, psicólogos, dentre outros) é profissão, porém pelos espectadores consiste numa prática de lazer, que é um trabalho.

Assim o futebol é concebido no Brasil, sonhos são comercializados diariamente nos programas de rádio e televisão, todavia, a realidade do futebol é velada.

Conforme o relato de muitos atletas entrevistados, que reconhecem que o atleta de futebol é ídolo no país, que realizam um trabalho desejado por quase todos os homens, porém, isto ocasiona um preço a ser pago. A liberdade é sacrificada, são considerados “burros” que enriqueceram, precisam se submeter à ideologia mercadológica que perpassa o futebol. Precisam estar sempre produzindo crescentemente para serem vistos, além de possuírem data de validade profissional.

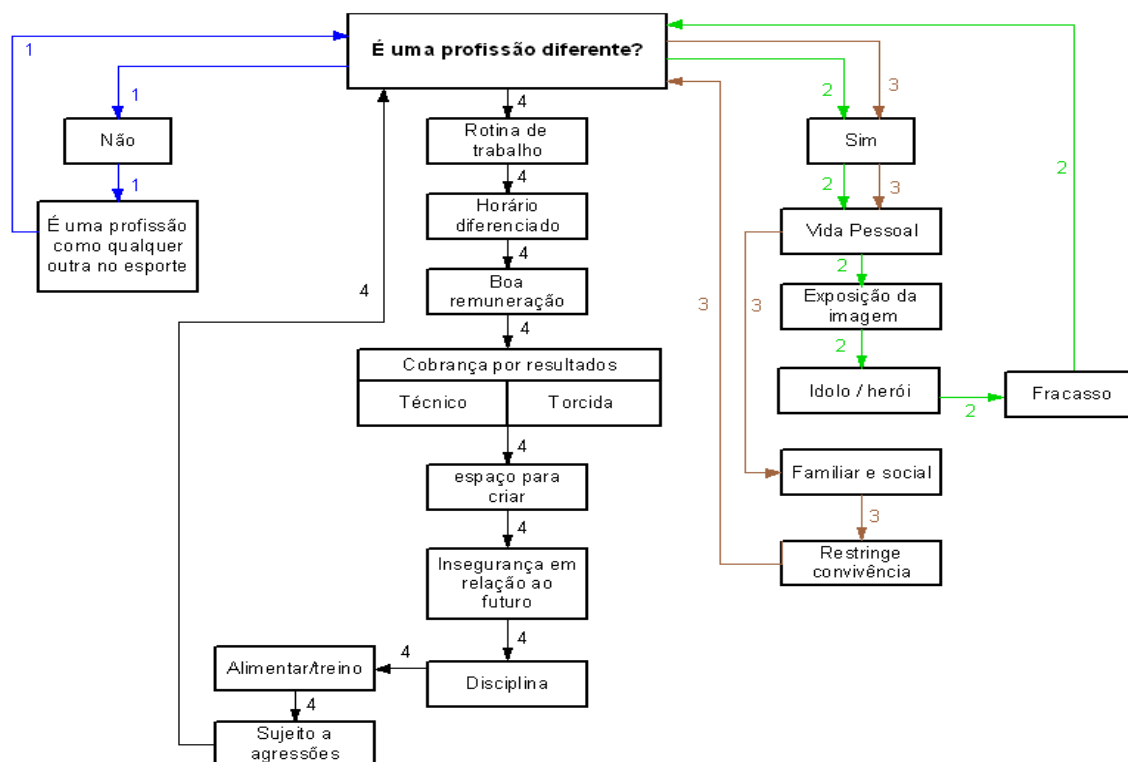
Segundo alguns relatos a carreira de atleta de futebol é curta. Além de relatarem que no Brasil, o esporte é motivado por resultados, que o estrelato do atleta está condicionado ao tempo que durar as luzes das lentes incidindo sobre ele. (PEREIRA, 2008)

Diante do exposto, para os atletas profissionais de futebol, o significado que o atleta de futebol tem no Brasil, possui três aspectos: os pessoais, de ascensão social, de carreira promissora; os aspectos profissionais, pois são considerados ídolos, promotores de diversão às pessoas, sujeitos sem cultura que enriqueceram; e finalmente os aspectos de popularidade, pois jogar futebol é uma profissão diferente, melhor remunerada, porém, a mídia vende uma imagem distorcida que não condiz com a realidade vivida por eles.

No mundo, os atletas relataram que a profissão – atleta profissional de futebol é considerada uma profissão como outra qualquer, que são respeitados e tratados como estrelas, independente do nível cultural que possuem. Segundo a maioria dos atletas, fora do Brasil o atleta profissional de futebol é um trabalhador como outro qualquer, ser atleta profissional de futebol é considerado como uma profissão digna de respeito.

A respeito da pergunta: “É diferente trabalhar como jogador de futebol, do que em outras profissões? Se sim, em quê? Como?” segue exposto no gráfico.

Gráfico nº 16 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “É diferente trabalhar como jogador de futebol, do que em outras profissões? Se sim, em quê? Como?”



A maioria dos atletas relatou que a profissão de atleta de futebol profissional não é diferente das demais no esporte, no que diz respeito às obrigações de trabalho. Quanto às demais profissões, os aspectos que a difere são os inerentes à exposição pessoal, à condição de mitos e heróis da sociedade, diretamente ligada ao desempenho dos atletas, o que a caracteriza como efêmera, exigente constante de auto-superação, de *performances* atléticas sobre-humanas. Conforme relatos:

Sócrates – As pessoas que tornam uma coisa diferente, eu não me torno uma coisa diferente. As pessoas que as vezes te idolatram, te põem como ídolo, né. Então as pessoas que tornam você diferente. Pra mim sou uma pessoa normal. E às vezes eu não tenho a sensibilidade de notar se outras pessoas me olham diferente como que se eu fosse um ídolo ou uma pessoa querida.

Não. É igual pra mim, como se fosse um outro trabalho.

Kaká – Bom eu... olhando da... digamos assim... da visão minha, que eu tenho (risos) de jogador de futebol, acho que é, acho que é diferente.

Porque... tipo um... o trabalhador normal tem as suas... eu acho... que tem as suas cobranças, tem as suas... as suas críticas, o patrão dele lá vai cobrar ele e tal, só que eu acho que dentro do futebol a cobrança é... acho que ela é muito maior do que nos outros... nos outros trabalhos assim... digamos que... não sei quem tinha falado pra mim. Uma vez eu tinha um treinador que me falou que no futebol há muito pouco espaço pra erro assim... até por isso... até por isso que a cobrança é... é muito grande, então no futebol a cada dia você tem que tá mostrando, e tal (risos), você fez gol ontem! Se você no próximo jogo não fizer! Acabou. Se no outro você não fizer, todo mundo já esqueceu, então eu acho que o futebol é... sempre tem que tá mostrando, sempre... sempre... sempre... sempre tem que tá

mostrando, sempre tem que tá criando. Lógico que não é muito diferente, até porque as outras profissões também é... é por produtividade né, mas eu acho que o futebol envolve também outras coisas, não só essa cobrança esse... digamos assim... esse... erro zero, também tem a cobrança de torcida, tem... quando todo mundo tá se divertindo, a gente tá lá trabalhando, e o pessoal tá xingando. Tipo... o pessoal não liga se você tem família, se você não tem, o pessoal tá lá te xingando. Se você faz gol, você é o cara, se você não faz, você é uma porcaria (risos). Então, tem esses extremos assim... que no futebol acho que diferencia dos outros trabalhos, entendeu? Lógico que tem a cobrança mas acho que... a cobrança digamos assim... no futebol é uma cobrança diferente profissionalmente assim... falando, acho que são... que as cobranças dos patrões e a cobrança tipo do que você tá sendo julgado tipo... por muita gente que não tem nada a ver com o teu trabalho, entendeu? Acho que é isso.

Rivaldo – Eu acho que sim. Olha eu acho que... primeiramente quando... ah, eu acho que a gente abre mão de muitas coisas assim diferentes, a gente tem que ter cuidado com muitas coisas com questão de... imagem que a gente tem que cuidar. Acho que o objetivo da pesquisa também, que é quando a gente tá trabalhando as pessoas tão se divertindo e... às vezes as pessoas não entendem, você é cobrado, além das pessoas que tão aqui acima de você, você é cobrado muito na rua pelo torcedor também, então, não tem só essa cobrança de... do seu patrão, vamos dizer assim né, você tem a cobrança do torcedor no dia a dia, das pessoas que são apaixonadas por futebol, então acaba que essa cobrança é um pouco... além de ser interna vem externa também.

Rogério Ceni – Não sei se em todas, mas na maioria sim. O jogador de futebol é tratado como malandro, como aquele... ah, aquele cara que não quer nada, como boêmio, como um cara que gosta de farrá, gosta de mulherada, gosta de noitada, e... é isso não é uma regra, então eu vejo que é... normalmente as pessoas tem este conceito. Um médico também pode ir... sair pra se divertir, pra beber, pra fazer o que quiser, mas acho que pelo diploma ele é olhado de uma maneira diferente.

Para a maioria dos atletas entrevistados, sua profissão não difere das outras, nos aspectos trabalhistas, porém o futebol é um fenômeno que está constantemente na mídia, é exposto diariamente sob várias óticas, responsável pela divulgação das mais variadas causas, percorrendo desde campanhas governamentais de cunho social, até a venda de objetos esportivos, o que conota sua maciça importância para o modo de produção capitalista, que coisifica os atletas, inserindo os numa cadeia de outros produtos, tão vendáveis quanto eles próprios.

Para nutrir a lógica do consumo, segundo Pereira (2008) é preciso a criação de referenciais ideologicamente concebidos, destituídos de crítica e considerados figuras mitológicas. A concepção de mito consiste numa idealização, onde o mito “é ainda uma forma de transcender ao mundo cotidiano de todos os dias e penetrar num mundo transfigurado, auroral, impregnado da presença do sobrenatural.” (RUBIO, 2001 p. 86). Segundo a maioria dos relatos, os atletas são considerados ídolos, heróis, possuem suas vidas expostas na mídia.

Nos aspectos das exigências do trabalho, cobranças, pressões, insegurança diante do futuro, rotina de trabalho, ser atleta de futebol não é diferente de qualquer outra profissão. O exercício do futebol enquanto profissão proporciona vivências de sofrimento, ocasionadas

pela instrumentalização da prática, e impossibilidade de um exercício autônomo por parte do atleta.

Entretanto, o diferencial da profissão consiste no alto valor mercadológico que o futebol possui, tornando não somente o atleta de futebol como uma mercadoria, mas, tudo aquilo que pertence ao meio futebolístico é passível de venda.

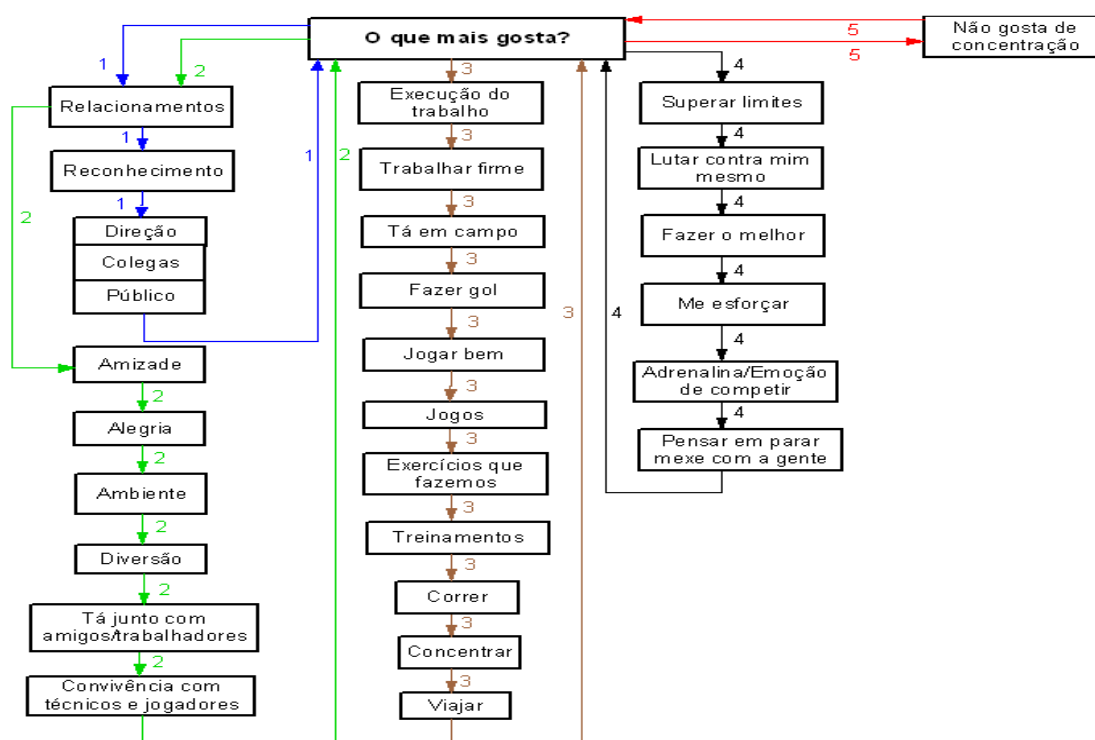
Assim, o contexto que os atletas estão inseridos, quase sempre exige deles o máximo nas competições, visando tirar proveito de suas possibilidades de excelência conquistadas quase sempre em exercícios de bravura e auto-superação (RUBIO, 2001).

A auto-superação alimentada pelos atletas “heróis” possui sua origem na vitória sobre si próprio, transpondo os limites pessoais. Fato este que proporcionou grandes mudanças no processo de formação dos atletas, principalmente pela influência da mídia que produz astros, estrelas e fenômenos constantemente. (PEREIRA, 2008)

Estes profissionais são considerados atletas de *performance*, de alto rendimento, e segundo Pereira (2008) alto rendimento não se assemelha a saúde, mas consiste numa postura onde os resultados, a quebra de recordes sobressai à prática do esporte enquanto profissão. Este é um fator que diferencia a prática do futebol enquanto profissão dos demais ofícios.

A respeito da pergunta: “O que você mais gosta no seu trabalho?” segue exposta no gráfico.

Gráfico nº 17 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “O que você mais gosta no seu trabalho?”



A maioria dos atletas relatou que o que mais gostam no trabalho são os relacionamentos interpessoais e o reconhecimento da direção do clube, dos pares e da sociedade. Outros gostam da amizade, do ambiente e da convivência no trabalho. Um terceiro grupo relatou que gostam da execução do trabalho, de jogar, fazer gol, superar limites, se auto-superar, viver a adrenalina das competições. Conforme relatos:

Sócrates – Eu acho que... reconhecimento. É o melhor. Se você tem reconhecimento no seu trabalho, aí você se sente realizado, Da torcida, dos seus comandantes, do seu presidente, treinador. Essa é a melhor coisa, quando você nota reconhecimento de todos, seus colegas.

Romário – De poder tá em campo jogando, de poder tá fazendo aquilo que a gente gosta né, independente de ser cobrado ou não, de ser visto ou não cê tá ali dentro de campo, batendo uma bola com os amigos, as vezes a gente encara a nossa profissão como isso, como um bate bola, uma satisfação enorme né. Então, quando a gente... as pessoas falam que a gente é mercenário as vezes, mas eu sempre gosto de tá jogando entendeu? As vezes tava machucado, esses dias, esse tempo aí, tava recebendo, mas não estava feliz porque eu queria tá em campo jogando. Então o prazer do jogador é tá em campo, com a chuteira e batendo uma bola.

Roberto Carlos – Treinar! No meu trabalho o que eu mais gosto é treinar, trabalhar firme porque é mais uma sensação de dever cumprido, mais um dia que passou e eu venci mais uma batalha. Pra mim todo dia é uma luta, aonde eu vou vencendo, eu vou me vencendo, é

uma luta... eu é... eu contra mim mesmo, a luta contra mim mesmo, porque eu quero melhorar sempre, eu quero tá sempre melhorando porque eu sei que cada dia eu melhorando eu vou tá ajudando a minha família, eu vou tá me ajudando, a... minha constituição de vida e o futuro do meu filho.

Dunga – Bom, acho que a... acho que os treinamentos, aquela adrenalina do jogo, aquela emoção de tá dentro de campo, de tá ali na disputa, acho que isso não tem... acho que não tem preço sabe? Que pague essa... de que cê ir pro jogo, de cê disputar, de cê tá ali competindo, acho que isso realmente é um prazer que... é como... em poucos lugares que cê acha (risos).

Pelé- Eu? Fazer gol.

Para Dejours (2004) a presença de reconhecimento proporciona e estabilização da referência de identidade profissional, a afirmação de uma boa execução do trabalho por parte dos pares e dos superiores hierarquicamente, articula a cooperação do trabalho em conjunto, o que é fundamental para o trabalho em um time de futebol. Além do reconhecimento, alguns atletas relataram que gostam mesmo é de estar em campo jogando, dos embates, da disputa, isto proporciona prazer a eles. Estas vivências de prazer ocorrem, pois há o equilíbrio entre as exigências intelectuais e psicossensoriais, e a demanda da carga psíquica. Assim, a simples execução da atividade laboral, proporciona prazer.

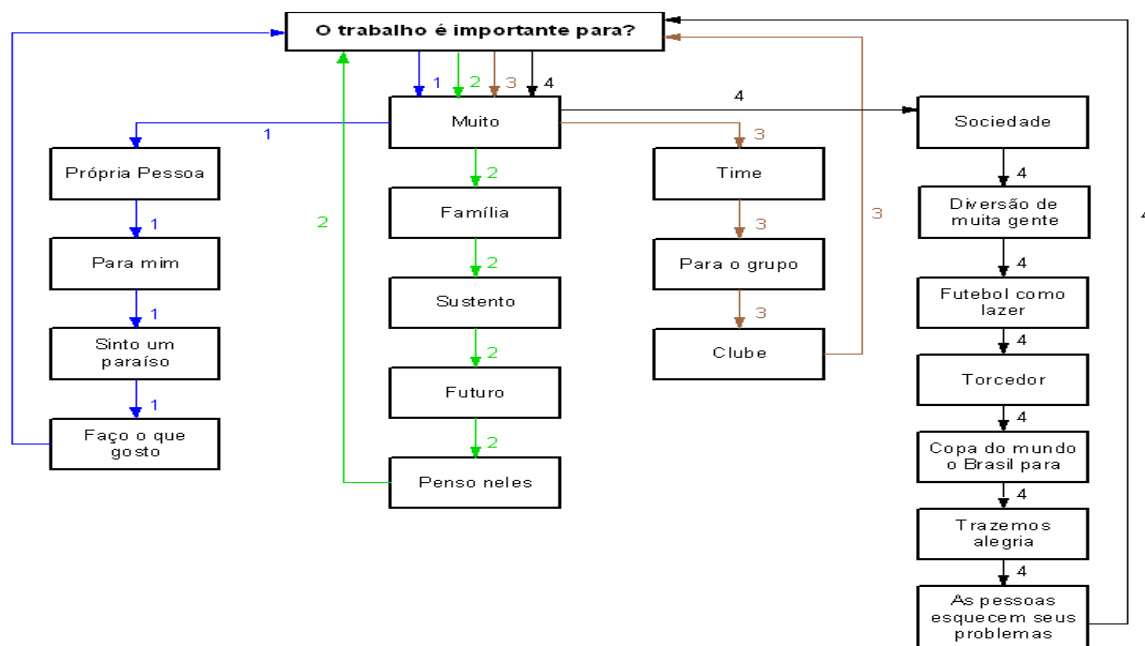
Quanto aos aspectos sociais do reconhecimento, Rubio (2001) afirma que o atleta de alto rendimento se identifica com o herói não somente nas disputas que se assemelham às batalhas, mas na possibilidade de ser referência para a sociedade a qual pertence, que deposita nos “heróis” uma saída fantasiosa para sua mazelas. O que fomenta a admiração pela profissão, desejada por muitos e sustentada pelos próprios atletas, que recebem tamanho respaldo social.

Santos (2008), em sua pesquisa com bailarinos e Assis (2008), em sua pesquisa com uma banda de blues, demonstraram que o reconhecimento para os trabalhadores da arte, consiste no principal fator de construção da identidade profissional. Além de proporcionar a mobilização por parte dos profissionais para ressignificar o sofrimento transformando-o em prazer, (LANCMAN & SZNELWAR, 2004 e RAMOS, 2005). Esses são profissionais que trabalham com a emoção do ser humano.

Semelhantemente, os atletas de futebol profissional valorizam o lado subjetivo do trabalho, que consiste em levar alegria ao torcedor, atuar em jogos e realizar boas jogadas que proporcionarão bons resultados para o time. Assim, a prática do futebol proporciona vivências de prazer e fomenta a construção identitária do atleta, conforme Mendes (2007), Dejours (1994) e Lancman e Sznelwar (2004).

A pergunta: “Você acha que seu trabalho é importante? Para quem?” Está exposta no gráfico.

Gráfico nº 18 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Você acha que seu trabalho é importante? Para quem?”



Todos os atletas relataram que o trabalho é importante para eles, alguns acrescentaram que também é importante para os familiares, para o grupo a até mesmo para a sociedade, pois futebol é fonte de sustento para toda a família, mas também é possibilidade de diversão para muitas pessoas, que vêm no futebol uma fonte de lazer, de alegria, o futebol proporciona transformação social, principalmente no período da copa do mundo. Conforme relatos:

Romário – É importante! É importante porque... todo trabalho é importante né. Mas acho que a maior importância do nosso trabalho a gente vê na Copa do Mundo, onde que o Brasil inteiro pára pra poder torcer, as pessoas esquecem seus problemas, esquecem sua tristeza, esquece as raças, une tudo né, então acho que o futebol tem um nível na sociedade muito importante. Acho que é um negócio que você... todo mundo gosto, todo mundo quer fazer, todo mundo pára pra fazer, independente de quem é profissional ou não, joga futebol, então, futebol... acho que a nossa profissão é tão importante porque além da responsabilidade que a gente tem... é de trazer alegria pra pessoas então, quanto maior a alegria que a gente possa dar pro ser humano, pra gente mesmo também, acho que é bom ainda mais num lugar que a gente vive que é meio... violência, sofrimento, essas coisas, assim então... as pessoas param pra esquecer então, a gente vê que a maior importância é essa.

Rivaldo – Acho que sim, o meu trabalho é importantíssimo. Levar alegria as pessoas. Muitas pessoas cê sabe que vão ao estádio, chateado com alguma coisas, da rotina deles lá... da casa dele, vai ali pra o estádio extravasar e tal, e quando o time ganha consegue fazer com que ele volte feliz pra casa né. Eu acho que a responsabilidade social que o futebol tem no Brasil principalmente, é muito grande, então... eu acho que... por tirar pessoas de... de outras situações ruins colocando no esporte, não só o futebol, mas eu acho que o esporte em geral. Então, tem toda essa função social também. Mas eu acho que a função principal é isso, poder tá levando alegria às pessoas no momento que elas precisam.

Tafarel - É... é importante pra mim, pra minha esposa, por que é dali que eu tiro meu sustendo né, então ele é muito importante pra mim, entendeu? Às vezes as pessoas na rua acham que o jogador de futebol... as vezes a minha profissão é lazer, por que eles nunca esteve aqui dentro pra... pra saber como é que é, então pra mim é importante.

Luiz Fabiano – É Importante! Pra mim, pro... pro clube né, que é muito importante, depende de resultado... de resultado, e pro torcedor também, que são fanático e quer ver o clube sempre vencendo.

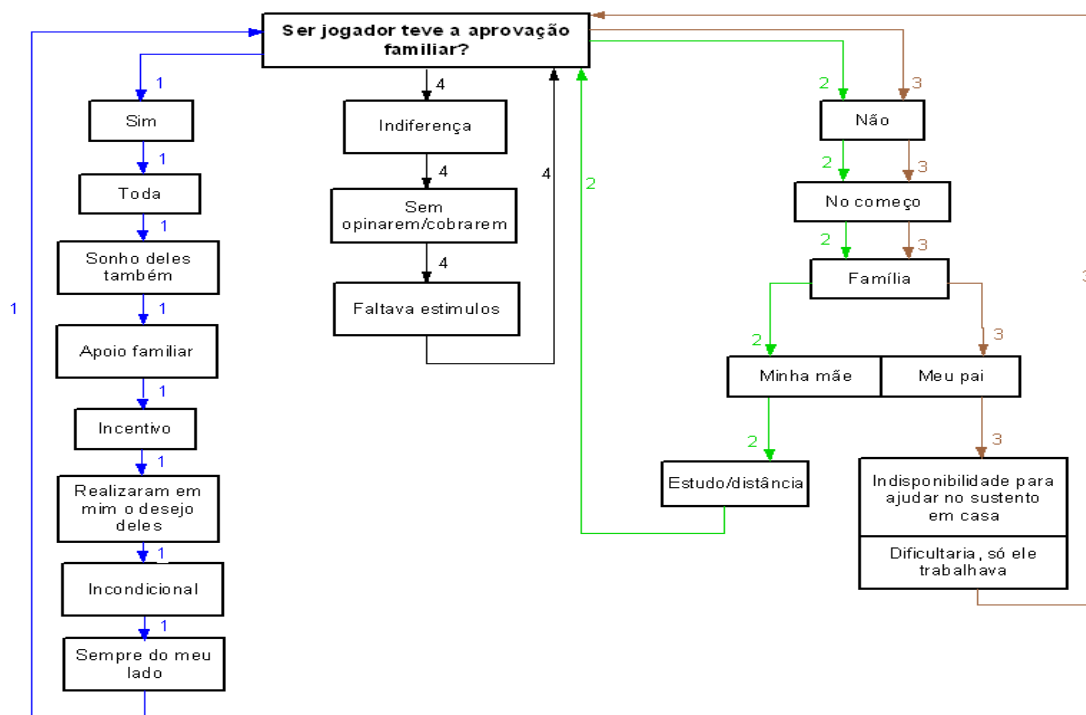
Quanto aos aspectos sociais do reconhecimento, Rubio (2001) afirma que o atleta de alto rendimento se identifica com o herói não somente nas disputas que se assemelham às batalhas, mas na possibilidade de ser referência para a sociedade a qual pertence, que deposita nos “heróis” uma saída fantasiosa para sua mazelas. O que fomenta a admiração pela profissão, desejada por muitos e sustentada pelos próprios atletas, que recebem tamanho respaldo social.

O prazer e concomitantemente a saúde no trabalho, consistem na capacidade que o trabalhador possui de buscar uma relação mais gratificante com o trabalho, ressignificando o sofrimento. Assim, prazer-sofrimento pode interagir nas situações de trabalho e não serem considerados contrários à saúde. (DEJOURS, 1994)

Para a maioria dos atletas, jogar futebol é realizar um trabalho que foi outrora muito sonhado e hoje consiste numa realidade, que embora possua dissabores como outras profissões, proporciona um retorno de gratificação. Através da idéia de ídolo contemplado pela sociedade, além de proporcionar poder aquisitivo, o trabalho transformando-se assim, em fonte de descarga pulsional do aparelho psíquico, que resulta em sentimento de prazer e satisfação no trabalho.

A respeito da pergunta: “Ser jogador de futebol profissional teve a aprovação de sua família?” segue exposto no gráfico.

Gráfico nº 19 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Ser jogador de futebol profissional teve a aprovação de sua família?”



A maioria relatou que *sim*, que era um sonho dos familiares também, por isso receberam apoio familiar, incentivo, estando sempre do lado deles. Para outros jogadores, não teve a aprovação dos familiares no início, pois para algumas mães, seus filhos ficariam distantes e impossibilitados de estudar, devido às viagens para jogos. A desaprovação dos pais, no início também, ocorreu devido à indisponibilidade dos filhos em ajudar nas despesas de casa. Conforme relatos:

Sócrates – Teve. Além do apoio, incentivo.

Branco – Olha, minha mãe no começo não gostou muito não, pelo fato de ter deixado ela longe de mim, mas sempre meu pai me apoiou e depois ela também me apoiou bastante e hoje estão todos torcendo por mim, muito felizes lá.

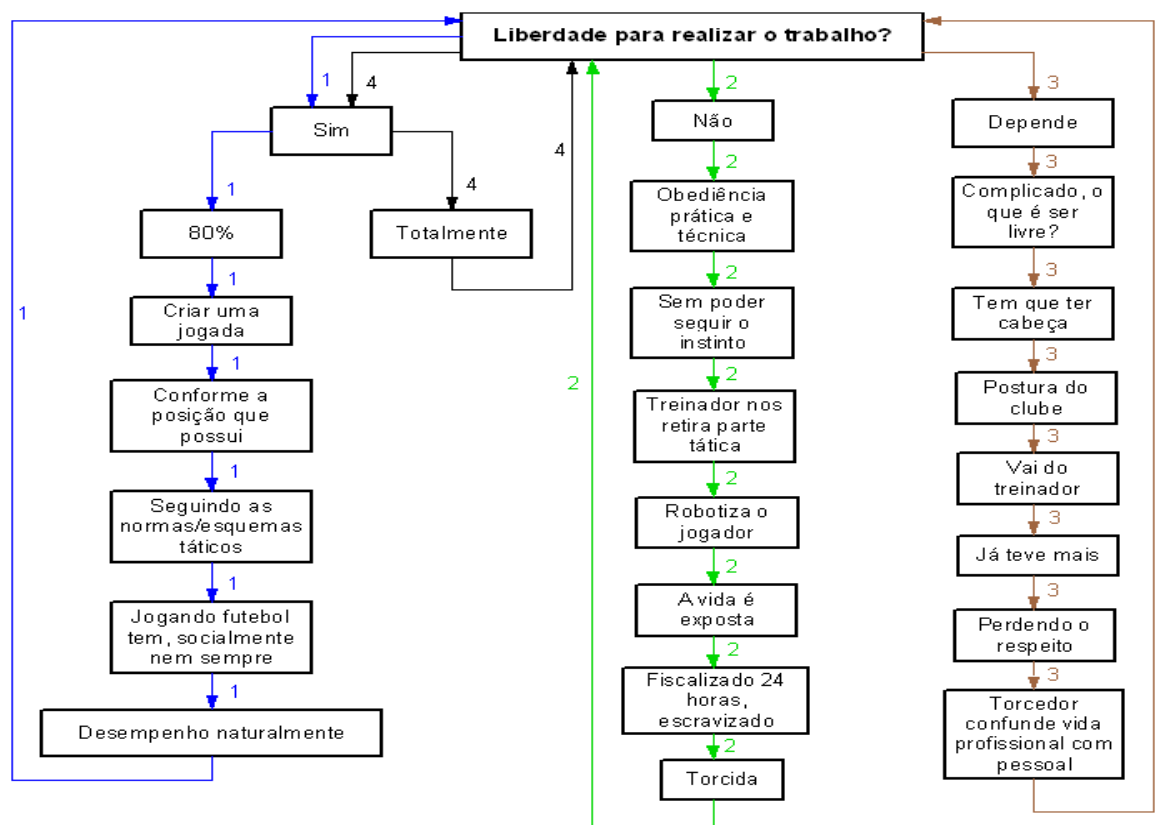
Leônidas da Silva – Oh! No começo... no começo não, no começo porque... causa da minha família é humilde, meu pai trabalhava era o único que trabalhava, então, como eu era o mais velho, eu tenho mais 3 irmãos e ninguém trabalhava, então, ficou uma dificuldade, e meu pai queria que eu trabalhasse, na verdade não é que ele não... não dava apoio, ele não tinha condições na época. Então, praticamente era 5, 6 pessoas, 7 pessoas que uma só pessoa trabalhava e não ganhava tão bem. Então, teve essa dificuldade, não tive tanto apoio principalmente financeiro né, do meu pai, mas quando eu cheguei num certo ponto, foi aí que minha mãe avisou pro meu pai, não, deixe ele seguir o que ele quer, e graças a Deus, as coisas deu certo.

Edmundo - Teve desde pequenininho né, assim no começo eu comecei mais por iniciação minha mesmo, correndo atrás, porque minha mãe trabalhava muito pra sustentar a gente, então, ela não tinha, aí até eu comecei a jogar, federei, joguei, depois de um ano que ela foi assistir um jogo meu, porque ela não tinha tempo, tinha que trabalhar, e aí ela gostou, então ela me deu muito apoio, me levava pros lugares, comprava as minhas chuteiras que na época era cara, então... mais sempre me apoiando.

A família constitui um fator importante do trabalho para os atletas, pois para alguns é devido à responsabilidade de sustentá-la, cuidar da esposa e filhos e/ou dos pais é que se sujeitam ao ritmo do trabalho, bem como pelo desejo de constituir sua própria família. Para a maioria dos atletas, no início de sua trajetória profissional os familiares apoiaram, porém com algumas ressalvas, pois pela própria instabilidade do início de carreira, além, de para as mães a distância dos filhos e a inconstância nos estudos, e para os pais, o início de carreira dos filhos era uma indicação de que estes não poderiam mais contribuir financeiramente em casa.

A respeito da pergunta: “Hoje o jogador de futebol (em geral) tem liberdade para fazer o seu trabalho?” Segue exposto no gráfico:

Gráfico nº 20 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Hoje o jogador (em geral) tem liberdade para fazer o seu trabalho?”



Quando foi perguntado se eles tinham liberdade para realizar seu trabalho? A maioria dos atletas relatou que possuem dentro do que é imposto pelo treinador, ou seja, as normas devem ser cumpridas, sejam estas de campeonatos, do futebol segundo a Confederação

Brasileira de Futebol – CBF, do próprio time, no que diz respeito à Organização do Trabalho, Condições de trabalho, Relações de Trabalho (hierarquia). Assim, os atletas gozam de liberdade na execução de suas tarefas como atletas, criando jogadas, inventando lances, todavia, dentro de esquemas táticos pré-estabelecidos. Conforme relatos:

Garrincha – Tem! né,

É isso que eu tô pensando aqui, liberdade é... é meio complicado assim... sabe? Você me pegou né, mas... porque liberdade assim... o quê que é liberdade pra nós? Né, dependem, é... eu acho que sim... eu acho que hoje o... claro que tem a parte tática, técnica né, a tática é mais importante, que é aquilo que o... que o... que o jogador tem que fazer né, é obrigação porque o treinador pede né, e seria se cê olhar dessa forma, seria uma liberdade, mais tem a liberdade também de... de... de fazer aquilo que vem no momento que cê tá com a bola, de criar alguma coisa, criar uma jogada isso seria uma liberdade né, eu acho que também seria outra forma de liberdade pra mim quando eu to... tô dentro do estádio, pra mim é uma liberdade, é uma alegria, mas depende de vários tipos de liberdade (risos).

Romário – Liberdade total não tem, porque muitos treinadores tiram essa liberdade nossa, não deixam a gente fazer aquilo que a gente gosta de fazer até porque tem a parte tática, que é importante ter num jogo, senão vira pelada mas, muitos treinadores tiram a característica e robotizam ele. Mas aqui no Clube X eu me sinto totalmente à vontade pra trabalhar.

Ronaldo – Ele tem, se ele vive dentro das normas normais do atleta profissional que é a seriedade, que é trabalhar sério, que é não dar motivo pra... no caso a imprensa ou dirigente falarem eu não vejo nenhum problema. Porque eu particularmente em toda minha carreira nunca tive problema com nada.

Roberto Carlos – Às vezes sim, às vezes não, já teve mais. Ah! Hoje o jogador de futebol está muito restrito a tudo. Se você senta numa mesa e tiver tomando água o povo fala que você tá tomando alguma coisa. Então você está fiscalizado 24 horas. Então o futebol ele meio que escravizou, escravizou um pouco, você não tem vida fora da bola, fora do seu ambiente de trabalho. Se o jogador é muito conhecido ele tá toda hora fiscalizado, se ele não é muito, ele ainda consegue diversificar um pouco. Então o torcedor ele confunde muito esse lado, confunde o lado profissional, da vida pessoal e isso faz com que todo mundo fique um pouco triste. Eu me sinto super feliz, porque eu não saio muito a noite essas coisas, não bebo, então pra mim tá tudo mil maravilha, e 11 horas, meia noite. Aonde eu tiver sentado é no máximo até meia noite. Pra mim a vida lá fora pra mim não faz sentido mais. A vida minha é meu ambiente de trabalho, a minha família e Deus.

Pelé - Não, liberdade é o que mais tem, isso dentro de campo. Agora fora de campo se ele é pêgo fazendo alguma coisa, tá fudido. Isso é o que mais acontece, cê deu uma saidinha os caras viu, a imprensa cai em cima, a torcida, por isso que jogador de futebol tem que ser mais cuidadoso, por que outras profissão não dão nada, sair essas coisas... Jogador...

A liberdade no trabalho consiste em sua maioria na possibilidade de criação, pois a criatividade é mediadora entre o patológico e o saudável, pois mobiliza o trabalhador em fazer frente às situações que desencadeiam desconforto e conflito. Assim, a possibilidade de criar jogadas, de improvisar no jogo, são consideradas pelos atletas como liberdade, porém esta deve ser realizada dentro de esquemas táticos pré estabelecidos.

Quanto a liberdade na vida pessoal, a maioria dos atletas relatou que não possuem, que são fiscalizados o tempo todo, que isto é ruim, delimita muito a vida social deles, não podem transitar livremente, que isto os diferencia dos outros trabalhadores, que não são considerados como pessoas.

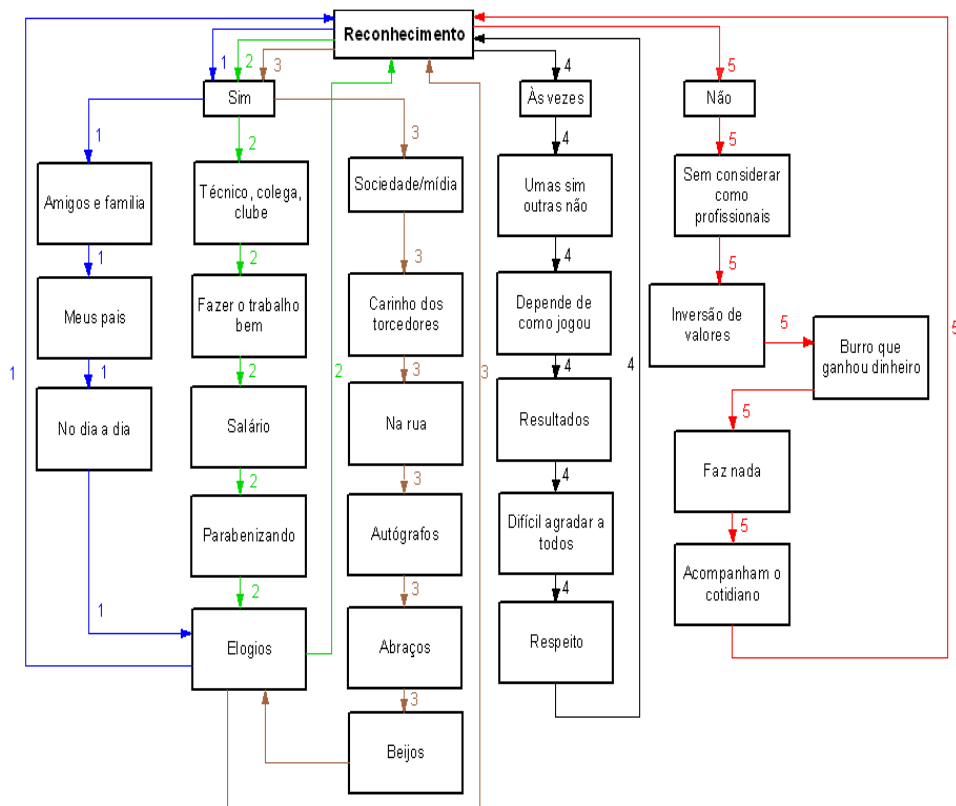
Há ainda o controle interno feito pelo clube, pois a alimentação é controlada, os horários de sono são controlados, a permanência nas concentrações são exigências irrevogáveis, as viagens com uniformes específicos, dentre outros. Tudo isto consta na justificativa de que bons desempenhos, característicos de atletas de ponta, dependem de práticas disciplinares como as descritas acima, o que é aceito sem questionamento pelos atletas, pois esta concepção alimenta o imaginário dos aspirantes a heróis. Todavia, a sutileza do sofrimento se presentifica neste processo, que vela sua solidão àqueles que anseiam o pódio.

Segundo Rubio (2007), o mito do herói fomenta a concepção de que os atletas são seres sobre-humanos, que estão para além do natural, detentores de *performances* admiráveis, todavia, a pessoa do trabalhador encontra-se confinada no sofrimento, pois o medo de não conseguir corresponder às expectativas intra e extra-impostas de execução do trabalho, resultam em desgaste. Segundo Dejours (2004) e Rubio (2007) o sofrimento, é experienciado de forma solitária.

Santos (2008) em sua pesquisa com bailarinos demonstrou que o sofrimento dos trabalhadores da arte, em apresentar leveza, graça e espontaneidade, nem sempre tem em suas bases de treinos e ensaios esta disponibilidade, mas que o que mais ocorre são ensaios de coreografias tenazmente impostas pelo coreógrafo, o que proporciona insatisfação com o trabalho e concomitantemente sofrimento aos bailarinos. Semelhantemente o atleta de futebol, experiência situações onde a necessidade de jogadas taticamente estabelecidas, sobrepõe-se à habilidade de realizar jogadas livremente.

A respeito da pergunta: “As pessoas reconhecem o valor do seu trabalho?”, Segue exposto no gráfico:

Gráfico nº 21 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “As pessoas reconhecem o valor do seu trabalho?”



A maioria dos atletas relatou que as pessoas reconhecem o valor da profissão, principalmente os familiares. A equipe no trabalho, os colegas de profissão, o técnico, os torcedores que os assediam nas ruas pedindo autógrafos, dentre outros. Conforme relatos:

Ronaldinho Gaúcho – Algumas não.

Ah, algumas pessoas vê jogador de futebol, não vê como uma profissão né, não sabe que... de muitas coisas que você tem que fazer, das suas obrigações nada disso. Acha que é ir lá jogar e... pronto.

Rivaldo – Aí é que tá! Eu acho que no futebol hoje... eu acho que... uma parte reconhece, mas eu acho que uma parte não. A gente sempre ouve que futebol é uma inversão de valores e tal, principalmente pela parte financeira. Mas... assim que jogador de futebol sem estudar entendeu? Sem ter um diploma, consegue ganhar mais do que gente que ficou... estudou 10, 12 anos, então eu acho que as pessoas falam isso e eu não concordo, eu acho que as pessoas tem que tirar isso da cabeça e achar que jogador de futebol é um qualquer que ganhou dinheiro, ou um... uma pessoa que passou de uma classe social baixa pra uma classe social alta. Eu não acho que é por aí. Outro dia eu ouvi uma frase que fala que: jogador de futebol é um burro que ganhou dinheiro. Eu... Entendeu? Essas coisas que às vezes eu não concordo eu acho que a gente lutou, a gente buscou, a gente tem o nosso trabalho, a gente.. enquanto a gente tá ali trabalhando bastante as pessoas tão se divertindo, tão indo lá pra ter essa alegria, mas às vezes isso... eu acho que nessa parte acho que não é

reconhecida tanto assim ainda. Mas eu acho que o futebol trás um pouco de reconhecimento por você tá na mídia e tudo, então... esse reconhecimento pelo jogador de futebol que você é tem, mas não pela... por essa luta que a gente teve por todo esse processo até a gente chegar aqui. Entendeu?

Leônidas da Silva – Reconhecem bastante. Até o carinho... carinho dos torcedores, quando você cumpre bem seu papel, então as pessoas valorizam né, você sai na rua elas te elogiam, então é uma coisa bastante significativa.

Luiz Fabiano – Reconhece, reconhece, ah, acho que... da forma... da própria família né, fica feliz de ter chegado a ser jogador, a torcida, quando... é... a gente tá jogando bem, tá bem reconhecido na rua, essas coisas... é muito bom.

Edmundo – Reconhece, às vezes é... quando cê sai, a coisa que mais me deixa gratificado, cê sair pra poder passear e alguma pessoas parar, te elogiar, claro que às vezes acontece de alguém falar alguma coisinha ruim, mas é normal, mais quando a pessoa te elogia que cê ouve alguém te elogiar é bom demais, saber que você tá fazendo alguma coisa e que... tá sendo de bom agrado para outras pessoas, então é super legal.

Para Dejours (1992) as relações de trabalho são compreendidas enquanto laços humanos criados pela organização do trabalho, ou seja, relações com a hierarquia, com as chefias e com outros trabalhadores. Entretanto, o trabalho para o atleta profissional de futebol possui outro elemento, que embora não esteja em suas relações diárias no contexto do trabalho, influencia igualmente, que é a torcida, são os torcedores. Estes são encontrados em lugares públicos, e maçicamente nos jogos do clube. Os torcedores são elementos importantes na vida do atleta, pois os reconhecem publicamente, os assediam, os apóiam, mas também os criticam, quando as expectativas destes relacionadas ao time, são frustradas. Assim, além das relações cotidianas de trabalho, os atletas possuem esta outra fonte relacional, que consiste num diferencial da profissão.

Estes agentes sociais, a saber, os torcedores, são responsáveis por um fator de gratificação no trabalho, que é o reconhecimento, o que segundo Lancman e Snelwar, (2004), consiste na contribuição destes agentes à organização do trabalho, proporcionando vivências de prazer no trabalho.

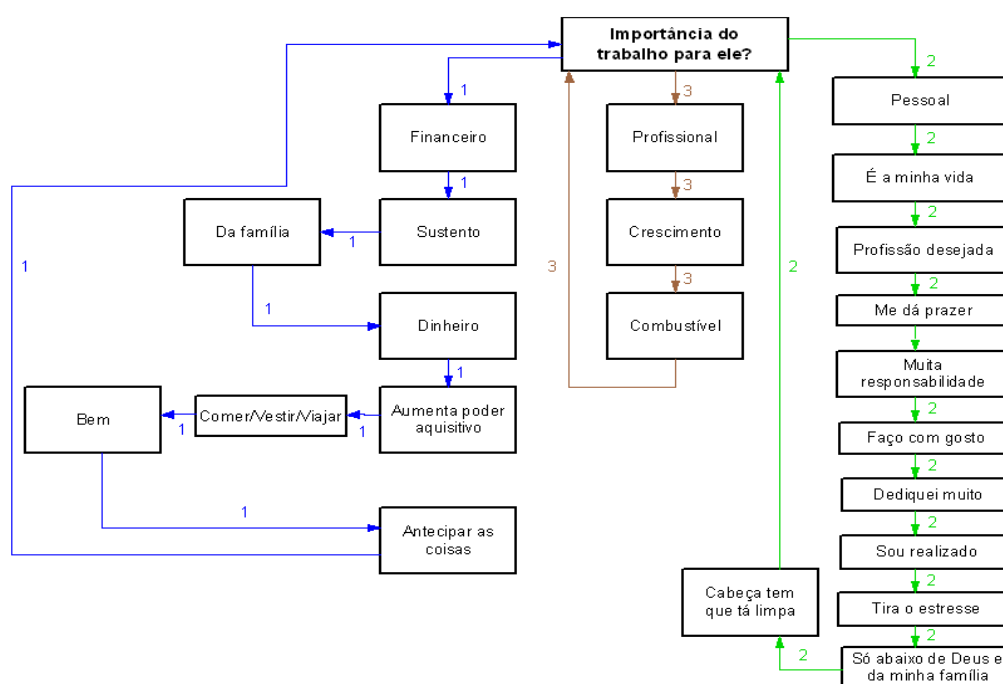
Outros atletas disseram que às vezes são reconhecidos, às vezes não, depende de como a equipe jogou, depende do resultado do jogo. Houve ainda aqueles que afirmaram que não tem reconhecimento na profissão, que são considerados burros que enriqueceram, não conhecem o cotidiano da profissão, por isso que alegam que “não fazem nada”.

O reconhecimento no mundo do futebol, conforme o relato da maioria dos atletas, esta condicionado aos resultados obtidos pela equipe nos jogos. Se a equipe ganha uma partida, o tratamento tanto da diretoria quanto da torcida é de uma maneira, se perde são tratados de

outra maneira. Além deste tratamento sofrer alterações significativas, conforme a importância do jogo, e da colocação do time no campeonato. (PEREIRA, 2008).

A respeito da pergunta: “Qual a importância que seu trabalho tem para você?” Segue exposto no gráfico.

Gráfico nº 22 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Qual a importância que seu trabalho tem para você?”



A maioria dos atletas relatou que o trabalho tem importância para eles principalmente no aspecto financeiro, pois assim podem sustentar a família, aumentar o poder aquisitivo, comer, vestir e beber melhor, enfim viver bem. O trabalho também é importante, para eles pessoalmente, pois muitos relataram que é a profissão que sempre desejaram ter, que proporciona muito prazer, que fazem com gosto. Conforme relatos:

Rogério Ceni – Uh, na minha vida o meu trabalho só tá abaixo de Deus e da minha família, só, somente. O meu trabalho é o ponto de equilíbrio da minha família, e... eu assim... eu adoro o que eu faço, adoro, adoro, adoro, faço com o maior prazer do mundo, é por isso que eu te disse que eu não sei quando tempo eu vou jogar mais, porque eu tenho certeza que vou sentir muita falta quando eu parar, então... não... não... não eduquei a minha cabeça ainda pra parar, então... porque o meu trabalho me completa muito, sou muito realizado com aquilo que eu faço, por isso que eu faço com a extrema seriedade.

Roberto Carlos – Importância do meu trabalho é... importância é... toda, toda ela, é ele aqui é o que me faz viver, o meu combustível, meu combustível, tenho ele eu não posso ter problema nenhum, se eu tiver algum problema do lado de fora, eu tenho que deixar lá, porque aqui eu tenho que tá com a cabeça totalmente limpa. Então essa é a importância

muito grande, é a continuidade do meu fim de carreira, o meu pensamento daqui pra frente, continuidade de vida dos meus filhos. Então esse aqui é o nº 1, vem primeiro ainda do que minha família, porque é daqui que vai nos dar o sustento, pra mim levar pra casa.

Zetti – E o meu sustendo e da onde eu extraio, tudo do meu sustento a minha fonte de renda, vivendo em um mundo capitalista, você tem que ter, tem que ter o seu trabalho, tem que ter o seu salário, e daqui que eu tiro, dá onde me dá prazer, uma das coisas que me dá muito prazer na vida, e trabalhar com futebol, é isso aí.

Tafarel – Olha, pra mim é muito importante, às vezes cê tem problema em casa, às vezes cê tem problema fora do seu trabalho, e é onde... você às vezes você esquece, futebol às vezes cê esquece, você só vai lembrar só depois do treino, entendeu? Então, às vezes pra mim... além de gostar muito me traz uma... tira o estresse todinho do mundo fora do clube, fora do futebol então pra mim... é... é por isso que quando dá nas férias eu fico doido pra voltar.

Em se tratando de futebol no Brasil, o imaginário do atleta está condicionado de maneira peculiar, pois os valores agregados à profissão são inicialmente de natureza material, financeiros. Todavia, o simbólico prevalece sobremaneira, ao ponto de alguns afirmarem que os aspectos financeiros inerentes a profissão são secundários frente à importância do *status* da profissão. O que concomitantemente gera satisfação.

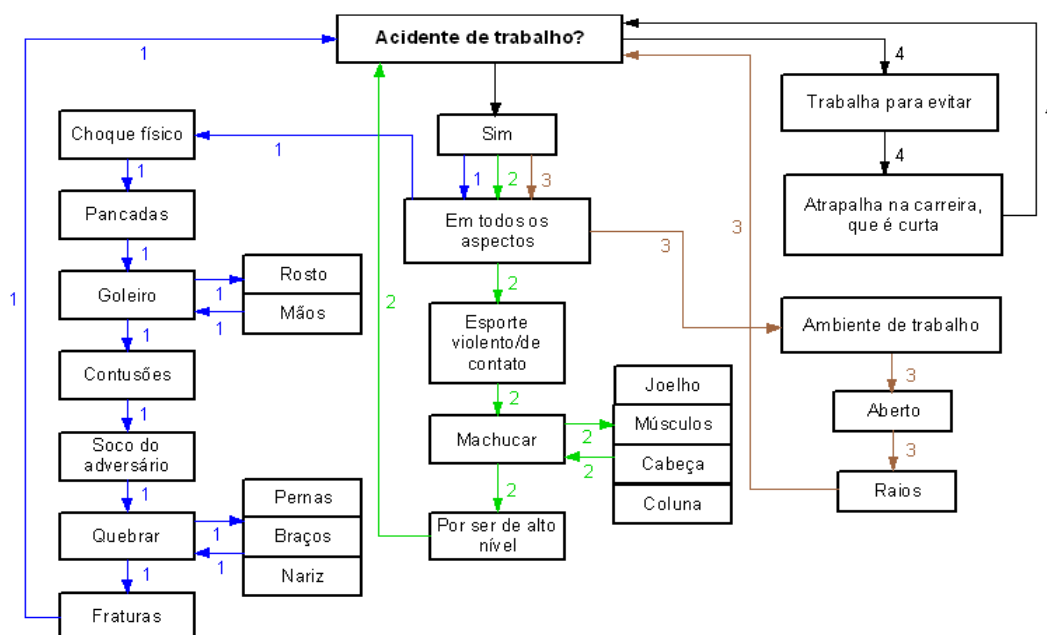
A satisfação no trabalho consiste em um dos principais elementos que proporcionam prazer ao trabalhador. Assim, demonstra uma relação gratificante com o trabalho, sendo a partir disto, possível ressignificar o sofrimento, bem como ajustar as demandas do trabalho com a singularidade de cada trabalhador (Lancman e Snelwar, 2004).

Para alguns atletas, jogar futebol é uma forma de realizar-se enquanto pessoa e profissionalmente, o que demonstra a capacidade que o trabalho possui de conferir identidade profissional ao que trabalha. Além de proporcionar a valorização do trabalho, conferindo ao ambiente de trabalho, um espaço de expressão da subjetividade individual e coletiva.

Isto demonstra que a mobilização subjetiva conforme proposto por Dejours (1993, 1994, 2004) é inerente ao contexto de trabalho, mecanismo este, que prima por ressignificar o sofrimento, conforme afirma Mendes (2007) a saúde no trabalho, não consiste em ausência de sofrimento mas, na possibilidade de ressignificá-lo.

Quanto à pergunta: “Há riscos de acidentes durante o trabalho? Quais?” Segue exposta no gráfico.

Gráfico nº 23 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Há riscos de acidentes durante o trabalho?”



Todos os atletas relataram que a profissão oferece riscos em todos os aspectos, pois futebol é um esporte de contato, ocorre muito choque físico que redundam em pancadas, contusões, fraturas nas pernas, nos joelhos, nas mãos, no nariz, dentre outros. Alguns relataram que precisam trabalhar para evitar, pois uma contusão atrapalha na carreira, retardando um deslanchar na profissão, pois uma contusão sinaliza afastamento e posterior trabalho de reabilitação, o que afasta o jogador de suas atividades laborais, impedindo que ele demonstre seu futebol, e com isso permaneça no banco de reserva por mais tempo. Conforme relatos:

Pato – Sim. Uma lesão, uma torção no joelho, esfolamento da coxa. Tem isso mas também tem antes, tipo, a prevenção. Tem isso, na profissão tem isso, mas a gente é bem trabalhando pra não ter. Às vezes acontece no futebol, mas isso faz parte do futebol.

Sócrates – Muitos. Acidentes em termos de lesões que você fala? Em todos os aspectos? Existe. Existe de você planejar alguma coisa e muitas vezes não acontece. Então é... se é que eu planejei jogar muitas partidas e infelizmente eu joguei pouco por contusões, por lesões e isso aí é um acidente. Eu planejei uma coisa e foi outra diferente.

Zetti – Sim. O futebol em alto nível, o esporte em alto nível não é saudável, você esta propenso a lesões, propenso desgaste social, a críticas, eu sofri muito com o psicológico, tem risco de invalidez, tem tudo, assim como o nosso trabalho também, por isso que eu digo para você que futebol, e um trabalho como outro qualquer.

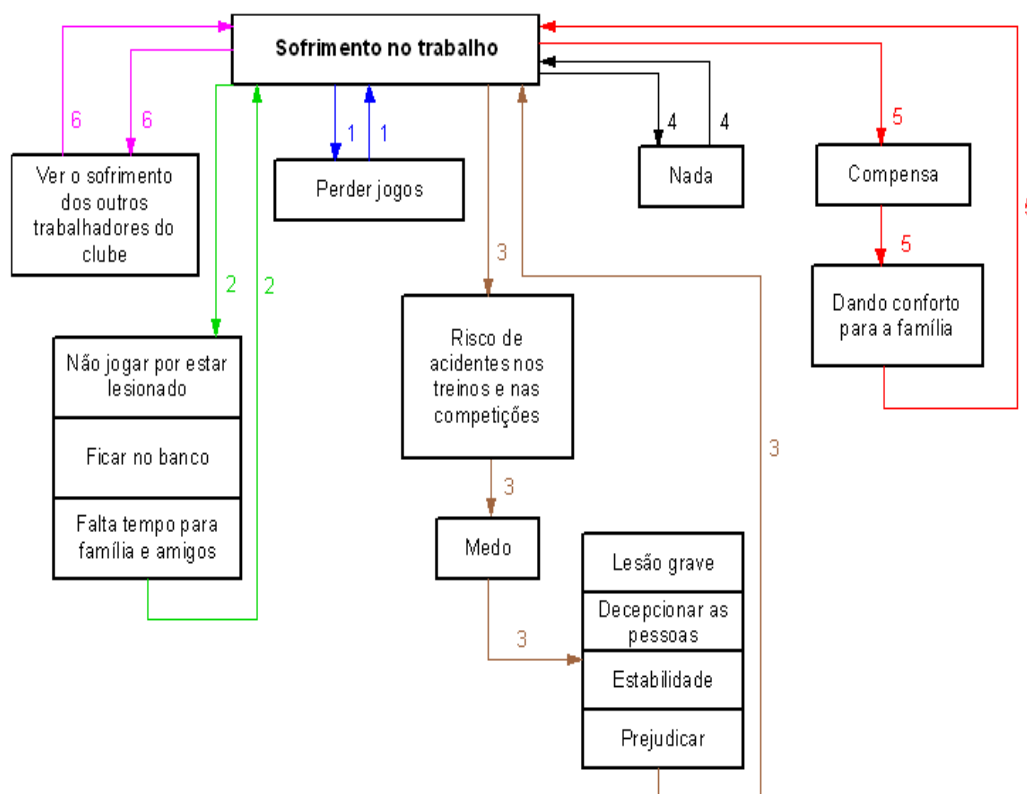
Edmundo – Ah, demais... demais, cê quebrar um braço, quebrar uma perna, sofrer uma lesão igual eu sofri, ficar um ano parado, perder um ano de profissão, que a carreira de jogador já é curta, você ainda perde um ano, então... acontece muita coisa de risco no futebol.

Conforme o relato de muitos atletas, o futebol por ser um esporte de contato, proporciona muitos atritos físicos, que quase sempre redundam em lesões. Para a maioria dos atletas lesionarem-se é algo natural do futebol, “faz parte” do esporte, todavia, a lesão é algo tido como sério para os atletas, pois, quase sempre é através dela que eles são impedidos de realizar seu trabalho. Assim, são afastados para reabilitação e isto para a realidade do futebol, pode sinalizar a substituição do atleta por outro, o que ocorre facilmente, pois a oferta de atletas é grande no mercado, o que por sua vez o torna extremamente competitivo. Afastar-se significa muito mais para o atleta do que simplesmente ausentar-se para recuperação, mas a possibilidade de ter o posto de trabalho ameaçado, dificultando a carreira.

Portanto, afirmar que lesionar-se é natural, demonstra a utilização de estratégias defensivas, pois segundo Dejours (1994) estas regras de conduta são elaborações que proporcionam aos trabalhadores um suporte frente ao sofrimento para evitar que adoeçam. Estas estratégias para Dejours (1994) e Mendes (2007) podem se travestir das mais variadas formas, dentre elas, em racionalização e controle da situação, sendo estes mecanismos de defesa primordialmente utilizados pelos atletas para externalizar o sofrimento proporcionado pelo trabalho.

A respeito da pergunta: “O que do seu trabalho lhe trás sofrimento?”, segue exposto no gráfico.

Gráfico nº 24 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “O que do seu trabalho lhe trás sofrimento?”



A maioria dos atletas relatou que o que mais os faz sofrer na profissão é perder jogos, em segundo lugar em grau de importância, o que mais faz os atletas sofrerem é não estar jogando por estar lesionado, ficar no banco de reserva, a falta de tempo, seguido pelos riscos inerentes à profissão, que geram medo de lesões graves, fator este que poderia prejudicar a estabilidade profissional do atleta. Conforme relatos:

Sócrates – Como é que é? Pra mim o meu trabalho que me traz sofrimento, é quando você não é aproveitado na equipe. Quando você tá treinando, mas não tá jogando. Isso aí pra mim é o pior.

Romário – Sofrimento? O sofrimento maior eu te confesso que... milhões de jogadores falam: que a gente não tem nosso tempo pra nossa família, as vezes os nossos filhos crescem, os nossos familiares as vezes vão embora, morrem aí e a gente não curte tanto. Única tristeza que eu vejo no futebol é isso. É o tempo que você perde com as pessoas que você ama. Não que você não tem tempo pra eles, mas você não vive aquelas melhores coisas, você não tem, não tem... é... feriado como as pessoas tem feriado, não tem carnaval, não tem ano novo, ano novo tem mas... você tem programadinho, pra você voltar logo, mas são essas coisas que você perde muito com a família, teus finais de semana você fica 2 dias longe, eles ficam sozinhos. As vezes... eu jogo fora do estado, vejo em 2, 3 meses meu pai, minha mãe, minha irmã. Minha irmã cresceu e eu não pude acompanhar muito. Mas minha maior alegria é de poder proporcionar conforto pra eles, acho que é... é onde eu compenso as coisas né.

Zetti – sofrimento acho uma palavra pesada, eu não gosto de perder, tenho medo de machucar seriamente, gravemente, tenho medo de não ter estabilidades dentro da minha profissão, tenho medo de decepcionar as pessoas, tenho medo de prejudicar as pessoas, de prejudicar interesse mais estou sujeito a tudo isso.

Tafarel – Olha, sofrimento às vezes... é... o goleiro, às vezes joga... às vezes cê fica impaciente, às vezes não é sofrimento é impaciente, da sua oportunidade às vezes não chegar, entendeu? Aí às vezes te trás um desconforto, às vezes... o seu interesse até de querer sair, por que é uma posição onde só joga um, entendeu? Então por mais que você não esteja jogando, você tem que respeitar o que está jogando, então às vezes trás um pouquinho de falta de paciência pra esperar o momento.

Edmundo – Ah, acho que as lesões né, que me deixam mais... assim... me fez sofrer bastante são as lesões, que eu tive muitas, e por último ainda tive uma de 1 ano que fiquei parado, perdi muito tempo, você vê seus amigos subindo de vida, crescendo, é... jogando, aparecendo, e você ficando pra trás, não podendo, porque... não é porque você não quer, você não dá conta, você não pode jogar, por causa da cirurgia ou de uma lesão, isso atrapalha muito.

Para a maioria dos atletas o sofrimento do trabalho é inerente ao afastamento dele, seja por motivos de escalação e a permanência no banco de reservas, seja, pelo afastamento por lesão, além de derrota em jogos. Assim, para Dejours (1994) o sofrimento só é tido como patológico, ameaçando a saúde do trabalhador, quando não existe possibilidade de negociação (liberdade) entre sujeito e a organização do trabalho; e, é criativo o sofrimento se o trabalho é transformado e ressignificado por meio da criatividade, da liberdade e da autonomia. O sofrimento assume um papel de mediador entre o patológico e o saudável, tendo em vista que mobiliza o sujeito para a mudança da situação desencadeadora de desconforto e conflito.

Assim, a competitividade presente no futebol, impõem a condição de inserção, que se caracteriza como a necessidade do atleta se adequar a realidade, isto para muitos o insere numa lógica de auto-superação, que Rubio (2001), afirma ser prática de atletas de *performances*, de auto rendimento, como é o caso do atleta profissional de futebol. Esta lógica plenamente respaldada pelo capitalismo confere ao atleta a condição falaciosa de que seu sucesso depende unicamente de seu desempenho. A partir da internalização desta falácia, muitos atletas são destituídos da possibilidade de apreender o sofrimento experienciado no posto de trabalho, o que impossibilita a ressignificação deste e concomitantemente fomenta a permanência da alienação.

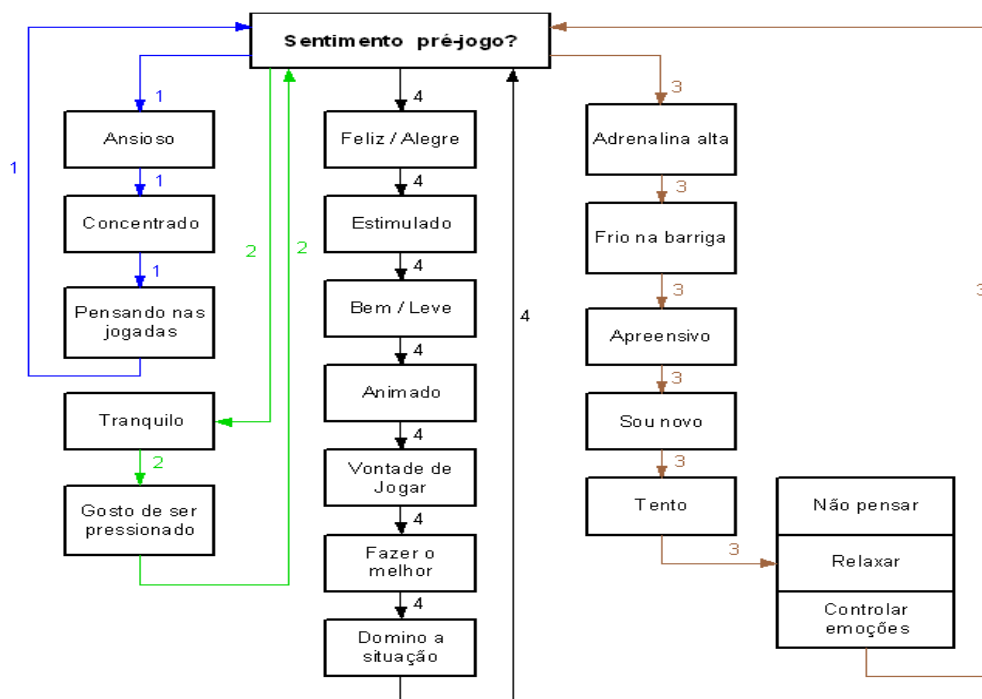
Araújo (2008) em sua pesquisa concluiu que o nível de alienação de seus sujeitos era de grande magnitude, demonstrada na submissão do corpo e do psiquismo, o que os impossibilitou de perceberem que vivenciavam uma relação de exploração. Contextualizando esta realidade para os atletas de futebol profissional, a alienação é presente, todavia, as condições corporais são consideradas em demasia, pois é através dela que os atletas

desempenham seu trabalho, ou seja, ficam vigilantes quanto à contusões, estiramentos, enfim lesões.

Entretanto, segundo Mendes (2007), quando o trabalhador consegue transformar o sofrimento do trabalho ou até mesmo minimizar este, ele tem a oportunidade de experienciar maior prazer. Conforme afirma Dejours (1994) o trabalho é fonte tanto de prazer quanto de sofrimento, pois a relação do homem com o trabalho é dialética. Assim, a saúde no trabalho consiste na capacidade que o trabalhador possui de suscitar estratégias defensivas ocasionadas pelo sofrimento e que proporcionarão sua resignificação.

A respeito da pergunta: “Como você se sente antes do jogo?”, segue exposto no gráfico.

Gráfico nº 25 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como você se sente antes do jogo?”



A maioria dos atletas relatou que sentem-se no período pré-jogo, ansiosos, concentrados, pensativos nas jogadas que poderão fazer. Outros disseram que sentem-se tranquilos, que gostam de ser pressionados, felizes, estimulados, com muita vontade de jogar e de fazer o seu melhor. Com a adrenalina alta, apreensivos, por serem atletas que estão começando agora, para isso precisam controlar as emoções.

A angústia vivida no momento pré-jogo é tenazmente velada por parte dos atletas, que justificam ser normal a ansiedade que os acomete de sobressalto. São muitos sentimentos em

jogo. A insegurança frente ao desconhecido, pois o jogo é incerto, o temor diante do desempenho do adversário que igualmente é incerto, a expectativa por parte da comissão técnica, a iminência de substituição, dentre outros sentimentos algezes. Expostos nos relatos a seguir:

Júlio César – Claro que um pouquinho de ansiedade só, que isso é normal, acho de todo mundo, qualquer área, mas vontade de fazer o melhor sempre, otimismo, eu vejo por esse lado.

Romário – Normal, às vezes a adrenalina aumenta, às vezes não aumenta. Eu adoro quando ela aumenta né, porque quando ela aumenta você fica mais ligado no jogo, você fica doido pra jogar logo. É um momento importante né. Eu te confesso que a gente fica doido pra chegar o jogo, porque a pior hora é se você ficar ali um pouquinho ali esperando pra jogar...

Rivaldo – Ah, ansioso, muito estimulado, pensando em várias coisas que você vai tentar fazer no jogo, tentar planejar, apesar que chegar na hora parece que é tudo diferente, mais você fica pensando no quê que você vai fazer. Bastante ansioso pra chegar o momento do jogo, você quer subir do vestiário, quer entrar dentro de campo, quer ver a torcida gritar, quer pegar na bola, quer que o juiz apite, então é essa ansiedade, essas coisas assim que a gente fica sentindo.

Edmundo – Ah, me sinto bem, nervoso também, por tá apto a jogar e ainda mais por que ainda num... ainda sou meio novo nessa... na área profissional, então cada jogo pra mim ainda é um... é um espanto, ainda cê chegar e ver 10, 15 mil pessoas na arquibancada pra ver você jogar, então... às vezes da um pouquinho de medo, mais é sempre bom, dá uma sensação muito gostosa.

Para a maioria dos atletas, em uma partida de futebol ocorrem muitas surpresas, o esporte é caracterizado por incertezas, pois um embate pode ser decidido até no último minuto de jogo. Assim, devido a essa instabilidade de uma partida de futebol, para alguns atletas o momento pré-jogo é caracterizado por muita expectativa, ansiedade e medo, pois o resultado é incerto e é conquistado a cada minuto de jogo.

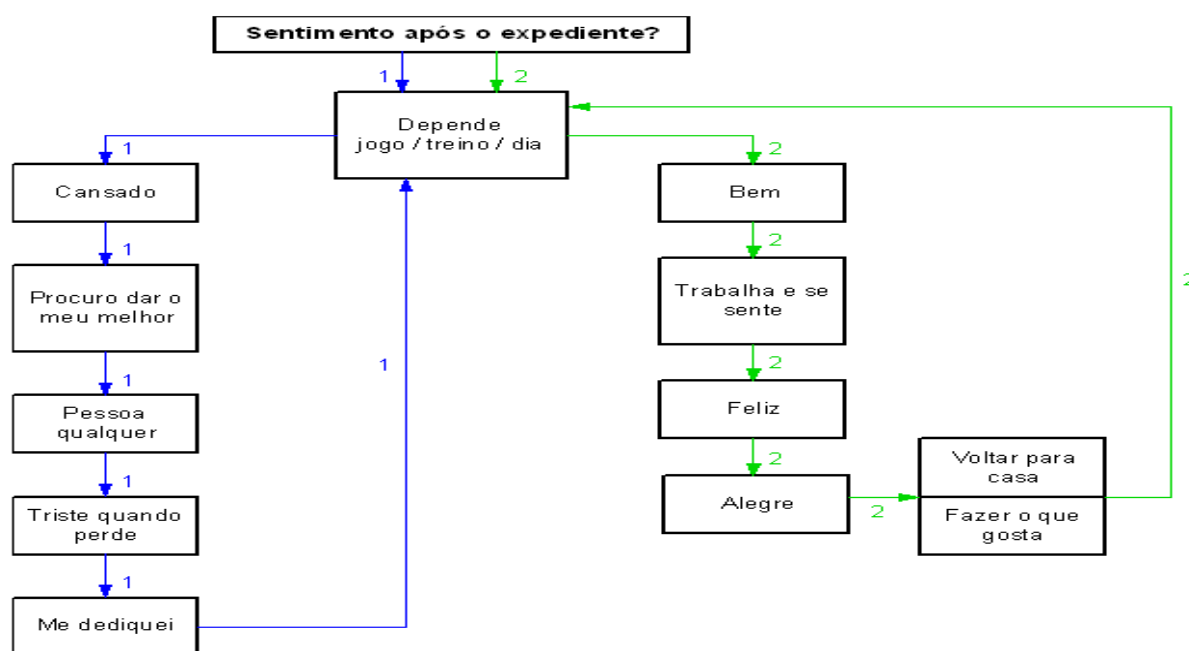
Segundo alguns relatos, este medo e esta ansiedade não são paralisantes, mas desafiadores, motivando os atletas a realizarem seu trabalho da melhor maneira possível, “dando o seu melhor” tendo como finalidade a realização de belas jogadas que redundarão em gol e concomitantemente em vitória.

Entretanto, para alguns atletas uma partida bem jogada não é somente a conquista da vitória, mas sua própria propaganda. Uma partida de futebol funciona como vitrine de atletas, estes são vistos e comercializados a partir de seus desempenhos dentro de campo, um jogo significa para muitos atletas a oportunidade de serem vistos e comprados por times maiores, às vezes de outras cidades e com isto o salário pode aumentar consideravelmente.

Diante do exposto, o sentimento pré-jogo não somente é por conta do jogo em si, mas por este caracterizar-se enquanto uma exposição de talentos comercializáveis (PEREIRA, 2008), o que confere ao atleta ser uma pessoa “produzida”, construída comercialmente, agregada de valores que variam de conformidade com suas habilidades para o esporte.

A respeito da pergunta: “Como você se sente após o período de expediente de trabalho?” Segue exposto no gráfico.

Gráfico nº 26 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como você se sente após o período de expediente de trabalho?”



A maioria dos atletas disseram que depende do jogo e/ou do treinamento, todavia, no geral sentem-se cansados, esforçam muito, dão o melhor de si, mas que a tristeza é presente quando perdem. Para outros, se sentem bem, feliz e alegre em saber que estão voltando para casa e que fazem o que gostam. Conforme relatos:

Kaká – Ah, depende do... do... do... do dia do treinamento, se o treinamento for muito puxado, você... é normal ficar um pouco cansado assim, mas se o treinamento não for tão puxado, fica tranqüilo.

Ronaldinho Gaúcho – Me sinto após o período de expediente de trabalho? Ah, depois que acaba o meu trabalho eu me sinto como uma pessoa qualquer, vou pra casa, procuro fazer as coisas que eu faria mesmo se não fosse jogador de futebol.

Rivaldo – É, sente um pouco cansado, pelo desgaste físico que tem, mas... como eu disse na outra pergunta, você sente... no fim do dia você se sente aquele alívio de ter feito mais

um dia de trabalho né, de que tá chegando próximo ao jogo, menos um dia pra contar pro jogo.

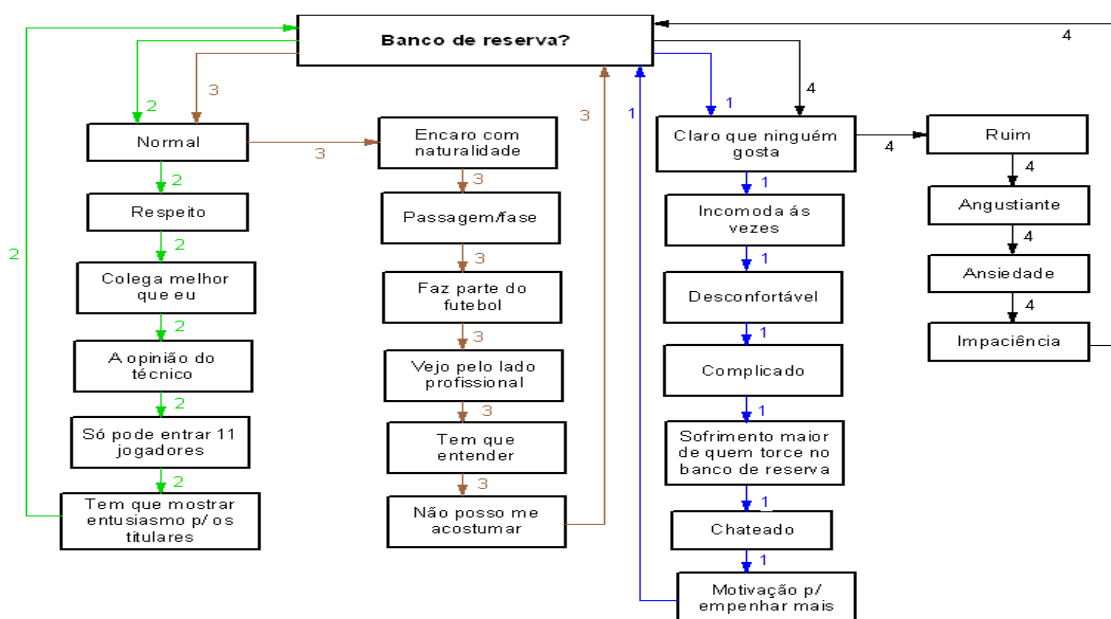
Bebeto - Depois do trabalho? Eu me sinto? Me sinto bem, realizado ainda mais quando você trabalha bem, você acaba se sentindo bem, não tão preocupado, cê realizou um bom trabalho.

Para a maioria dos atletas, um dia de trabalho, por mais que este proporcione cansaço, também proporciona o sentimento de dever cumprido, de realização da tarefa imposta. Segundo Dejours (1993) o sofrimento no trabalho situa-se na falta de conciliação entre a tarefa prescrita e a tarefa realizada, cabendo ao trabalhador adequar-se ao imposto, sufocando sua livre execução. Entretanto, segundo a maioria dos relatos dos atletas, não havia ausência de conciliação, mas esquemas pré estabelecidos os quais eram cumpridos pelos atletas sem maiores dissabores.

Assim, o trabalho para o atleta de futebol profissional em sua execução física não proporciona vivências de sofrimento que não sejam resignificadas, através de aspectos homeostáticos como criatividade e ressonância simbólica, conotando com isto, a possibilidade que há para os atletas na prática do futebol, de conferirem sentido a suas ações e a sua condição de trabalhador. Assim, promovendo prazer e concomitantemente saúde.

A respeito da pergunta: “Como é para você ficar no banco de reserva?”, segue exposto no gráfico.

Gráfico nº 27 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como é para você ficar no banco de reserva?”



A maioria relatou que ninguém gosta de ficar no banco de reservas, incomoda, é complicado, desconfortável, mas que isso pode transformar em motivação para se esforçarem mais. Para outros, o banco de reservas é normal, é preciso respeitar a opinião do técnico, pois se foi escalado outro atleta em seu lugar é porque este está melhor que ele. Para outros é normal que encaram com naturalidade, pois isto é só fase e que faz parte do futebol, é preciso compreender, mas não pode se acostumar. Conforme relatos:

Romário – Te confesso que pra mim é... as vezes é muito incomodo né, as vezes não, total né. Você poder... você tá doido pra poder jogar ali, sabe que pode ajudar.. quando tem um companheiro melhor, você até sossega um pouco mas... de qualquer maneira nenhum jogador gosta de ficar no banco né. A gente fica torcendo pelo nosso companheiro, mas eu te confesso que é uma situação que não te trás um conforto, você ficar no banco de reserva, sabe que... só pode jogar 11, entendeu? A gente respeita muito, torce pelo companheiro, mas... dentro da gente mesmo a gente quer sempre fazer o melhor, a gente quer sempre poder entrar, pra poder resolver uma partida, pra poder se tornar titular, ou treinar mais forte pra se tornar titular. Porque se... como eu te falei o prazer nosso é jogar, então no banco você não joga muito né (risos). Então é meio complicado mas, faz parte do futebol a gente convive com isso o tempo todo. Da mesma maneira que você está jogando, tem os companheiros sentados no banco torcendo pra você, você também tem que torcer dá uma força. Ainda mais aqui no Clube X, que todo mundo é amigo um do outro, esse desconforto é um pouco menor, mas te confesso que a gente não fica muito à vontade com isso, mas ... coisas do futebol.

Kaká – Acho que... hoje em dia... acho que... tem que... eu pelo menos vejo pelo lado mais profissional, acho que isso aí faz parte, lógico que todo jogador... não é todo mundo que gosta de ficar no banco de reserva. Mas, eu procuro ver isso daí como uma fase e como... como uma oportunidade também, por que se você tá no banco de reserva você daqui a pouco pode entrar no jogo, então... cê tem que tá pronto também, não é porque você tá no banco de reserva que você tá fora do jogo, então cê tem que tá no banco de reserva mas cê tem que tá concentrado por que daí a pouco você tem a chance de entrar, você tem que entrar e dar conta do recado, pra que daí...

Roberto Carlos – Faz tempo que eu não fico viu, mas o tempo que eu fiquei (risos), o tempo que eu fiquei é angustiante. É você querer entrar ali a todo custo e o treinador não te põe, e você trabalha e pensa o quê que tá acontecendo porque eu tô aqui, eu tenho mais qualidade do que aquele que tá ali. Porque se você pensar que você é sempre inferior a pessoa que está jogando no seu lugar, pára e vai fazer outra profissão. Nunca desmerecendo o companheiro mas, sim pensando que você pode ser melhor do que ele. Aqui é uma briga sadia, todo mundo busca o seu lugar, são 30 atletas para 11 posições, e eu tenho que tá dentro dali, se eu não tiver dentre das 11, você tá entre as 18 e se não tiver entre as 18 é pior ainda, porque aí nem no banco você vai. Então eu tô sempre me preparando para tá entre os 11. Às vezes que eu fiquei no banco ficava muito chateado quando não entrava na partida, mas quando entrava procurava animar e jogar bem.

Rai – Ah, isso é uma coisa que vai de cada um né, mas cê tem que saber lidar com isso também né, porque cê não nasceu pra ser o absoluto né, então tem que saber lidar com certas coisas. Mas pra mim, no meu caso eu sou novo também, se tiver que ficar no banco isso é normal, começo de carreira é normal, mas não pode aceitar também né, tem que tá sempre brigando pra tá titular. Mas isso acontece.

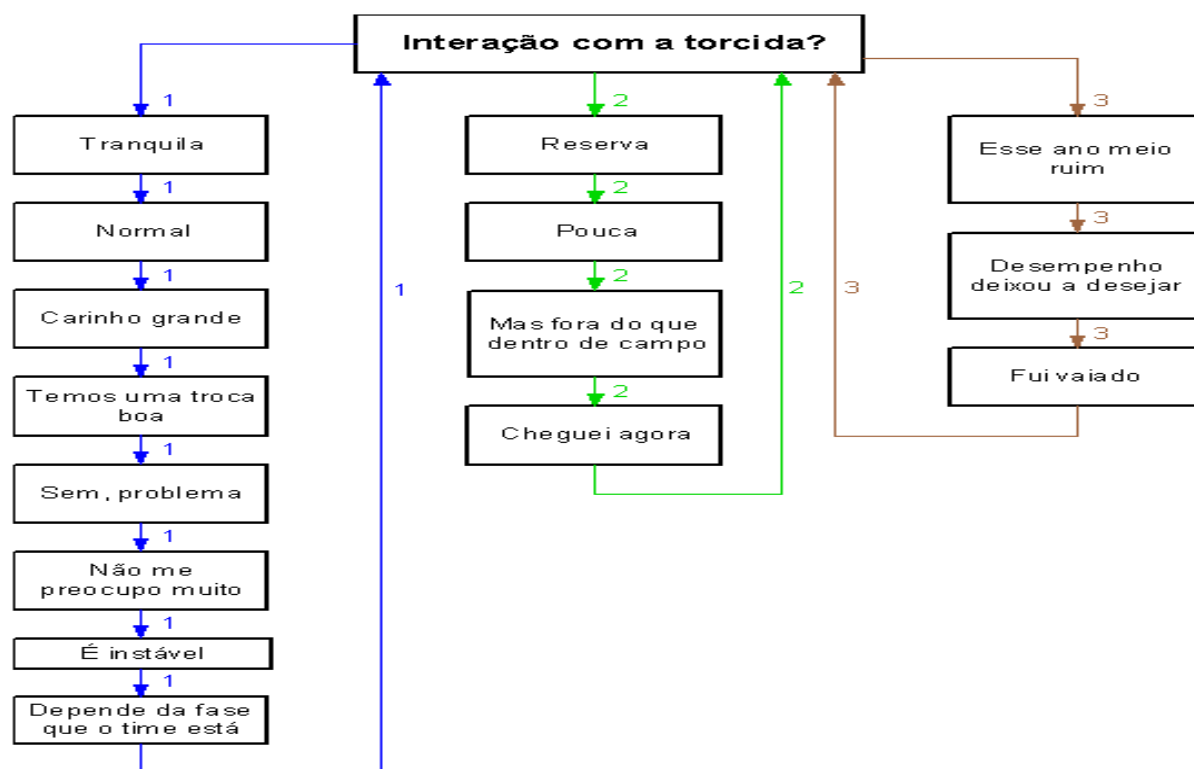
Edmundo – Ah, eu particularmente que até hoje fique titular no profissional poucas vezes é... cê sente a... bem por estar fazendo parte do grupo, mais cê se sente um pouco inferior por você não tá sendo titular, mais isso pra mim... pra mim só serve mais de motivação pra você treinar mais forte é... é empenhar mais para você poder tá no time titular, ficar titular pra você poder jogar e conseguir mais coisas.

A competitividade no futebol é algo presente e desencadeador de sofrimento nos atletas, pois constantemente obriga-os a estarem se superando para garantir a permanência no time, todavia, este sofrimento é velado por discursos como: “Então é meio complicado mas, faz parte do futebol...”, esta tentativa de mascarar o sofrimento, através de estratégias de enfrentamento (DEJOURS, 1994), é uma tentativa de tolerá-lo, porém, proporciona fadiga e esgotamento psíquico, sendo assim, a alienação se instala.

Esta tentativa por parte do trabalhador, de minimizar a percepção do sofrimento, através de estratégias defensivas, é uma saída para suportar o sofrimento no trabalho, entretanto, é preciso a consciência destes mecanismos, do contrário o que seria promoção de saúde, fomenta mais sofrimento.

Quanto à pergunta: “Como é sua interação com a torcida do time?”, segue exposto no gráfico.

Gráfico nº 28 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como é sua interação com a torcida?”



A maioria dos atletas afirmou que sua interação com a torcida é tranqüila, que o carinho é grande, que é uma relação amistosa, mas que também é instável, pois depende da

fase em que o clube se encontra nos campeonatos que disputa. Para os atletas reservas, esta interação é pouca. Conforme relatos:

Garrincha – Normal, eu não... não preocupo muito com torcida não sabe? Eu procuro fazer o meu melhor dentro de campo, porque torcida é muita instável, cê... cê faz um jogo bem, cê é o melhor do mundo, no outro dia cê faz o jogo mal cê é o pior do mundo, então... acho que assim... eu não... procuro não prestar muita atenção em torcida não, procuro sempre fazer... tá ali bem concentrado e fazer o melhor pra equipe.

Romário – Acho que é boa né, eles gritam meu nome, eu procuro fazer o máximo por eles, a gente tem uma troca boa. Eu assim... eu tenho vontade sempre de fazer o melhor pra sempre escutar a torcida gritar o meu nome né, isso mostra que eu tô agradando eles né, então, aqui com a torcida do Clube X eu me identifiquei muito. Fico feliz porque eles gostam de mim. Até no último jogo que a gente jogou aqui, eles gritaram o meu nome, e a gente quer sempre fazer o melhor pra eles.

Rogério Ceni – Esse ano andou meio... meio ruim (risos), esse ano... é.. foi... é até um fato bom de salientar porque eu tenho... eu tenho vivido praticamente 9 anos como ídolo, e... de 2 anos... 2 anos pra trás, a gente não vem tendo um desempenho assim sensacional, não... não... não só eu, a equipe do Clube X, e talvez por ser o atleta mais experiente do clube, ser um dos... tachados como líder, é... fui aquele que talvez fui mais atingido e mais cobrado pela torcida. E esse ano aconteceu um fato comigo que eu... que eu não conhecia, que acabou servindo pra mim de muito aprendizado, que foi quando o torcedor foi pro estádio apenas pra me vaia, pra botarem faixas com o meu nome pedindo pra que eu fosse embora do clube, e foi uma situação que eu fui viver dentro do Clube X depois de 9 anos, mas convivi muito bem.

Tafarel – Muito boa, a torcida sempre teve um carrinho por mim e eu sempre tive um carrinho enorme pelo torcedor, pelos torcedor que cercam o clube no dia a dia né, às vezes aquele que... que vai só no domingo, só vai dia de jogo não vê, mais aquele que tá no dia a dia que você conhece então é... fica um carinho muito bom, às vezes... parar conversar com você, isso às vezes pro torcedor é muito mais importante do que ele tá ali ganhar uma camisa, de você tratar ele bem no dia a dia, acho que... o prazer do torcedor é esse.

No meio futebolístico, a torcida possui um papel singular, sendo muitas vezes razão que justifica a prática do esporte para alguns atletas. Segundo vários atletas profissionais de futebol, é fonte de carinho e apoio, para outros este carinho e apoio estão condicionados aos resultados que o clube conquista. Se o time ganha uma partida, o atleta é tratado de uma maneira, se perde, é tratado completamente diferente. Para outro grupo de atletas, a torcida cobra muito sem ter ciência do que é de fato a realidade do futebol.

Outro aspecto da torcida é o reconhecimento que proporciona ao atleta, este é considerado positivo, conferindo sentido à profissão. Todavia, o assédio vivenciado por alguns atletas no dia a dia, nem sempre é bem quisto, o que confere um aspecto desagradável da exposição da figura do atleta pela mídia, para alguns.

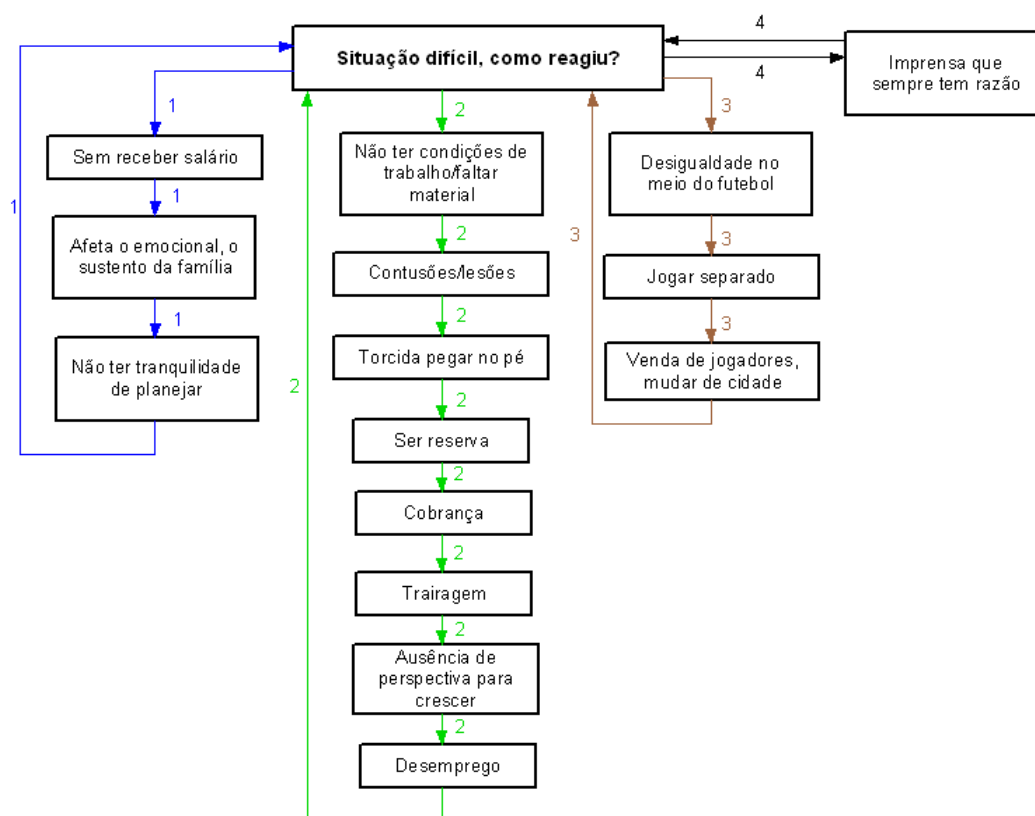
Os atletas desejam as benesses da exposição na mídia, entretanto, juntamente com os “louros vêm os agouros” da profissão. A liberdade destes profissionais esta condicionada aos

resultados. Se o time perde uma partida, ao saírem em público são criticados, se ganha, são parabenizados, dão autógrafos, enfim, negativa ou positivamente, segundo alguns atletas, as saídas para o lazer deles e de seus familiares nunca são discretas e passam despercebidas. E isto, segundo relatos, nem sempre é agradável.

Conforme Santos (2008) o tempo do não trabalho, fica condicionado ao tempo do trabalho, pois estes profissionais ainda que estejam em seus momentos de lazer com os familiares, vivenciam experiências referentes ao trabalho. Para a maioria dos atletas, o período de férias é desejado, justamente pra que o descanso ocorra e também a possibilidade de caminhar livremente em outras cidades e até países. Para os que optam em permanecer na cidade, as saídas são rápidas, entretanto, a permanência maior é em casa com os amigos.

A respeito da pergunta: “O que pra você é situação difícil no futebol? Já aconteceu com você? Como foi sua reação?”, segue exposto no gráfico.

Gráfico nº 29 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “O que pra você é situação difícil no futebol? Já aconteceu com você? Como foi sua reação?”



A maioria dos atletas afirmou que situação difícil no futebol, é ficar sem receber salário, pois isto afeta o emocional, as preocupações atrapalham no desempenho do trabalho. Outro grupo relatou que é difícil ter que trabalhar sem ter condições de trabalho, como falta de materiais, se contundirem, ser reserva, ausência de perspectiva para crescer, além de desemprego que é uma possibilidade. Outros acham ruim a desigualdade que há no futebol, a venda de atletas, pois isto redundava em mudança de cidade e de hábitos cotidianos deles e da família que sofre com isso. E a imprensa para alguns é fonte de desconforto na profissão.

Garrincha – Difícil é... não ter mais condições de trabalho sabe? Acho que assim... cê machucar, cê querer tá lá, como tem vários atletas que sofreram problemas no coração, por exemplo, até uma torção no joelho, um rompimento do joelho, isso eu acho difícil... de ter... que ser afastado, você querendo tá no meio... e ser afastado, tem outros também que eu passei recentemente, de ser afastado do grupo, de treinar separado, isso também é muito difícil sabe? Acho que mexe com todo um... seu psicológico você acha mexe com o sentimento do atleta, mexe com... isso foi difícil pra mim, passei recentemente...

No meu caso me disseram que... que o presidente não queria que eu jogasse sabe? Do próprio treinador... Porque ele tinha o objetivo de colocar os meninos da base pra jogar, pra vender entendeu? Então, como eu e outros lá, tinham acabado de chegar, eram mais velho sabe? E... e se não tirasse esse grupo, esses jogadores do grupo, o treinador nunca ia colocar os outros, entendeu? Por isso que eu fui afastado, isso foi a explicação do treinador pra mim, então assim... foi um momento difícil... um momento difícil, por que como te falei mexe com toda uma estrutura sabe? Psicológica sabe? Física sabe? Aí foi difícil.

Fiquei triste sabe? Mais é... eu sei que tudo tem um propósito de Deus, nada acontece se não for da vontade de Deus, é... encarei isso com tristeza mas com muita fé, sabia que Deus tava no comando de tudo e que... é... logo, logo, Ele abriria outra porta, se fosse a vontade dele, como abriu, graças a Deus. Mas encarei com tranquilidade, eu acho que... eu procuro sempre tá em comunhão com Deus, sabe? E ele me dá muita paz de espírito sabe? Em todas as situações, eu fiquei triste, eu e minha esposa ficamos triste, mas senti... como a bíblia fala que Deus nos dá uma paz que... que foge de todo tipo de entendimento sabe? Então foi uma paz realmente de Deus sabe? Mesmo, tranqüilo.

Dunga – Situação difícil é quando... acho que às vezes cê tá impossibilitado de fazer... às vezes de treinar, por uma... acho que às vezes por uma lesão, por uma coisa que... que não cabe a você às vezes resolver, às vezes cê tá impedido de jogar, às vezes cê tá sem... sem trabalho, sem contrato, acho que isso é uma situação difícil.

De machucar e não poder... não poder tá pelo menos treinando, pelo menos cê pode tá ali disputando né, uma vaga pra poder ir pro jogo, poder jogar.

Ah, você fica naquela... um pouco frustrado, por tá... não ter... não tá podendo ir, sabe? Cê realmente sente, às vezes um pouco mal, mas cê vê que não cabe a você né, acho que Deus sabe todas as coisas.

Rai – Difícil? Ah, é... cê ser xingado, agredido por torcida, isso é um trem muito difícil de cê lidar né, complicado também. Cê tá jogando, tentando dar o seu máximo né, a torcida acha que é sacanagem. Isso aí é... é difícil lidar com certas coisas. Trairagem também no futebol é difícil lidar com essas coisas.

Como? Não... não graças a Deus, não. Só torcida adversária né, (risos) mas isso é normal.

Luiz Fabiano – Difícil? difícil eu... o salário atrasado, começa atrasar salário né, é... quando a equipe começa... esta numa fase ruim, começa a perder né, a cobrança é muito grande.

Já ... Uai... tem que... tem que encarar né, duma... a cobrança e procura tá vencendo pra tá saindo disso o mais rápido possível.

Edmundo – Uma situação difícil no futebol? Situação difícil no futebol? É... eu... o que eu penso, não é uma coisa tão difícil mas... é com relação a venda do jogador, você ter que sair deixar sua família pra trás, e... largar uma vida que você construiu, pra tentar uma outra vida, então acho uma coisa difícil, no futebol de você conseguir desempenhar bem e com naturalidade, então é muito difícil.

Quando eu era pequeno, aconteceu de eu ter que ir pro Paraná e, ter de largar tudo, e... mas não consegui não, antes mesmo de ir...

Por que eu era muito pequeno né, conversando muito com a minha mãe, minha mãe até queria que eu fosse, mais... eu sou muito apegado com a minha família, com a minha mãe, então não teve jeito, eles tentaram, conversaram, mas eu não quis nem conversar, eu só queria ficar mesmo (risos).

Os aspectos financeiros da profissão configuram um fator de importância singular nas considerações do trabalho, pois como qualquer outro trabalhador, o atleta profissional expõe que o retorno de seu trabalho ocorre em grande parte pelo salário, e se este atrasa ou deixa de ser pago, gera para a maioria dos atletas complicações, pois compromete o cumprimento de seus compromissos.

Para alguns atletas, situação difícil no futebol é a falta de condições de trabalho, de apoio em casos de lesões. Segundo Dejours e Abdoucheli (1994) as condições de trabalho envolvem aspectos físicos de adequação e manejo dos instrumentos de trabalho, utilização de técnicas específicas, bem como utilização do corpo, pois o trabalho proporciona aquisição de habilidades e também impacto na saúde física do trabalhador.

O corpo para o atleta de auto-rendimento é seu instrumento de trabalho, que necessita ser considerado a partir da individualidade e personalidade de cada trabalhador. Entretanto, embora a falta de condições de trabalho seja dificuldade relatada por muitos atletas, os profissionais afirmaram que não necessariamente estavam dizendo ser o Clube X destituído de condições de trabalho, pelo contrário, reconhecem a oferta de meios de realização do trabalho pelo clube que defendem.

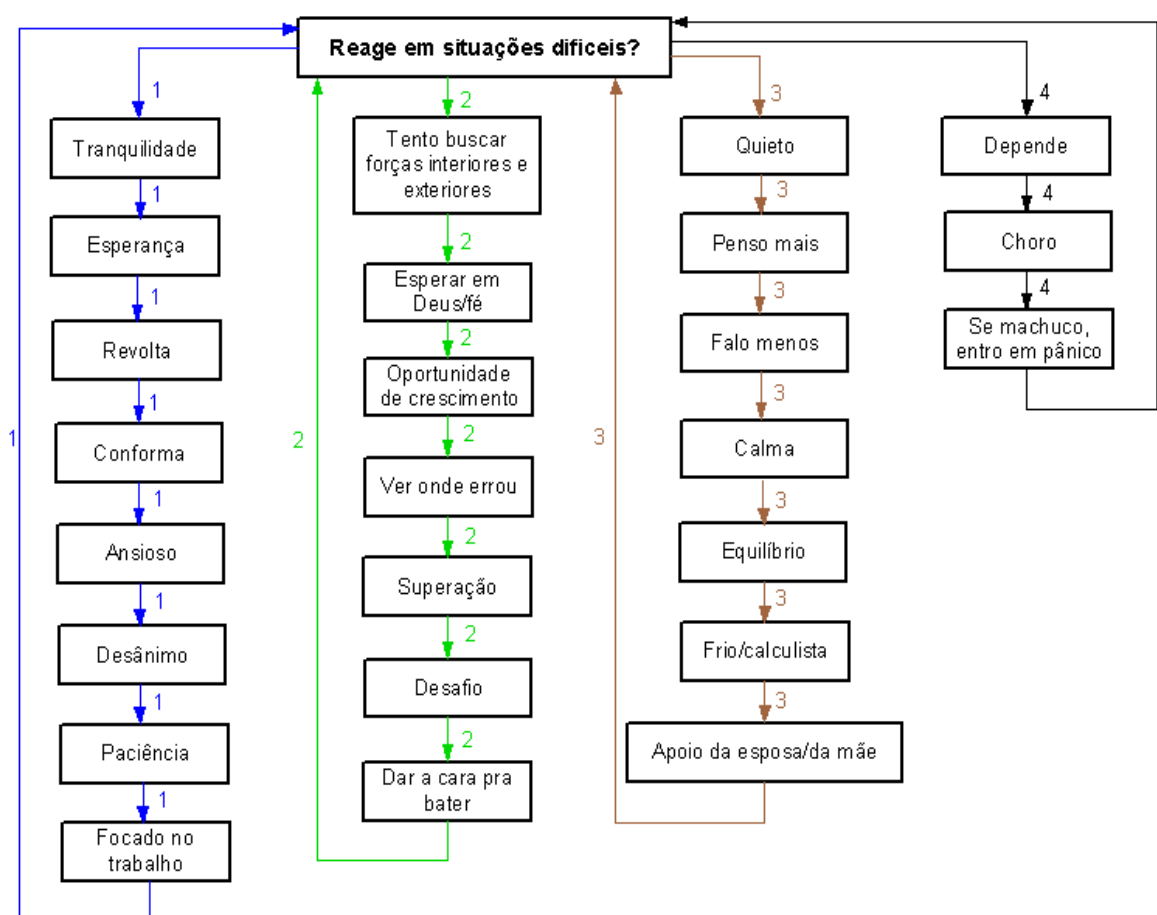
Além do exposto acima, consiste em dificuldade no trabalho, as mudanças frequentes de cidade, fenômeno este ocasionado pela venda dos atletas a outros clubes. Segundo alguns relatos não só os atletas sofrem com isto, mas sua família também, pois ao mudar é preciso que reestruturem suas casas novamente em outros lugares, os filhos precisam abandonar os projetos escolares que empreenderam no início do ano letivo, tudo isto contribui para o desgaste do atleta, consistindo para muitos em dificuldades do trabalho.

Outro aspecto que demonstra dificuldade no trabalho, entretanto, é velado pelos desportistas, é a rotatividade presente no meio futebolístico, para cada vaga ociosa existe um grande quantitativo de reservas, que estão tecnicamente preparados, aguardando uma

oportunidade. Esta ameaça constante proporciona medo aos atletas, que inserem se na lógica da auto-superação, desrespeitando seus limites físicos em busca de resultados sempre crescentes, pois esta é a condição de permanência na vaga de titular, conforme exposto por Rubio, (2001), Pereira (2008), Gurgel (2006) e Barbosa (2007).

Quando foi perguntado: “Como você reage em situações difíceis?” as unidades de significação seguem expostas no gráfico.

Gráfico nº 30 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como você reage em situações difíceis?”



Para a maioria dos atletas, a reação que possuem diante de situações difíceis é permanecerem tranquilos, pacientes, com esperança de que vai mudar a situação, mas que também dependendo da situação ficam ansiosos e revoltados. Para outros a tentativa consiste em buscar forças em Deus, reconhecer suas falhas, superar e seguir em frente. Houve aqueles

que relataram que ficam quietos, calmos, que tentam buscar ajuda nos familiares. E ainda houve alguns atletas que relataram que depende da situação, se for contusão desesperam-se.

Kaká – Eu procuro ficar tranqüilo, até porquê no futebol... cê passa assim por muitas situações difíceis. Normalmente quando se perde um jogo, pra torcida ninguém presta, ou todo mundo fica bravo, então normalmente a derrota é uma situação difícil e você precisa ficar quieto, eu procuro ficar quieto, procuro pensar bem aquilo que eu... ou melhor, eu sempre procuro não falar nada e só ficar quieto e ficar pensando, ver aquilo que errou, vê o quê que... o quê que tá acontecendo, o quê que aconteceu pra ter chegado nessa situação difícil, então só procuro pensar pra que isso não ocorra de novo.

Zetti – Geralmente quando o jogador é cobrado, o atleta é cobrado, ai sim que ele extrai de si mesmo o seu melhor desempenho, quando ele é esticado, quando ele é pressionado, eu faço parte desse grupo de atleta alguns sente, alguns se amedrontam, eu prefiro dar a minha cara pra bater.

Pelé - Ah, eu choro (risos), tipo de crise assim... eu machuco, essas coisas assim, eu entro em pânico na hora, só.

Tafarel – Olha, a reação difícil... acho que todo mundo tem essa dificuldade, mais na reação difícil o mais importante é você ter um apoio em casa, eu sempre tive foi o apoio da minha esposa, sempre ela tem me ajudado nos momentos difíceis, é ela que tem me ajudado, e minha fé né, que é em Deus, que é em Jesus Cristo, Eles que tem me dado a força pra superar os momentos difíceis às vezes da profissão, e às vezes você querer fazer algo mais e... e não poder.

O discurso do controle emocional diante de situações difíceis, por parte dos atletas, foi quase que unânime, a maioria deles afirmaram que permanecem tranqüilos diante de contratempos. Esse controle demonstra a utilização de estratégias de enfrentamento por parte do atleta, estes tendem a utilizá-las para minimizar o sofrimento psíquico diante das imposições rígidas da organização.

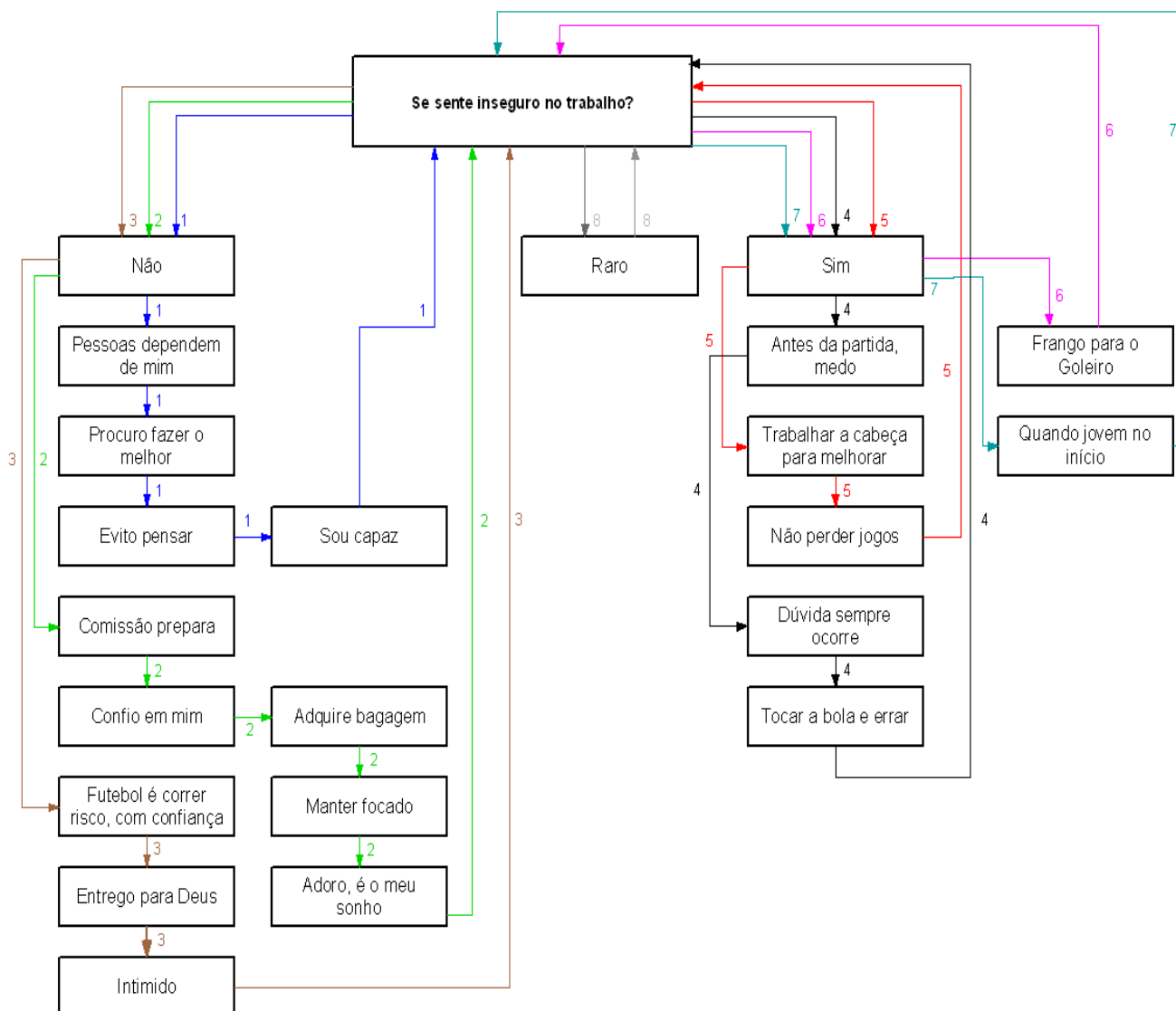
Segundo Dejours (1994) e Mendes (2007), as estratégias são definidas como regras de conduta, elaboradas pelos trabalhadores, sutis e que se transvertem quase sempre em mecanismos de defesa como a racionalidade. Esta racionalidade permeia os relatos, que são estereotipados a partir de modelos pré-estabelecidos, o que Pereira (2008) chamou de “clichês futebolísticos”. Estes são discursos característicos, não apresentam singularidade, mas formas evasivas que são repetidas pela maioria dos profissionais, como se fossem a maneira de se reportarem à prática do esporte enquanto profissão.

Todo esse arranjo psicológico construído pelos atletas para velar o sofrimento no trabalho proporciona resistência às mudanças, pois desconsidera a necessidade da mesma. Todavia, estes arranjos, tentam burlar manifestações tanto conscientes quando inconscientes, e é nesta tentativa de reparação, que não é plena, que é possível apreender a angústia

proporcionada pelo trabalho, que escapa através de discursos como: “...eu machuco, essas coisas assim, eu entro em pânico na hora, só.”

A respeito da pergunta: “Você se sente inseguro ou com medo de fracassar na realização de suas tarefas? Por quê?” Segue exposto no gráfico.

Gráfico nº 31 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Você se sente inseguro ou com medo de fracassar na realização de suas tarefas? Por quê?”



A maioria dos atletas relatou que não se sentem inseguros, pois procuram fazer o melhor, existem pessoas que dependem de seu trabalho. Para outros, a comissão prepara, mas que também confiam em si e que futebol é um sonho. Houve alguns atletas que relataram que futebol é correr riscos mesmo e que isso não intimida. Alguns se sentem inseguros,

principalmente antes da partida, em tocar a bola e errar. Houve relatos de atletas que disseram que no início eram inseguros, mas que atualmente não são mais.

Pato – Não. Porque tem uma grande comissão que te prepara pra isso. Pra quando chegar no profissional, tá pronto. E, não tem medo de fracassar, tipo, prepara desde pequeno pra chegar lá e estar pronto.

Ronaldinho Gaúcho – Não... são raríssimas vezes que eu me sinto inseguro. Porque eu sou uma pessoa bastante religiosa assim, então eu entrego na mão de Deus, eu sei que eu trabalhei, que... que ele me deu esse dom e eu trabalhei pra aperfeiçoar esse dom que ele me deu, e se... e as coisas vai acontecendo de acordo com a vontade d'Ele. Eu não... não acredito que... que eu possa fracassar não, pode ser que aconteça dum dia ou outro você jogar uma partida ruim, mas isso é normal, não dá pra você jogar bem em todos os jogos, num jogo ou outro você vai... você vai atuar de uma maneira ruim, mas eu não considero isso como fracasso.

Roberto Carlos – Dentro do campo, eu não me sinto, dentro do trabalho, eu não me sinto inseguro não, me sinto super-seguro hoje, já me senti inseguro quando era mais jovem. Eu me sentia muito inseguro, eu tinha medo de chegar aos 25, 26 anos como meus amigos, vários chegaram e as portas se fecharam e pararam de jogar bola. Trabalham em outros lugares e não conseguiram atingir seu objetivo profissional. Objetivo não é só se profissionalizar e em 3 anos, 4 anos, você ter tudo que a profissão te dá de oportunidade. Objetivo é você seguir a carreira até o fim, até onde você falar eu não agüento mais, eu vou parar. Esse é o objetivo, por mais que você tenha ganho dinheiro ou não, então, eu penso muito assim, ganhei ou não, consegui *status* ou não, consegui fama ou não, eu consegui meus 20 anos de carreira. Então, já está realizado.

Tafarel – Olha tem, que é um... o goleiro pode jogar 89 minutos bem, aí no último minuto você pode tomar um frango, falhar, é pra mim o mais difícil é esse... é quando você erra, você sai do lado de fora, é... pra olhar pras pessoas e às vezes cê... cê até imagina, fala assim: o cara tá olhando pra mim, e tá me xingando ali por dentro, então pra mim eu fico com bastante medo às vezes de fracassar é... no jogo, entendeu?

É notória a negação do sentimento de medo de fracassar na execução do trabalho, para a maioria dos atletas, esse medo existia quando eram atletas profissionais em início de carreira, e que atualmente não mais os intimida. Pereira (2008) afirma que o tipo jogador de futebol profissional, apresenta discursos próprios que são recorrentes em quase todas as falas. Esses “clichês futebolísticos” dificultam uma análise pormenorizada do sofrimento inerente ao trabalho, porém, também o revela, pois segundo Dejours e Jayet (1994) é a partir da escuta do sofrimento que o trabalhador consegue resignificá-lo através de estratégias.

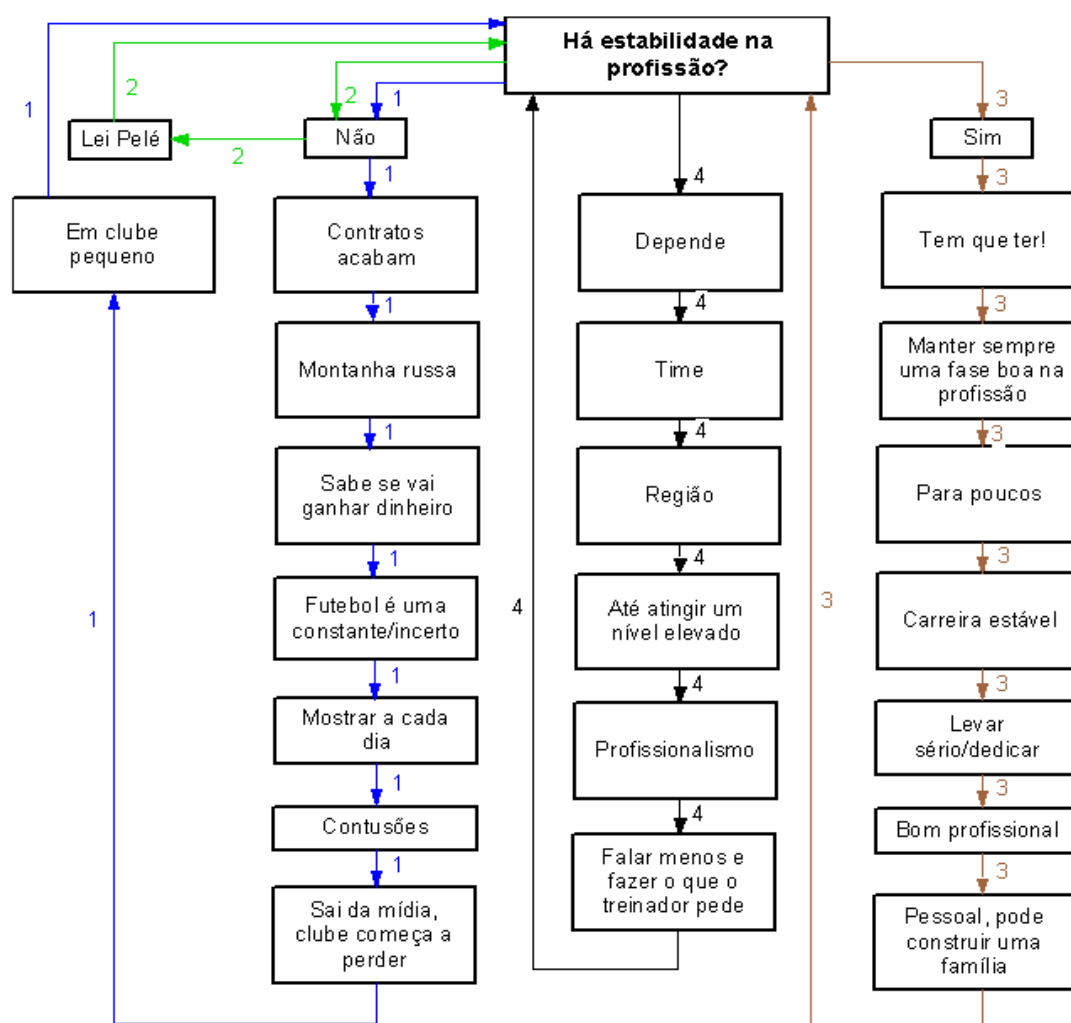
Para Mendes (2007) o sofrimento é uma vivência freqüente e permanente, muitas vezes inconsciente, de experiências dolorosas como medo e insegurança, oriundas do embate entre as necessidades de gratificação e as restrições de satisfação impostas pelas situações de trabalho. Portanto, afirmar que não há sentimento de insegurança e medo de fracassar no

trabalho, para atletas de futebol profissional, em meio a um contexto efêmero e competitivo que o do futebol, consiste em alienação frente ao trabalho.

Semelhantemente é notório nos estudos de Araújo (2008), Assis (2008), Brasileiro (2008) e Dias (2007), esta alienação frente ao trabalho. A realidade do trabalho no Brasil é precária, e isto reflete até mesmo no trabalho dos trabalhadores do entretenimento e lazer, pois estes são considerados trabalhadores privilegiados, haja vista, que produzem arte, são artistas, populares, usufruem do *status* da profissão. E permanecem inseridos nesta ilusão (PEREIRA, 2008) de que para muitos, são trabalhadores diferenciados. Isto os insere numa lógica ainda mais tirana de submissão destituída de crítica.

A respeito da pergunta: “Você acredita que há estabilidade, trabalhando como jogador em um time de futebol?” Segue no gráfico.

Gráfico nº 32 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Você acredita que há estabilidade, trabalhando como jogador em um time de futebol?”



Para a maioria, a profissão de atleta de futebol profissional não proporciona estabilidade, os contratos acabam, futebol é incerto não sabem se vão ganhar dinheiro, é preciso mostrar a cada dia, além do afastamento natural causado pelas contusões. Para outros atletas, é preciso ter estabilidade na profissão, é que isso, é conquistado mantendo uma fase boa na profissão, levar a sério. Mas para alguns outros, depende do time, da região, do comportamento do atleta que deve acatar o que é colocado pelos treinadores.

Garrincha – É muito instável, em todos os aspectos tem dia que cê tá bem, cê se sente bem, até mesmo... uma partida... vou dar um exemplo de uma partida, tem partida que cê vai bem, tem partida que cê vai mal. Explicação? Cê não sabe, se cê me perguntar o porquê? Não sabe às vezes... às vezes cê tava mais cansado, às vezes não tava tão concentrado né, acho que... mais isso sabe? Acho que num... de instabilidade também de... cê tá jogando, de repente cê não tá jogando, nós jogadores também vivemos uma instabilidade... os contratos acabam, cê não saber o que vai acontecer daqui... eu já passei

várias... várias situações assim, de ir pras férias sem... sem ter nada sabe? Isso também é uma instabilidade até pra família né, que é o nosso sustendo né, nosso trabalho, nosso sustento, acho que seria mais isso sabe? É uma profissão difícil, é uma profissão onde... os caras fala não... é montanha russa, um dia você tá em cima, até mesmo com a torcida, tá jogando tá bem, às vezes cê tá jogando e tá mal, é assim... pressão, eu acho que... a pressão psicológica, no final da temporada igual nós tamo agora, é assim... tá querendo férias porque a cabeça já não tá agüentando porque a pressão é muita, não só com o treinador conosco, mais eu acho que nós com nós mesmo, sabe? Eu particularmente sou assim, exijo demais de mim sabe? Eu tenho sempre que dá o meu melhor, sempre o meu melhor. É mais isso mesmo.

Sócrates – Estabilidade? Se há? Não, não há. Não há. Porque você nunca sabe se você vai ganhar dinheiro ou se você vai passar o tempo, então, você tá aqui, você tá deixando de fazer outras coisas, de estudar, de ir pra outra profissão. Você só tá com a bola. Então você não sabe se você vai ganhar dinheiro, se não vai. Então não há estabilidade nenhuma. Você não sabe se daqui você vai pra um clube melhor, se vai pra um clube maior. Se você vai pra um clube, você não sabe se vai jogar. Você não vai ser um jogador, se não jogar e não conseguir um bom contrato. Então nunca se tem estabilidade, é sempre uma coisa incerta.

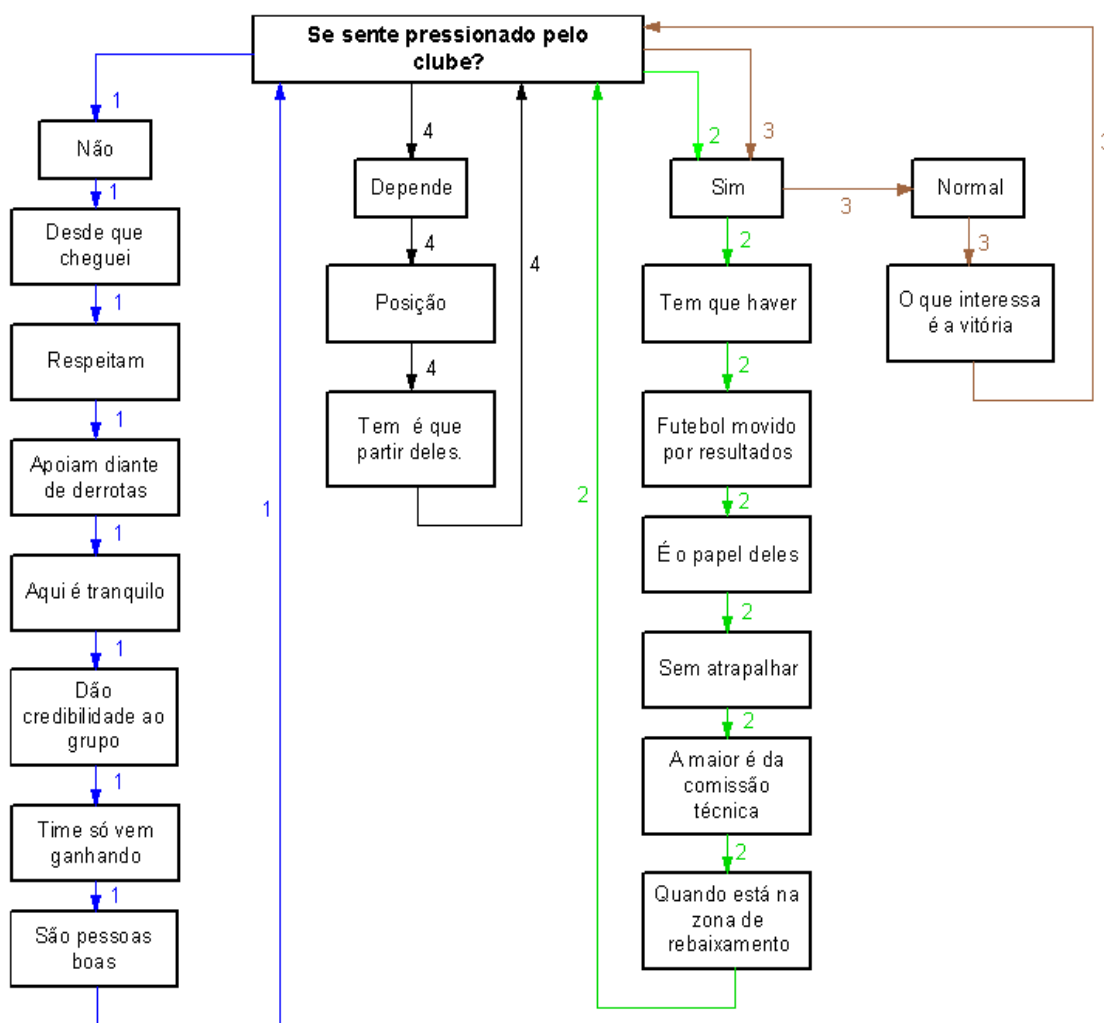
Ronaldinho Gaúcho – Que há estabilidade? Não, não há estabilidade. Eu acho que não. Porque você... de repente você pode sofrer uma contusão. Você pode... perto do seu contrato vencer você sofre uma contusão, e... de repente... clubes que tavam interessados em você... propostas que apareciam pra você... pra você ganhar um salário bom. Aí você vai ficar... por exemplo: 8 meses parado, sem jogar futebol, e depois tem o período de você voltar a treinar tudo, cê coloca aí 1 ano e meio, até você voltar a jogar bem. Ai o clube já não... não te valoriza como se você tivesse 100% com a sua saúde. E isso pode acontecer a qualquer momento. Você sofre alguma... uma contusão, pára de ir pros jogos, pára de... de tá mídia, pára de ser elogiado, o seu trabalho começa a ser contestado, já... já colocam uma dúvida sobre a sua capacidade quando você voltar. Ou, de repente você vai pra um clube e o clube começa a perder, aí o clube é rebaixado de divisão, aí os jogadores que fizeram parte daquele grupo já são taxados como derrotados, e aí a... um clube que estava interessado em você já não tá mais, aí de repente o seu salário cai pela metade porque você tem que dar um passo atrás, tem que ir pra um clube de divisão inferior. Então eu não vejo... eu não acho que... que te trás estabilidade. Claro que pra alguns sim, se você manter sempre uma fase boa em sua carreira você vai ter estabilidade, mas... os percalços da vida aí... pode te trazer problema.

Edmundo – Há instabilidade? Não, não há não, a única coisa que não tem no futebol e a estabilidade (risos), direto cê tá em baixo, as vezes cê tá lá em cima e consegue jogar, as vezes cê machuca não joga, às vezes você vive um momento mal, a torcida pega no seu pé, as vezes é família no pé, não tem como, não tem como você manter, e claro que às vezes você consegue um pouco, mais no futebol não há estabilidade.

A instabilidade dos contratos de trabalho no futebol é um grande agente promotor de sofrimento para os atletas, refletindo na relação destes com o time do qual defendem “a camisa”, pois ocorre uma perda de vínculo emocional. Assim, a relação do atleta com o clube passa a ser meramente profissional, inserida na lógica do capital instrumental que confere não somente ao futebol a condição de ser mercadoria mas a tudo o que nele está, desde a bola, os contratos de trabalho até mesmo os atletas, que são objetos vendáveis e rentáveis no mundo dos negócios desta sociedade globalizada.

A respeito da pergunta: “Você se sente pressionado pela direção do clube, em relação a resultados? Se sim, o que você faz diante dessa situação?” Segue no gráfico.

Gráfico nº 33 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Você se sente pressionado pela direção do clube, em relação a resultados? Se sim, o que você faz diante dessa situação?”



A maioria dos atletas relatou que não se sentem pressionados pelo clube, pois os dirigentes respeitam, apóiam nas derrotas, dão credibilidade ao grupo, são pessoas boas, mas também afirmaram que o clube vem desempenhando um papel bom no campeonato brasileiro, e que não o conhecem em outras condições. Outros atletas se sentem pressionados, pois futebol é movido por resultados, e que pressionar é papel da diretoria mesmo, que isso não atrapalha, sendo até preciso que ocorra.

Ronaldinho Gaúcho – Não, aqui no Clube X não, porque... eu... faz pouco tempo que eu tô no clube, e desde que eu tô no clube, o clube conseguiu resultados dentro de campo bons, então até agora eu não recebi nenhum tipo de pressão, não senti nenhum tipo de pressão, mas eu to só a 2 meses no clube né, então... não posso falar muito né.

Rivaldo – Não! Assim... sempre há né, há pressão em cima de resultados, mas aqui no Clube X até que é bem tranquilo assim... eles colocam os objetivos. Mas a pressão não vem tanto da... da... da direção, vem mais do comando técnico mesmo, da comissão técnica, acho que a pressão maior não é da direção não.

A gente tenta... faz de tudo pra alcançar os objetivos determinados, a gente... geralmente é... um objetivo traçado e a gente aceita, eles impõem, e a gente tem que lutar pra tentar, a gente faz isso, a gente luta muito pra conseguir os objetivos que foram traçados.

Bebeto - Sente, sente... quando... ainda mais quando o time tá na zona do rebaixamento aí é... é...é diretores, é torcedores, se num... como é que se diz? Você sai na rua os torcedores já... já te olha de uma maneira, já começa a te xingar, aquilo te pressiona muito, então né... (silêncio) pra que isso não venha acontecer é pro cê procurar resultados, sempre melhorar cada vez mais.

Zetti – Eles tem que cobrar, o papel deles é dar condições e cobrar, a partir do momento que não existe isso, vira a casa da mãe Joana. Eles tem que cobrar, mas dentro dos limites é lógico respeitando como homem, como atleta profissional, mas tem que existir essa cobrança sim.

Leônidas da Silva – Não, essa direção assim... claro que já cobrou, principalmente quando a gente não tava numa fase boa, quando não ganhou uma competição, uma final do campeonato regional. No começo agora do campeonato brasileiro, cobraram da gente, é uma coisa normal, eu já tive outros diretores que eram até piores né, cobraram até de uma maneira que eu não achava boa né, mas cobrança é uma coisa normal. Hoje atleta, futebol, tudo, jogador de futebol, depende de resultados, isso é em todo lugar, se tem resultado positivo, você é tratado como ídolo, se vem o negativo, você não serve, você não presta, então, isso é uma coisa normal que nos jogadores de futebol já estamos acostumados.

Segundo a maioria dos atletas, a direção do clube não os pressiona por resultados positivos, mas os apóiam quando perdem. Essa afirmação de alguns atletas consiste na manifestação do mecanismo de defesa da negação, pois futebol é movido por resultados. Ao afirmar que a direção os apóia nas derrotas, é contraditório, pois administrativamente falando uma derrota num jogo implica em questões que vão além de necessidade de compreensão. São cifras milionárias, negociações, patrocínios, que estão diretamente ligados aos resultados dos jogos.

Um fator que influenciou na resposta dos atletas, foi o objetivo da pesquisa, por mais que a pesquisadora o esclarecesse, explicasse que não era uma pesquisa recomendada pelo clube, mas uma produção autônoma, e destituída de interesses partidários. A insegurança em dizer o que realmente sofriam nos bastidores do clube, os impediram de se manifestar. A desinformação quanto à pesquisa era grande, o técnico quando designava os atletas que seriam entrevistados, simplesmente dizia que havia uma psicóloga que iria os entrevistar.

Devido a isso, um atleta perguntou se a pesquisadora era parenta do técnico, pois desde o início da carreira dele nas categorias de base do clube, depois no profissional, nunca

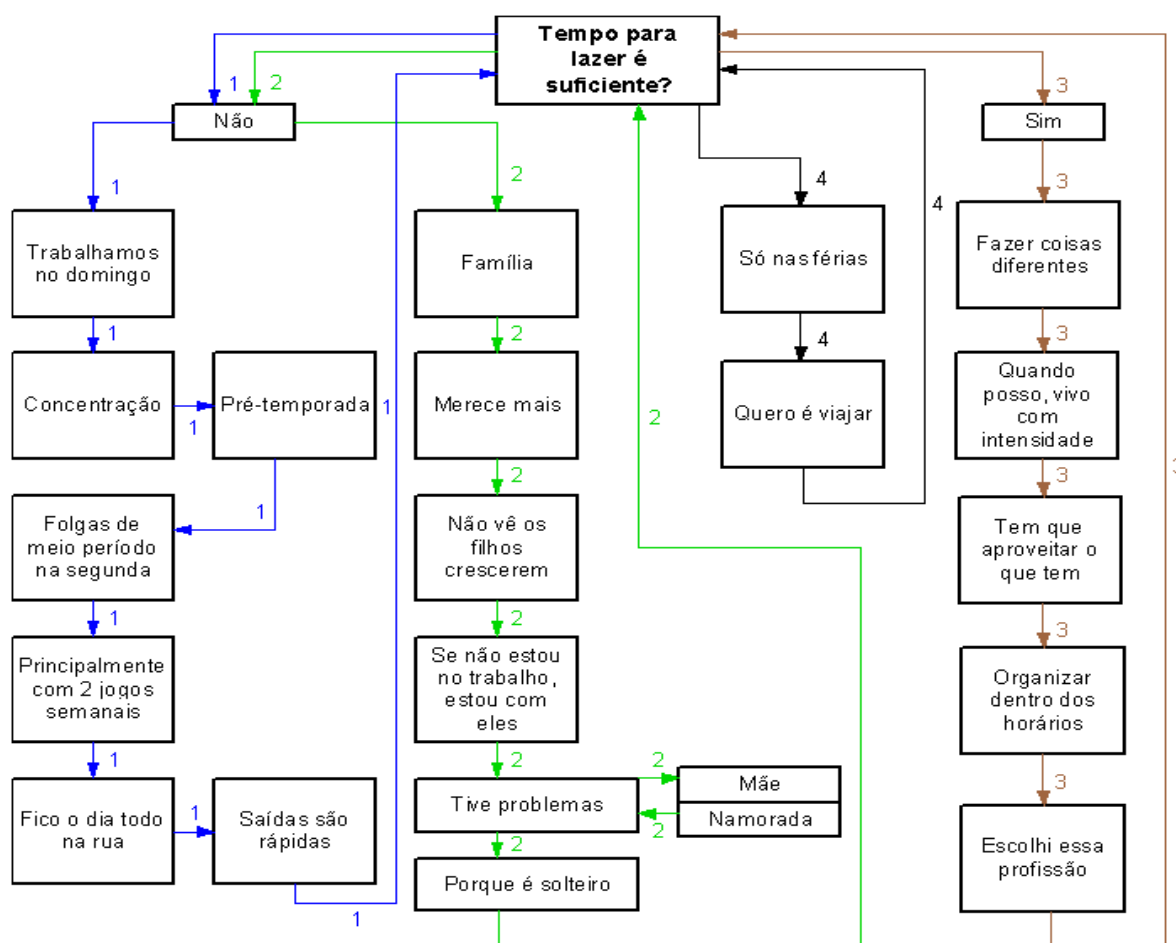
havia visto aquela facilidade que a pesquisadora estava tendo com os atletas, pois o técnico não os liberava para nada.

Embora a derrota seja algo que gera sofrimento para os atletas, Dejours (1994) afirma que o sofrimento só é considerado patológico quando impossibilita a livre negociação entre o sujeito e a organização do trabalho. Nos aspectos da prática do futebol enquanto profissão, os atletas dentro das normas estabelecidas e todos os outros fatores mencionados acima, como rotatividade, grande cadastro de reserva, curta durabilidade da carreira, dentre outros, conseguem contrabalancear tamanha perversidade inerente ao modo de produção, com a prática de algo que lhes proporciona prazer. E é este diálogo que confere à execução do futebol enquanto profissão, ser uma profissão diferenciada, e não necessariamente a inexistência de sofrimento.

Assim, as vivências de sofrimento podem fomentar a produtividade, pois conforme Rubio (2007) a postura de auto-superação que o atleta de auto-nível assume, configura-se enquanto instrumento motivacional para este, independentemente de cobranças externas. Este fato demonstra que ocorrendo pressão do clube ou não, o atleta encontra-se inserido nesta lógica de produção crescente, pois é preciso assim ocorrer, para que seja garantida a sua permanência no mercado.

A respeito da pergunta: “Qual o tempo de que você dispõe para a família e lazer? Ele é suficiente para vocês?”, segue exposto no gráfico:

Gráfico nº 34 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Qual o tempo de que você dispõe para a família e lazer? Ele é suficiente para vocês?”



A maioria dos relatos foi de que o tempo para o lazer não é suficiente, pois trabalham aos domingos, enquanto as outras famílias estão se confraternizando com os parentes eles estão em concentração, que as folgas são em períodos que não podem aproveitar muito, geralmente são às segundas-feiras. A família merece mais, não vêem os filhos crescerem. Houve ainda aqueles atletas que afirmaram que sim, que é preciso aproveitar o tempo que têm, que escolheram esta profissão sabendo dos horários.

Ao serem questionados a respeito do tempo dedicado à família e ao lazer, os atletas responderam que não dispõem de tempo suficiente. Os pensamentos e preocupações com o trabalho são intensos e constantes, segundo os atletas. Há preocupações também no que se refere à necessidade de descanso para obter bom desempenho no outro dia de trabalho, como afirma alguns dos entrevistados:

Sócrates – Eu acho que não. Porque normalmente o lazer você tira um domingo, né?! Domingo aqui você trabalha. Então nossa folga fica sendo na segunda. Às vezes, né. Quando é a segunda, a segunda é só de manhã, quando tem jogo na quarta você treina a segunda à tarde. Então às vezes quando é jogo no domingo você não tem nenhum dia de folga. No máximo que você tem é meio dia de folga. Fora as concentrações, que você concentra sexta, sábado pra jogar domingo. Tem que tá aqui dentro. Quando vai ter jogo na quarta, concentra terça.

Ronaldo – É suficiente, eu acho que apenas você tem que se adequar aos horários, se você se organizar dentro dos horários da tempo pra tudo.

Bebeto - Não... ah, por que cê passa o dia inteiro, ainda mais quando e 2 períodos, passa o dia inteiro na rua, é... concentração, tem que se dedicar mais ao seu trabalho, cê chega depois dum treino da tarde, cê já tem que chegar em casa é... se for querer dar uma saída, é... dentro de 1 hora, cê já volta, já pensa no outro dia né, então... não tem muito tempo pra família.

Zetti – Pelo que eu me propus a fazer, que é ser atleta de futebol, eu tenho que me satisfazer com o que me sobra, às vezes sobra o suficiente, às vezes não, mas eu me viro bem, com isso aí, dá pra administrar, alguma outra situação que você não pode tá junto, que você não pode presenciar, chateia, magoa, entristece um pouco, mas eles entendem que é a minha profissão, que é isso que eu escolhi pra fazer, e é onde... a vida segue nisso aí, na forma como eles interpretam isso, eles entendendo ou não.

Rai – No momento é né, não tenho filho, não tenho esposa assim... No momento é, no momento é o suficiente.

Para a maioria dos atletas o sustento da família é uma das principais razões para a dedicação ao trabalho, todavia, devido aos horários das práticas de trabalho eles não disponibilizam de tempo para se dedicar à família e ao lazer, pois passam mais tempo no trabalho do que em qualquer outro lugar.

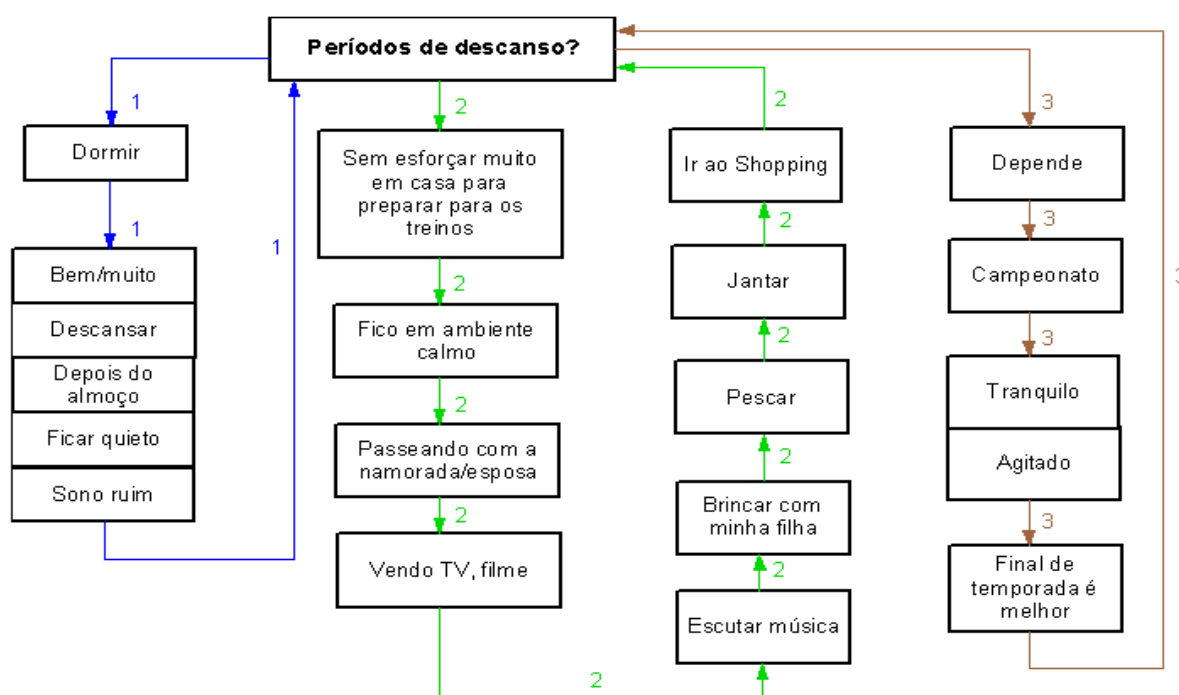
Assim, por mais que o objetivo para muitos atletas seja proporcionar conforto aos familiares, através dos salários que ganham, esta família é prejudicada com a carência de tempo, para alguns isto é o custo benefício da profissão, e que é preciso que a família se adapte, pois estas questões são excludentes, segundo alguns atletas. A disponibilidade de tempo ocorre somente nos períodos de férias, onde a maioria viaja, e curte os familiares despreocupadamente.

Os períodos de concentração são uma característica peculiar da profissão dos atletas de futebol profissional, sendo tidos como desagradáveis para a maioria, pois eles são privados, principalmente em pré-temporada, de regressarem para casa, permanecendo por aproximadamente três semanas instalados no clube.

Para a maioria dos atletas este período exige muitos sacrifícios, pois os priva de seus familiares, e os insere em atividades constantes de preparação física e tática para o início dos jogos dos campeonatos do ano que se inicia. Esse período é imediatamente posterior às férias, de onde os atletas regressam às vezes um pouco acima do peso, distante de práticas físicas diárias, enfim, desacostumados do ritmo acelerado do futebol.

Quanto a pergunta: “Como são seus períodos de descanso?”, segue exposto no gráfico.

Gráfico nº 35 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Como são seus períodos de descanso?”



A maioria dos atletas relatou que o período de descanso é dormindo bem, depois do almoço, ou ficar quieto deitado. Outros descansam sem se esforçar muito, ficando em ambiente calmo, vendo televisão, passeando com a família, pescando. Para alguns atletas depende do campeonato e que final de temporada é melhor, as exigências são menores.

Rivaldo – Ah, eu.. eu, particularmente eu durmo muito, tento descansar ao máximo principalmente depois de jogos que a gente joga assim, ou de viagens mais cansativas, a gente chega em casa e a gente quer é descansar mesmo, pegar, ver filme e ficar mais em casa descansando.

Ronaldo – Bem... eu quando termina o treino né, em seguida eu tiro pra descansar um pouco pra recuperar, e dá tempo suficiente pra fazer tudo, né, porque já... isso já é tipo uma norma dentro da minha família, esse horário é pra mim descansar, aquele horário é pra gente sair. Então a gente vai se adequando aos horários.

Bebeto- Os meus períodos? Os meus períodos é horário de almoço...

Como é que eles são? Ah, bom!

(Risos) bom é cê deitar, descansar bastante né, por que o treino é muito puxado, acaba se desgastando muito.

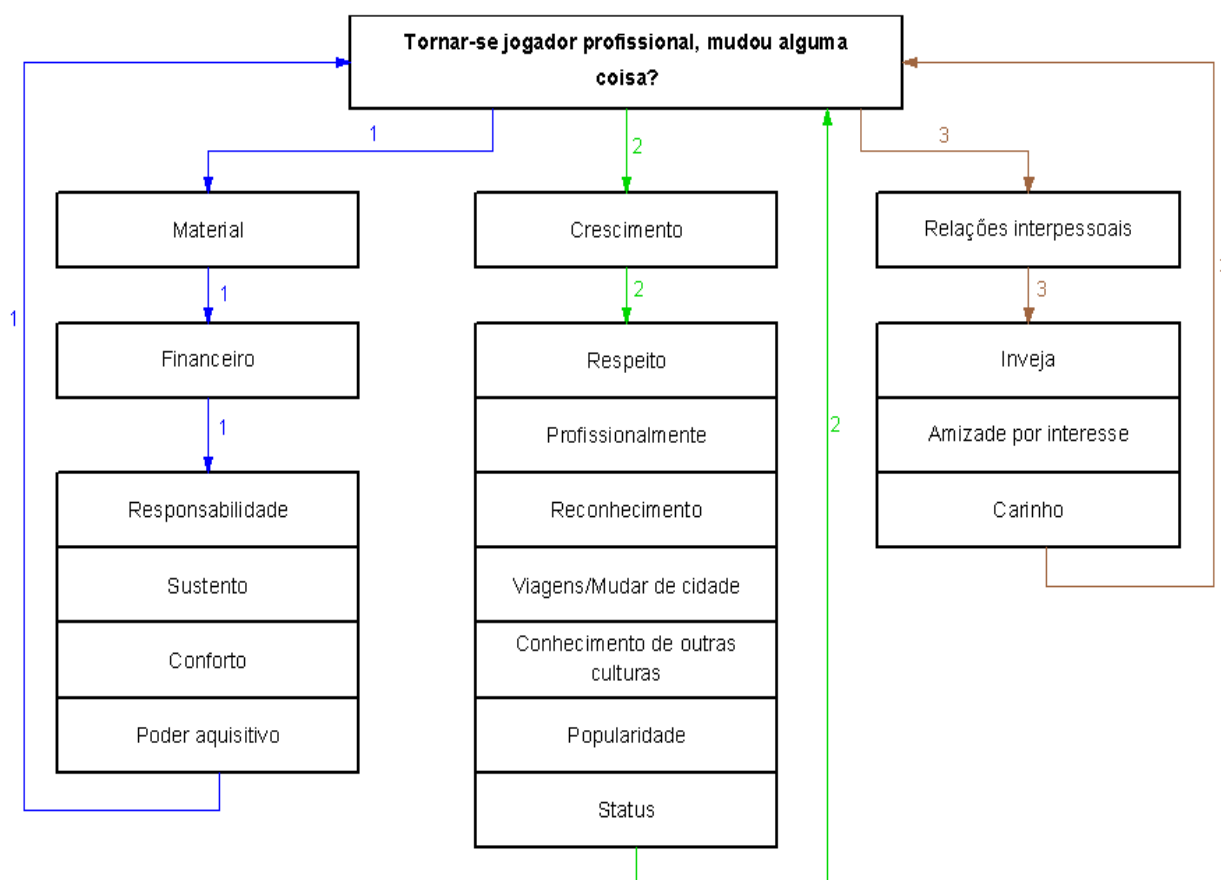
Branco – Olha, procuro sempre... não procuro... eu não saio muito, sempre procuro ficar em casa descansando mesmo. Porque eu tô aqui pra me dedicar bastante ao futebol e sempre tinha que tá descansado, preparado pra os treinamentos que não são fracos, são fortes, são muito fortes.

É característico do trabalho do atleta profissional de futebol, os treinos e jogos, estes proporcionam cansaço físico, que confere ao atleta a necessidade de descanso, entretanto, a conformidade do trabalho que atenda o modo de produção, é responsável por discursos que afirmam ser necessário descansar para que no outro dia estejam prontos pra o trabalho novamente. Isto demonstra que a compreensão do tempo do não-trabalho só tem significância se for mantido em função do tempo do trabalho.

Conforme exposto por Santos (2008), Araújo (2008) e Pereira (2008) a lógica do trabalho é cíclica tornando o tempo do não trabalho refém do tempo do trabalho. As atividades daquele existem para amparar as necessidades deste. Este movimento demonstra a importância que o trabalho possui para o atleta profissional de futebol, pois este condiciona todas as outras áreas de sua vida, à lógica laboral. Pois somente assim, estará apto a competir acirradamente e permanecer em sua posição.

A respeito da pergunta: “Depois de se tornar jogador de futebol profissional, alguma coisa mudou em sua vida?”, segue no gráfico.

Gráfico nº 36 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Depois de se tornar jogador de futebol profissional, alguma coisa mudou em sua vida?”



Para a maioria dos atletas, a profissionalização mudou suas vidas no aspecto material, aumentando o poder aquisitivo, mas também a responsabilidade. Outros relataram que mudou, pois proporcionou crescimento pessoal, respeito, reconhecimento e *status*. Mas que as relações interpessoais foram alteradas negativamente, pois tornaram-se freqüentes as amizades por interesse e a inveja.

Rogério Ceni – Mudou, a liberdade de você chegar nós lugares e passar despercebido né. Hoje eu freqüento o *shopping Center*, e você... todo tempo tem que dar atenção aos torcedores que se aproximam, você vai comer, às vezes você interrompe a sua refeição pra poder tirar uma foto, dar um autógrafo, isso aí mudou bastante, esse tipo de rotina mudou bastante com.. com o passar dos anos.

Roberto Carlos – Muita coisa, primeiro foi a vida que eu levava, minha vida hoje é outra, mudou da água pro vinho, um cara de rua, que só vivia na noite, hoje eu... não pensava em família, não queria casar, não queria nada, então essa já foi a primeira mudança. Tenho uma vida saudável, que eu não tinha, uma alimentação adequada, e toda aquela dificuldade que eu passei na infância, hoje eu não tenho mais. Então, hoje eu vejo tudo mil maravilhas, o que eu posso ter... o que eu quero que o meu filho... o que o meu filho pede que eu não

poderia ter, ele tem tudo. Então eu dou graças a Deus por essa oportunidade, a minha vida é uma vida que todo brasileiro devia ter, acho que ninguém deveria sofrer o quanto a gente sofre, de tanto pagar impostos as coisas aí... de não ter condições, e você comprar o que você quer, de não ter condições, inflação é muito alta, se comprar... só de comprar um tênis não tem, de comprar uma roupa não pode, porque senão vai faltar comida tem que pagar a conta de luz vem alta, o povo erra na conta e o brasileiro paga, e assim vai, então eu acho que todo mundo... o salário mínimo não muito baixo, acho que todo mundo deveria ter uma qualidade de vida boa, pelo que a gente vive aqui, pelo que a gente paga nos somos muito... com uma vida perfeita com o pouco que eu ganho dentro do meu trabalho, eu ganho pelo que eu tô produzindo então, pra mim tá bom.

Leônidas da Silva – Ah! (risos) financeiramente, se o atleta de futebol falar que não te muda financeiramente ele tá mentindo, claro que te muda financeiramente você consegue fazer muitas amizades, aprende muitas coisas, no futebol você aprende muita coisas, então o que ajuda bastante é isso.

O *status* que a profissão de atleta profissional de futebol ostenta, é responsável por incitar crianças, jovens e adultos por meio do sonho de ascensão social, que se materializa em bens de consumo, conforme, Pereira (2008). Assim, para a maioria dos atletas a principal mudança que ocorreu após a profissionalização foi o aumento do poder aquisitivo.

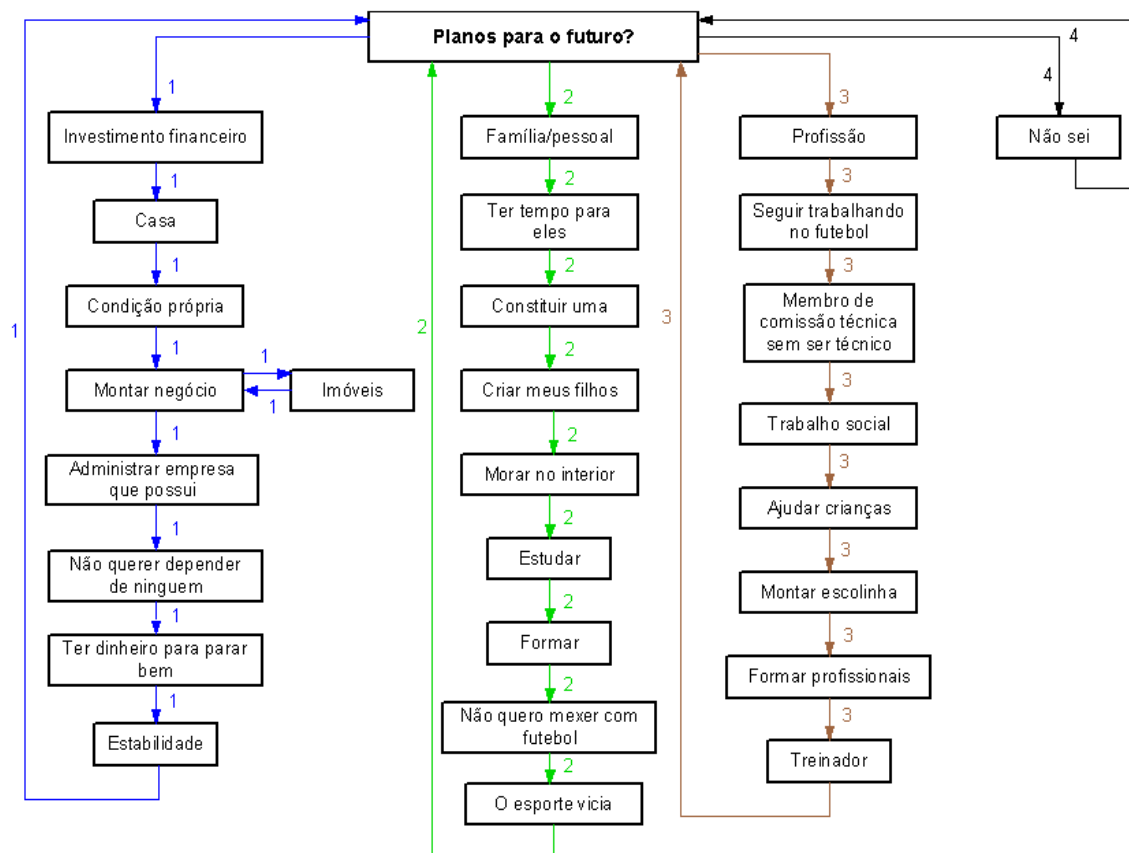
Esta ostentação da profissão, juntamente com a coisificação do atleta de futebol e posteriormente sua comercialização a partir de suas habilidades, constitui-se na materialidade cíclica que justifica a multiplicação dos admiradores e aspirantes a atletas de futebol profissional.

O Brasil é considerado o país do futebol, celeiro de craques, conforme Barbosa (2007), consideração esta que dificulta a emancipação do trabalhador - atleta profissional de futebol, pois tal prática encontra justificção na tirania velada do capital, que banaliza o sofrimento alegando que este é inerente à prática do futebol, conforme Dejours (1999).

O discurso do modo de produção, instrumentaliza o trabalhador a produzir, porém, o destitui da possibilidade de resistir à intempéries do trabalho, fazendo frente ao sofrimento e elaborar ressignificações. Segundo Pereira (2008), Brunhs (2001) e Araújo (2008), a proposta alienante vivenciada pelos trabalhadores na contemporaneidade, usurpa os da possibilidade de emancipação e autonomia na realização do trabalho.

A respeito da pergunta: “Que planos possui para o futuro, após ‘pendurar as chuteiras’? Quais são suas perspectivas?”, segue exposto no gráfico.

Gráfico nº 37 – Gráfico do discurso dos atletas ao serem perguntados sobre “Que planos possui para o futuro, após ‘pendurar as chuteiras’? Quais são suas perspectivas?”



A maioria dos atletas relatou que possuem planos para o futuro principalmente em aspectos financeiros, como investimentos imobiliários e estabilidade. Outros pretendem se dedicar mais a família, estudar, criar filhos, e que não querem mexer com futebol. No aspecto profissional, alguns atletas pretendem seguir trabalhando no meio futebolístico. E outros ainda não sabem.

Júlio César – Ter casa, moradia, condição própria e montar um negócio.

Sócrates – Ah, espero não... quando eu parar de jogar bola, de ser jogador, né, espero não mexer mais com meio de futebol não. Espero ter conseguido meu, meu... minha situação financeira estabilizada e viver outra coisa.

Roberto Carlos – Perdurar as chuteiras, é curtir a minha família bastante, dá uma oportunidade honesta a crianças que tem um sonho, porque muitos são iludidos. E fazer com que... o meu objetivo é fazer com que essas crianças virem profissionais com qualidade. Eu quero ver se ele tem o talento e se ele pode ser um atleta, se ele pode ser um jogador de futebol. A minha maior realização vai ser formar profissionais. Esse é o meu objetivo, sem esganção sem roubo, sem ilusões.

Sob três eixos consistiu os relatos dos atletas, à respeito do encerramento das atividades como atletas de futebol profissional, que foram: investimento financeiro, familiar/pessoal e profissional. A maioria dos atletas pretende se aposentar, estabilizados financeiramente, com investimentos, podendo gerir seus próprios negócios sem ter a necessidade de trabalhar para outras pessoas, como empregados.

Além disto, alguns atletas pretendem se ausentar do futebol para curtir a família e dedicar tempo a ele, pois, enquanto atletas de futebol tiveram este tempo sacrificado.

Garrincha – Depois de pendurar a chuteira? Vou procura formar né, a esposa tava até me cobrando pra mim formar aqui, mais não vou mexer com isso não (risos), formar, criar meus filhos, acho que... vou querer morar numa Cidade do interior sabe? Pra sabe? pra poder criar meus filhos com tranqüilidade sabe? De... vou querer também... se Deus quiser, não sei se eu vou mexer na área de futebol sabe? Não sei se eu quero isso... fazer isso com a minha família sabe? Por que é... é difícil, porque só... de 1 ano e meio pra cá eu mudei 4 vezes, e isso eu não quero pra minha... sabe? Minha esposa sabe? Sofre bastante, e eu não vou querer isso pros meus filhos sabe? Por isso eu acho assim... que vai ser difícil, porque... eu vou querer continuar no meio, vou querer às vezes ser um treinador de futebol sabe? Eu particularmente não quero dar essa vida pros meus filhos sabe? De ter que mudar de escola, de ter que... porque isso traz um pouco de transtorno né, eu vou procurar sabe? Acho que assim... me formar, às vezes abrir um... ainda não tenho um futuro traçado, porque eu num... num... não penso no dia de amanhã sabe? Eu procuro fazer no dia de hoje sabe? mas tenho certeza que Deus vai abrir as portas, vai encaminhar, penso de ter uma academia, ou sei lá... ainda não pensei sabe? De ter alguns imóveis, pra também mexer na área de imóveis sabe? Acho que não tô com o futuro bem traçado sabe? Não procuro pensar ainda, acho que só no momento certo, assim 3 a 4 anos antes, que vou começar a pensar.

Outros atletas não pretendem sair do meio do futebol até mesmo quando se aposentarem, pois futebol para eles é muito mais que profissão, é um promissor mercado, além de ser paixão. Muitos profissionais relataram que não se vêem longe do esporte nem mesmo aposentados, por mais que ele contenha aspectos sofríveis. Em Pereira (2008) é exposta a necessidade de compreensão de tudo o que está presente na dinâmica do atleta, ou seja, é preciso não somente concebê-lo enquanto profissional, mas considerá-lo a partir de um contexto futebolístico onde ele é mais um elemento que alimenta a lógica instrumental do consumo presente no futebol como um todo.

Consistindo em mais uma mercadoria vendável, passível de negociação, e sujeito à obsolescência inerente a dinâmica de produção na contemporaneidade. Conforme Padilha (2006), Pereira (2008) e Brunhs (2001), caracterizado pela submissão às insígnias de mais valia impostas pela lei de mercado.

Quando foi perguntado se o atleta compartilha seus planos com sua família, todos disseram que sim, que fala tudo para a esposa, pais, irmãos, namoradas, enfim, com pessoas próximas, outros relataram que falam até demais.

Kaká – Bom, eu... eu sou um cara mais fechado assim... né, tipo... naquilo que eu quero fazer, naquilo que... mas com a minha mulher assim, às vezes eu falo, falo alguma coisa ou outra. Mas, eu sempre sou um cara, mais... digamos assim... com o pé atrás assim... então acho que... antes que a coisa realmente aconteça, então eu não gosto de ficar falando muito assim, então eu espero assim...

Branco – Com certeza, sim eu tô sempre falando com o meu pai com a minha mãe sobre o que eu devo ou não fazer, sobre o que eu tô tentando desfazer, e eles sempre procuram me ajudar.

Pelé - Sim, eu falo com a minha mãe, com meu pai, até por que jogar bola não é pra sempre né, é a carreira mais curta que tem é essa, aí daí... quando acabar já tem que tá planejado, já pra... porque muitas vezes, jogadores eles... eles... eles jogam ganham dinheiro, depois param e perde tudo, aí eu não quero que aconteça isso comigo, se acaso eu vim a ganhar né.

Edmundo – Nossa, meus planos praticamente são feitos, com a minha mãe, pai e irmã, por que... e namorada, onde eu também planejo a minha vida, então minha mãe, meu pai, meus dois irmãos e minha namorada, sabem de toda minha... os meus planos, que eu pretendo pro futuro, tudo.

A família é considerada uma das principais causas que justificam o trabalho, conforme mencionado em análise anterior. Porém, a participação dela no trabalho para o atleta, fomenta crescentemente a construção da identidade profissional, pois o sonho de ser atleta profissional de futebol nem sempre é só do atleta, mas vivido em demasia pelos familiares, que perpassados pela falácia da ascensão social rápida e barata, veiculada pela mídia, aderem acriticamente à lógica de produção mercadológica presente no futebol.

Para finalizar as entrevistas, a pesquisadora perguntou se os atletas gostariam de dizer algo mais, que ela não havia perguntado? Foram unânimes em dizer não, todavia, todos os atletas fizeram algum comentário ao final. Alguns disseram que foram perguntas demais, que estava bem conclusivo, que a entrevista dava para ter uma noção do perfil do jogador de futebol, que poderia ser perguntado o que quiser que iria ser respondido, que foi bom a entrevista pois eles aprenderam, que foi ótimo a oportunidade de falar da vida, que no esporte tem que fazer com prazer, que foi maravilhoso.

Os relatos de três atletas se destacaram, o primeiro mencionou que desejava que este trabalho mudasse a concepção que as pessoas possuem sobre o atleta profissional de futebol; o segundo disse que uma amiga dele, perguntou-lhe se havia psicóloga no time, ao receber uma resposta negativa, ela disse que precisava ter; o terceiro relato consistiu na fala de um

atleta que disse à pesquisadora que havia acabado a entrevista e que naquele momento ele gostaria de saber o nome dela, a idade, se gostava de ir para a “balada” se queria ir com ele? Onde morava? Quanto à pesquisadora, ela respondeu-lhe, que a estada dela naquele lugar era meramente profissional, o objetivo era entrevistá-los para copilar a dissertação, todavia, ele insistia alegando que assim como ela havia perguntado à respeito dele, ele também gostaria de saber mais à respeito dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação realizada pelo presente estudo de caso permitiu aprofundar a compreensão do problema de pesquisa exposto, bem como dos objetivos propostos de apreender as vivências dos atletas profissionais de futebol, em relação ao seu trabalho, a partir das categorias estabelecidas *a priori* da Psicodinâmica do Trabalho. Isso demonstra que a fundamentação teórica utilizada foi eficaz na análise do fenômeno estudado.

A metodologia utilizada mostrou-se adequada, pois, permitiu que os atletas respondessem ao roteiro de entrevista elaborado, e com isto, alcançasse o objetivo proposto pela pesquisa. Todavia, cabe uma ressalva, inerente ao nome da profissão dos participantes.

A pesquisadora delimitou todo o roteiro de entrevistas, conferindo aos participantes a nomeação de jogadores de futebol profissional, entretanto, a maioria dos atletas afirmaram que não gostam de ser chamados de jogadores de futebol, pois assim, são tratados pejorativamente, mas que são atletas profissionais de futebol, que esta é a profissão deles.

Certamente este impasse seria resolvido se a pesquisadora tivesse a oportunidade de realizar entrevistas piloto com o roteiro, para conferir a inteligibilidade das questões, além de reparar equívocos como o exposto acima. Porém, isto não consistiu em um problema que impossibilitasse e/ou desqualificasse a coleta de dados, pelo contrário, esta descoberta contribuiu significativamente para a análise dos dados.

A testagem piloto não ocorreu devido à delimitação e escassez de tempo para realizar as entrevistas, pois estas foram realizadas no final da temporada de jogos, no término do ano, as vésperas das férias dos atletas e nos intervalos dos treinos, após o almoço, no período de descanso dos profissionais. A pesquisadora realizava três entrevistas por dia, conforme estabelecido pelo técnico, que escolhia quais seriam os atletas, o tempo estabelecido era de trinta minutos para cada atleta ser entrevistado.

Expondo outra limitação, que se deve ao fato que, apesar da Psicodinâmica do Trabalho preconizar o espaço aberto de discussão coletiva, não foi possível se realizar, tendo em vista as dificuldades impostas pelo clube para o acesso aos atletas. Assim, pode-se dizer que o presente estudo utilizou a abordagem psicodinâmica do trabalho de forma limitada, apenas como diagnóstico, e não de forma ideal, que prevê intervenções atuando no coletivo do trabalho.

Assim, é notório que os resultados de estudos de caso, não sejam passíveis de generalizações. Entretanto, proporcionaram a compreensão do sentido que o trabalho possui

para os atletas profissionais de futebol envolvidos na pesquisa, além de demonstrar o significado coletivo para a atuação destes profissionais.

A partir do entendimento da contextura laboral, fomentou-se a possibilidade de apreensão das vivências de prazer-sofrimento inerentes ao trabalho conforme relatos dos atletas.

Isso foi possível, através da análise pormenorizada das vivências no trabalho dos atletas, à luz das Condições de Trabalho, Organização do Trabalho, Relações de Trabalho e Estratégias de Enfrentamento utilizadas pelos mesmos, categorias essas, propostas pela Psicodinâmica do Trabalho.

Diante disso, foi possível apreender que o trabalho para o atleta profissional de futebol, consiste na materialização de um sonho de infância, que trabalham fazendo o que mais gostam, além disso, tiram o sustento deles e de seus familiares, o que demonstra a importância que a remuneração possui para esses trabalhadores.

Ter pesquisado os atletas profissionais de futebol, proporcionou a descoberta de que esta modalidade de trabalho é diferente das demais profissões, pois oferece um salário diferenciado, confere aos atletas a possibilidade de serem ídolos, de realizarem um trabalho desejado pela maioria dos homens brasileiros, o que os fazem (para muitos deles) pessoas privilegiadas.

Segundo a maioria dos relatos dos atletas, eles se realizam naquilo que fazem, que se cansam como qualquer trabalhador de outra profissão, todavia, este cansaço que sentem não é do trabalho em si, mas das atividades físicas oriundas deste, o que poderia ser facilmente reparado por uma noite de sono.

A partir dos dados coletados e da análise realizada à luz do arcabouço teórico, foi possível perceber que os atletas são imbuídos de uma expectativa social, que anseia por atos heróicos e sobre humanos; que uma partida de futebol simboliza muito mais do que o embate entre duas equipes. Tendo com isso, a responsabilidade de suprimir as mazelas sociais, proporcionando fuga da realidade, alegria, distração, imponência e supremacia a cidadãos vítimas dos alçozes ditames da desigualdade social.

Esta fuga da realidade, através da comercialização de ilusões, inerente ao futebol, além de estar presente na representação social que o esporte possui, também se presentifica no imaginário do atleta, que vê na prática deste esporte enquanto profissão, uma plausível possibilidade de ascensão social rápida e fácil.

Todavia, foi possível perceber que a realidade é bem distante disto, pois há a prevalência do desejo de superação de si, onde os atletas trabalham com a intenção de se

superarem constantemente, tendo afinco nas atividades de treinamento, pois uma queda na produção pode os substituir facilmente, além de impossibilitar que sejam titulares. No meio futebolístico, há a presença maciça de um cadastro de reserva crescente, que ameaça diariamente o posto daqueles que estão atuando no time.

Esta ameaça constante dificulta o pleno exercício da atividade por parte do atleta, pois conforme foi exposto por alguns, o banco de reservas é um lugar indesejado por todos, e a permanência nele ameaça a carreira e proporciona sofrimento. Diante disto, o sofrimento oriundo do trabalho no que diz respeito à constante “peneira” realizada por treinadores físicos e técnicos é presente, porém é suprimido por discursos de que tal realidade é “normal”, “faz parte do futebol”.

Estes discursos demonstram a incapacidade de externalização do sofrimento inerente ao trabalho por parte dos atletas, pois se assim ocorrer poderá comprometer sua carreira, e abrir precedentes para uma substituição imediata.

Esse contexto, além de impossibilitar a ressignificação do sofrimento, demonstra que ser atleta profissional de futebol, assim como qualquer outra profissão no Brasil, consiste em estar submetido à lógica instrumental do sistema capitalista. Obedecendo aos ditames mercadológicos, sendo concebido a partir de ideologias que primam por intentos de interesse dos detentores do poder.

Todavia, o trabalho destes profissionais possui uma peculiaridade, pois materializam o maior fenômeno social deste país, que é o futebol, isto contribui para a estruturação do simbolismo que a profissão possui, tanto para os atletas, quanto para as outras pessoas.

De um lado estão os “louros” da profissão, as fantasias, o imaginário social, que vislumbram esses profissionais, o sentimento dos atletas e a expectativa dos admiradores, de que são detentores de poderes sobre humanos, heróis de um povo, bravos defensores de brasões centenários. Tudo isto depositado nas habilidades destes atores, na possibilidade de nutrir fantasias de ascensão social, sendo ícones de uma sociedade sedenta de brilhantismos.

Sociedade essa, marcada pelas injustiças, onde os que detêm recursos os acumulam ainda mais e os desprovidos deste, permanecem privados dos mesmos. Entretanto, a figura do atleta de futebol profissional desbanca esta realidade, pois “se deram bem” sem mesmo estudar, esta é a fantasia que a sociedade possui destes trabalhadores, além de ser o pensamento que eles possuíam antes de se profissionalizarem, conforme relatos de muitos deles.

Por outro lado, há os aspectos da profissão que são velados e desconsiderados quando o assunto é futebol, que é o lado penoso do trabalho. Exemplificando, a tirania para se

manter na ativa, os deslizes imperdoáveis que podem custar a carreira, a vida segregada e a liberdade assistida, condições estas que delimitam a atuação do profissional e distancia o de um exercício autônomo e livre em sua profissão.

Assim, por mais que estas duas possibilidades, a primeira que confere a ele a condição de produtor de diversão que gera lucro e a segunda que demonstra que o trabalho do atleta esta inserido na lógica de produção. Ambas, expõe a importância que o futebol tem para a sociedade brasileira, como a própria história deste país demonstra, através de manobras políticas via futebol que foram realizadas, bem como políticas de cunho social que encontram neste esporte a saída para a socialização e/ou ressocialização de jovens e adolescentes.

Diante deste contexto, o imaginário social se vivifica constantemente alimentando as fantasias tanto da sociedade quanto dos atletas, no que diz respeito à profissão atleta profissional de futebol, pois estes assumem o lugar de heróis que canalizam os anseios sociais, defendem times, carregam brasões no peito, permeados de significação, principalmente por parte dos admiradores.

Assim, as relações de trabalho no futebol estão além de relações de subordinação entre empregador e empregado, pois o atleta não defende simplesmente um time, ele defende uma causa, um desejo de supremacia ainda que subjetiva, de um clube sobre outro, carregando com isso, toda uma construção histórica de paixão, admiração e prevalência.

Diante do exposto, assim é concebido o futebol no Brasil, sendo o maior fenômeno social, responsável por transações financeiras gigantes, mas também que fomenta alegria, habita o seio dos anseios humanos, alimenta paixões, proporciona desilusões que morrem no início da próxima temporada, pois uma nova esperança renasce. Assim é o futebol, esta é a realidade do mundo do trabalho dos atletas profissionais de futebol, trabalhadores como qualquer outro, mas diferente de todos, pois lidam em seu cotidiano com algo que esta para além de trabalho.

Essa peculiaridade do futebol consiste numa importante justificativa para pesquisas futuras, pois, as questões inerentes ao futebol no Brasil são inesgotáveis, e de importância singular para a compreensão da sociedade brasileira, conforme exposto anteriormente.

Assim, foi notório a significância da pesquisa, pois a partir das descobertas realizadas neste estudo, que demonstraram a influência da subjetividade dos atletas em seu desempenho laboral, bem como a complexidade de sentimentos e sensações inerentes à prática do futebol enquanto profissão e as implicações disso no desempenho do atleta. A partir disso, faz-se salutar reconhecer a importância da presença de psicólogos, enquanto profissional, nos times de futebol, atuando no desvelar das insígnias da profissão,

contribuindo principalmente para os atletas de futebol profissional, praticantes de uma das mais desejadas profissões no Brasil.

Conforme estabelecido entre a pesquisadora e o clube pesquisado, após o término da dissertação, esta retornaria ao clube para realizar a devolutiva das descobertas da pesquisa. Além disto, pesquisar atletas profissionais de futebol foi algo prazeroso para a pesquisadora, bem como proporcionou descobertas importantes. Todavia, faz-se pertinente salientar que infelizmente por escassez de tempo e a necessidade de um vínculo de trabalho por parte da pesquisadora, não foi possível a dedicação exclusiva ao mestrado, o que delimitou a pesquisa em alguns aspectos.

Finalizo as considerações, justificando a necessidade de outras pesquisas à respeito do intrigante mundo do futebol, pois são poucos os estudos que contemplam o trabalhador do lazer – atleta profissional de futebol.

REFÊRENCIAS

AQUINO, R. S. L. Futebol, uma paixão nacional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

ARAÚJO, R. L. O trabalho dos professores de ginástica de uma academia: entre o divertir e o sofrer. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

ASPIS, A. Futebol Brasileiro: do início amador à paixão nacional. Porto Alegre: Evangraf, 2006.

ASSIS, D. T. F. O trabalho em uma banda de *blues*: uma abordagem psicodinâmica. 2008. 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

BARBOSA, A. M. S. O futebol e a sociedade global: uma reavaliação da identidade sociocultural brasileira. *Sociedade e Cultura*. V. 10, n. 2 Jul./Dez. 2007.

BAUER, M. W. ; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som, um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Brasília, 2002. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br>>. Acesso em: 23 de agosto de 2009 as 16h20min..

BRASILEIRO, J. E. A Vida no circo: relações e sentidos do trabalho. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

BRUNHS, H. T. (org.). Lazer e Ciências Sociais. São Paulo: Chronos, 2001.

BUTRYN, T. Cyborg horizons: Sport and the ethics of self-technologization. In: MIAH, A.; EASSON, S. B. (Ed.) *Sport technology: history, philosophy and policy*. Oxford: Elsevier, 2002. p. 111-133.

CABRAL, A, C. – A análise do discurso como estratégia de pesquisa no campo da administração: um olhar inicial XXIII Enanpad, 2001 .

<http://www.cbf.com.br/php/home.php?e=0>. Retirada em 25 de junho de 2008.

DALPIAZ, J. “Os caminhos e os (Des) caminhos apontados em ‘a sociedade do espetáculo’ para se pensar o futebol brasileiro”. In: *Revista Famecos* , Porto Alegre, n. 17. abril de 2002, p. 142-152. Disponível em: WWW.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/17/a12v1n17.pdf.

DEJOURS, C. A loucura do trabalho – um estudo da psicopatologia do trabalho. 5. ed. São Paulo : Cortez, 1992.

DEJOURS, Christophe; DESSORS, Dominique; DESRIAUX, François. Por um trabalho, fator de equilíbrio. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 33, n.3, p. 98-104, mai./jun. 1993

_____.; ABDOUCHELI, Elisabeth JAYET; Christian. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

_____.; Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. *In*: DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian (orgs.). Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994, p. 119-143.

_____. Psicodinâmica do trabalho. São Paulo, ed. Atlas, 1994.

_____.; A banalização da injustiça social. Tradução de LA Monjardim. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

_____. *Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*, Brasília, Fiocruz, 2004.

DIAS, F. R. As Vivências dos Trabalhadores de uma Organização de Entretenimento: uma abordagem psicossociológica e Psicodinâmica. Dissertação de Mestrado – UCG – Goiânia, 2007.

DIBUTTI, *et . al.* Agressividade em jogadores de futebol: estudo com atletas de equipes portuguesas. *Psico-USF*, v. 10, n. 2, p. 179-184, jul./dez. 2005.

ELIAS, N; DUNNING, E. Deporte y Ócio em el proceso de la civilización. 2. Ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

<http://es.fifa.com/aboutfifa/documentlibrary/doclists/matches.html#stats>. Retirada em 29 de junho de 2008.

GILL, R. Análise de discurso. *In*: GASKELL, G.; BAUER, M. W. Pesquisa qualitativa em texto imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2008, p.244-270.

GURGEL, A. Futebol S/A: economia em campo. São Paulo: Saraiva, 2006.

HARAWAY, D. J. A cyborg manifesto: science, technology and socialist-feminism in the late twentieth century, *In*: HARAWAY, D. J. Simians, Cyborgs, and women: the reinvention of nature. New Yorg: Routledge, 1991. p. 149-181

HEINEMANN, K. “La repercusión económica del deporte – marco teórico y problemas prácticos. ” *In*: EFDeportes. Buenos Aires, ano 7, n. 43, dezembro de 2001. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd43/econom.htm>

LANCMAN, S. e SZNELWAR, L. I. (orgs.) Cristophe Dejours. Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2004.

LANE, S. T. M. A linguagem e a constituição do sujeito. In. O sujeito entre a língua e a linguagem. Parlato. E. M. S. & Lauro F. B. (orgs.). São Paulo. Lovise. 1997.

_____. Uma técnica de análise do discurso. In: XX CONGRESSO INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA, Caracas, 1985. Anais... Caracas, 1985.

LOLAND, S. Sport Technologies: a moral view. In MIAH, A. EASSOM, S. B. (Ed.). Sport technology: history, philosophy and policy. Oxford: Elsevier, 2002. p. 157-176.

MACÊDO, K. B. Psicodinâmica nas organizações: poder, cultura e decisão na empresa familiar. 1999. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

MARKUNAS, M. Reabilitação esportiva ou esporte como reabilitação?. In: Katia Rubio. (Org.). Psicologia do Esporte: interfaces, pesquisa e intervenção. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000, v. , p. 139-153.

MARTINELLI M. (org.) Pesquisa qualitativa. São Paulo: Veras editora, 1999.

MÁXIMO, J. Memórias do futebol brasileiro (pp. 179-188) Estudos avançados 13(37) 1999.

MENDES, A. M. Psicodinâmica do trabalho, São Paulo: Casa do psicólogo, 2007.

MIAH, A.; EASSOM, S. B. Genes, sport, and ethics: a response to Munthe (2000). In MIAH, A.; EASSOM, S. B. (Ed) Sport technology: history, philosophy and policy. Oxford: Elsevier, 2002. p. 225-233.

MOLLETA, C. L. Norbert Elias, uma nova abordagem para o estudo da história do futebol brasileiro. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Tecnologia e Civilização. Paraná. 2005.

MORGAN, G. Imagens da Organização. São Paulo; Atlas, 1996.

PADILHA, W. (org.). Dialética do lazer. São Paulo: Cortez, 2006.

PEREIRA. A. B. A construção Social do jogador de futebol profissional. Tese de doutorado. PUC/SP, 2008.

REY, F. L. G. Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira, Thomson Learning, 2002.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa Social, métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, F. X., Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil, em: Sociologias. Porto Alegre, 2004.

RODRIGUES, N. À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol. Companhia das Letras, 1993.

ROSENFELD, A. (1993). Negro, Macumba e Futebol. Campinas: Unicamp.

ROSSI, E. Z. Reabilitação e reinserção no trabalho de bancários portadores de LER/DORT: análise psicodinâmica. Tese de Livre Docência – UNB – Brasília, 2008.

RUBIO, K. O atleta e o mito do herói. Editora Casa do Psicólogo. 2001

SAMULSKI, et . al. Principais correntes de estudo da criatividade e suas relações com o esporte. Revista Movimento. P. 57-66. 2001.

SANTOS, E. A. dos. O trabalho dos bailarinos profissionais de uma companhia de dança contemporânea: uma perspectiva Psicodinâmica. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

SETÚBAL, A. A. Análise de Conteúdo, suas implicações nos estudos das comunicações. In. Martinelli (org.) Pesquisa qualitativa. São Paulo: Veras editora, 1999.

VALLE, M. P. e GUARESHI, N. M. F. O esporte de alto rendimento: produção de identidades e subjetividades no contemporâneo. Em Atletas de alto rendimento: identidades em construção. 2003.

TOMAZINI, T. As vivências dos trabalhadores de um *shopping center* em relação ao seu trabalho: uma abordagem psicodinâmica. 2009. 95 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WISNIK, J. M. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. Companhia das letras, 2008.

ZALESNIK A. e KETS de VRIES M. F. R. O Poder e a Mente Empresarial: Como líderes e executivos acumulam e usam o poder. Biblioteca Pioneira de Administração e Negócios. 1981

Anexos

APENDICE A

**CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DAPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
NÚCLEO DE ESTUDOS PSICOSSOCIOLÓGICOS**

Eu, _____, RG n° _____,
_____, CPF n° _____,

abaixo assinado, concordo em participar do estudo / pesquisa o jogador de futebol: ídolo ou trabalhador? Uma análise psicodinâmica. Como entrevistado. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora, Kássia Kely Gomes Silva, sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me cause qualquer prejuízo.

Local/data: _____

Nome do entrevistado: _____

Assinatura do entrevistado: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar:

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

APÊNDICE B**CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
NÚCLEO DE ESTUDOS PSICOSSOCIOLÓGICOS**

Termo de consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, em uma pesquisa de mestrado em Psicologia que tem como objetivo, buscar o aprimoramento de conhecimentos a respeito do trabalho dos jogadores de futebol: pela perspectiva da psicodinâmica. Busca ainda, informações básicas por meio de um levantamento qualitativo que possa colaborar para o entendimento científico do trabalho dos jogadores de futebol, e, conseqüentemente, permitir ampliar as condições da qualidade de vida dos futuros profissionais que serão inseridos nesta área.

Após os esclarecimentos e as informações a respeito deste trabalho, caso aceite fazer parte deste estudo assine ao final do documento, que contém duas vias. Uma dessas vias é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Em caso de recusa, sinta-se a vontade em não participar, não sendo por isto, responsabilizado ou penalizado em hipótese alguma. A qualquer momento, caso haja dúvidas, você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Goiás, através do telefone: 141-303.

Informação da pesquisa:

Titulo do projeto: **O jogador de futebol: ídolo ou trabalhador? Uma análise Psicodinâmica.**

Pesquisador Responsável : Kássia Kely Gomes Silva – CRP: 5756 9º Região
Telefones para contato : 3201-3736 / 9983-5700

Orientadora da Pesquisa : Kátia Barbosa Macedo – CRP : 0547 09 Região
Telefones para contato : 3946-1116/9977-8495

Durante todo o processo você será acompanhado pelo pesquisador e pelo orientador da pesquisa, estando à inteira disposição para esclarecimentos de dúvidas, que poderão ser realizadas em qualquer tempo do curso da pesquisa, questionamentos pertinentes ao assunto estudado, à metodologia e aos procedimentos adotados e ainda qualquer auxilio profissional.

Será também informado da característica de sua participação, sendo previsto responder aos instrumentos como participante do grupo de estudo piloto ou do grupo de investigação principal.

Este trabalho não confere, em nenhum momento, qualquer risco, prejuízo ou desconforto, podendo você desistir de sua colaboração a qualquer tempo, resguardando o

direito de retirar seu consentimento sem qualquer penalidade e mantendo o sigilo de sua participação.

A pesquisa estará à disposição para publicação de resultados, artigos e documentos acadêmicos bem como apresentações em eventos e atividades científicas, mas garante o sigilo e assegura a sua privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos nas entrevistas de maneira a não expô-lo(a). Nestas atividades, jamais serão divulgados nomes, características ou qualquer dado que permitam identificar-lhe como participante da pesquisa.

Agradecemos antecipadamente sua participação.

APENDICE C**ROTEIRO DE ENTREVISTA****IDENTIFICAÇÃO**

- 1 Nome:
- 2 Idade:
- 3 Posição:
- 4 Escolaridade:
- 5 Estado civil:
- 6 Tempo como jogador de futebol?
- 7 Tempo como jogador de futebol profissional?
- 8 Tempo como jogador de futebol profissional no time?

Categoria 1 - Identidade e Trajetória**TRAJETÓRIA E IDENTIDADE PROFISSIONAL**

- 9 Qual sua profissão?
- 10 Como se tornou jogador de futebol profissional?
- 11 Quando você pensa no seu trabalho como jogador de futebol, o que você sente?
- 12 Como é pra você jogar em um time do Centro- Oeste da série A?
- 13 Você gosta de dizer que sua profissão é jogador de futebol? Por quê?
- 14 Atualmente, o que você considera mais importante pra ser um bom jogador de futebol?
- 15 Como você pensava/imaginava que era o mundo do futebol, antes de se tornar jogador?
- 16 Depois de se tornar jogador profissional, alguma coisa mudou? Se positivo, o quê?
- 17 Conte como foi sua trajetória profissional?
- 18 O que o levou a escolher trabalhar como jogador de futebol?
- 19 Quando começou a jogar?
- 20 Quem o convidou?
- 21 Começou em que categoria?
- 22 Quais são suas perspectivas para o futuro?

Categoria 2 - Gestão

CONDIÇÕES DE TRABALHO

- 23 Você gosta de trabalhar neste time? Por quê?
- 24 Quais as vantagens de trabalhar neste time? Por quê?
- 25 Quais as desvantagens de trabalhar neste time? Por quê?
- 26 Você conhece as normas e regulamentos do clube? O que você acha?
- 27 O que você acha do local onde trabalha, em relação a:
 - Iluminação;
 - Ruídos;
 - Temperatura e ventilação;
 - Higiene;
 - Equipamentos.

HORÁRIO DE TRABALHO

- 28 Como são os períodos de treinamento, quais os horários?
- 29 Como você se sente trabalhando neste horário?
- 30 Você está trabalhando nesse horário por opção ou não?
- 31 Como sua família reage em relação a este horário?
- 32 Quais as vantagens e desvantagens de trabalhar nesse horário?

RELAÇÕES DE TRABALHO

- 33 Como você se relaciona com seus colegas de trabalho?
- 34 Como você se relaciona com o técnico?

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

- 35 Descreva a sua rotina diária.
- 36 Como você se sente durante a após os treinos?
- 37 Você sente cansaço ou fadiga por causa do trabalho? Como percebe o cansaço?
- 38 Você já adoeceu por causa de seu trabalho? Relate como foi.
- 39 Há algum colega de trabalho que adoeceu ou foi afastado do trabalho por causa do trabalho?

Categoria 3 - Mobilização Subjetiva

SENTIDOS DO TRABALHO

- 40 O que seu trabalho significa para você e para sua vida?

- 41 Qual o significado de ser jogador de futebol profissional no Brasil e no mundo?
- 42 É diferente trabalhar como jogador de futebol, do que em outras profissões? Se sim, em quê? Como?
- 43 O que você mais gosta no seu trabalho?
- 44 Você acha que seu trabalho é importante? Para quem?
- 45 Ser jogador de futebol profissional teve a aprovação de sua família?

VIVÊNCIAS DE PRAZER E SOFRIMENTO

- 46 Hoje o jogador de futebol (em geral) tem liberdade para fazer o seu trabalho?
- 47 E você tem liberdade para realizar o seu trabalho?
- 48 As pessoas reconhecem o valor do seu trabalho?
- 49 Qual a importância que seu trabalho tem para você?
- 50 Há risco de acidentes durante o trabalho? Quais?
- 51 O que do seu trabalho lhe traz sofrimento?
- 52 Como você se sente antes do jogo?
- 53 Como você se sente após o período de expediente de trabalho?
- 54 Como é pra você ficar no banco de reserva?
- 55 Como é sua interação com a torcida do time?
- 56 O que pra você é situação difícil no futebol? Já aconteceu com você? Como foi sua reação?
- 57 Como você reage em situações difíceis?
- 58 Você se sente inseguro ou com medo de fracassar na realização das tarefas? Por quê?
- 59 Você acredita que há estabilidade, trabalhando como jogador em um time de futebol?
- 60 Você se sente pressionado pela direção do clube, em relação a resultados? Se sim, o que você faz diante dessa situação?

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

- 61 Qual o tempo de que você dispõe para a família e lazer? Ele é suficiente para vocês?
- 62 Como são os seus períodos de descanso?
- 63 Depois de se tornar jogador profissional, alguma coisa mudou em sua vida?
- 64 Que planos possui para o futuro, após “pendurar as chuteiras”? Quais são suas perspectivas?
- 65 Você compartilha seus planos com sua família?
- 66 Você gostaria de dizer algo mais, que eu não perguntei?